

NUNO JOSÉ DE NORONHA MENDOÇA

PARA UMA POÉTICA DA PAISAGEM

A EXPERIÊNCIA

VOLUME II



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

1989



Duplicado 53 827

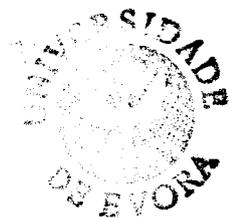
800794889988

NUNO JOSÉ DE NORONHA MENDOÇA

PARA UMA POÉTICA DA PAISAGEM
A EXPERIÊNCIA

VOLUME II

Dissertação apresentada à Universidade de Évora para
obtenção do Grau de Doutor em Artes e Técnicas da Paisagem.



87552

F12
MEN n

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

1989

INTRODUÇÃO

Poderá este volume ler-se por diversos modos: à medida das notas feitas no primeiro volume, ler-se cada viagem, independentemente da ordem cronológica, ou então por esta ordem, encontrando razões e ordens que o tempo criou. Poderá folhear-se e apenas sentir a sua generalidade. Poderá tomar-se como volume independente, ou ler-se do fim para o princípio, ou ainda como Herberto Helder propõe "vice-versa e de baixo para cima, pode-se saltar as linhas que tremem debaixo dos olhos".

Poderão também fazer-se leituras várias: uma intenção pedagógica, o gosto pela viagem, a poesia, o desenho, as pessoas, os sítios, a experiência ou a paisagem.

O que nele consta, são alguns excertos dos "diários de viagem", apenas aqueles que considerámos de interesse. A sua totalidade não só careceria de

significado como seria materialmente impossível dada a extensão.

*

Nenhum músico apresenta a público os seus ensaios, nenhum poeta publica as suas notas, nenhum pintor leva a público os seus esboços. Contudo, um fim científico-pedagógico pode justificá-lo. Foi essa a razão que nos levou a organizar estes excertos e inclui-los como segundo volume da dissertação. Notas, apenas.

Por vezes as ideias ou as descrições ficam-se pelo meio, sem nenhuma preocupação literária, comandadas pela dinâmica da viagem e por aquela que os próprios alunos imprimiram. Outras, sujeitaram a escrita à cadência do meio de transporte e ao tempo possível de ver, escrever e desenhar.

Poderiam ter sido completadas posteriormente, mas faltar-lhes-ia, então, a verdade do momento. Apenas introduzimos algumas correcções de linguagem, falhas

evidentes da pressa de anotar no pouco tempo disponível.

Mais nos importaram também as coisas elementares de um Portugal interior, que os seus aspectos eruditos. Estes estão já observados e estudados. Aqueles permanecem mais próximos da paisagem e com história por fazer. E são origem.

Do mesmo modo viajando em outros países mais nos interessou compreender razões para as diferentes paisagens comparando-as com as daqui.

*

Falar é, de algum modo, pensar. é significar e ordenar o mundo comunicando-o.

Escrever representa o pensado. Propõe, analisa e experimenta. Por isso começámos a escrever cada viagem e compreendemos a importância de o fazer.

Nem sempre escrevemos o que vimos, porque nem sempre também se entendeu. Por vezes, escrevemos

desenhando ou simplesmente pelo silêncio das palavras não escritas. Outras vezes, só nas entrelinhas. Ou uma aguarela. Ou aquilo que se disse sobre o trabalho de um aluno.

Simples notas de viagem em que, contudo, afirmamos a precocidade da palavra como acto cognitivo, intelectual e criativo. E mais. Apenas por este acto de linguagem nos foi possível elaborar uma aproximação poética à paisagem.

Outras linguagens participam, mesmo sem palavras audíveis: a cor, o desenho. Mas foi a palavra que descobriu e inventou. E, sempre que estas linguagens aconteceram em simultâneo, se enriqueceu o pensar a paisagem.

Uma só linguagem não basta. Nem só palavra, nem só cor, nem só desenho. As três reunidas alcançaram níveis insuspeitados e a obra fez-se, formou-se, pois que é esta afinal uma tendência do espírito como diz Pareyson: expressar-se em forma.

VIAGEM DE ESTUDO AO CENTRO E NORTE DO PAÍS -

Junho de 1979

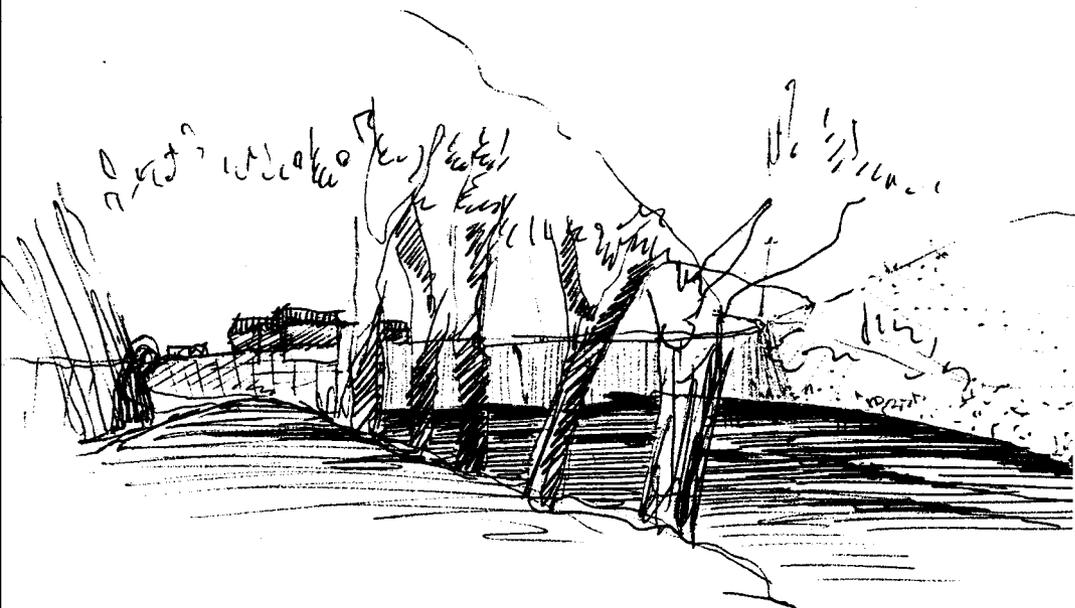
. Vila Velha de Rodão

Começa a descida para o vale do Tejo em direcção a 1
Vila Velha. Surge à direita o Rio, encaixado
profundamente, correndo devagar, e dando à paisagem
sossego e majestade. Os magníficos eucaliptos sombreiam
a estrada e fazem uma cortina entre nós e o vale,
tornando-nos mais curiosos de uma paisagem pouco
habitual.

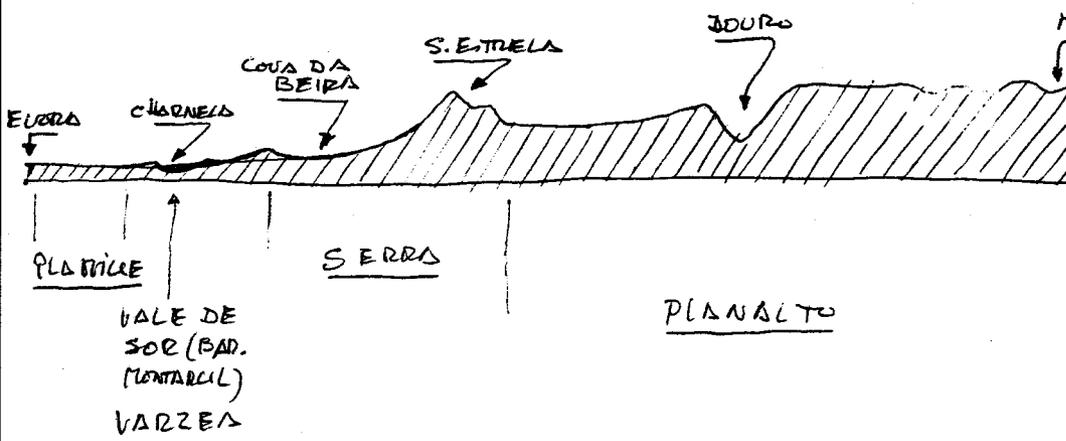
Sentimos o espaço movimentar-se. Acidenta-se em 2
valores, em luzes e sombras. Recorta-se, anima-se e a
luminosidade é menos intensa quando a comparamos com a
do percurso até Pavia.

Sentimos que o país sobe, lentamente, à medida que
caminhamos para Norte...

. Cova da Beira... adivinha-se uma zona fértil. Ao 3
longe, o recorte da Serra da Estrela... Riqueza de cor,
predominância da gradação azul-verde, paisagem larga



O Tejo em Vila Velha

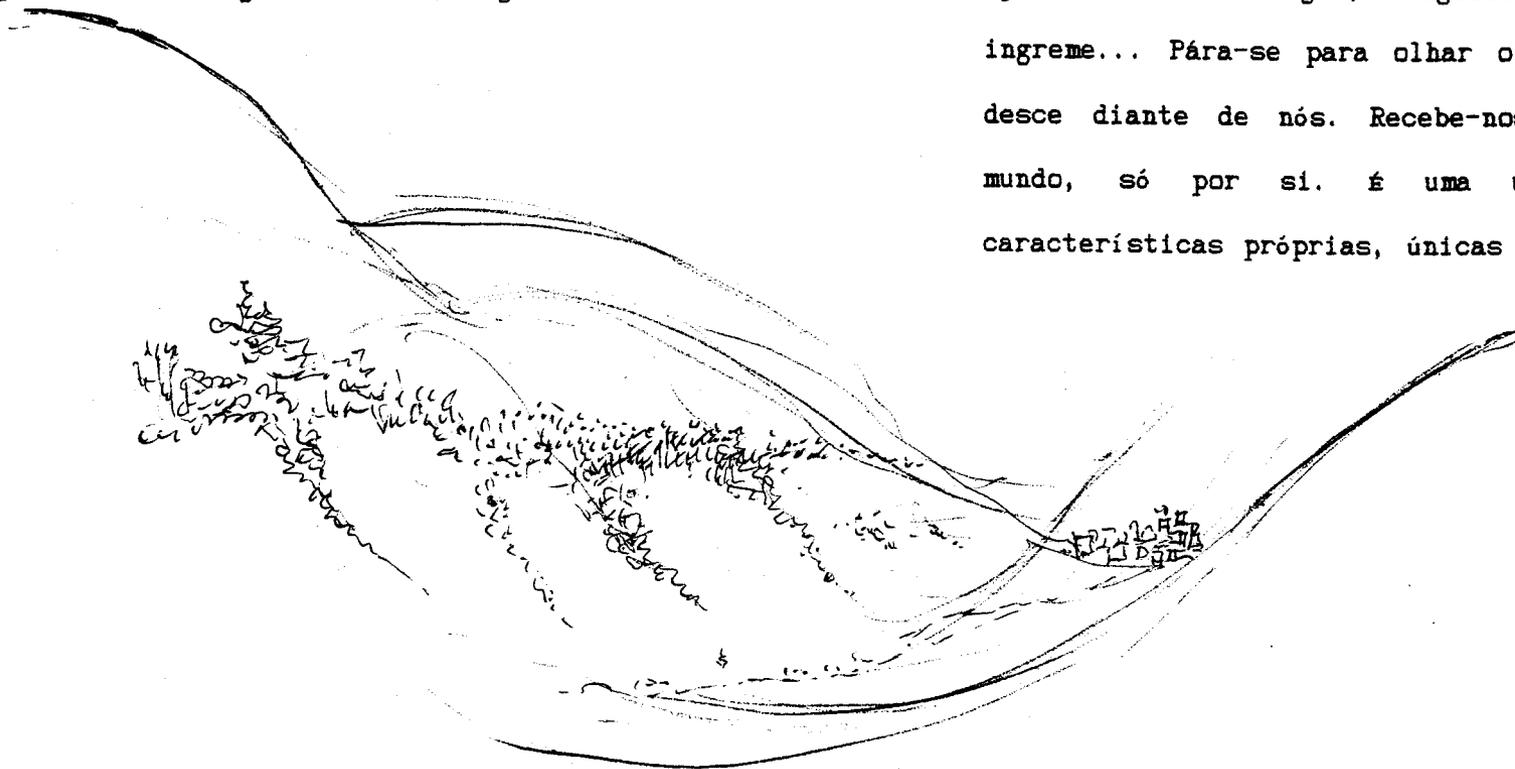


mas cercada. Sente-se bem a Cova e a sua dimensão. No ano anterior parámos na estrada, neste ponto em que se abarca a Cova e o Prof. Mariano Feio explicou largamente este espaço.

. Alarga-se o horizonte. Muda a cor, a luz e a 1 profundidade. A vista descansa na grande paisagem. Respira-se e sossega-se. Acima, alguns restos de neve.

Alguém deseja acima de tudo ver a neve que nunca viu. Iremos vê-la. é paisagem também.

. ... o vale glacial de Manteigas, comprido e 2 largo, majestoso e ao mesmo tempo suave, de fundo curvo, ocupado por rebanhos, centeio e choupanas de pastores. As casas cobertas de colmo confundem-se com o terreno e por vezes é difícil vê-las. Ao fundo, vai aparecendo Manteigas, aglomerada numa encosta íngreme... Para-se para olhar o vale, que se abre e desce diante de nós. Recebe-nos amplamente e é um mundo, só por si. é uma unidade com vida e características próprias, únicas na variedade do nosso



VALE DE MANTEIGAS

território. Talvez um dos aspectos mais belos que vimos durante esta viagem.

Por longo tempo, descemos o vale acompanhando a sua vida e o seu problema económico e social, através das explicações do Dr. Martinho. Mas, é sobretudo o vale imenso que comanda todas as sensações e modela todas as sensibilidades.

... Sabugueiro, aldeia serrana de características rudes. Casas novas às cores ou brancas. Talvez até o branco que o Parque insiste em que se dê às casas seja ainda mais gritante que as cores. É mais visível e contrastante entre o granito e os telhados velhos.

. Castelo Rodrigo. Aqui sim, haveria muito para ver. Junto à muralha, demoramo-nos a olhar a paisagem reticulada por um desenho rigoroso. Cada parcela variava a cor conforme o arranjo da terra e a cultura e o estado desta. A tonalidade era quase um ocre rosado sobre fundo azul das terras altas. A temperatura extremamente agradável, o ar puríssimo e o sol rasante,

conferiam à paisagem um ambiente pouco vulgar... um lugar onde parou o tempo. Paz, sossego, mas onde também se adivinha o isolamento e a pobreza.

. Douro. De novo a caminho. Agora era a expectativa de ver um dos mais belos vales de Portugal. Nota-se a preparação da paisagem a introduzir-nos na mudança de vistas. Acelera-se a transformação. Acentua-se a violência da paisagem, da forma, da cor e da luz. Tudo é contraste, ora sombra, ora sol dando um claro escuro por vezes difícil de apreciar, por tão violento.

. Aparecem as amendoeiras de verde claro e ralo. O Prof. Ribeiro Telles explica. Soalcos, vertentes, erosão, Espanha no outro lado. Nos talvezes encontramos os verdes acumulados aproveitando a água e a protecção.

Paramos antes de descer ao vale. Dar tempo a ver e perceber, porque há muito e complexo.

Barca d'Alva. Depois da ponte, a estrada vira à 1
direita e durante doze quilómetros acompanha uma
panorâmica assombrosa pela dimensão inesperada...

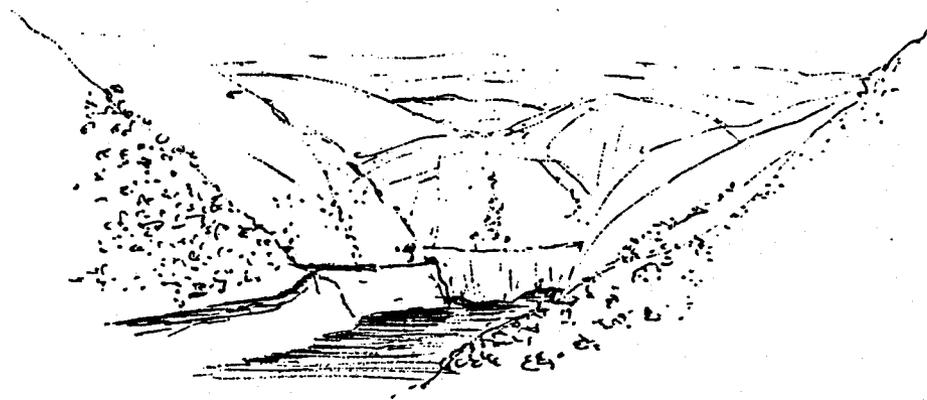
Durante estes quilómetros pensei no que via. 2
Difícil perceber. Mais difícil deixar sentir. Falou-se
de um criador... mas qualquer que ele fosse, importava
a obra e o que ela prometia naquele momento.

Segui o rio enquanto o vi e, depois, perdurou
ainda a sensação do vale tão grande...

Procurávamos o planalto. Sentia-se chegar o fim da
subida.

De repente, o sol; e era olhar em frente e ver a 3
ondulação dos montes, construindo uma alta terra
iluminada pelo fim do dia.

Descanso da força do vale e espreguiço os olhos 4
sobre a suavidade dos montes arredondados e sequentes.
Comparados com a força do vale, apetecia passar a mão
pelas convexidades e sentir o calor da terra e do mato
verde. Um, outro e mais outro, sucediam-se os cabeços
na obscuridade crescente. A giesta desmaiava e o verde



O DOURO

tornava-se negro. Quase noite.

. Abri a janela do quarto e encontrei-me com o 5
Douro. Um Douro parado, domado entre rochas alaranjadas
e o paredão da barragem.

De Miranda a Bragança é a harmonia, a extrema 6
harmonia homem/natureza ou só natureza.

Se são campos, é nas linhas, nas separações e nas 7
árvores que se diria sabiamente colocadas, que ela se
encontra. Se são montes ou vales é a natureza que
desenha e arruma a água, a pedra e o relevo.

RIO VOUGA - Maio de 1981

Sábado, dia 24.

20.00 horas - Acampados na Fonte do Vouga, entre 1
Lapa e Quintela, aponto estas notas já ao crepúsculo.
Apetece mais estar quieto e gosar estes poucos minutos
antes da noite, mas se não for escrevendo acabo por
esquecer as coisas.

• Pequenos panoramas verdes claros e transparentes 2
sucedem-se rapidamente. Para lá de uma primeira
aparência há sempre mais um pormenor, mais uma
perspectiva ao fundo que escapa, entre muros e
pinheiros, rosmaninho, ou carvalhos e prados
verdíssimos.

Vindo do Alentejo, parece-me a mim esta paisagem 3
mais restricta, repartida, feita de inúmeras outras
pequenas paisagens, de uma continuidade extremamente
rica. Aqui, os olhos não descansam como na planície.

Somos obrigados a ver por partes. Primeiro numa vezada,
como que só uma sensação, depois vamo-nos apercebendo
dos recantos, dos pequenos conjuntos, de uma pedra, um
prado, um caminho entre muros arrumado e que só ali
poderia passar.

Este, um facto de que inúmeras vezes me apercebi, 4
com a sensação de não haver outra possibilidade mais
correcta de aproveitar e organizar o espaço, quer na
Beira, no Minho ou no Alentejo. É uma sabedoria e uma
sensibilidade de séculos, tão visceralmente antiga e à
flor da pele, que não há uma hesitação nem uma dúvida.

Leva tempo a ver, pois precisamos primeiro de 5
arrumar as diversas partes que compõem aqueles espaços.
Depois percebemos.

O Sul é uma longa pausa, um largo espaço, claro, 6
evidente. Sem sobressalto o apreendemos de uma só vez,
tão bem quanto os cantares ou as pessoas. É directo, é
forte e são como o sol e a água. Não leva tempo, porque
ali habita o tempo todo.

Domingo, 25

... direitos a Quintela. Passa-se o Vouga ainda 1
ribeiro, e vai-se subindo com calma entre muros,
olhando as pedras e a paisagem repartida. Vamos
comentando aspectos vários da cultura material da zona,
o esforço construtivo nos campos e na aldeia, o talhe
do granito, a arquitectura, a utilização dos materiais.

. Saímos da aldeia por uma estreita calçada em 2
d direcção ao rio, que adivinhamos no vale. Uma capela em
ruínas que deixamos ao nosso lado direito é tema da
última conversa sobre a aldeia. Já de costas para ela,
a nossa atenção prende-se ao vale muito verde e à
vegetação que margina o rio. Pela margem direita corre
uma várzea de prados e milheirais, sucessivos.

Cerejeiras, carvalhos e amieiros. Atravessamos um 3
pequeno campo onde o feno ceifado e estendido, brilha
ao sol... uma pequena ponte de uma só lage de granito.
Lembro-me de falarmos da simplicidade de soluções que

uma necessidade de vida obriga, e por outro lado o
valor plástico, que nós, por uma diferente cultura
damos a estas elementares construções.

De novo a caminho pela margem direita, atravessamos 4
a ribeira da Cal e quinhentos metros adiante
aparece-nos, junto ao rio, um conjunto de moinhos e
casas (Moinhos do Vouga). Aos meus olhos é mais a
continuação da escultura granítica do rio, que
arquitectura. É como se os penedos tivessem crescido e
formado abrigos, tal a intimidade que se sente, entre o
homem, o rio e as pedras. As construções encaixam-se na
breve encosta aproveitando toda a natureza e
continuando-a. Não há brusquidão naquilo que o homem
fez, antes ele compreendeu e ligou a sua própria força,
à da natureza. Não a destruiu, acrescentou-a. Para ele,
aquilo foi natural, independentemente de beleza ou
plasticidade.

Para nós tem um puríssimo valor plástico que 5
raramente o homem, dito culto, consegue. E, raramente,

porque de facto perdeu origens e portanto a possibilidade de continuar, simples e inteligentemente a natureza. O homem urbano, no que se refere à sua habitação, é totalmente artificial e, a sua casa, que ele não constrói mas adquire, perdeu toda e qualquer possível relação, com a realidade, que não exclusivamente urbana, com todas as consequências futuras. A casa urbana e a casa em situação original, pelo ambiente e relações propostas estão à distância que vai de um satélite e uma azenha. O moleiro, a azenha a casa e o rio, são uma unidade inteligível, mas eu e a pequena cidade onde vivo, já menos nos conhecemos. Colocado em Paris ou Lisboa estou irremediavelmente distante.

O moleiro e o rio, são o mesmo; fazem parte um do outro. Que interessa saber quem é importante até que se come o pão? O moleiro, a mó ou apenas a água?

... só vivos e na sua real situação, pode interessar a sua continuidade. De pouco serve a conservação apenas material da construção se os moinhos

não continuarem com toda a utilidade a moer o grão. Mesmo essa conservação dos aspectos não eruditos, que são aos milhares por este e outros países, não só não merece qualquer atenção como não se vê viabilidade na sua recuperação. Menos serve dedicar toda a atenção às realizações eruditas se perdermos todas as suas relações e origens.

Voltando ainda às causas do abandono, verificámos mais tarde em conversa com um natural da região, ser a emigração para os centros urbanos e depois para o estrangeiro a causa mais directamente responsável.

O trabalhador rural, continua ainda hoje, e apesar de tudo a ser o último na escala social. Não há ainda a dignificação daquele que vive da terra. Poder-se-ia talvez dizer que no princípio da fuga está apenas uma questão cultural, isto é, o rural foge do campo porque sabe que há outras coisas para ver e conhecer. Ignora porém, que não são melhores nem piores que a terra mas, apenas diferentes.

. Enfim, voltemos apenas e de novo aos Moinhos do 1
Vouga, que nos preparavamos para abandonar. Na verdade,
sentia sempre que de qualquer forma era um abandono.
Nada podíamos fazer, por eles que não fosse,
compreendê-los, fotografá-los e desenhá-los, para que
mesmo que se percam ao menos se não esqueçam.

. De cima do seu burro diz-nos o Sr. António, que 2
ali no vale do Vouga "o ar era importante e a paisagem
elegante".

. 20.00 horas O crepúsculo aproxima-se e a calma 3
instala-se neste vale tão verde, tão usado pelo homem
há tantos séculos. Assistimos agora ao seu abandono,
deserção com olhos postos em vida menos dura. Cidades
daqui e de outros países. Muitos campinhos abandonados,
regueiras destruídas, a água espalhando-se e os moinhos
parados, rodas partidas, telhados abatidos.

Segunda, 26. Qta das Carvalhas

. Depois de muita insistência, aceitamos uma 4
garrafa de água-pé muito fresca que passou de mão em
mão, enquanto conversávamos e víamos as dependências da
quinta. Uma certa decadência deixava-nos perceber que
após ele, Sr. António, aquela quinta seria dentro em
poucos anos mais uma ruína. Ele próprio nos falou disso
com tristeza resignada enquanto nos mostrava a quinta. A
auto suficiência do seu proprietário era notável:
barris, casa, arados, tudo feito por ele. Aquele
recanto era o seu mundo, bem pequeno, mas suficiente
para daí resultar uma filosofia de vida bem generosa.
Nada vendia, tudo dava e deste modo entendia que as
compensações tudo pagavam.

. O Vouga é ainda um ribeiro mas já com boa 5
corrente. Do adro da Igreja do Convento da Fraga temos
um panorama magnífico. Um amplo vale, verde e profundo,
onde alguns pontos amarelos ao longe marcam os maciços

de giestas. De facto, vivemos num país espantoso de contrastes, tão desejado, quanto bem pouco estimado.

Terça, 27. Samorim.

. As voltas do caminho são mais que muitas mas 1
sempre a descer, e percebe-se a presença próxima, do rio, pela inclinação e configuração do terreno.

. O tempo está muito húmido mas suave, cheira bem a 2
terra e a pinhal. De certo modo é uma compensação aromática para o espírito, pelo tempo triste que nos acompanha.

. Por fim o Vouga, de repente, assim de uma vez 3
só, e num espaço que nos parece virgem, tal o sossego e evidência da natureza. Por ali andámos, mais do que à procura de sitio para acampar, a ver e a absorver a paisagem que se nos escapa por demasiada.

. é meia-noite e junto à fogueira, escrevo. Canta-se 4
à volta do lume, dentro da noite e do nevoeiro e, a luminosidade do luar permite-nos ver a paisagem próxima, recortada pelas copas dos pinheiros. O espaço que nos rodeia torna-se pouco real azulado e profundo. A paisagem torna-se assim algo de muito "elegante".

Quarta, 28.

. ... surge um alargamento no rio com uma enorme 5
abundância de penedos que não permitia o crescimento de vegetação. Desse espaço natural serviu-se o homem para construir o sistema de aproveitamento de energia hidráulica: dique, canal, algumas construções, e um moinho de três mós.

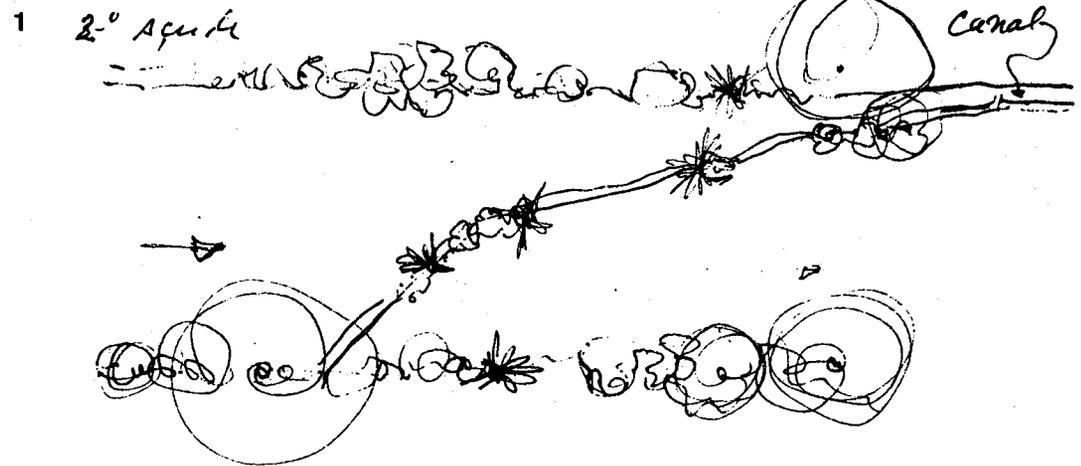
. A mula branca do moleiro esperava paciente pelo 6
dono. Entrei no moinho. As três mós moíam naquele momento cada uma o seu grão - trigo, milho e centeio.

. ... parámos mais adiante na Saltadoira para descansar e ver o sítio. O nome dado ao local terá talvez que ver com os saltos que a água dá na sua passagem por entre as enormes massas graníticas ou, com os saltos que temos que dar ao atravessar o rio naquele ponto. Provavelmente, ambas as coisas.

Quinta, 29.

. 12.30 horas. Corrente quase parada em contraste com a violência que há pouco deixámos. A paisagem é menos selvagem e, para meu gosto, também menos bela e interessante. Pinheiros, carvalhos, choupos, fetos, urze branca, carqueja, tojo, amieiros e o rio espelhado. Um espaço tão ordenado, dá-nos a sensação de um sossego artificial.

. Segundo grande açude depois da estrada para Vouguinha. Tem, poucos metros adiante, uma poldra com



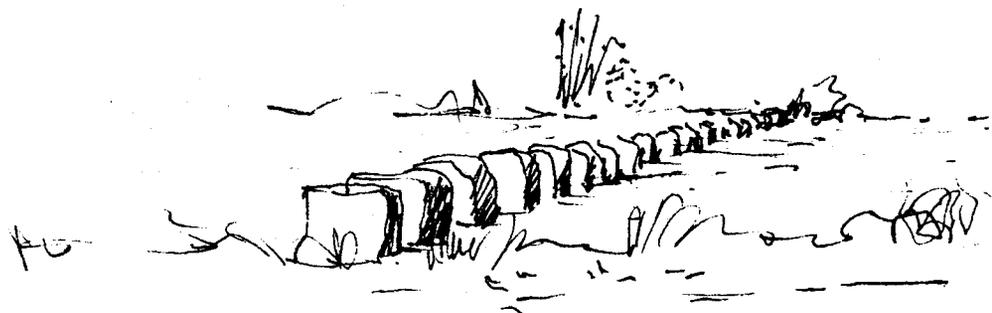
as pedras cuidadosamente talhadas em cunha do lado de montante e, junto a ela, o moinho.

2 ... atravessamos o rio pela poldra e continuamos a 4
descer pela margem direita, entre estevas, fetos, tojo
e amieiros. Vai-se alargando o rio tendo agora 20 a 22
metros.

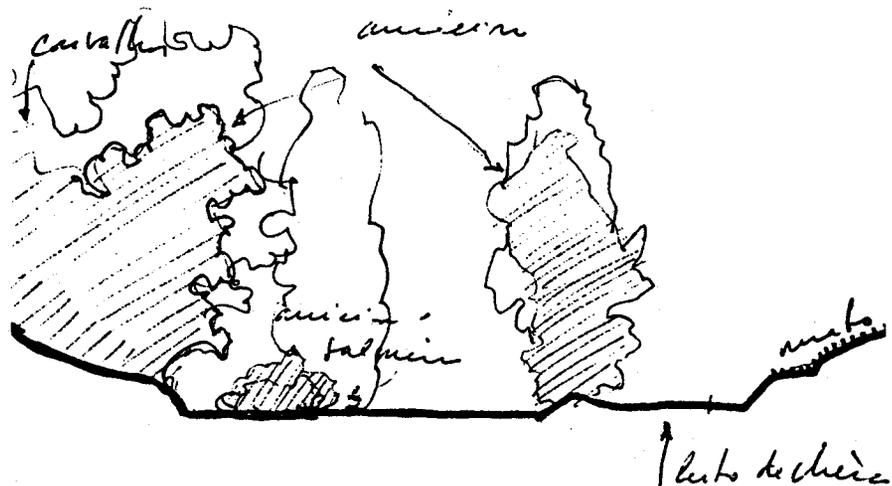
. Alarga-se ainda mais o vale, acalma-se o rio e 5
também a beleza.

. Novo açude, o sexto, mas que nem vi, tão só o 6
ouvi e imaginei para lá da densa massa de vegetação.

Passamos para a margem esquerda sobre uma 1
belíssima poldra de 37 pedras, de superfície encurvada
pelo desgaste das infindas passagens.



... paro para fotografar uma seara de centeio que 2
termina junto a grandes carvalhos de tom escuro e, para
a outra margem, que deixamos, fotografo o rio por entre

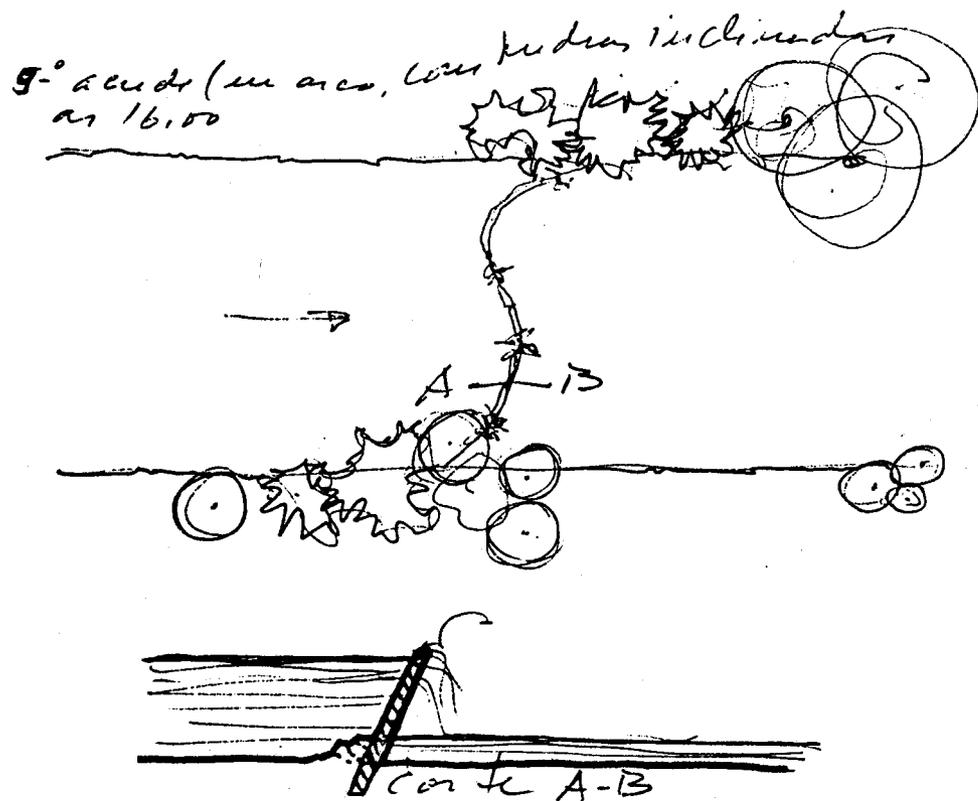


carvalhos e amieiros novos. Em ambas não terei a cor
mas terei um outro interesse, o contraste.

... pomo-nos a caminho subindo a encosta entre 3
pinhais, por força do acidentado da margem. De longe em
longe, ouvem-se os sinos das aldeias, agora todos
iguais, com o mesmo som e a mesma música de cassete.
Por vezes a evolução reveste-se de aspectos bem
tristes, especialmente quando se trata da perda da
identidade, daquilo que distingue e define as coisas,
as pessoas ou as aldeias entre si.

... à minha frente o grupo em fila caminha pela 4
vereda, e vou pensando nos vários aspectos culturais
deste rio, que vão inevitavelmente desaparecendo do uso
e costume. Registo-os, escrevendo, desenhando,
fotografando ou mesmo só memorizando, como única forma
menos artificial de os reter culturalmente criadores de
cultura. Poderia ser um museu, mas a este falta
normalmente a palavra que conduz a ideia, a imaginação
e o sentimento da coisa vivida. Falta a personalidade

do modo de ver que cada um de nós imprime e exprime, falta no fundo a comunicação viva de factos passados. O museu tem o seu papel, mas menos rico que a palavra. Ambos se complementam em dado momento do estudo, mas toda a dinâmica está na ideia/palavra, germinando novos momentos de antigas raízes, pacientemente guardadas e contadas depois, de uns a outros, ao longo do tempo.



. Surge novo açude, o nono, e começo a perceber o 1
porquê deste especial interesse que me tem surgido por
eles. É uma daquelas fabricações do homem que por tão
simplesmente engenhosa, contém também uma riquíssima
particularidade: cada um é profundamente diferente dos
outros, cada obra é individualizada pelo seu
construtor. Há assim, de um lado, uma particular
concepção para uma especificidade de um local e, de
outro, uma íntima e grande ligação do homem com o
objecto criado e o rio, numa fusão de forças e
movimentos entre ele e a água, prolongando a natureza
numa função produtiva e também estética. A paisagem não
é perturbada, mas antes acrescentada nos rochedos do
rio, na água plana e, em sonoridade.

. A partir desta manhã e aos poucos, foi 2
desaparecendo a grande beleza selvagem do vale. Agora é
um rio sossegado, sem convulsões nem acidentes. O menor
declive e o desaparecimento das massas graníticas
retiraram-lhe parte do interesse que vimos nos dias

anteriores. Já não é mais o som, nem os volumes, nem os contrastes e as grandes profundidades azuis que o fazem um rio de beleza brusca e imprevisível. A maior humanização a que está sujeito, confere à paisagem uma outra ordem menos espontânea, desenho e forma em função de um melhor e mais efectivo aproveitamento.

RIO COA I. Outubro de 1981

Quarta-feira, 8. Do Sabugal a Rendo. 9 km.

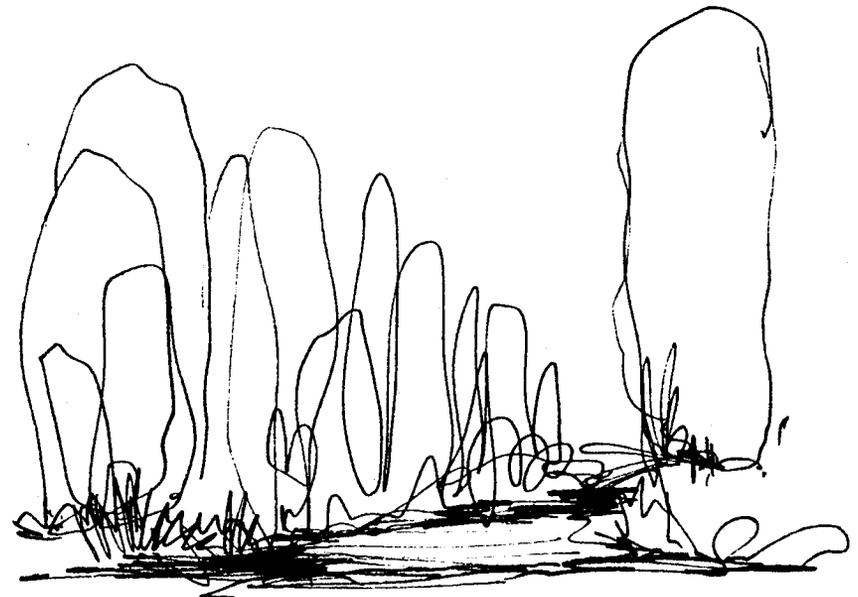
Primeiro dia de uma primeira viagem de estudo, 1
experimental, para a disciplina de Desenho. Uma
tentativa que propuz a este grupo, para compensar um
semestre demasiado curto. Nem sei ainda muito bem, tudo
o que poderemos aprender aqui.

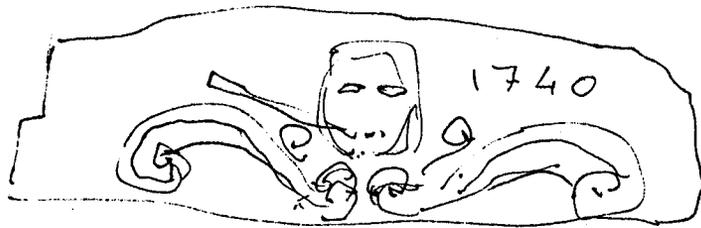
Partiram agora os três encarregados das compras 2
com vários encargos e recomendações.

Vamos começar a andar muito tarde mas, hoje, terá 3
mesmo de ser assim. Ao pé de mim, no café onde
esperamos, alguns alunos tratam já do seu diário de
viagem.

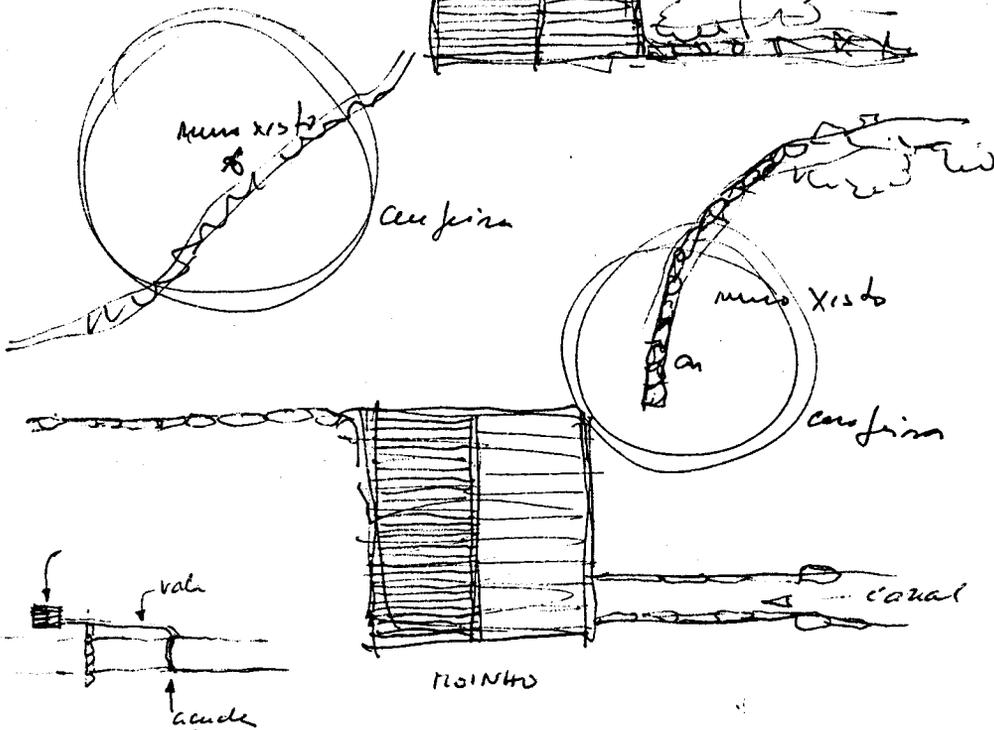
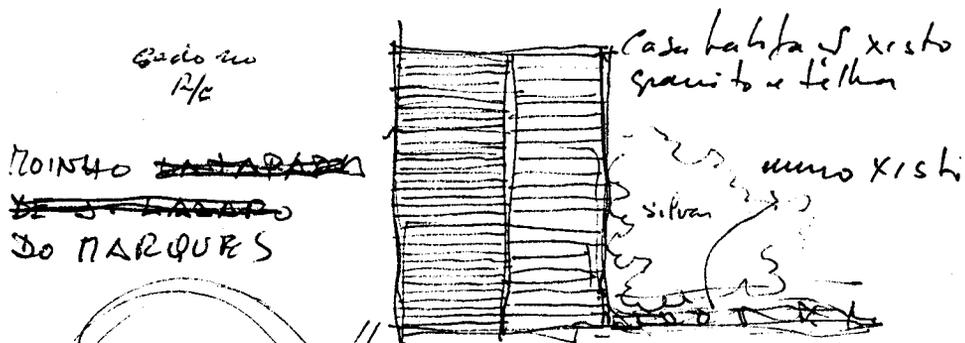
Nascem alguns desenhos, entre copos, cafés e a
manhã de sol.

12.00 horas. Há já uma hora que seguimos 4
calmamente em fila, ao longo da margem direita de um
rio Coa sossegadamente verde. De um lado e de outro, as





primeira da porta de habitação do município de S. Lazaro. (foto em folha)



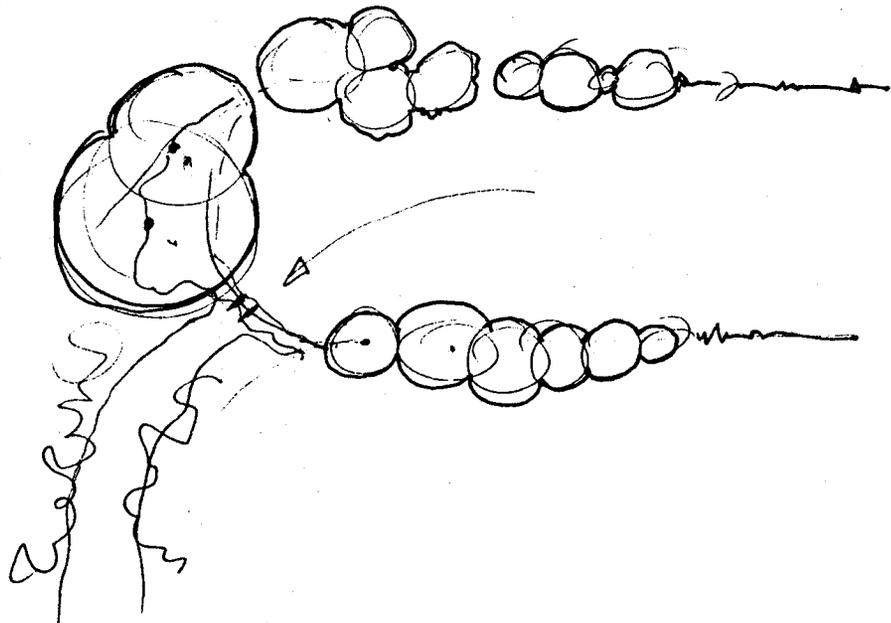
margens suaves deixam-nos caminhar à sombra dos amieiros e, depois, são campos de milho e hortas, alguns castanheiros, também.

. O Moinho do Marques, é o primeiro motivo de interesse que nos leva a parar. Explicamos primeiro a estrutura e funções deste espaço, bem como o sistema de aproveitamento da força hidráulica e processo de moagem. Depois, proponho o trabalho a fazer: planta de conjunto e variados pormenores da casa e moinho.

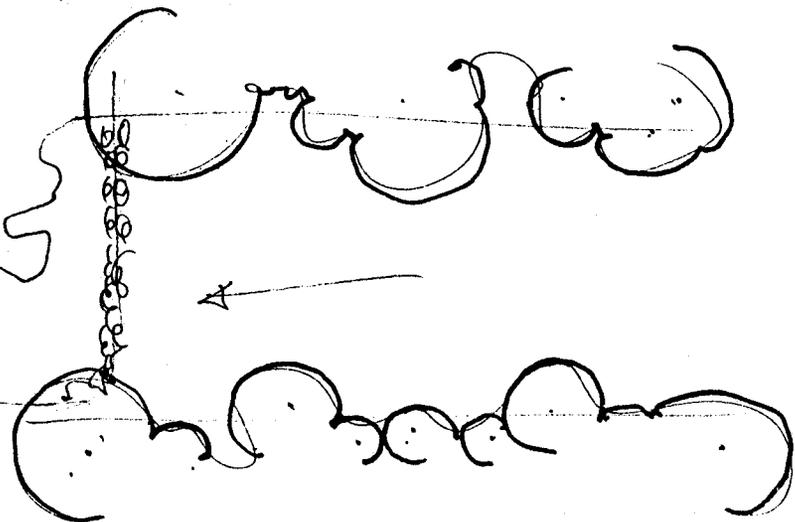
. Paragem para almoço e descanso junto a um dique em arco, fazendo um desnível de cerca de 1.80.

. Tendo, dando o exemplo, que esbocem rapidamente em cinco ou dez minutos de paragem, as construções ligadas ao rio e à água que nos vão surgindo. Pequenos apontamentos, que mais tarde podem ser melhorados e completados e que ao fim de uma semana de viagem serão a história do rio.

15.50 - 3^o acude meio natural. Praticamente
foi a calçada foi construída



16.15 - 6^o acude - linha
pedra amarela



Mesmo a andar, é possível fazê-lo. A memória 1
visual exercita-se e ganha-se uma dinâmica para a
observação que será fundamental para a disciplina de
Desenho e mais tarde para a própria profissão.

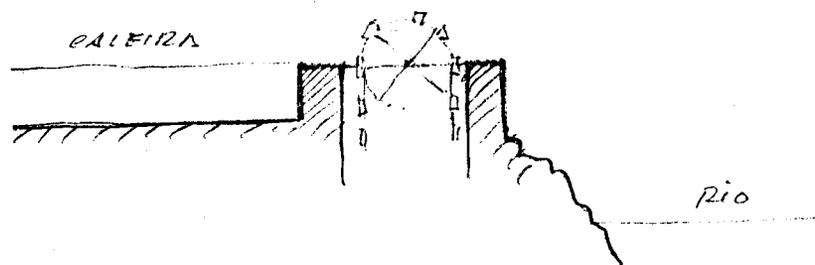
. Escrevo, já no acampamento, perto de Rendo, 2
sentado junto à fogueira, esperando o grupo das compras
que subiu à aldeia. Foi um dia grande, nove quilómetros
andados, trabalho feito com boa disposição, mesmo a
andar e de mochila às costas.

Penso, que esta primeira experiência poderá levar- 3
-nos bastante mais além. Novas ideias daqui surgirão e
podemos manter para o futuro, estas viagens
integradas no programa da disciplina de Desenho.

Quinta-feira, 9. De Rendo a Rapoula do Coa. 8,5 km.

. A paisagem quase inalterável. Verde, muito verde 4
junto ao rio e, o carvalhal mais claro e luminoso pelas

Saramon sempre mora, à Louisa (FOT. A 25)
 num recanto do seu campo de milho
 Estuda-te o seu uso, de fazer o campo
 e cozinhar.



Primeira história de seca com calcaria em
 grande seca no país. Setembro (FOT A 28)



CONTE
 TRANSV.



CONTE LONGIT.

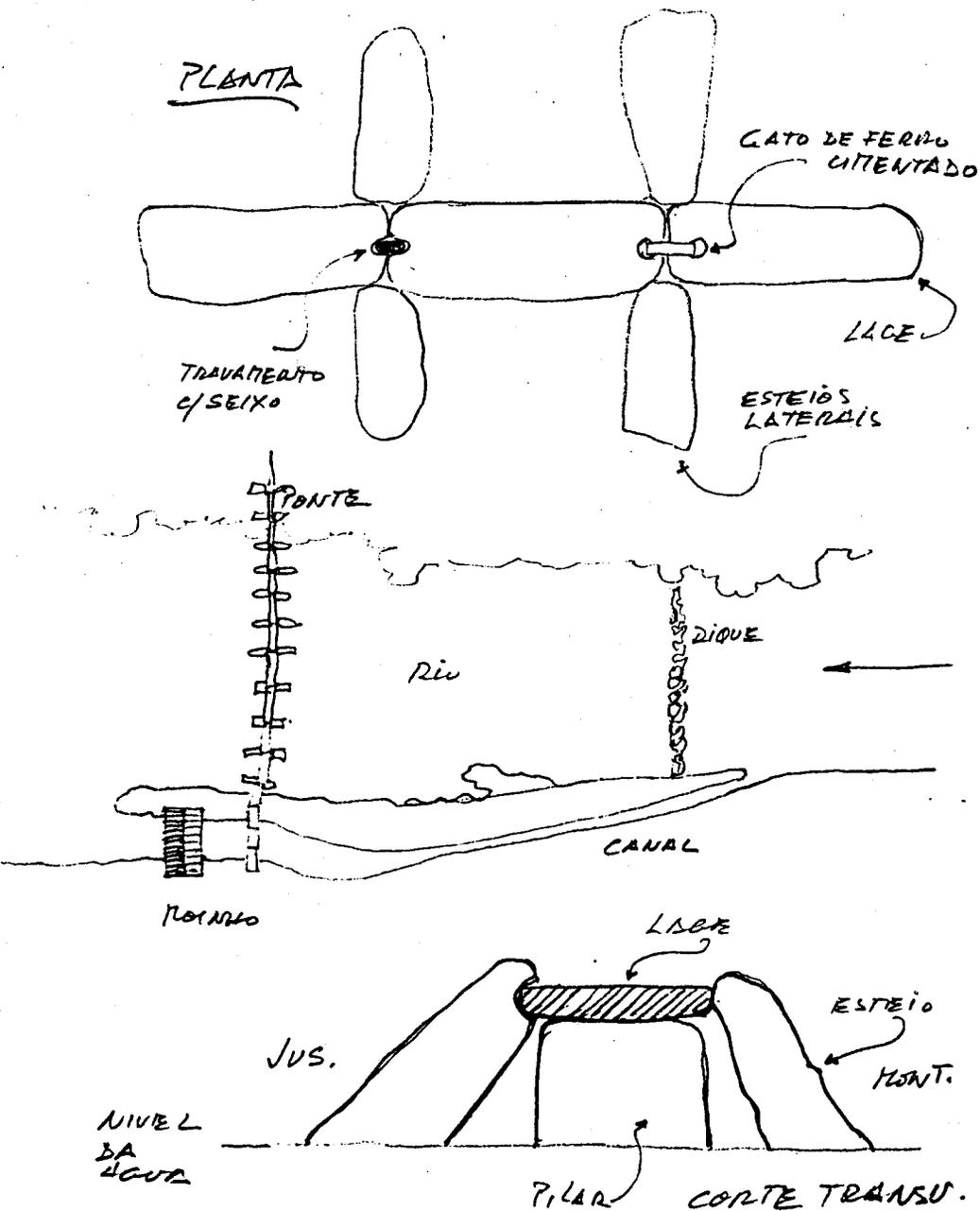
encostas, mantém o verde neste Outubro, iludindo a seca
 dos meses anteriores.

1 Temos problemas com a água para beber. Há uma
 semana atrás o rio encontrava-se praticamente sem água
 devido à grande seca. As primeiras chuvadas refizeram o
 caudal mas dão-nos uma água castanha, que é a única que
 temos para beber e cozinhar.

2 A razão para desenhar, surge frequentemente do
 interesse daquilo que vamos encontrando. Como agora,
 esta nora que retira água do poço, vinda talvez do rio
 por meio de uma mina e, a leva até ao limite superior
 do campo. Aí, por gravidade, é conduzida a qualquer
 ponto deste.

3 Eles próprios escolhem e decidem. Não chega a
 haver necessidade de os motivar. Há uma dinâmica, que
 logo de início se estabeleceu e que penso, vai
 prosseguir.

Novo projeto sobre o Cora. Fotoponto - a pedreira
 ao fim que ficou também para que se faça
 na a escala. (Fot. 135)



Deixo-os trabalhar sem interromper. Penso que um
 1 início livre é necessário. Faz parte de uma decisão que
 tem que ser tomada por eles, pois sem dúvida pertence
 ao modo de ver, pessoal e característico. Quando essa
 primeira fase se concretiza, então sim é altura de
 orientar.

2 Chegamos a Rapoula, ao fim do dia, bastante
 cansados. Fazem-se as compras para o jantar e a
 variedade não é muita. Alguns com o balanço do dia
 aproveitam a pausa para desenhar.

3 A Zulmira, que aos poucos e à custa de intenso
 trabalho vem melhorando, escolhe uma bela casa com
 varanda, para desenhar.

4 Tudo à volta da fogueira a ver fazer o jantar.
 Todos dão sugestões: mais sal, mais água, menos lume,
 mais isto e aquilo. Uma grande panelona de arroz, com
 pimentos, atum, cenouras etc., enfim tudo o que se pôde
 arranjar em Rapoula.

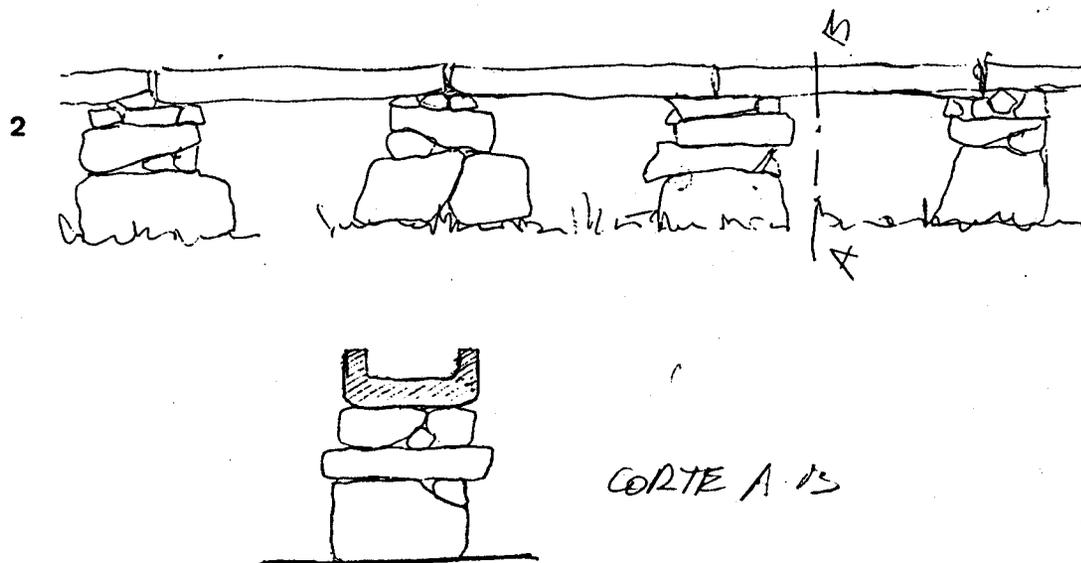
Falamos do dia, do trabalho e de uma experiência
tão nova para todos. A sucessiva descoberta desta
paisagem e as inúmeras construções de uma cultura rural
intimamente ligada ao rio e à água, são motivações
fortíssimas. Para lá de um trabalho que se vai fazendo
com muita vontade, há, sem dúvida um prazer de fazer,
um entusiasmo pelo primeiro encontro de muitas coisas
desconhecidas. E, se mais nada houvesse, a paisagem
seria já tudo. Rica, forte, luminosa.

Depois do jantar, falamos disso mesmo, e da
importância da vivência das coisas, (a vivência das
coisas, tanta vez invocada pelo mestre António Duarte,
durante as aulas de escultura, como meio de
conhecimento profundo) do conhecer fazendo e sendo, de
uma formação que tem obrigatoriamente que ser vasta,
vívida, experimentada.

Sexta-feira, 10. De Rapoula a Seixo do Coa. 7 Km.

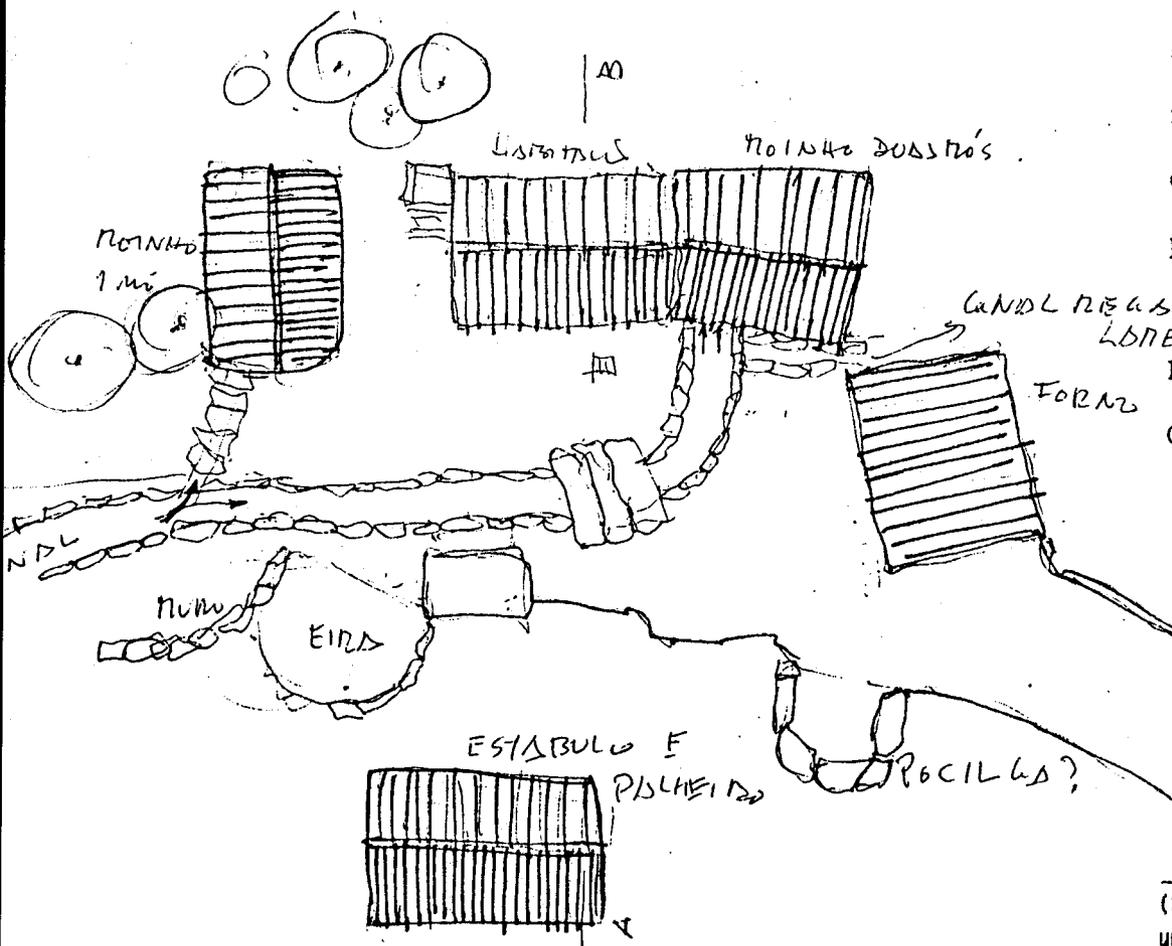
Aqueduto com nora. Cada caleira é talhada num
só bloco de granito e as juntas unidas com argamassa
sobre o pilar composto. é uma obra requintada e
admirável pela qualidade de execução.

Aqui, paramos para trabalhar neste conjunto,
aproveitando a sombra de uma grande macieira. E também
as maçãs, que provavelmente ninguém apanharia.



Moinho da Telhada. No fundo, um complexo de 1
moagem, à semelhança do que vimos no Vouga (Moinhos do
Vouga) mas menos vasto e de organização diferente.

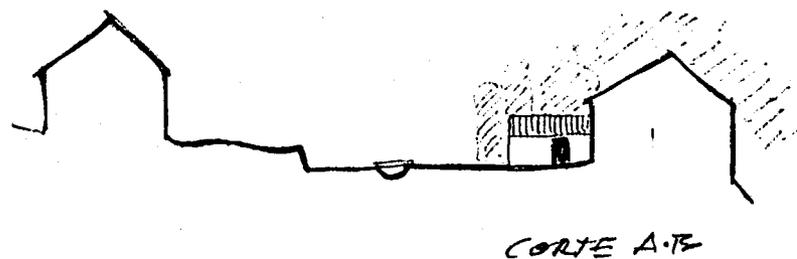
Há um espaço central e, habitação, moinhos, forno, 2
estábulo, palheiro e eiras, dispõem-se em volta numa



organização perfeita.

A escala é quase miniatural, mas agradável. Em 3
tudo há um engenho que por vezes é carinho pelos
materiais e pelas formas produzidas, numa grande
consideração pela vida e pelo trabalho, tão duros ambos
nestes sítios, mas tão importantes. A lógica das
soluções, a elementaridade de processos, a sobriedade
muito bela de uma estética intuitiva, (poderemos falar
de estética?) é o que nos atrai nesta cultura rural
perdida no fundo do vale. (*)

4
Faz-se tarde e ainda temos muito que andar até Seixo do
Coa.



(*) Certamente que sim, que poderíamos falar de uma estética e, exactamente de
uma estética intuitiva.

Sábado, 11. De Seixo do Coa a Badamalos. 7 Km.

Moinho dos Pontões, junto do acampamento.

É largo o vale, neste ponto e, foi a ponte mais extensa que encontramos construída neste sistema.

Compreendem-se estes grandes esteios laterais em cada junta de lage e pilar. Nas enchentes, todo o conjunto fica submerso e se não houvesse o reforço lateral, nada resistiria. O esteio de montante quebra a força da água, enquanto que o esteio de jusante, com encaixe, aguenta o maior esforço.

Toda a manhã, que foi de descanso, aproveitei para ver os trabalhos um por um. Achei que seria importante saber, no global, como corriam as coisas.

Uns melhor, outros pior, mas no conjunto é uma certa surpresa pois ultrapassaram o que julguei que seria possível. A quantidade de trabalho desenvolvido é já responsável em alguns casos, por evoluções bem nítidas.

Ponte romana de Sequeiros, paragem para trabalhar, e aproveito a pausa para um pouco mais de escrita.

Vim pelo caminho conversando com o João. Notei que tinha bastantes ideias acerca do trabalho e do que viu, mas orientadas numa perspectiva diferente daquela que estava proposta. Tentei que os meus esclarecimentos se encaixassem nas suas ideias e orientassem um pouco o trabalho. Veremos. Tem óptimas capacidades.

Esta ponte põe problemas difíceis de desenho e estou daqui a ver o Brito a escolher um ângulo com interesse mas, complicado. Desenha muito bem, é curioso, observador e um elemento importante nesta viagem, pelo humor e ajuda constantes.

Atravessamos uma zona queimada, uma das muitas deste último verão. É sempre um espectáculo desolador.

São cinco e meia da tarde e o sol aparece agora

inundando o vale de uma luz imensa. A meia encosta passada, temos o privilégio da magnífica visão, como que ressurgindo da penumbra, este vale, a que nos sentimos já tão afectivamente ligados. Para nós, que procuramos a paisagem e o homem, em todas as suas intimidades e criadoras relações, este momento, foi uma recompensa pelo trabalho que temos vindo a fazer desde o Sabugal.

São estas sensações dentro da paisagem que não sei 1
explicar ainda. Mas elas ficam, e fazem pensar.

. Adiante está a aldeia de Badamalos onde iremos 2
abastecer-nos e descansar um pouco antes de voltar a descer ao Coa para acampar. Estamos parados no fim da calçada romana que temos vindo a percorrer desde a passagem da ponte de Sequeiros. Todos os momentos livres tento aproveitar para escrever algumas notas sobre o que vou observando, sobre o trabalho dos alunos e sobre o nosso, mas realmente tempo livre ninguém chega a ter, e assim as anotações são brevíssimas e

pontuais. Sei que mais tarde me farão falta, mas de momento é tudo o que posso fazer.

Badamalos, fim de tarde e sou o último a chegar ao 3
largo onde todos nos reunimos. É um acontecimento, a nossa chegada imprevista e todos são extremamente simpáticos connosco.

Juntamo-nos todos no café do Sr. Fonseca, onde as 4
pessoas curiosas nos olhavam desejosas de saber o que fazíamos de mochila às costas e àquela hora.

Fizemos compras para o jantar e conversámos com as 5
pessoas; conseguimos mesmo que nos indicassem um bom local junto ao rio para acamparmos.

O acolhimento que tivemos, foi uma sensação 6
agradável e que não esperávamos. Por vezes há uma atitude desconfiada, que impede o estabelecimento de relações. Falar com as pessoas, é também um aspecto importante deste trabalho, pelas muitas informações que vamos conseguindo sobre a cultura local.

1 . é já ao lusco-fusco que chegamos ao prado da Sra. Morgado, mesmo à beira do Coa, onde montámos as tendas.

Escrevo à luz da fogueira, enquanto o grupo da cozinha prepara o jantar.

2 Tem sido uma verdadeira viagem de estudo. E digo isto, porque me estou a lembrar de outras em que havia muito de viagem e pouco de estudo. Tudo fazemos pela primeira vez e naturalmente há deficiências, mas tenho que dizer que estou francamente satisfeito com este simpático e criativo grupo de alunos que tem respondido optimamente ao projecto de trabalho que comecei a idealizar há sete ou oito meses atrás.

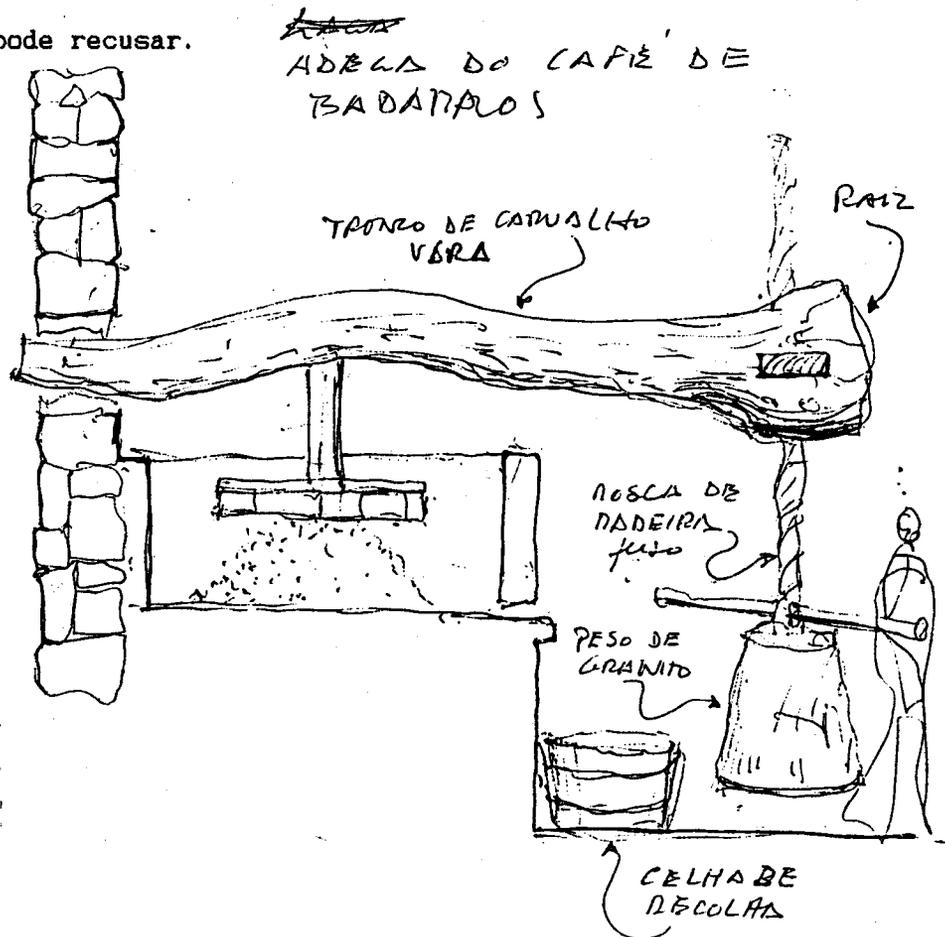
Domingo 12. De Balamados a Malhada Sorda. 12 km.

3 7 da manhã. Ainda ninguém cá de fora. O nevoeiro instalado sobre o rio, baixo, invade também o acampamento. Acendo o lume e aqueço a água para o café.

4 A paisagem só se adivinha por algumas copas que furam o nevoeiro. Uma calma translúcida e fantástica. Um sossego total.

Teremos que subir a Badamalos, ao pão e outras compras necessárias para o dia.

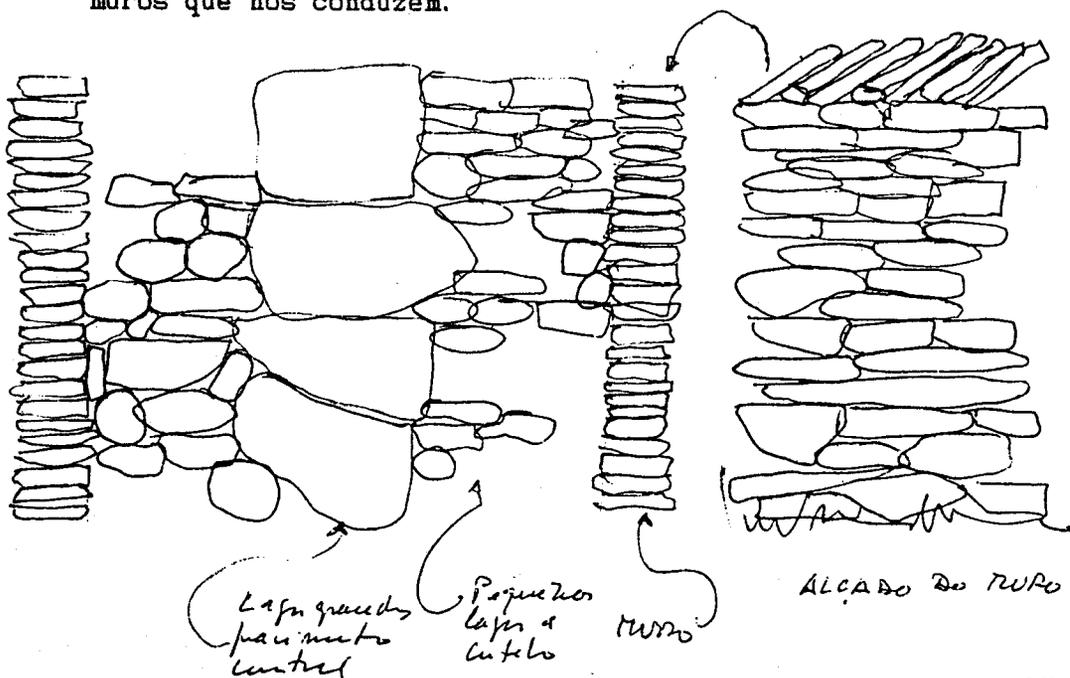
5 Em Badalamos, ainda há tempo para um desenho na adega e, um copo de vinho que por delicadeza se não pode recusar.



. A caminho de Malhada Sorda. Sento-me ofegante, 1
no muro que ladeia o caminho e custa-me a respirar.
Todos se sentam e é visível em cada rosto queimado do
sol, o esforço violento da longuíssima subida.

Desenho, apesar de tudo. Desenho o lajedo da 2
calçada e o muro de pedra seca e mentalmente desenho a
luz que nem a mão nem a mente podem exprimir. Outros,
desenham também.

Prosseguimos. No entanto, não posso desviar os 3
olhos da paisagem que aos poucos vai surgindo sobre os
muros que nos conduzem.



. Vou meditando. Não falo, porque o esforço seria 4
grande. A atenção concentra-se-me em parte no esforço
penoso de subir, mas todo o resto tenta absorver a
paisagem que me vai crescendo nos olhos, que se
redimensiona pelo espaço e cor aumentados. Sei da
emoção que nos sobe do grande vale, que se entorna
sobre os muros e prossegue connosco o caminho.
Conheço-a de há muito, e à afectividade que depois
retorna por cada vez que olho para lá de onde ela
nasceu. Penso no processo. O estímulo, a sensação e a
emissão afectiva. é um movimento que vem de lá,
penetra-nos e volta. A paisagem transborda-me
afectivamente, e só uma pequena parte consigo conservar
e guardar. A excedente reflui, e torna ao espaço que
assim se torna coisa nossa, amigo e conhecido,
intimidade, memória que permanece no local, ou parte da
paisagem que se acrescenta a nós e nos aumenta o olhar.

Só assim podemos ver tanto, e tanto guardar, só 5
por isso as memórias das primeiras paisagens percebidas

se mantêm e acorrem a juntar-se a qualquer nova presença, imagem, palavra, ideia.

... não era possível poupar-me a alguns zig-zags e 1
uma ou outra subida aos muros para ir compreendendo a transformação da paisagem à medida que subíamos. Pressentia que no alto teria a paga. Aquilo que depois vi, fazia-se adivinhar aos poucos ao longo do caminho. Raramente se sobe, sem ter depois uma compensação, e parece-me que aquilo que muitas vezes faz andar as pernas é o desejo de encontrar um novo espaço mais amplo, pleno de ar e luz onde por fim uma pessoa pode olhar ao longe, abrir os braços e respirar fundo, todo o grande espaço do planalto ou da montanha. Alguém exprimiu já esta ideia, mas não me recordo quem.

. Ao meu lado a Paula desenha. Vou seguindo os 2
traços e a forma que vai aparecendo, esboço possível no cansaço do percurso, mas mesmo assim, oriento-lhe a

visão, tentando que apreenda de preferência a expressão, ao rigor.

As giestas são a única sombra de que dispomos, e 3
aí, procura cada um esconder-se do sol, a ganhar um pouco de frescura para de novo atacar a subida.

... Fiquei para trás a fechar a longa fila colorida 4
de mochilas, e assim, melhor veria também, a paisagem que ia surgindo. Não queria perder nada, porque presentia a importância que aquela paisagem teria em mim, espantosa paisagem de muros e giestas. Daí a sua enorme beleza, muito próxima do agreste, do grande, do espaço ou da luz, principalmente quando tudo é muito, quando as coisas se afastam do convencional e do equilíbrio a que chamamos o certo, o harmónico ou a dimensão humana. À medida que se sentia a proximidade do planalto mais se acentuava a dimensão daquele horizonte de granitos e giestas em que ambos tomavam por simpatia ou reflexão a mesmo cor cinza/verde. A sucessão de muros e giestas quase ritmicamente

espaçados que à primeira vista se poderia dizer monótona era, afinal, o segredo destes espaços.

1 é bom não esquecer a luz. Não foi por acaso que uns tantos de nós o disseram por várias vezes: "os melhores percursos têm sido ao fim do dia". Até talvez nem fossem, mas a luz sim, essa é que sem dúvida nos dava os melhores momentos do dia, pela cor, pela calma, e pela serenidade do ar que acompanhava a última claridade. Penso que essa sensação do fim de cada dia foi uma constante, porque mesmo calados e cansados se sentia em todos uma renovação perfeitamente entendida e visível.

2 Avistam-se finalmente as primeiras casas de Malhada Sorda. Apoiado ao muro do caminho, descansei todo inteiro sobre a paisagem que havíamos percorrido e aquela que amanhã teríamos. Muita luz, muito espaço, toda a cor, toda a sensação do grande e do pequeno, no mesmo momento.

3 O pequeno somos nós que pressentimos a sublimação e a poesia(*) sem contudo possuímos na mesma medida a capacidade de a reter e guardar. Percebemos, sentimos e recordamos, mas há uma parte que transborda e que fica acima e para além de nós. Daí surgir uma angústia e uma impotência por não dominarmos tudo o que pressentimos, e por sabermos tudo o que nos foge. Por isso, um momento basta, o suficiente para sentir o que está à nossa medida. Para além disso, dessa sensação do grande momento, a impotência torna-se opressiva. É melhor então regressar e guardar no fundo dos olhos o reflexo das coisas infinitas.

4 Assim fiz, e voltei as costas ao sol e a toda essa abundância, principalmente o lado afectivo e estético, este que acabo de experimentar(**). É um sentimento, uma percepção complexa onde as sensações são muitas e pouco claras.

(*) Pela primeira vez aparece a palavra poesia referida à paisagem sem contudo se especificar.

(**) IMP, "afectivo e estético" como sinónimo de poético, ainda não consciente.

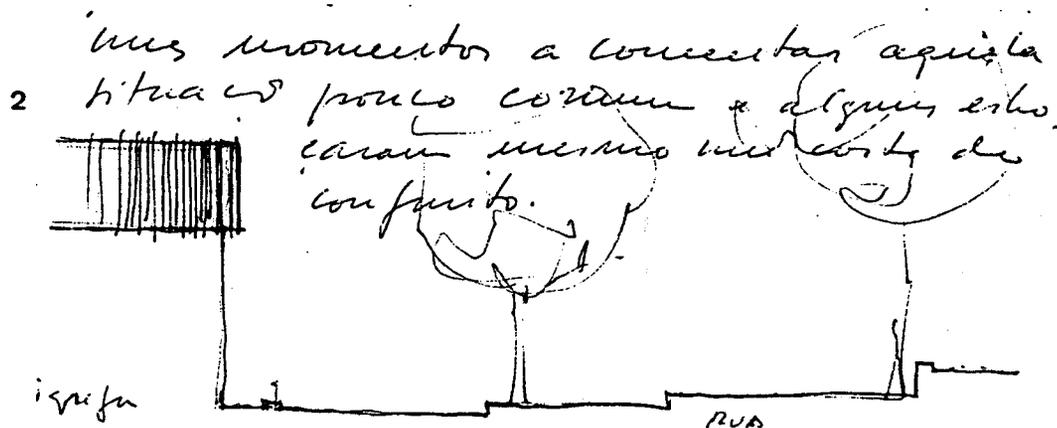
Seria importante, a transmissão desta procura, mas 1
a verdade, é que nem eu próprio sei muito bem como
fazê-lo com todo o fundamento psicológico, estético e
científico. Será preciso levá-los a interiorizar esse
olhar sobre a paisagem. Depois, entender o interior que
se transforma. (*)

Meti-me de novo no grupo. Agora, as casas, as ruas
e as pessoas. Escala humana, visões humanas. Gado, sons
diversos, cansaço, mas vontade de ver o que deve ser
uma grande aldeia. Trazemos algumas informações da
"Arquitectura Popular", fotografias que vimos,
descrições, uma "civilização do granito". (**)

Ao fundo do caminho e, passando por cima do 3
colorido das mochilas, o começo da aldeia pelas
primeiras casas em granito, muros ainda, crianças
surpreendidas e cães que ladram.

(*) Era esta interiorização que seria a poesia e "uma poética da paisagem".
(**) Referência à obra de Orlando Ribeiro, Geografia e Civilização Lisboa 1961

. Entrámos no primeiro espaço da aldeia, um adro 4
que descia para a igreja em dois grandes degraus,
espaço aberto, generoso e bem medido. O João desenhava
já um corte longitudinal, englobando também a igreja.



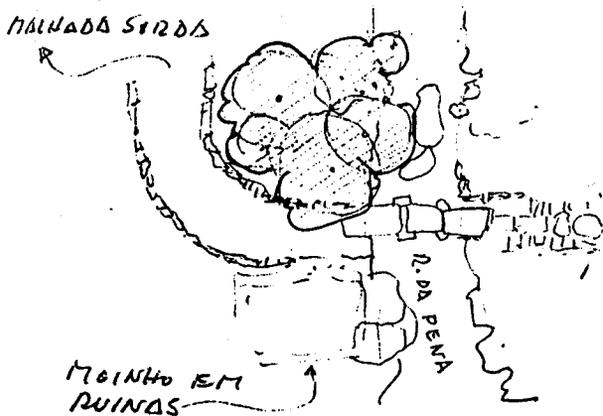
3 . Aos poucos, vou também conseguindo escrever 5
algumas notas sobre esta viagem mesmo a andar.

. Volto um pouco atrás para falar de coisas de que 6
não tive tempo para anotar.

... observar a zona no seu aspecto geológico e 7
notar como se apresentava a constituição do granito

superficial. Todo este abundante material estava já na forma de laje não muito espessa e desde os muros, pavimentos e casas, tudo era feito aproveitando o que a natureza fornecia pronto a usar. Os muros eram inteiramente em pequenas lajes e rematados por um coroamento do mesmo material mas inclinado a conferir resistência longitudinal pelo atrito lateral constante e força permanente que as lajes exercem umas sobre as outras. (*)

Para a ponte sobre a Ribeira da Pena, utilizaram 1 lajes de grandes dimensões apoiadas em pilares



Porque sobre a R. da Pena onde se guido a lenda os romanos distribuíam o material de Portugal, nenhuma das grandes lajes. Vimos um pedregal que de facto se arte acilharam lajes no monte ao que se chama o Portugal ao fecho do de VIII

(*) Mais tarde, fui encontrando este sistema de coroamento em Itália, França e Espanha. Aquilo que inicialmente julguei ser particularidade da região, encontra-se intimamente ligado não a uma cultura específica, mas à característica natural do material e a uma técnica elementar de construir, em parte ditada pelo próprio material.

grosseiros no mesmo sistema que temos vindo a observar ao longo do rio e que já viramos também no rio Vouga, e cuja resistência é evidente.

Tudo, aliás, na região que temos vindo a 2 percorrer, tem o aspecto durável e sólido que o granito confere, desde o comportamento das pessoas, aos costumes e utensílios de lavoura até à própria paisagem, à fala e à habitação.

Há uma parte da vida que permanece imutável se bem 3 que outra, a que é movida pelos mundos novos da emigração, se apresenta violentamente nova e em parte desenraizada, pelo menos enquanto não tivermos o tempo suficiente para olhar para trás. Também de influências estranhas se faz uma cultura, mesmo a rural, com a diferença que hoje as evoluções são muito mais rápidas.

O processo de fabricação do vinho permanece, por 4 contraste, no tempo dos romanos: vara mestra e fuso com o respectivo peso de pedra. Antigo, primário, extremamente simples e apesar de tudo eficiente. Além disso, estes "torcularium" são um belo conjunto de

granito e carvalho, natureza que o homem combinou, já que a pedra é pouco afeiçoada e, ao tronco de carvalho mais não se tirou que a casca e as raízes, afeiçoando a ponta que entra na parede.

1 . Retomando a entrada em Malhada Sorda, nem sempre somos recebidos de braços abertos. Logo à entrada um habitante não gostou de nos ver, o que compreendemos pelos gestos pouco convidativos.

2 Coisas destas aconteceram uma vez ou outra, talvez pelo excessivo número de pessoas que bruscamente perturbam a rotina de uma pequena aldeia, ou pelo aspecto pouco acolhedor que todos temos ao fim de um dia de trabalho e com uma dezena de quilómetros andados. As nossas costas viaja também o material mais diverso, panelas, cantis, sacos-cama, embrulhos e sacos de plástico com alimentos etc., que á primeira vista nos identifica com um grupo errante e pouco desejável. No entanto, após as primeiras explicações sobre quem somos e o que fazemos, nunca deixámos de ser

esplendidamente recebidos por mais pobre que a aldeia fosse.

3 Em contraste com o primeiro habitante e, logo alguns metros adiante, foi a simpatia de um casal de muita idade, que ao portal do pátio da sua casa, nos recebeu afavelmente. Dissemos-lhe o quanto gostávamos da casa e do pátio, enquanto ele num vago sorriso, acariciava o burro que trazia carregado. Comentou, como resposta, a vida difícil que levavam e que aquilo era o que se arranjava.

4 Difícil é, por vezes, estabelecer um diálogo equilibrado, pois o que nos interessa a nós, é para eles normalmente sinal de atraso e pobreza.

5 Alguns passos adiante conhecemos outro casal igualmente idoso e simpático, como só a muita idade é capaz de ser, proprietários de uma das mais belas casas de Malhada, com varanda e escada frontal. (*)

(*) Na viagem de Maio de 1985, com outro grupo, soube que ambos os casais tinham já morrido e a bela casa estava agora fechada.

. Descemos entre muros, já noite em direcção ao 1
rio, ainda a cerca de dois quilómetros, onde íamos
procurar um local à beira de água para acampar. O luar
guiava-nos e permitia-nos distinguir os muros e o
arvoredo próximo.

. Doze quilómetros fizemos hoje e trabalhando 2
sempre. Um dia grande e quente, um dia cheio de coisas
que vimos e desenhámos, dia alegre e completo.

Mas este dia foi também um mundo de interrogações 3
e dúvidas. A paisagem, não é dócil. Não encontro
respostas para as inúmeras interrogações. Olhar é
fácil, o prazer é grande e a liberdade de o fazer é
total. Porém, há um segredo para além da visão.

Segunda, 13. De Malhada Sorda a Porto de S. Miguel e
Castelo Mendo

. Acordámos ao som de uma voz de mulher que 4

gritava: "vão trabalhar malandros!".

Acendi o lume para o pequeno almoço enquanto 5
começavam a desmontar as tendas para seguirmos até
Porto de S. Miguel, última caminhada de trabalho desta
viagem.

Repenso esta semana que amanhã termina e, da forma 6
como tudo correu, julgo que todos prosseguiríamos, por
gosto, mais uma semana. O tempo convida e o vale
também, agora que lhe conhecemos alguns segredos e
sabemos viver com ele.

SOAJO I - Abril de 1982

dia 24, Lindoso

Espigueiros. Um espectáculo impressionante, quase 7
religioso no ambiente solene e sóbrio e alguma
remeniscência românica.

... explica-se o começo da ocupação desde a época 1
castreja, os processos produtivos e a sua evolução. A
paisagem, pela nebelina que permanece, adquire
belíssimos contrastes para o desenho.

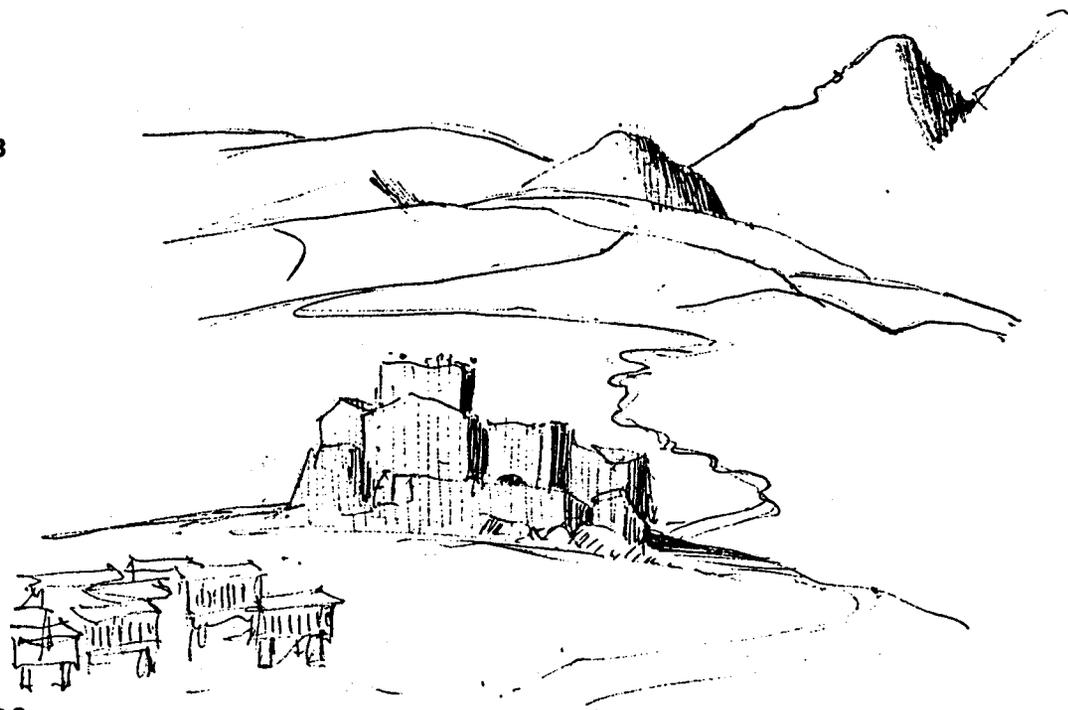
. Oigo também a explicação e penso que não podemos 2
ser tão longos. Há que integrar a teoria á medida do
visível. Isto, é uma situação que requer uma certa
habilidade da nossa parte, atenção e criatividade, para
que tudo se integre o mais possível no momento certo.

. 16.30 horas. Trabalhamos numa rua do Lindoso. 3
Fotografei o enfiamento da rua onde estamos e que vamos
subir para que da encosta possamos ver o conjunto da
aldeia, espigueiros e castelo. (*)

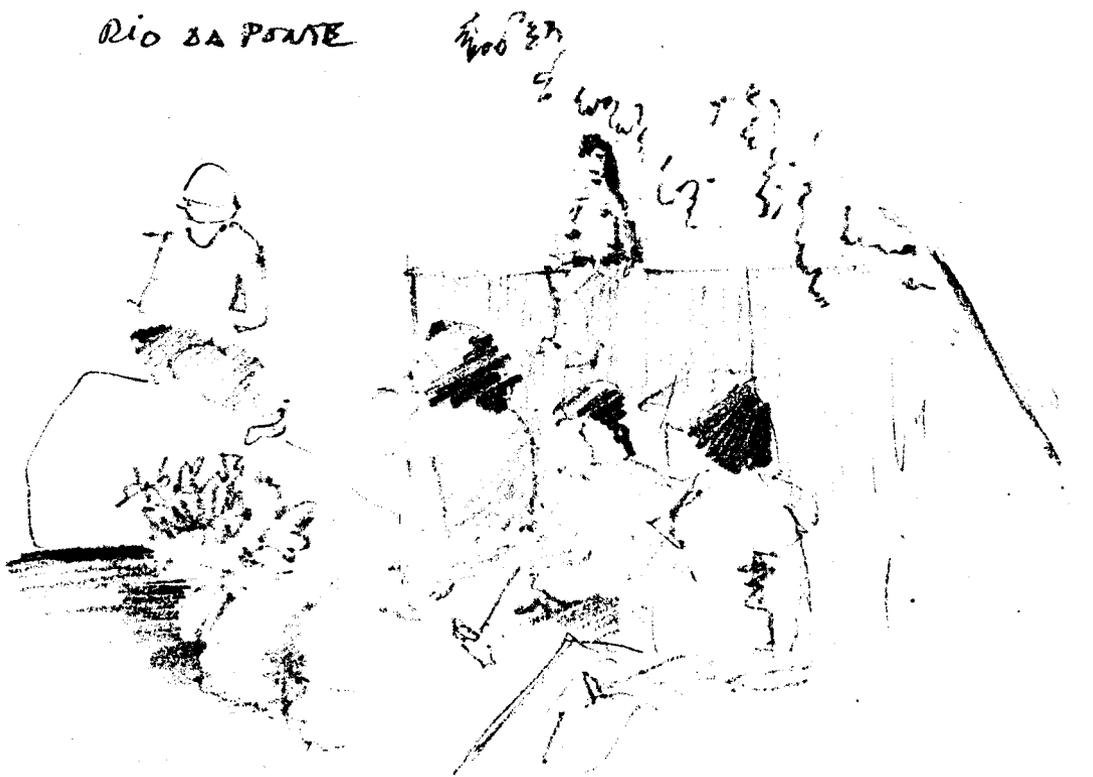
(*) Na viagem de Maio de 86, fizemos de novo este percurso mas debaixo de
chuva e sem o belo tecto de vinhas altas que nesse ano, tardiamente
iniciavam a rebentação.

. 18.00 horas. Espantosa esta vista sobre a aldeia e 4
os montes da margem direita do rio Lima!

A aldeia está já um tanto descaracterizada pelos 5
muitos telhados novos, talvez metade. Todos desenham a
grande panorâmica. De facto, é o que apetece a esta
hora do dia. Apetece desenhar e, era o que faria se não
tivesse que andar de um lado para o outro, passando e
repassando cada aluno, em cada desenho que se vai
construindo nos blocos. Por fim, acabo desenhando
também.



RIO DA PONTE



dia 25

• Fim de tarde. Como sempre o melhor momento do 1
dia. Estamos acampados em Cidade que é um agradável
conjunto de palheiros num alto morro sobre o Lima.
Noutros tempos, terá sido um povoado, talvez um castro.

... aproveito este belo fim de tarde cheio de sol, 2
virado ao vale do Lima onde a neblina azula tudo e

confere às distâncias a sensação do sonho... se ele for
azul.

Cá está. Neste momento canta o primeiro rouxinol. 3
São sete horas e o dia vai acalmando. Tudo se vai
compondo para o sossego e o sono. O vento abranda, as
flores fecham e cantam os grilos e o rouxinol, cantos
que convidam à calma, e nós também, quebrados pelo
dia...

• Os montes ao fundo começam já a amarelecer com a 4
proximidade do poente e toda a paisagem se vai tornando
mais suave.

• Vim ver o rio por sugestão do Brito e estou 5
sentado num rochedo que cai a pique bem uns oitenta
metros sobre o leito rochoso. Para jusante, é um
espectáculo... O rio em curvas e os montes que se vão
encaixando sucessivamente numa visão cruzada de azuis
cada vez mais difusos.

Este grande e violento vale é agora um sossego. Só 1
se ouve o rio correr no leito de pedra, muito abaixo de
mim. Sentado num penedo desenho este vale fundíssimo.

Tenho vindo a reparar no trabalho da Marisa, que 2
vai adquirindo um interesse muito especial.

Não é por uma grande qualidade ou, por beleza da 3

linha ou das sombras, mas por aspectos que me parecem a
mim mais importantes e básicos.

Primeiro, ocupa todo o espaço do papel. Expande- 4
se, risca, (e canta também e muito bem), gestos largos
que produzem finalmente uma escrita.

Estive agora a ver um grande desenho que fez da 5
encosta de Cidade e está ali tudo sintetizado e
explicitado. Claro que há defeitos, claro que há
dificuldades, mas conta-me a história da paisagem.
Parece-me mesmo ver-lhe uma certa alegria em desenhar.
Talvez porque encontrou a sua própria escrita, talvez
porque, como observa muito melhor (e isso é visível
pela evolução) sabe já o que desenha, como e para quê.
E sente.

é expressivo, quase caligráfico, como acontece por 6
vezes nos cordões de vinha nas encostas. São frases
escritas.

é, com todos os defeitos um desenho poderoso de 7
uma sensibilidade muito particular. (*)

(*) Poderíamos falar aqui de uma poética do desenho da aluna, decorrente de uma poética da paisagem, o que obviamente se passava sem que fosse ainda enunciada. Era contudo uma expressão livre e uma operatividade própria do espírito.

corre. Tem chovido muito pouco e com a
retenção de água na barragem aqui, e a
seca. Tudo trabalha muito para
descansar, fazendo um percurso do rio



O LIMA EM CIDADE

26.4.82

Chegamos agora ao Lima ao cabo de mais de meia 1
hora de descida ao longo de uma vereda, partindo de
Cidade. Tudo cresce aqui, de tanta frescura. O leito é
totalmente em granito que está quase a nu pela
pouquíssima água que corre. Tem chovido muito pouco e
com a retenção de água na barragem, aqui, praticamente
é a seca.

Sentei-me para descansar e tirar notas, mas 2
devíamos começar a andar. Parece-me ser um percurso
muito difícil este que vamos fazer de Cidade ao Soajo
pelo leito granítico do rio, mas penso que será
importante fazê-lo e conhecê-lo.

Queria desta vez tirar o máximo de notas e 3
desenhar. Nada pior que parar de observar preocupando-
me apenas com o desenrolar do trabalho deles e
concentrando-me exclusivamente na organização da
viagem. Pela experiência que tive da viagem anterior,

não há outro modo de poder avaliar o trabalho que eles aqui fizeram durante uma semana, senão fazendo-o também. Só assim posso avaliar as dificuldades, e ao mesmo tempo dar aos meus dias de trabalho um sentido mais completo, pois este registo, irá mais tarde ser um elemento de consulta importante para mim. Penso também que na viagem anterior se me abriram, pela interrogação, pela dúvida, certos desejos relativos à minha paisagem interior. Há muita coisa por compreender.

. Aparecem os amieiros e continuam os carvalhos, 1
fetos, violetas e a encosta da vereda toda revestida de erva da fortuna, muita hera e vinha abandonada nos socalcos mais baixos.

. Continua a imensidade de calhaus e penedos que 2
formam totalmente o leito do rio sem um pouco de areia ou de terra. As formas lembram muitas vezes esculturas de H. Moore, e na verdade é bem o contrário que se passa. Constantes ideias surgem das pedras desgastadas

e polidas pela água.

. Vamos todos muito estafados. Cada vez há mais 3
paragens e a marcha é muito lenta. Volta que não volta consultamos a carta que a Paula leva. O rio Adrão tem que estar próximo, mas o vale é tão apertado e as encostas tão revestidas de vegetação que é muito difícil ver de longe os acidentes e localizá-los. De vez em quando temos que subir à encosta porque em baixo não se passa. Vou vendo a vegetação: freixos, carvalhos. Algumas zonas queimadas. Vestígios de cheia, muitos ramos, bocados de madeira e ervas secas agarradas às árvores. A história recente deste vale.

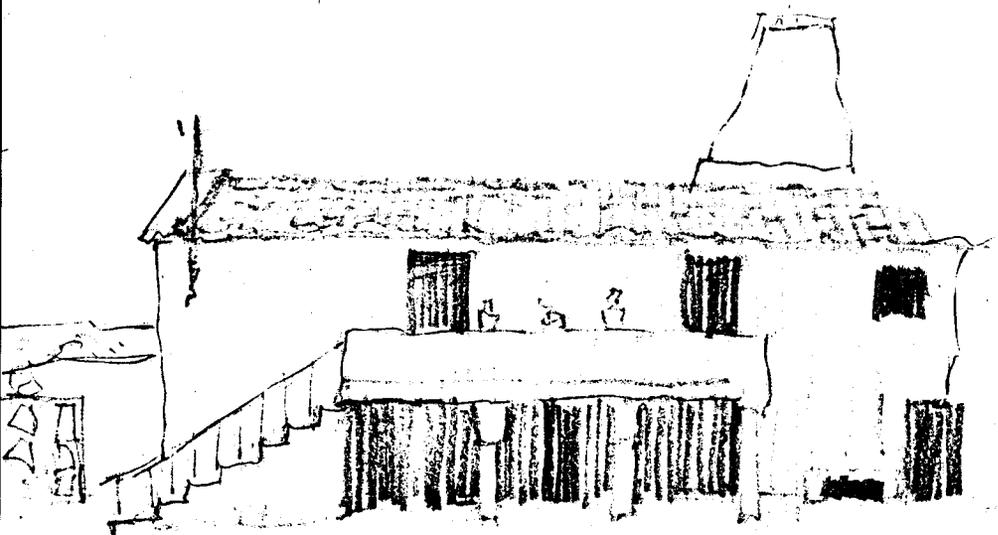
27.4.82, Soajo

. Senti-me infinitamente bem ao acordar muito cedo 4
com a chiadeira do carro de bois que passava perto. Tinha muito de música, e a sequência calma de dois ou três sons cadenciados condiziam com o compasso lento do

começo do dia.

12.00 horas. Continuo a ver os trabalhos que me 1
deixaram antes de partirem para a aldeia. No geral
estão bons, alguns mesmo bastante bons. Há apenas um
que não progride e penso que não está mesmo
interessado. Agora também seria já muito tarde.

. Após críticas aos trabalhos, propuz-lhes a 2
observação da aldeia durante a tarde para depois a
documentarem.



Estou a escrever no largo do pelourinho, onde 3
alguns deles estão a trabalhar. Combinámos encontro
aqui às seis para ver o andamento do trabalho e se
necessário reformulá-lo.

Aparecem a Paula a Teresa a Xuga, Zé Nuno, Rui e 4
Luísa que constantemente pede, pergunta, diz e volta a
pedir mas que trabalha sempre. O Rui, começa agora a
querer evoluir e, é bem diferente o trabalho que
desenvolve nesta viagem.

. Se bem que a situação, o tempo e o enquadramento 5
sejam muito diferentes, não me lembro de num segundo
ano se desenvolver tanto trabalho como neste, tanto em
quantidade como em qualidade. (*) Sempre que reparo
nisto, penso que dou o devido valor ao que fazem e como
fazem. Frequentemente, mesmo a maior parte das vezes, o

(*) Na altura não podia ainda avaliar, por falta da distância necessária, o importante que tinha sido para a aprendizagem, a introdução destas viagens no currículo da disciplina. Este grupo, tinha beneficiado dessa primeira experiência em Outubro passado, o que lhes trouxe uma evolução incomparavelmente mais rápida e segura, impossível de conseguir de outro modo. Por isso, me espantava na altura ao compará-los com grupos anteriores.

desenho é feito em condições muito más. Vento, sol, calor, mal sentados ou mesmo em pé e cansados, mochila às costas, e por vezes trabalha-se até bem tarde.

28.4.82

9.00 horas

... penso na organização desta segunda viagem que 1
colhe alguma experiência da anterior, mas compreendo
agora que não basta a vontade de fazer as coisas. é
preciso ir até ao fundo delas, organizando ao pormenor
desde a hora de levantar até às refeições e sobretudo
uma definição muito precisa do tempo de trabalho e
objectivos deste. Há muita coisa a repensar e a
remodelar.

Enquanto o grupo não chega, aproveito para 2
escrever algumas notas referentes ao dia de ontem.

As 18.30, depois de termos concluído o apoio ao
trabalho que os alunos iam desenvolvendo, subi com o Zé
Maria e a Margarida à encosta, a norte da aldeia, a
preparar o trabalho para hoje.

Vai-se aos poucos desenvolvendo uma paisagem cada 3
vez mais completa à medida que vamos subindo e olhando
para trás.

Cresce o espaço, e o vale completa-se com a 4
inserção da aldeia, os montes ao fundo, Cidade,
Cidadelhe e, começa a ler-se a posição do rio entre a
paisagem que se azula já para o longe. Pelo caminho
fomos observando e comentando os diferentes aspectos da
vida da aldeia e da região. Aos poucos as mulheres iam
descendo com o gado, e grandes carregos de lenha à
cabeça, pela calçada de grandes lages.

Como ia dizendo, subiamos a longa calçada de 5
grandes lages de granito, marcada pelo trilho das rodas
e, quando eram muito grandes e lisas, havia uns talhes
transversais feitos a ponteiro para os animais não
escorregarem.

Parámos quase no alto da encosta. As mulheres e 6
as crianças que vão descendo indicam-nos o fim do dia

para todos, incluindo os animais que vão também recolher. Os molhos de lenha à cabeça dizem-nos do jantar e do descanso.



é de facto importante para os alunos que estão 1
agora a começar, o ver, o conviver e o coexistir.
Depois, o perguntar e o interrogar, pôr certas
"verdades" em dúvida, ser curioso. Ver, pode muitas
vezes não chegar, pois se não interrogarmos ficamos sem
o porquê, sem a razão.

. Chegaram todos agora. Subimos à mesma encosta 2
onde ontem estivemos a preparar o trabalho. A visita

foi acompanhada por nós, à medida que as coisas iam surgindo, cabendo aos docentes Paisagistas a maior parte do trabalho já que, se tratava das generalidades da vida de uma sociedade rural: a bouça, o prado, a branda, espigueiros, palheiros. A paisagem, vias e transportes, percursos das pessoas na aldeia e desta para os campos, os carros e os animais, tudo foi vastamente comunicado e explicado. Também a delicada questão da água e das regas, sobre a qual interrogamos uma mulher na véspera, foi debatida.

. Depois do almoço, desmontámos o acampamento e 3
seguimos estrada abaixo até aqui, à aldeiazinha de Ermelo, onde agora estou a escrever.

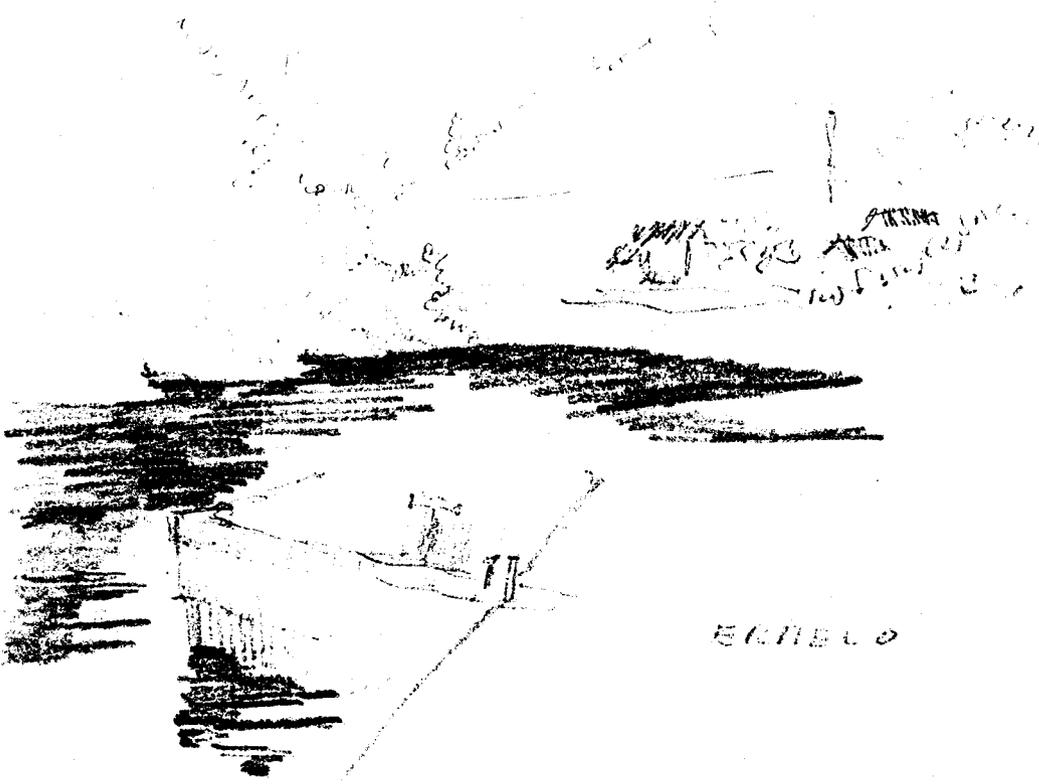
. Fim do dia e ouve-se o rouxinol na outra margem 4
cantando a calma e o anoitecer próximos. A água à minha frente está calma e o reflexo do sol já posto, perdurará ainda por algum tempo. O rio já nada tem daquele leito de pedras lavadas e descoradas pelo sol.

Aqui é largo e calmo e as margens mais suaves, deixam 1
pensar um outro Minho mais Minho e menos agreste que

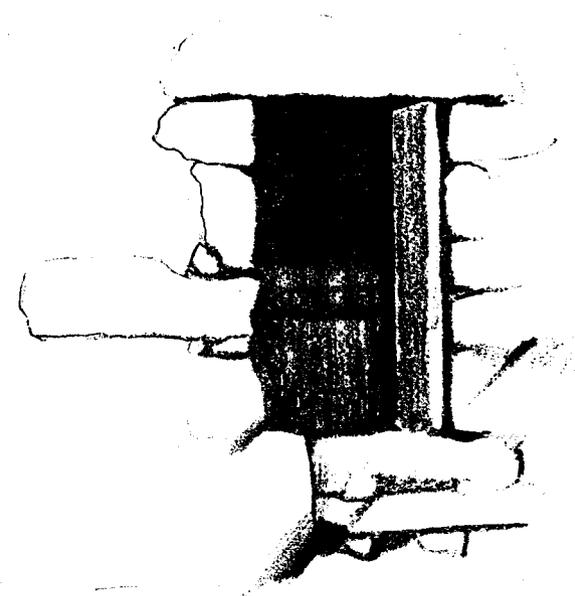
este que temos vindo a conhecer, talvez mais pitoresco,
mas sem a grandiosidade deste. O agreste é grande, o
pitoresco é pequeno.

dia 29 Ermelo belíssimo!

. Hoje, estou eu de serviço à cozinha com a Tereza 2
e o Zé Nuno. Enquanto a Teresa foi ao pão e o Zé Nuno
estava ocupado em não fazer nada, acendi o lume e fiz o
café. Com este companheiro e um cigarro, fui preparando
os púcaros e o resto do pequeno almoço enquanto se
lavavam.

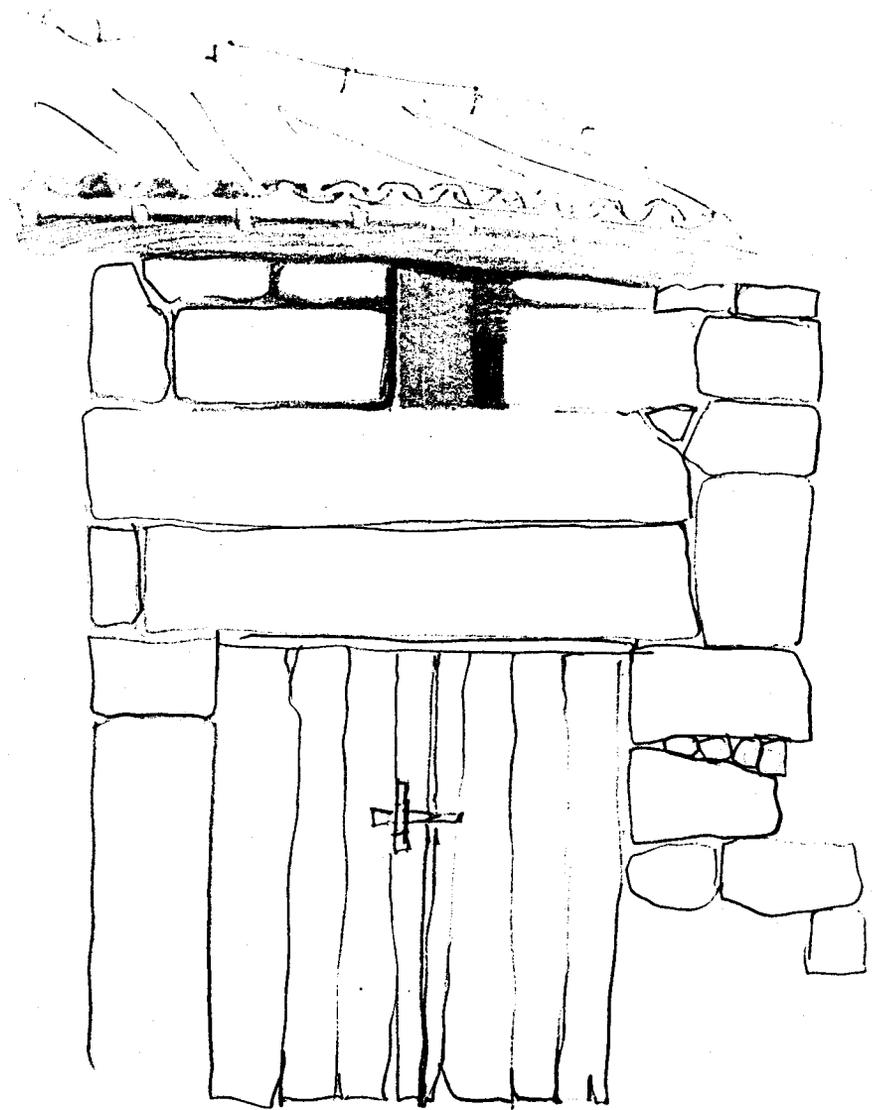
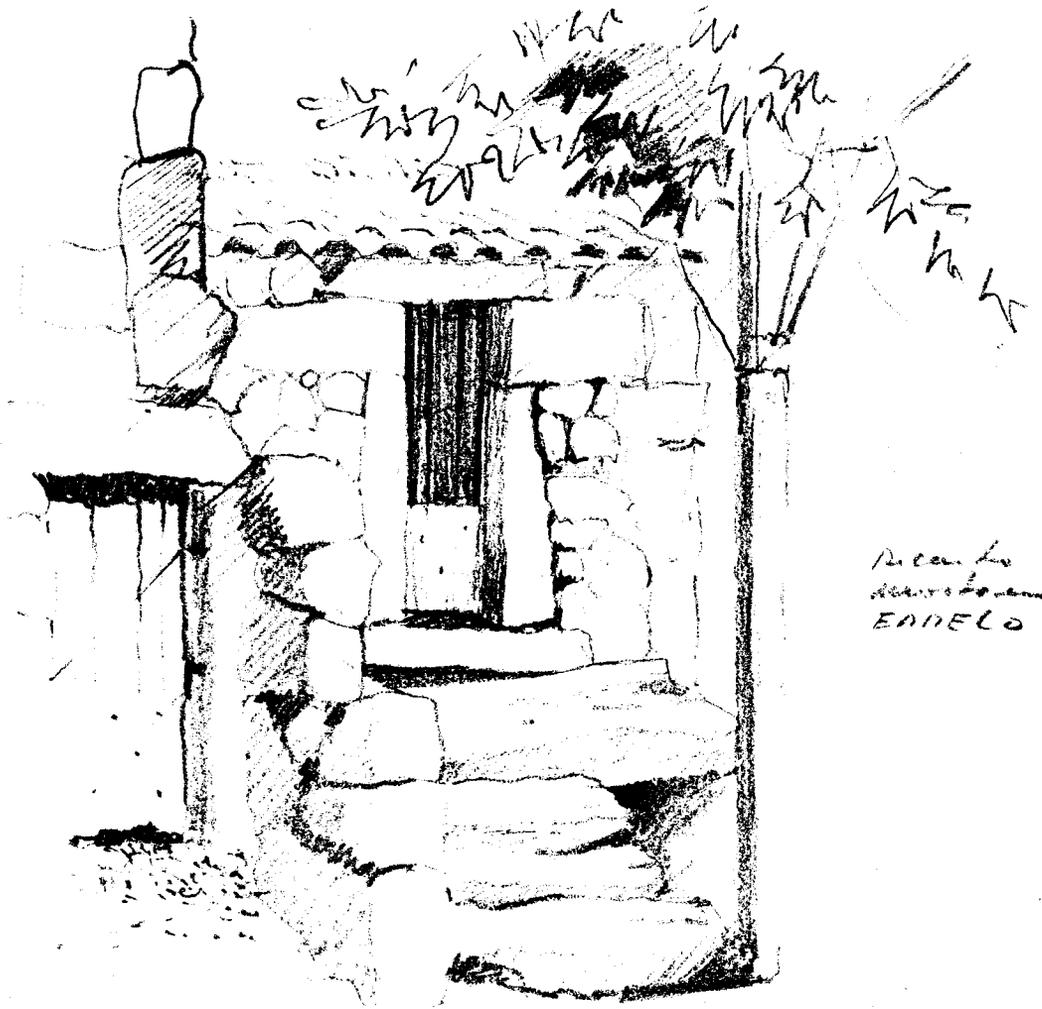


ERMELLO



JANZLO DE
ERMELLO

. Tenho vindo a percorrer o trabalho dos alunos 1
dispersos pela aldeia e a própria aldeia, mas a par
daquilo que para nós é belo, está o fatalismo das
pessoas e do fim provável da aldeia. A degradação, bem



clara já das habitações, caminhos e socalcos,
indica-nos o regresso da paisagem à encosta antiga e
natural. Temos visto, como população, poucos velhos e

raras crianças. Casas abandonadas e muitas outras em ruínas, mais de metade já morto irremediavelmente, nesta aldeia. E ninguém mais regressará a isto. Só nós, e por curiosidade ou saudades. (*)

. Trabalho findo. Ermelo, tem sido para mim o ponto mais rico e interessante. Aqui nos encontramos todos um pouco mais que em qualquer outro sítio, nesta semana de trabalho. O local, a encosta, o rio, as pessoas e a organização da aldeia, o entendimento e a afinidade por esta pequena beleza. Uma certa tristeza ou resignação das pessoas, que me pareceram mais bondosas que as outras que contactámos.

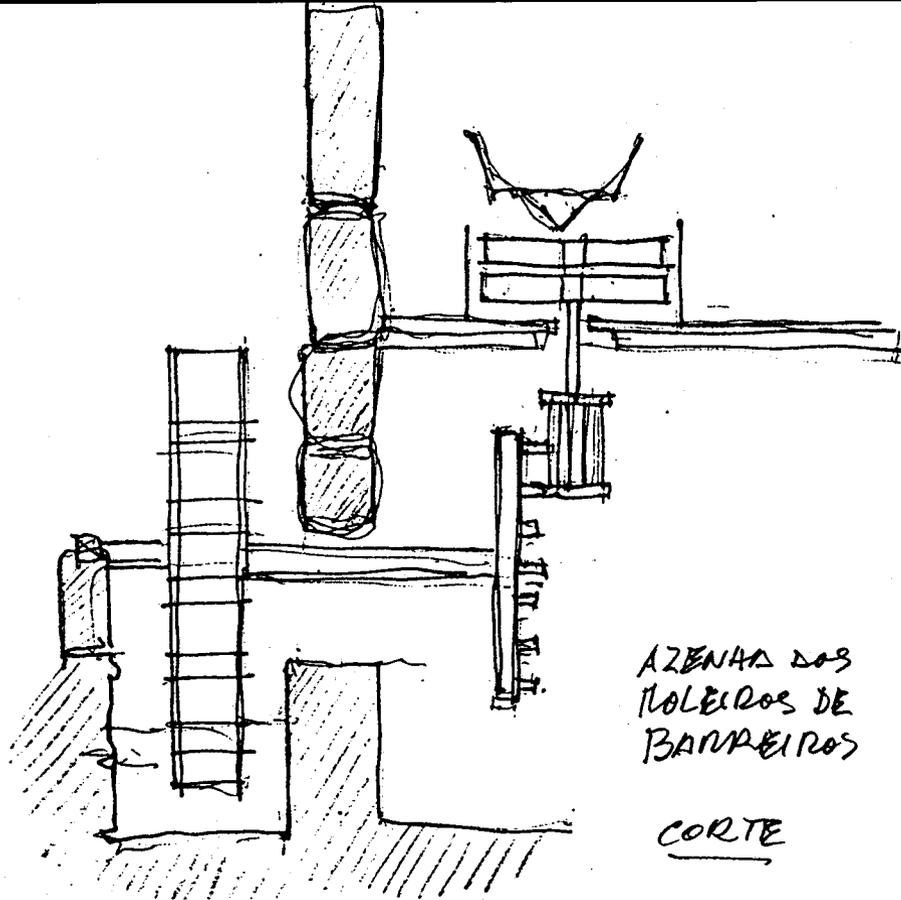
Aldeia e paisagem formam uma intimidade natural, tão íntima e tão harmoniosa que parece terem nascido juntas.

(*) Voltámos em Maio de 1986, não por uma ou outra razão, mas sobretudo para dar a conhecer a outro grupo de alunos um conjunto de aldeias únicas e uma paisagem impressionante. Grande, era também o nosso interesse em rever. No fundo, no fundo, talvez uma ponta de saudade, também.

. Sentei-me há minutos à borda de água para aproveitar a última luz do dia. Queria escrever várias coisas sobre esta viagem e o trabalho que fizemos, coisas que foram acontecendo e passando sem que houvesse tempo de as registar ou pensar sequer. Mas as paisagens vão passando diante dos meus olhos sem que encontre o tempo necessário para olhá-las por dentro, auscultar o que está e é, e assim conseguir compreender algumas coisas que apenas persigo de um modo abstracto.

RIO TUA. Outubro de 1982.

. Dia 7 Azenha dos Moleiros de Barreiros. Primeiro trabalho desta viagem. Paramos e demoramo-nos bastante tempo. A azenha estava a funcionar e o moleiro, pacientemente deu todas as explicações que lhe pedimos. Desenharam a planta, fizeram um corte e pormenores



diversos. Todo o seu funcionamento foi discutido, desde a automatização elementar, aos materiais com que foi construída.

. 12.15 horas. Paramos agora para almoçar e tento escrever alguma coisa. O grupo é muito grande o que dificulta bastante a organização do trabalho e a própria condução da viagem.

Ontem, chegámos à aldeia de Barreiros às 18.30 e chovia, o que é sempre um mau começo. Fomos bem recebidos, não sem certo espanto, e logo um rapaz se prestou a levar-nos ao rio.

O rio corre encaixado. é abundante a vegetação nas margens: sobreiro, azinheira, medronheiro, roseira brava, pilriteiro, giesta, rosmaninho. Junto à água, salgueiro, freixo, amieiro e um ou outro ulmeiro. Também muitos choupos, vinha, oliveira, algum milho. Hera, fetos e grande profusão de plantas que não sei o nome. Uma delas, com certas parecenças com a do tabaco dá uns cachos de bagas roxas como as do sabugueiro. Soube, depois por um casal que encontrei a trabalhar numa horta que antigamente as pessoas da região utilizavam as bagas para fazer tinta para escrever.

. 15.15 horas rio abaixo, vou pensando em preparar melhor o grupo de alunos para estas viagens, isto é: "equipá-los" melhor, para mais facilmente desenvolverem o trabalho proposto, o que implica uma mudança nos

programas ou a modificação do posicionamento das viagens no curso. Há dificuldades a nível de observação, e também a nível de execução (cortes, planta, alçados, proporções, etc.,) sem falar nas dificuldades maiores da paisagem.

• Frequentemente o grupo parte-se ao meio e a longa 1
fila indiana separa-se e perde o contacto.

O vale é agreste e difícil. Grande profusão de rochas, muito mato e um declive das margens muito acentuado.

• É dos sítios em que mais tenho sentido o grande 2
abandono dos campos. Há zonas de vinha que se tornaram um emaranhado bravio, socalcos e socalcos abandonados, noras desfeitas, muros caídos. A ausência do homem, mesmo o desaparecimento de uma cultura rural, são aqui bastante evidentes.

dia 8 de Outubro

. Cachão. Pequena aldeia, branca, quase totalmente 3
abandonada. Nove pessoas ainda resistem longe do mundo, tristes e espantadas connosco. Tão pobres também!

• Conserva ainda uma qualidade arquitectónica 4
surpreendente, edificada num morro sobranceiro ao rio.

Pouco a estudámos, tendo apesar de tudo percorrido os seus espaços; mas a necessidade de abastecimento em Valverde e um percurso ainda longo a fazer até Miradezes impunha o sacrifício de não a visitar. Todos tivemos pena de não permanecermos ali mais tempo, de ver conhecer e trabalhar esta aldeia.

A maior parte das vezes não dispomos de elementos 5
que nos elucidem da qualidade e interesse das aldeias que vamos visitar e por esse motivo a preparação do trabalho em Évora, tem apenas a objectividade possível. Assim, acontecem sacrifícios destes, o que sem dúvida é uma pena.

Paramos no meio da subida para Valverde, 1
explica-se o que possivelmente irão ver. O Zé Maria
resume em tópicos as características das aldeias desta
região, os processos construtivos e organizativos.



dia 9 de Outubro

Estou sózinho de guarda ao acampamento. Foi o 2
grupo todo visitar a aldeia de Miradezes, tendo o Zé
Maria feito primeiro um reconhecimento. Sempre que

possível, devemos preparar estas pequenas visitas, para
que de antemão poderem gerir o trabalho em função do
tempo que dispomos. Por outro lado, o imprevisto é por
vezes o toque mágico de onde germinam o entusiasmo, o
gosto e a criatividade. Digo isto pelo bom ambiente de
trabalho que se gerou ontem quando subimos à aldeia de
Valverde.

O facto de surgir uma variante imprevista e também 3
o termos sido acolhidos por uma população extremamente
simpática e generosa, provocou um ambiente novo entre
todos.

No largo da aldeia, um dos habitantes convidou- 4
nos a provar o vinho e a geropiga e mesmo um pouco de
presunto.

As linguas desataram-se e o grupo descontraíu-se, 5
abrindo-se para o trabalho, para a viagem e para si
próprio.

Um habitante desceu connosco ao rio para nos 6
ensinar o melhor local onde acampar, um homem grande e

glabro que nos foi falando da paisagem, dos costumes,
da agricultura.

Encontrámos uns caçadores de coelhos com quem 1
conversámos enquanto descansávamos. Riram-se perante a
nossa admiração de estarem a caçar a uma terça-feira, e
responderam que ali quem mandava eram as pessoas que lá
viviam. Daqui, cada um tirou as suas conclusões.

RIO PAIVA I - Maio de 1983

dia 2, segunda

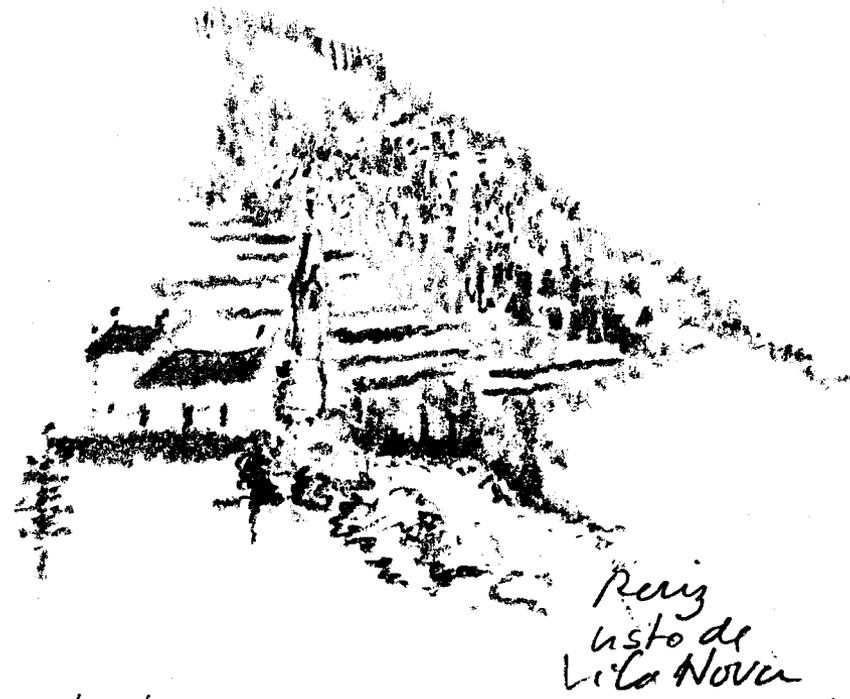
Fim do dia de trabalho. São quase nove horas e há 2
ainda quem à volta do lume dê um geito nos desenhos do
dia. São grandes dias de trabalho, que marcham por si
com o ritmo que cada grupo imprime. Acho-os demasiado
grandes e penso em limitá-los a um número de horas
máximo.

dia 3, terça

Amanhecer chuvoso e triste. Ainda não tivemos 3
outra coisa senão chuva. Mesmo assim, trabalha-se
intensamente.

Porque a chuva era muita, fizemos durante a manhã 4
uma aula/conversa sob o telheiro e à volta do lume.

... humanização da paisagem, zonagem,
compartimentação, agricultura, religiosidade local,
história, nacionalidade (origens e evolução).



... o vale é uma surpresa constante. Enrola-se e 1
desenrola-se permitindo a todo o momento novas
perspectivas. Muito humanizado, dificulta-nos a
paisagem, com a continuidade de socalcos até à água.
Por vezes temos mesmo que voltar atrás e procurar novo
caminho.

... perto de Grijó, acampámos. Mesmo ao lado, a 2
velha ponte a que só resta um arco, mantém-se, como
parte das rochas do rio, da água, das árvores e do
musgo, que a mergulham na encosta, apropriando-se dos
seus restos para sempre.

. Este rio... é rápido, cheio e forte. A noite 3
damos mais pela sua força, que galgando as rochas
protesta como mar rebentando na praia. Não nos deixa
passar a vau e, assim manda um tanto em nós quer de dia
quer de noite...

Disseram-nos que vai ser construída uma barragem. 4
Que lástima!

. Falámos disto, eu e alguns alunos que seguíamos 5
juntos ao longo do rio, vivendo aquele tumulto de águas
e rochas.

Mais acima, quando levantávamos os olhos, os 6
montes pesavam de côr. Nos altos redondos, o amarelo
espesso do tojo, os verdes muito claros do centeio nos
socalcos, em linhas finas e direitas, nada perdendo da
terra preciosamente cavada. A mata, de pinheiros,
galgando boa parte das encostas faz, por contraste,
parecerem ainda mais belos os poucos carvalhos que de
vez em quando aparecem. Estranha, surge a urze em
grandes manchas roxas e, a paisagem funda move-se, muda
e acrescenta-se continuamente, para lá de cada ribeiro,
de cada curva do rio.

Há sempre mais um monte no horizonte, numa 7
sucessiva refração de azuis esfumados, numa
profundidade aquática.

Para perceber é preciso parar. Há demasiado. 8
Espaço, luz e movimentação das formas. Se andamos a
paisagem contorce-se lentamente e remete-nos para

sucessivas articulações, que vão gerando espaços e cores repentinas. Se paramos e olhamos, recomeça a sensação de não conseguirmos reter e compreender toda a imensidão da natureza.

Altera-se a luz, altera-se o espaço, altera-se a forma e é todo o grande vale que se desenvolve por ondas que se vão acumulando lá no fundo, no grande enfiamento que caminha para os azuis secretos.

. Gosto do rio e da sua proximidade. Sento-me no muro de um socalco ao último sol da tarde...Hoje será diferente. Há rio e sol.

día 4, quarta-feira

Até à aldeia de Grijó, se fará o trabalho da manhã. Chamo a atenção para a grande paisagem onde estamos e para o corte violento que a nova ponte introduz neste vale...

Falo na utilidade das técnicas, do localismo e evidentemente de Orlando Ribeiro. "Atitude e explicação em Geografia Humana" é daqueles livrinhos que leio,

releio e recomendo. É um pequeno livro onde muito se "vê".

. Vou falando das proporções, fazendo ver as linhas dominantes, rio ponte, horizonte, destacando a estrutura desta paisagem difícil e dobrada.

. Vamos subindo o estreito caminho; de um lado pinhal, do outro socalcos e o vale da ribeira de Covelinhas onde ficam as aldeias de Sto Estevão, Covelinhas e Grijó.

Peço-lhes para pararem e olharem para Grijó que aparece instalada num pequeno cabeço dominando o vale.

... uma primeira aproximação, desenhando a grande paisagem destacando a aldeia e o conjunto dos socalcos, como um suporte que se articula encosta abaixo.

. Vou filmando aqui e ali, os desenhos que vão construindo e tento depois referenciá-los à paisagem, sempre na esperança... talvez daquilo que sempre sinto que me escapa. A paisagem é um mundo.

. Ando cá e lá, mudando constantemente de temas, 1
de problemas, de expressões gráficas e sobretudo
tentando encaixar-me na personalidade de cada um...

Estar atento a tudo isto, um dia inteiro, esgota e 2
por vezes inutiliza a capacidade crítica.

... quase duas horas, quando chegámos à aldeia.
Levámos toda a manhã a fazer 800 metros de caminho,
mas fizemos um trabalho estruturado e com um objectivo:
reconhecer e observar passo a passo, a aldeia e o
espaço em que cresceu.

Quando entrámos na aldeia havia já uma compreensão 3
da sua posição na paisagem e mesmo da sua organização.

Retomámos o trabalho depois do almoço iniciando 4
uma nova aproximação, ainda mais restrita, ... que
enquadrava em último plano a "casa grande".

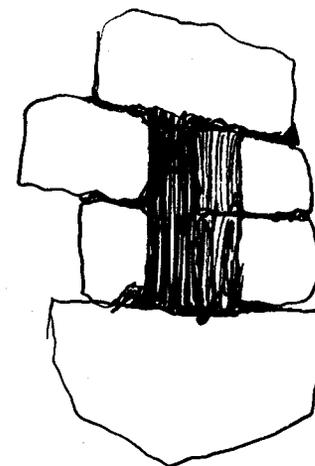
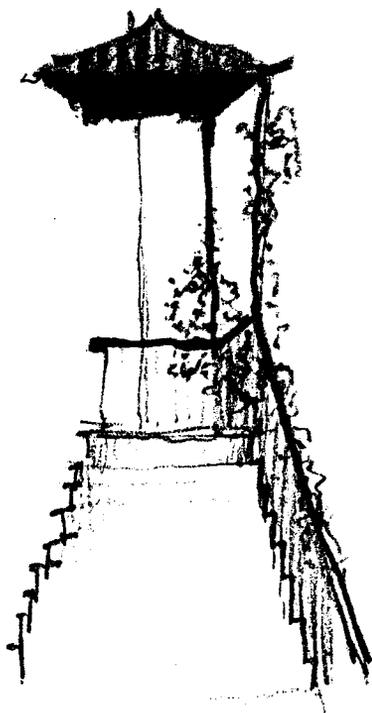
Mergulha-se depois na aldeia. Encontramos aí, as 5
sensações, a vida das pessoas, as ruas com lama e
estrupe dentro da sua estreiteza, tão estreitas como
curtos os horizontes das pessoas que aí vivem.



Pobreza, ausência, distância; e que longe nós 6
estamos! Que espaço, que tempo tão grande entre nós e

eles. O linho. o vinho e a casa grande, o estrume e as pedras das casas, os portais, os velhos e a Rosa tonta, tudo tão antes, tão para lá de uma actualidade, tão parado no tempo! Poderíamos recuar dois séculos que a imagem nem tremia. Agora apenas mais calada, com mais tempo e cada vez mais só.

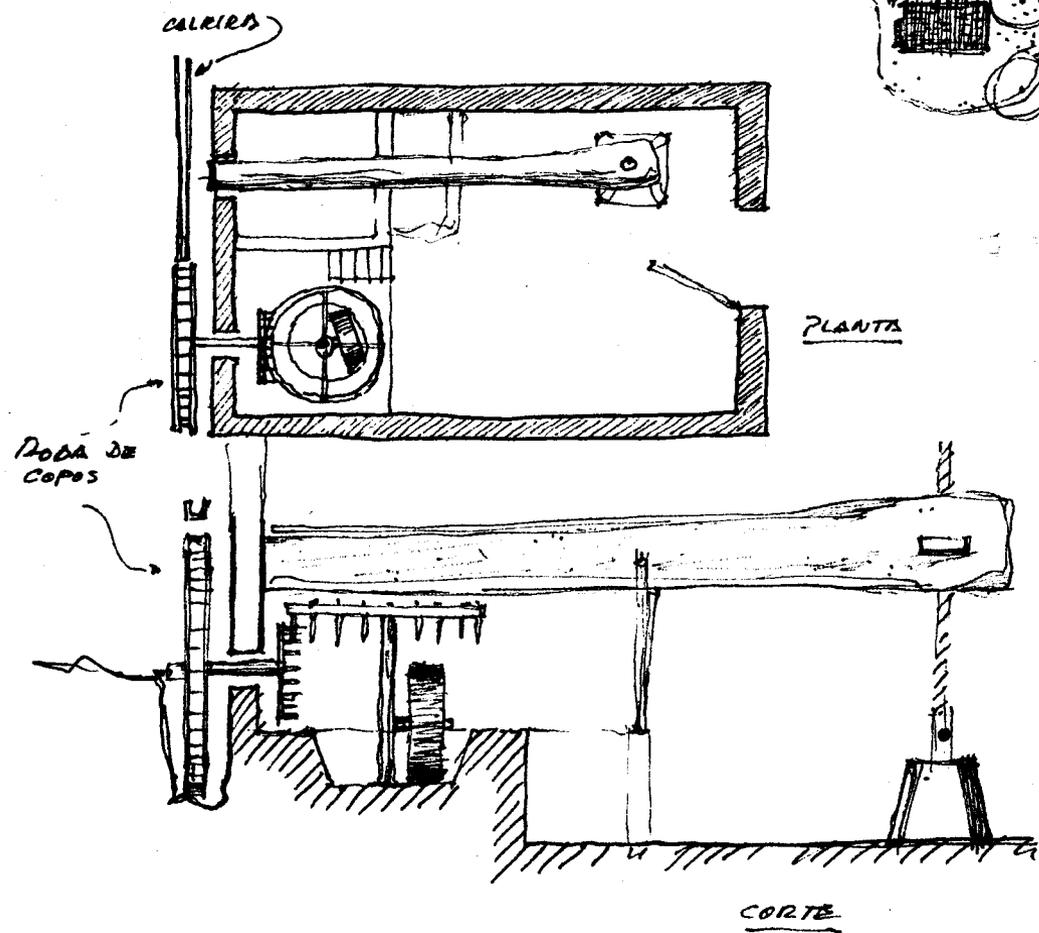
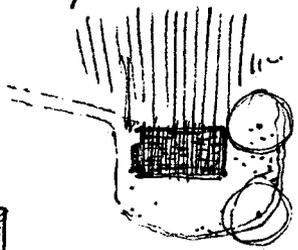
Na Casa Grande, há um alpendre coberto de 1 glicínias que, ao abandono adornam as grades como querem.



Trabalhámos ali, à tarde avançada, sob o 2 suavíssimo aroma sombrio, onde pela frescura húmida mais se liberta.



em madeira. As ~~ruínas~~ ^{ruínas} ~~ruínas~~ ^{ruínas} recebem
 este movimento e giram ^{verticalmente} dentro da taca
 de granito ~~mantida~~ ^{suavemente} a
 azitona que depois passa à grande
 prensa que está ao lado



Roda de copos para pequenos canchais, folhetos
 de canchais de umontaça muito sabidos
 e de grande dimensão.

Já o fim do dia. Vimos o lagar por dentro e cá 1
 fora, sentados em roda, falámos por mais de uma hora de
 aspectos vários da cultura daquele povo. Hábitos,
 técnicas, agricultura, religião, descentralização e
 regionalização e, por fim, morte ou progresso de uma
 aldeia. O curso e a profissão de arquitecto paisagista,
 um futuro próximo...

20.00 horas, ESTER

Fomos, estrada abaixo, procurando as vistas do 2
 vale, lá bastante no fundo e que de manhã havíamos
 deixado.

Apareciam os restos do poente e, caindo pelos 3
 montes de tojo e urze, descia lentamente o nevoeiro,
 quase escorrendo...

... uma visão espantosa da aldeia de Ester, dos
 campinhos que a rodeiam, depois o rio e ao fundo os
 grandes montes redondos com a aldeia de Avó encaixada
 na encosta, de tons carregados pela luz e pelos matos.
 Ficámos um tanto deslumbrados com a dimensão e a côr

desta paisagem... muito pela luz, pela cor e pela hora do dia e pelo contraste violento de um sol brilhante no final da chuva. (*)

dia 6, Sexta feira

Estava um dia a que chamarei meigo, por não encontrar outra forma de o exprimir, na luz, na temperatura, no ar. Sentei-me num muro de xisto, quente, a descansar e a olhar o rio. Do alto via o acampamento entre as árvores e para o fundo o vale torcia-se entre montes e quebras acompanhado de árvores à beira rio.

Voltei ao largo, depois, e encontrei a Francisca e a Lili acabadas de almoçar em casa de uma senhora da aldeia que achou que as pobres andavam em grandes sacrifícios. Assim se vai atenuando a dureza da viagem.

Abrandava o dia estabelecendo-se a calma das coisas que vão parando. Algumas nuvens variavam a luz do sol já baixo e recolocava o vale numa nova

(*) Na viagem ao Paiva II em 1986 esta mesma paisagem motivou o EXERCÍCIO DE VER A PAISAGEM v. pag...

aparência. Fomos seguindo a estrada até ao vale pequenino e barroco que desce para o Paiva.

Sentámo-nos no muro olhando aquela pequenez; a arrumação dos socalcos, dos caminhos e da vegetação que só poderia ser aquela, como a única, com o máximo de equilíbrio. Nada apetecia modificar. Ele nascia de um rigoroso compromisso entre o homem e a terra, tão antigo e tão estabelecido que permanecia uma crença.

Continuámos pela estrada até encontrar um espaço entre os pinheiros que nos colocava sobre a aldeia. Dali compreendia-se. Líamos a vida desta região; os campos, os socalcos, as casas e os telhados de xisto, o rio e os montes.

Lentamente baixava a luz e as cores iam morrendo. Dirigimo-nos para a aldeia descendo o caminho pedregoso ladeado de muros. Atravessámos o largo e enfiámos pelo caminho que vai dar ao rio. Muito, muito verde e sombra. Por sobre o muro vemos de quando em quando

aparecer um pouco de rio. Virámos à direita deixando o caminho e de súbito aparece o prado e o rio em toda a largueza da paisagem.

RIO DÃO I - OUTUBRO 1983

Dia 8 . Trabalhamos no moinho do Gramboa. Uns de um lado, outros do outro do açude, cada um escolhe o ângulo que mais lhe interessa.

... vou insistindo nos contrastes, na luz, no claro escuro. O Vieira muito atento vai construindo o seu desenho, de uma observação cuidada, como tem vindo a fazer no 1º e 2º semestres.

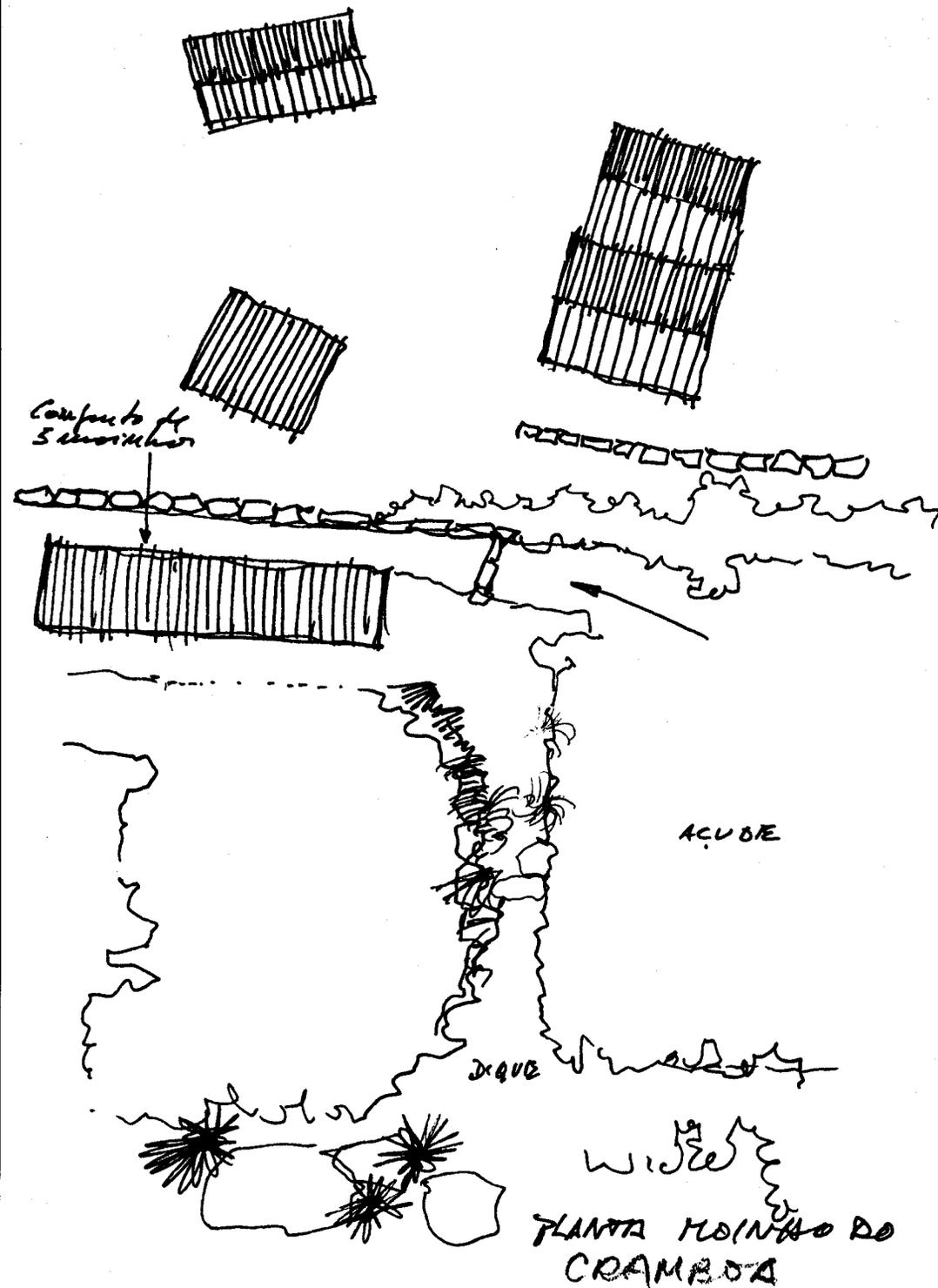
Há dificuldades na representação da água. Mostro ao André a horizontalidade e a verticalidade dos reflexos e sugiro que as utilize no desenho.

. Medito sobre o que será esta viagem para cada um deles. Que pensarão de nós quando os levamos uma semana

para uma viagem de estudo deste tipo? Quanto de insólito não terá isto para alguns deles?

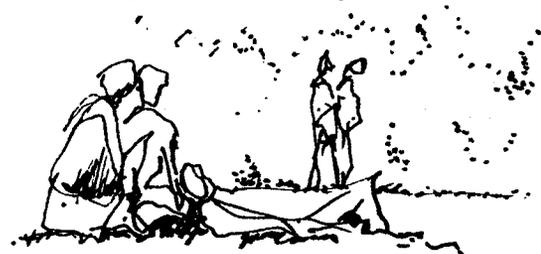
Aqui sentado vejo-os descontraídos. Uns desenham, outros dormem ou conversam, nesta pausa depois do almoço. Vou olhando e tentando perceber as pessoas, mas só consigo ver um grupo bem disposto.





1 . Está quente, quase verão e o caudal do rio acusa esta longuíssima estiagem. A constância de diques leva a que raramente vejamos o rio correr. A água toma o aspecto estagnado dos charcos.

2 E assim se perde neste rio Dão, o essencial da vida: o correr da água. Este vale, tem um ar estático, não só pela ausência de movimento da água mas também por uma paisagem abandonada e em transformação.

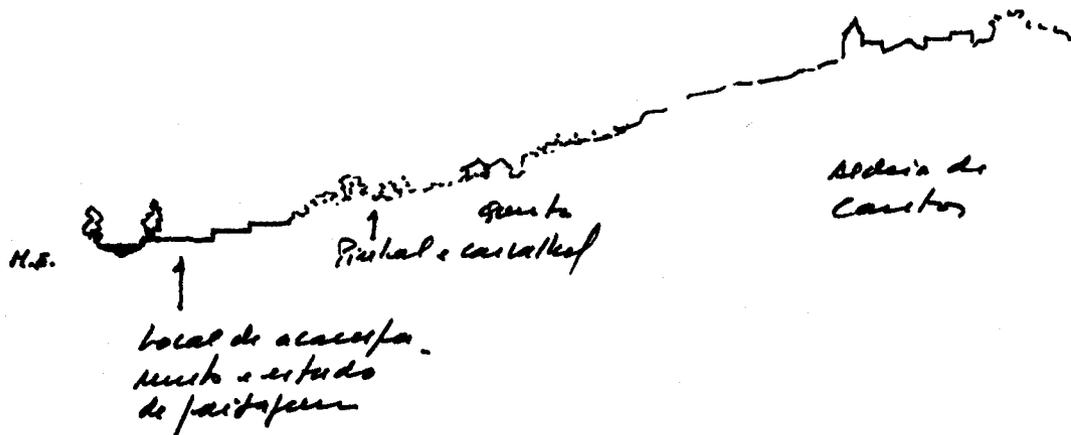


Descanso à hora do almoço

3 . Cinco horas. A paisagem é-lhes explicada primeiro, a fim de evidenciar as suas características, estrutura, e cor.

4 Todos se sentam desenhando. A paisagem é difícil, larga e irregular. Constantemente chamamos a atenção para os seus aspectos dominantes, para que se não percam na observação. Faço um grande esboço num papel, diante

A pastagem é-lhe explorada firmemente



a fim de evidenciar as suas características, estrutura, cor etc.

Tudo se tenta descrever. A pastagem é difícil, larga e irregular. Constantemente chamamos a atenção para os seus aspectos



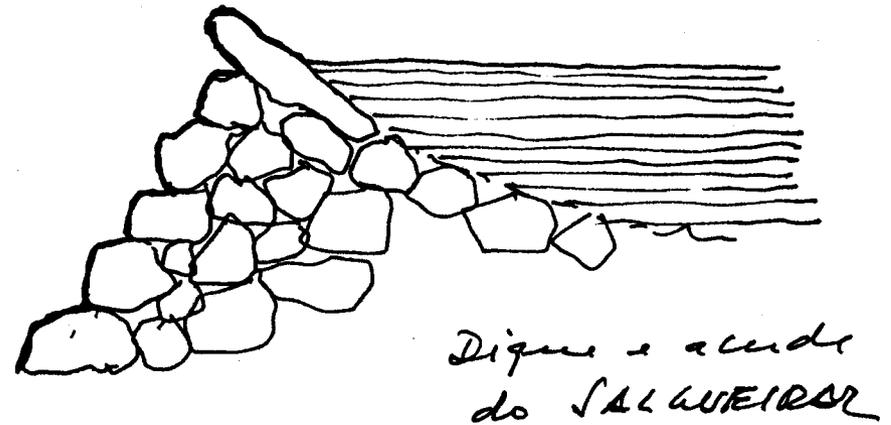
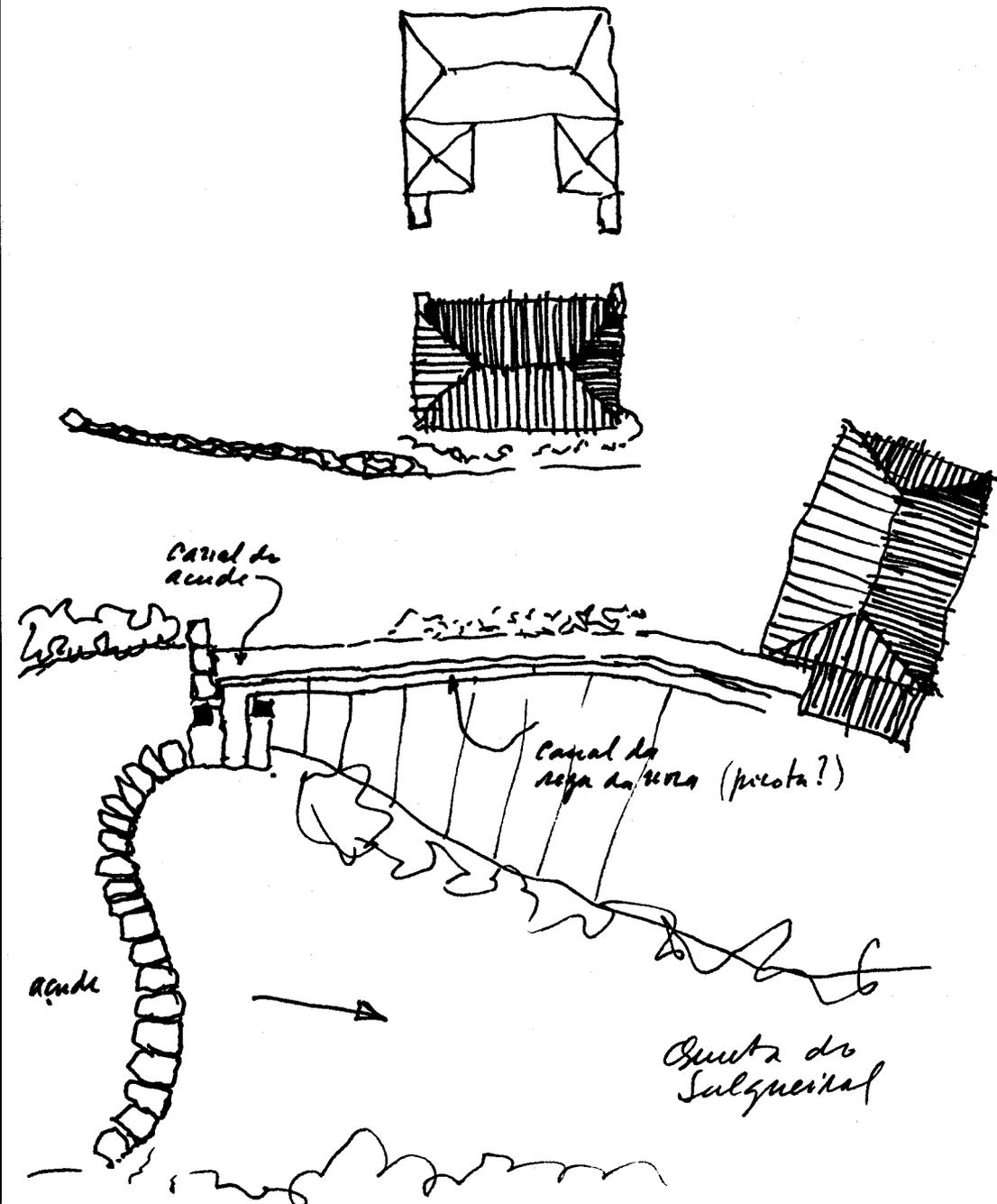
deles, em linhas fortes sintetizando o essencial, como melhor explicação que a palavra. Mais, um "como ver", do que um "como desenhar".



Dia 9

Quase toda a manhã trabalhamos na Qta do 1 Salgueiral. Vistas, plantas, cortes, num trabalho quase exaustivo, tentando compreender a organização e funções deste espaço semi-abandonado.

... talvez saudades destes fetos verdes, e a impossibilidade de transmitir todas as sensações que eles me trazem, talvez o cheiro do pinhal, o aroma da rezina, o ar bravo que estas coisas têm e que me colocam em outros sítios, em muitos outros e anteriores momentos.

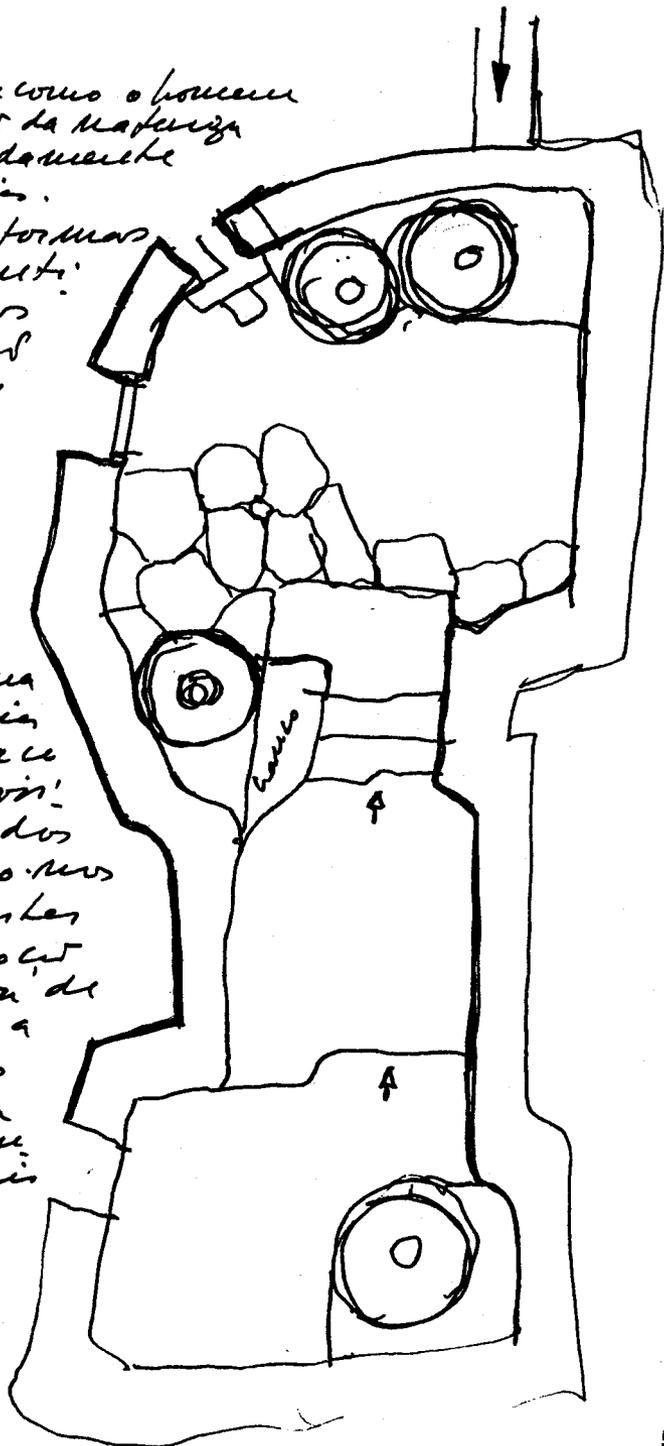


Um belo exemplo de como o homem aproveita a sugestão da natureza e a utiliza na forma da maneira com toda a inteligência.

Os desníveis e as formas dos espaços são mantidos e re-utilizados em diferente função.

A irregularidade do espaço e da colocação das mãos reflecte o aproveitamento estratégico numa antevista de função.

O resultado é uma espantosa harmonia das coisas, do espaço interior, da disposição das formas e dos objectos e dobramo-nos perante a arte destes construtores, a mais rigorosa e criativa de uma natureza e a intuição certa no lugar certo. Uma puríssima sapiência de bem construir.



Dia 10

... Um belo exemplo de moinho e de como o homem 1 aproveita a sugestão da natureza e a utiliza integradamente com toda a subtileza.

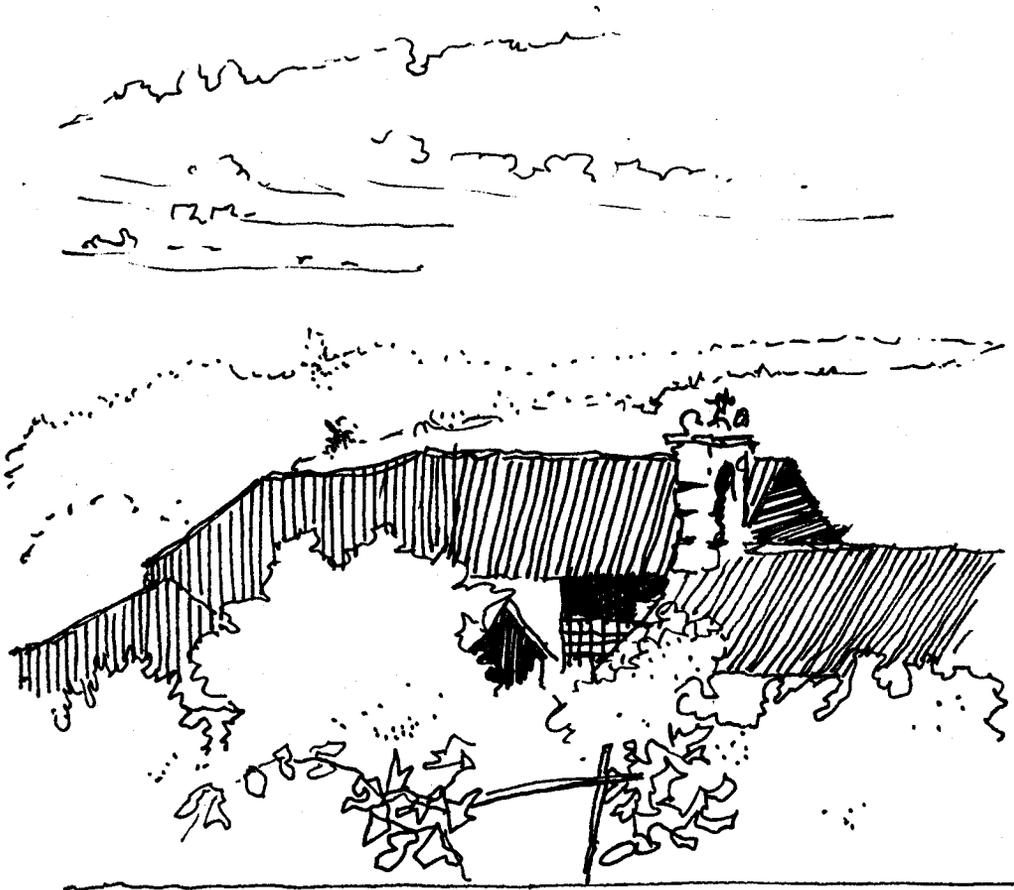
Os desníveis e as formas dos espaços naturais são 2 mantidos e re-utilizados em diferente função. A irregularidade do espaço e da colocação das mãos reflecte o aproveitamento estratégico numa antevista de funções.

O resultado é uma espantosa harmonia das coisas, 3 do espaço interior, da disposição das formas e dos objectos, e dobramo-nos perante a arte destes construtores. Uma puríssima sapiência de bem construir. Uma intuição perfeita.

Quem escolheu este local e construiu, tinha 4 concerteza um grande amor pela natureza deste vale. E conhecia-o bem.

Dia 12, Lisei, quatro da tarde

Estou sentado no muro de uma rua à espera que a 5



*Quinta do Norte das Águas Santas. Aqui
acampamos uma noite. Quando despissem
receberam-nos acerbamente como sempre
e deram-nos um punco de todo, comer, li-*

desconfiança das pessoas se atenua para que me deixem
telefonar. Sózinho e, de mochila às costas não é uma
boa apresentação numa aldeia.

A mulher tem medo de mim e quer que eu espere pelo 1
marido, que anda nem se sabe onde. Entretanto vai
tratando de estender as maçarocas ao sol. E merece a
pena registar o seu chamamento: "Anda cá, que está aqui
um senhor à tua espera, tristeza do mundo! Tristeza!!
Tanto faz chamá-lo como não!" E responde ele de longe
"vai à ...!"

De novo o chamou e explicou que tinha que vir por 2
causa do telefone.

Lisei está numa concha da encosta, virada a sul e 3
como o tempo continua ameno, agora é uma daquelas
tardes calmas para olhar e estar.

A casa do telefone, à borda da estrada pertence 4
pouco a esta aldeia. Tem um alpendre com duas colunas
de granito onde se enrosca uma profusão de glicínias em
flor.

Subi a escada, e apoiado ao peitoral vejo o rio e 5
o vale, esperando que a "tristeza do mundo" resolva
atender-me.



*A casa do
Telefone em
Lí'ca*

MONSANTO I- Maio de 1984

26, Sábado 18.30

... à beira do Ponsul

Gosto da região, gosto da cor e da forma da paisagem. É pena quase não haver sol o que diminui a força da cor...

... o que domina são os diversos tons de verde dos

campos de cereal que principiam a amadurecer, dos montados escuros e dos olivais mais claros...

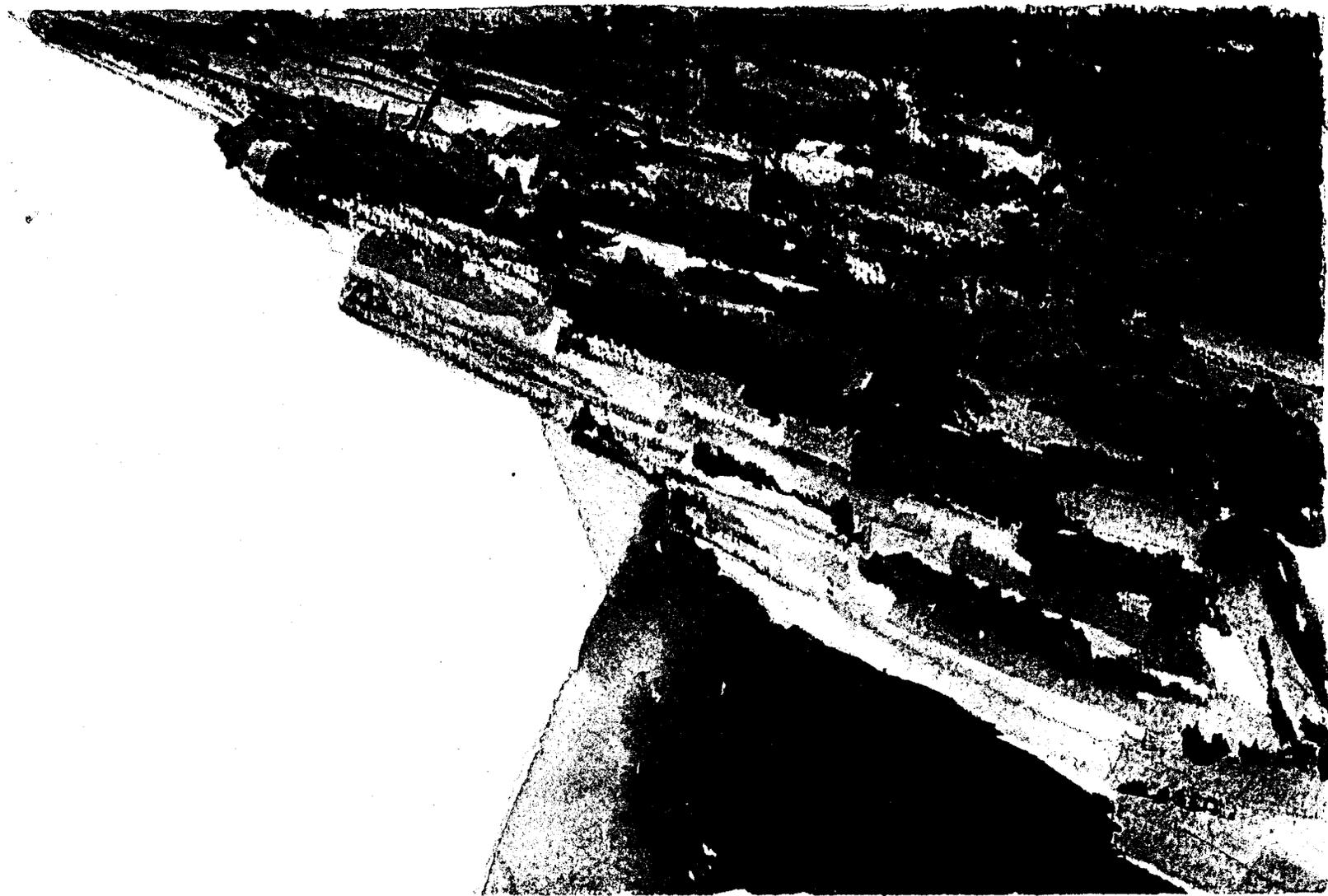
Num laranjal trabalha um casal de velhos que me lembrou Ermelo... aldeia quase morta, do para quê e do porquê de tantas coisas que nos ocorriam sobre o estar e o viver naquela aldeia, sobre o "conservar" e "proteger" a todo o custo, mesmo transformando as coisas em museus.

Também outras aldeias: Ester, Grijó, Cachão, Chelas e várias outras onde temos ido...

27, Domingo, 7 horas

... acendi o lume, e fui buscar água. Apenas o rio corria, sózinho, na estreita paisagem. Alguns rouxinóis e as rãs. Ninguém, mais.

... Luz rasante e o pequeno vale em sombra ainda, tranquilíssimo. Repenso, a paisagem. Que é que nos encanta? Que coisa é necessário compreender? A luz, certamente, a luz que é a poesia. E que mais? Que outros segredos permanecem por alcançar?



O Pentacas de Punta Gascia



Dagur de hringi, Þetta átti
þessi eini umhverfi og þetta
áður en árið 1900.
Tá þá þau höfðu þetta þetta
þetta áður, þetta áður þetta
þetta áður þetta þetta.

Paula Garcia
84

28, Segunda

... paisagem que se quer olhada e amada. Nem nunca 1
poderá perceber-se o que se não ama. Será não mais do
que olhar pela copa das árvores, sem ver onde e como
estão colocadas no espaço e, tudo quanto é côr de prado
e flores, searas e terra lavrada, cabeços em largo
movimento, sequentes dobras, de sombras e luz, que tudo

se movimenta a cada passo, tudo isto, dizia, não poderá
perceber-se, se não se amar.

E amar, é estar atento, ouvir, querer. Amar a 2
paisagem é viajá-la com os olhos e o coração...

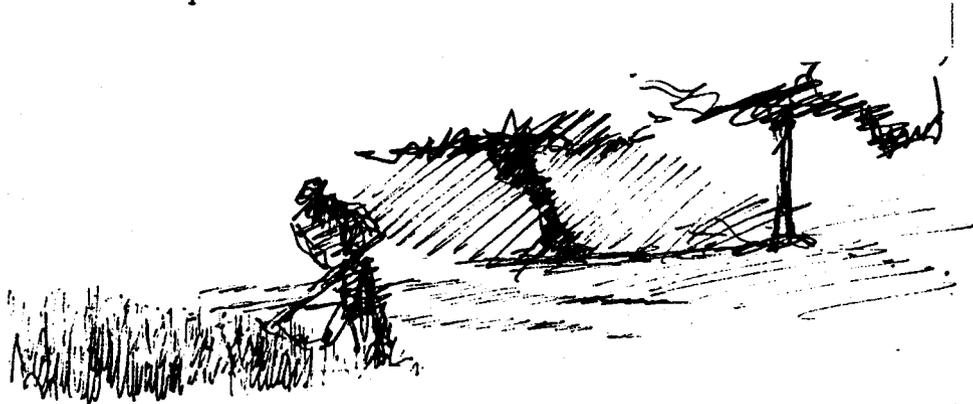
A paisagem aqui é côr e grandes espaços. Estas as 3
suas virtudes e por elas é necessário olhar-se e não
pelas que se procuram numa carta topográfica ou se
trouxe decorada dos livros...



*De Pereira Garcia a Rosário pelo
Rio Paraíba*

13.15. Parados em Lugar de Maria Martins ... 1

esperamos na única rua da aldeia com muito de Alentejo e outro tanto de Beira. Enormes sobreiros em flor... enchem toda a paisagem. À minha frente um homem ceifa uma pequena seara e talvez que a sua paisagem se reduza a este campinho.



A primeira visita a Monsanto... deixou-me 2 sobretudo a paisagem que a envolve... a vista para o exterior... a luz e o espaço que se sente para fora. O horizonte é longo e o verde imenso. Visitei toda a aldeia... mais o espaço, que as pedras, mais a luz que as casas, mais sentir que memorizar as coisas.

29, Terça, Lugar de Maria Martins

... sol e nuvens, de modo que as cores da encosta 3 variam constantemente. Ora tudo verde azulado, ora o sol aparece e as copas dos sobreiros com a flor de que estão cheios, ficam quase ocre, o mato verdíssimo, enquanto o granito azulado se torna a memória mais antiga da paisagem.

... um burro pasta a alguns metros de mim. De vez 4 em quando levanta a cabeça e olha-me pensativo. Olhamos os dois. Eu escrevo, ele come.

Chega agora uma velhota... a dona do burro e da 5 terra em que estamos acampados.

Lá foi meia hora de conversa, sobre os filhos, a 6 burra e a terra que já ninguém trabalha, do poço que abriu e da nora que comprou para regar a horta. Oitenta e sete anos, oito filhas e um filho que foi o único que ficou na aldeia a trabalhar. Agora sobram terras e falta pão e, afinal, diz a velha, para que foi tudo isto se já ninguém quer?

Muda o tempo muda a paisagem, Assim que o homem 1
larga a terra a natureza repõe a sua vontade. Em ponto
pequeno o que aqui se passa é o que se passa com a
paisagem. E já vimos isto no rio Coa, nas encostas de
socalcos, abandonadas que se cobrem de carvalhal e
mato, no Tua, no Lima, um pouco por toda a parte. Em
poucos anos as obras do homem desaparecem sob a
indiferença da natureza. Nada lhe interessa se o homem
armou as encostas, construiu diques, abateu o mato. Em
parando, a natureza recomeça. Como se nada se tivesse
passado, apenas um mínimo intervalo no seu tempo, um
momento.

30, quarta

Não consigo escrever tudo. Nem o que penso, nem o 2
que vejo. É impossível, no pouco tempo que disponho,
entre a orientação dos trabalhos e tarefas várias da
viagem... e a obrigação que me imponho de desenhar e
pintar. O ensino do desenho - se é que o desenho se
ensina - obriga *sem dúvida* a que antes de mais se saiba

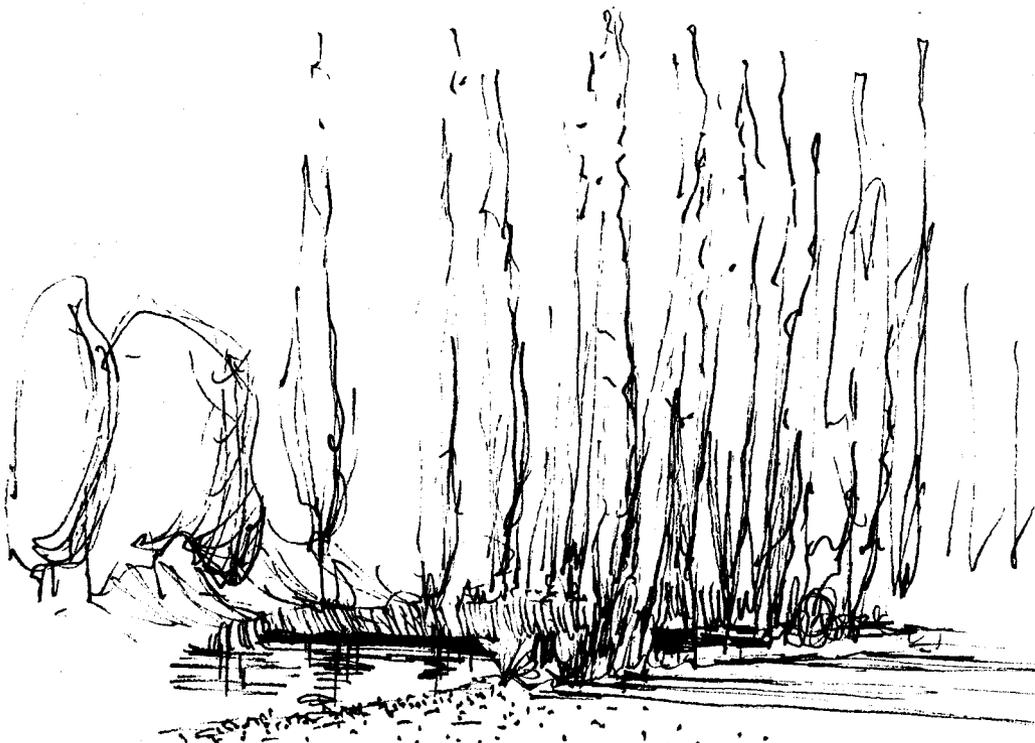
desenhar. Sem isto não há desenho, nem ensino, nem
alunos.

Desenhar, é o meu exercício, a preparação de 3
aulas, a evolução necessária... Desenhar é pensar as
coisas, e arrumar os pensamentos. É conhecer a vida e
poder comunicá-la depois. Se eu não a souber, que
saberei dizer? Se não souber desenhar que poderei dizer
do desenho? Se não conhecer a paisagem, se não a amar,
como poderei levar um aluno a conhecê-la e amá-la
também?

Porque a verdade é que não creio que se possa 4
criar sem amar aquilo que se cria, o que implica
primeiro, gostar de nós próprios e daquilo que aos
poucos construímos em nós, neste caso o poder criador
da linha.

31, quinta.

Entrámos em Idanha... e viemos acampar junto ao 5
rio, à sombra dos choupos.



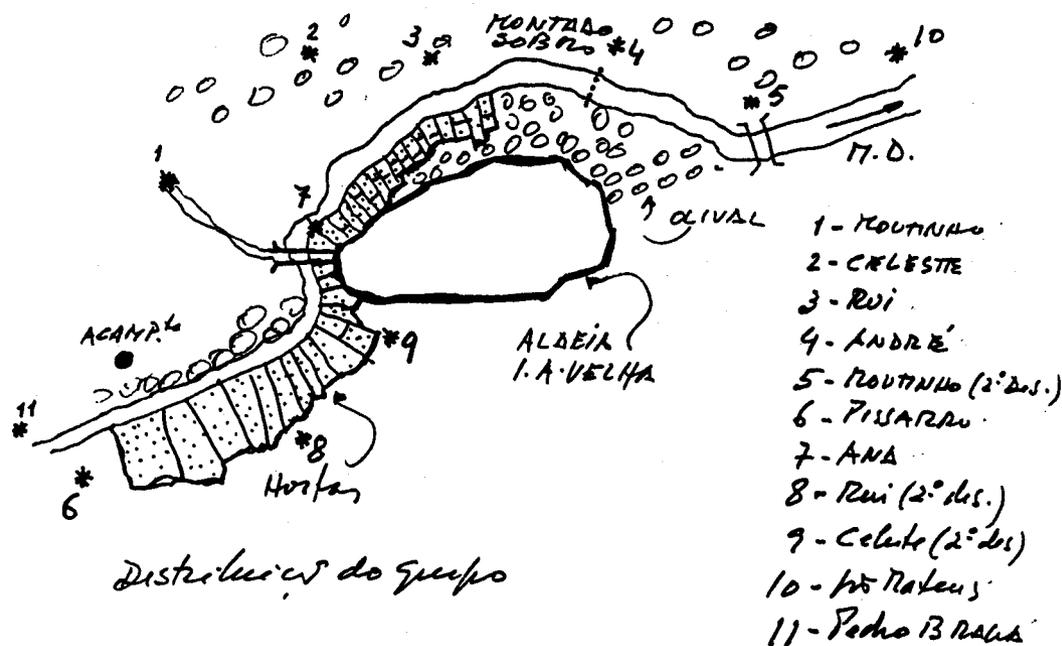
Choupin do Povoal

Hoje fiquei encarregado de orientar a envolvência 1 da aldeia com um grupo de oito alunos: Celeste, Rui, Pissarro, Ana, Moutinho, Pedro, André e Guida.

Os outros dois grupos completavam o envolvimento da aldeia pela margem direita.

Fui-os distribuindo pelos cabeços na margem do 2 rio, cobrindo metade da envolvência ao longo de uma linha com cerca de quilómetro e meio, o que presuppõe um

esforço grande de orientação e acompanhamento. Para cada um oriento logo o trabalho e como é de grande paisagem, insisto que compreendam muito bem as principais linhas que a estruturam.



De tarde recomeçou o mesmo trabalho na zona das 3 hortas, tentando sempre relacioná-las visualmente com a aldeia, coordenadamente com as decisões do Zé Maria.

2, de Junho, Sábado

... avaliação do trabalho, todos em conjunto.

Não há dúvida... que temos de colocar cada aluno no sítio que interessa estudar, explicar o que se pretende alcançar e como deve abordar o estudo. Nunca o deixar gratuitamente solto e desenquadrado a desenhar qualquer coisa que depois apresenta para ser avaliado.

Claro que esta colocação de cada um numa extensão tão grande dá um trabalho imenso que redobra depois com o acompanhamento. Parti do acampamento com o grupo e cada sítio era escolhido também em função das possibilidades do aluno.

Explicava-lhe a paisagem destacando as características importantes e aquilo que de facto a definia. Sempre a estrutura que a sustenta, como o essencial a compreender e, por vezes, esbocei mesmo aquilo que estava a explicar...

... quando expuseram o trabalho feito confirmou-se que valera a pena todo o imenso trabalho de acompanhamento e orientação... explicar a forma,

movimento e estrutura da paisagem visual e cultural que cada um devia compreender e comunicar. Levá-los a construir o desenho a partir da linha estrutural que sempre podemos observar nos limites de cada área, zona ou mancha que se identificam com a construção e implantação da aldeia, linha do rio, zona de hortas, olival, montado, campos de cereal, linha do horizonte e Monsanto sempre ao fundo.

Sempre mostrar as coisas. Há modos de ver e há também o esquecimento de ver. É preciso começar por saber ver e lembrarmo-nos de ver. Demonstrar as coisas, ver por dentro e compreender o que se passa para além da simples aparência do que vimos, e que permanece oculto.

Há os sentimentos, há a ambiência, uma sensação, luz, aroma, côr e tudo, tudo o que cabe numa paisagem, de natureza e vida humana.

Esta paisagem é quente, é afável. Esta paisagem é cheia de formas e suavidade em largas ondulações e contradiz-se por vezes com as repentinas elevações de

Monsanto e Penha Garcia... Do alto delas emocionamo-nos com os tons macios das searas ou dos pastos muito pobres e toda a côr vai, e vem, entre ocres e verdes que se misturam em infindas gradações. Mesmo as elevações rochosas permanecem dentro do verde mais azulado pela distância. Belíssima a escarpa de xisto na encosta da Lapa que pinteí. Não a que pinteí, mas a que vi e lá continua...

Parte do Alentejo penetra fortemente em cor e 1
espaço por esta Beira Baixa que unicamente se "escreve"
pelas pessoas e pelas casas que construíram. Tudo o
mais é do Sul, mesmo a possibilidade de bem querer
este largo sítio, como coisa já antiga em mim.

Somos, pertencemos àquilo que amamos e não 2
necessariamente onde nascemos ou nos ensinaram. Apenas
conta a vida que é amada... porque só isso se torna
vida vivida...

Voltando à viagem e ao trabalho que fizemos, 3
verifiquei durante a exposição final um franco

desenvolvimento em cada um deles mais visível no
Pissarro, na Ana, André, João Mateus, Vieira, Cristina
Martins, Rui, Pedro, Nelson, Cristina Cardoso...

... uma observação e criatividade muito
adiantadas, alguns mesmo de excelente qualidade e
originalidade.

... caso que me surpreendeu... foi o Rui. Era um
recanto difícil de horta, no meio de olival e ao fundo
a ponte de acesso à aldeia. Tinha que ser desenhado
numa observação rasante e era preciso que ao mesmo
tempo mostrasse que era uma horta, sob um olival e
entre este pouco espaço em altura, muito ao fundo, a
ponte.

Não só o conseguira fazer, mostrando e 4
distinguindo as coisas, como o fez de um modo criativo,
valorizando as luzes e as sombras, num espaço poético e
tornando uma cena banal, numa imagem rica e expressiva.
E por um único meio gráfico: o lápis.

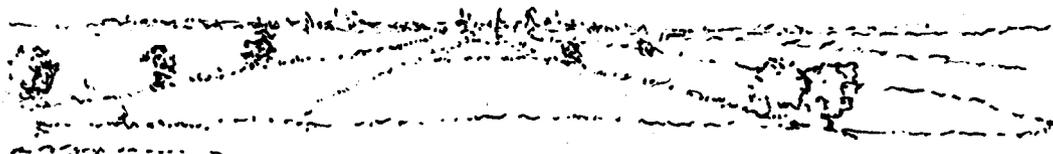
HOLANDA - Outubro 1984

Baixíssimo o horizonte, tão baixo que pouca 1
distância se alcança e a profundidade é quase nula. Há
sempre uma barreira de árvores, um talude que nos corta
a perspectiva.

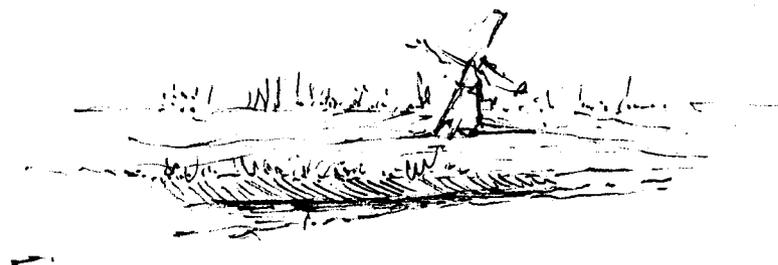


Passamos há pouco, não sobre o rio Meuse, mas por 2
baixo dela. Talvez porque terra para elevar seja o que
fôr não é fácil de arranjar num país em que há tanto
solo artificial.

Não há um palmo de terra por cultivar ou utilizar. 3
Campos imensos de milho e alhos franceses. Também de
couves e outros legumes.



Os canais dão uma enorme beleza à paisagem que é 4
sempre de pequena profundidade. Não há pontos altos de
onde possamos abranger mais espaço. Assim quase que
vimos a paisagem em alçado e por vezes mesmo acima do
nosso olhar.



Chegamos a Delft. Muita gente a pescar calmamente nos 5
canais.

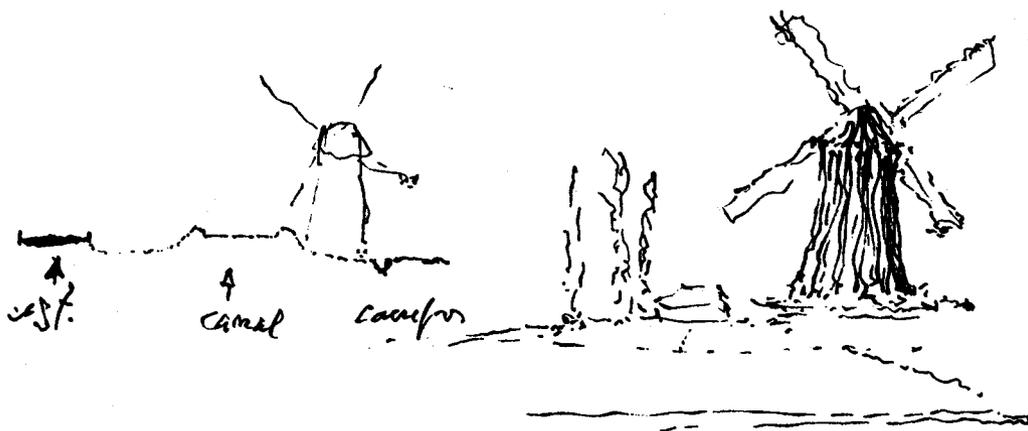


Tão artificial e tão agradável de olhar, como 6
sendo obra natural!

Vacas e prados, lisos verdes esmeralda, e 7
choupos ao fundo, corvos e um ar azulado. Sol e neblina
dão a esta paisagem um ar muito doce, paisagem que pára

sempre na primeira fila de árvores que aparece, normalmente os choupos.

Constantemente os moinhos de um lado e outro da 1 estrada.



Abibes, gaivotas, tordos, estorninhos, patos, tudo 2 isto se passeia e voa pelos campos e canais numa inteligente harmonia entre o homem e a natureza.

Estufas e campos de flores roxas, tudo muito alinhado. Uma rede imensa de canais e uma perspectiva



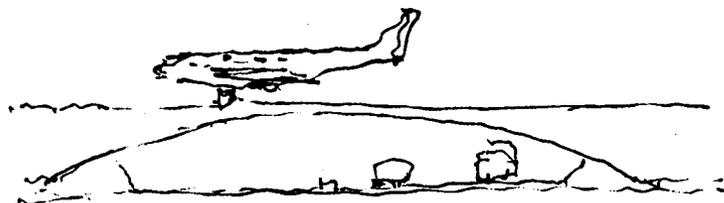
baixíssima. Por vezes um vasto campo e uma linha de choupos no horizonte é tudo quanto se vê. O ar está



rosado apesar de estarmos a meio do dia. Ambiências extremamente doces e quase irreais.

Toda a paisagem se acumula no horizonte e se 3 dispersa no começo do céu.

Passaram agora um aeroporto e uma das pites feitas por cima da auto-estrada.

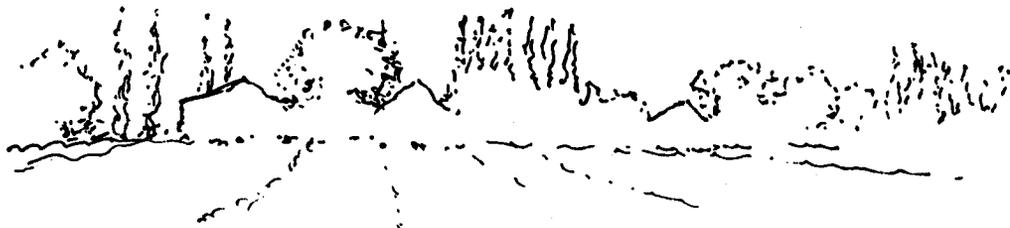


17.30 - Vamos sair de Amsterdam em direcção a Haia. Não 4 vou ter tempo de escrever agora tudo o que vi, senão não vejo este resto de tarde que ainda há antes que escureça. Encantei-me com o campo e Delft ao contrário do bosque de Auzelle em Louvain-la-Neuve, que é

magnífico de grandiosidade mas sem vida que o anime. Aqui os canais estão superpovoados. Galinhas de água, galeirões, garças reais, patos reais, marrequinhas, gaivotas etc., tudo coexiste com o homem e os barcos.

Agora na auto estrada para Haia, está uma luz 1
quase violeta e tudo se esfuma à medida que se afasta, com um aspecto fantástico. Três gansos voam ao lado do autocarro, levantados de um canal, e durante muito tempo se mantêm impavidos e belos, no magnífico voo paralelo.

Silhueta da paisagem. Para o fundo, nada mais se 2
vê.



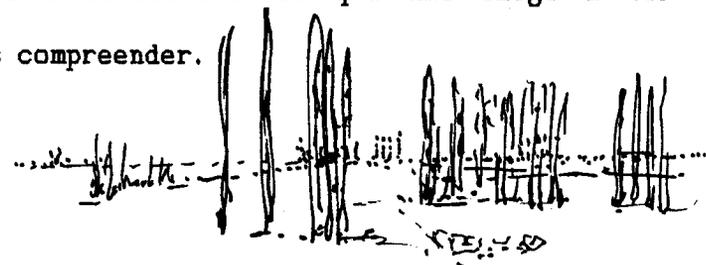
Toda a paisagem é cor de rosa envelhecido. As 3
árvores são apenas vultos. Há bastante névoa mas o tom é rosa e não cinzento, com o resto do sol que ainda se

advinha.

Espantosa a luz e a névoa e cada grande campo da 4
sua cor, conforme o que está semeado ou foi colhido ou lavrado, "ou que por simples natureza nasceu, sem mão de gente". As palavras de José Saramago, ocorrem-me com frequência diante de certas paisagens. A recta e o rectângulo são visualmente o dominante.

Estamos na região de Lissen, zona das flores. 5

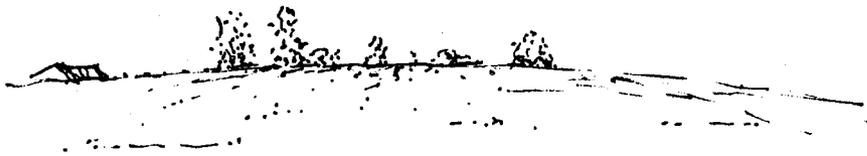
Leiden. Há imagens desta paisagem tão
surpreendentes e indescritíveis que não chego a ter
tempo para as compreender.



Tudo vive aqui do grande plano, rigorosamente 6
plano. As vezes, sentimos a falta de um ponto de vista.

18.00 -Sheveningen. Ao fundo, de repente o mar, como 7
prolongamento da paisagem tão baixo que viajamos.

Bruxelles-Paris, comboio das 14.07 - 21.X.84



Vou olhando a paisagem. Criei um tão grande hábito 1
de a ver, de a inquirir, que não tiro os olhos dela.

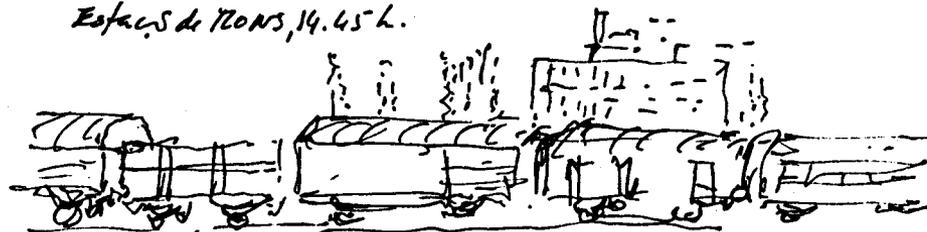


São formas de árvores que me estão na memória 2
desde criança. São os livros de uma cultura francesa,
as primeiras histórias, os primeiros desenhos, pelas
mão de um tio que só sabia desenhar a paisagem, como se
mais mundo não houvesse.

Esta, uma imagem que nos surge com muita 3
frequência em França e aqui na Bélgica: a agulha de uma
igreja, sempre na remeniscência do gótico.

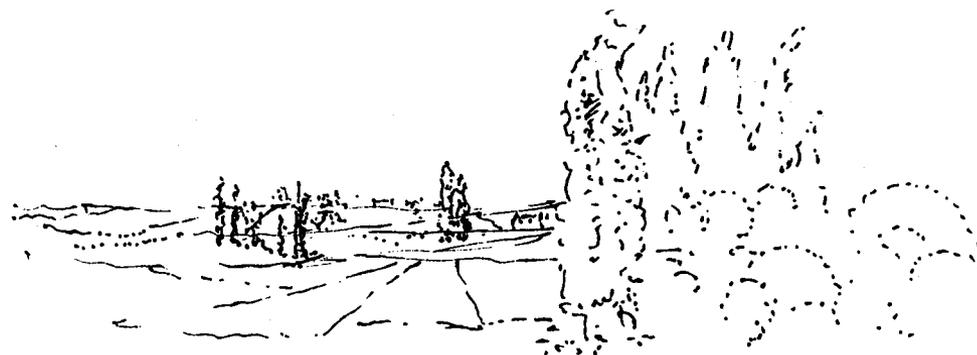


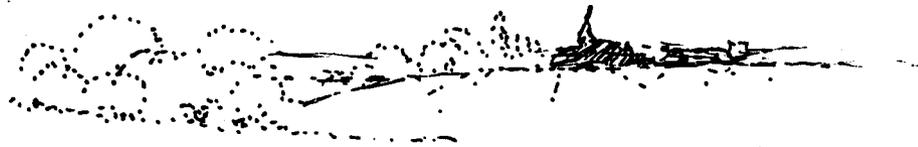
Estação de ZONS, 14.45 h.



1
sempre os despen a parecerem por cima de tudo.

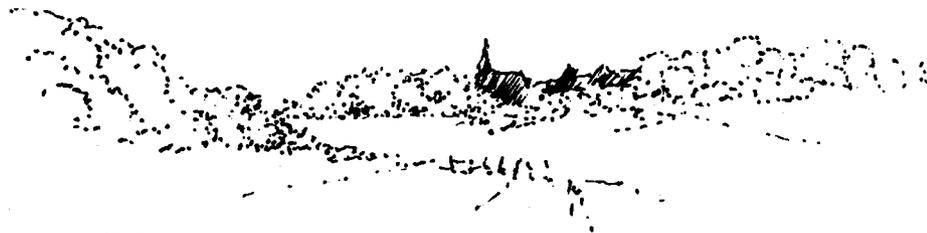
É linda a França, mais que a Bélgica. Passamos 4
agora S. Quentin e já não falta muito para Paris.
Perco-me nestes bosques e nestes campos tão verdes.
Vêm-se menos choupos aqui e mais árvores de copa
redonda e a paisagem é, mais que na Bélgica, longa,
explicita e os olhos passeiam leves pela sua construção
lógica.





Dá tempo a desenhar dois ângulos diferentes.

1



A luz, sempre a luz, aquilo que me parece mais importante de compreender. Amarelo pálido, as nuvens, o sol já muito baixo e o verde fica esmeralda. É tudo, a luz, quase tudo.

2

Vêm-se as agulhas por todo o lado. Sempre a agulha da torre de um aigreja, sempre a reminiscência do gótico, que perdurou no país que a gerou. Hoje ainfa

3



a tendência ascensional. Com o sol já bastante baixo, todos os verdes brilham principalmente o dos prados

muito lisos. As árvores começam a amarelecer e ente os verdes, amarelos e laranjas todo este espaço é quente, acolhedor e já familiar, não tanto porque a conheça bem, mas porque depressa se torna afectivo.

Por isso uma paisagem se pode tornar mais bela se o espaço e a luz entre nós e ela é feito de afectividade e poesia.

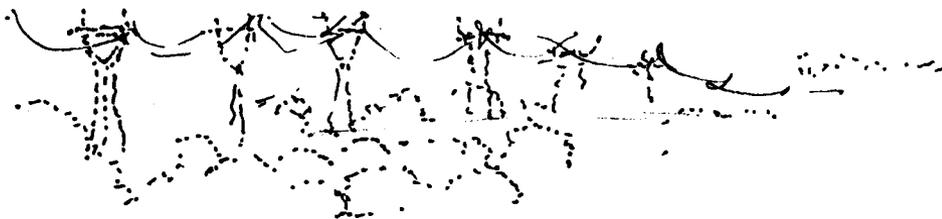
4

De facto, não existe a perspectiva; há o longe e o próximo, há a distância e a profundidade há o espaço relacional, há a relação das coisas há a vida, há o mistério. E quanto mais ao fundo mais poética se torna a visão de toda a afectividade, porque se envolve na ternura das sombras e das meias luzes coadas pela sobreposição de profundidades diversas. Reler Merleau-Ponty, reler Bachelard, mas sobretudo vendo e pensando a minha vivência de todas as paisagens.

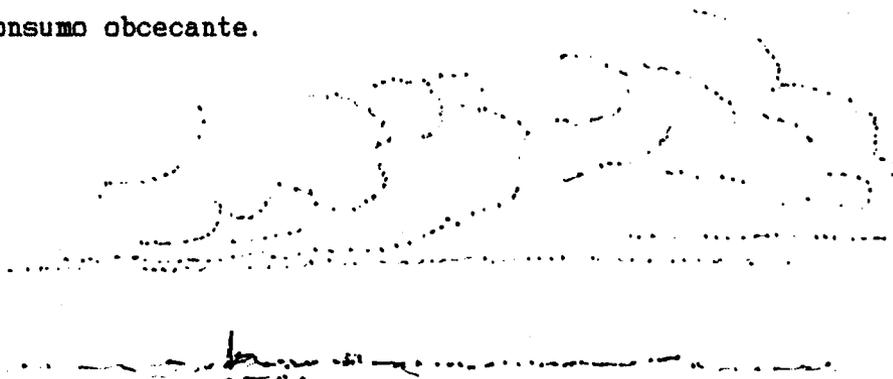
5

A sua compreensão só se fará entrando nelas e coexistindo. Aceitar o que nos oferece e ser capaz de entender o que nos diz, mesmo sendo o homem que a criou. Toda a criação se autonomiza do seu criador

6



Mas com demasiada frequência, são também estas as 1
paisagens que cada vez mais nos vão surgindo cortando e
desfazendo uma poética. Por todo o lado, são estas as
novas "árvores" que vão formando um outro bosque, sem
nexo, sem vida, e de relação fixa e inerte. Mais e mais
se aperta o círculo. Mais e mais a paisagem é a cultura
do objecto urbano ou industrial, como que uma lenta
esterilização da nossa possibilidade de ligação à
natureza e, o objecto vai do livro à autoestrada, à
eficiência, ao prático, ao artificialismo inerte, ao
consumo obcecante.



Acaba-se a tarde, repousa o tempo na grande 2
horizontalidade da luz, no tal lugar de nascimento e
criação, da paisagem de Corajoud.

Já se vê Paris, que brilha intensamente no 3
horizonte como se fosse de metal. Há uma ligeira
neblina e a vista tão comprida da cidade é magnífica.
Por baixo o verde, por cima ainda, a luz, entre azuis e
amarelos pálidos.

Começam agora os HLM e os parques de 4
estacionamento e o papá que passeia os meninos nesta
tarde de Domingo em que chego a Paris, correndo
paisagens que tenho nos olhos desde menino, em grandes
memórias, em grandes mistérios e sensações tão gratas e
tão perdidas na própria memória.

Paris, 5 da tarde
em Outubro
quase Novembro

LE PLAISIR DU PAYSAGE DESSINÉ
par Nuno José de Noronha Mendonça *

Le paysage, un exercice de voir. 1

Le voyage, un exercice de paysage.

La main prolongeant les yeux et les yeux qui accompagnent le mouvement artificiel du paysage qui défile vite devant nous de l'autre côté de la fenêtre d'un train. Un voir de l'esprit et de la main, dans un seul moment.

C'est un paysage croisé, une distance fixée et tout 2 l'espace jusqu'à nous devient plus mouvementé selon la proximité des choses. La mémoire des objets et des sites, la mémoire des ambiances de l'esprit, des transparences, des profondeurs qu'on cherche toujours, le secret des sublimes relations entre les objets. L'espace qu'on regarde, c'est un espace en permanente évolution en raison de notre mouvement devant le paysage. Il s'affirme mou-

* Sob este título, tencionáva-mos apresentar esta viagem, entre Paris e Lisboa, ao Congresso da IFLA, em Paris, em 1988, o que não chegou a concretizar-se.

Porque a tradução feita por Cristhine Zurback constitui uma recriação do texto manuscrito e ainda porque particularmente nos agradou, optámos por a incluir, tal como estava redigida.

vement en soi-même, qui fait déplacer les arbres, les champs, les lignes, qui modifie rapidement chaque sensation, qui ne dure qu'un regard.

En voyage, on voit un paysage différent et sa dynamique devient mouvement accéléré, qui fait défiler un objet sur l'autre, et sur un autre plus lointain, sur un fond, un horizon de montagne.

Dessiner cette vitesse naturelle, c'est un plaisir 4 du paysage voyagé, une façon de voir l'espace de la nature et la main devient regard, toute la perception au bout des doigts. Un exercice d'approfondissement de ce qui est vraiment essentiel, le caractère d'un paysage, sans accessoires en voyant et percevant la relation des choses, la vraie profondeur ou l'espace réel. Celui-ci peut-être, la plus féconde et dynamique idée de paysage.

* Sculpteur, assistant à l'Université de Évora

J'entends de ma place les informations données par le haut-parleur. Je m'installe et prépare mon bloc. Je dessine mon unique compagnon de voyage qui s'est déjà endormi sur ses mots croisés.

Je me mets à penser à ce mois de travail passé à la recherche d'une poésie du paysage, entre la nature et ce que les hommes en ont dit, dans leurs écrits, leurs réflexions et leurs tableaux. Dans mon propre vécu du paysage, je trouve aussi des réponses. Parfois dans la peinture ou dans la poésie, ou dans les oeuvres de

Bachelard, Calderon ou Paulhan, poètes aussi. Ou bien moins universels, comme Ruy Belo, Ramos Rosa ou Júlio Resende

Pour la poésie que je cherche, ils sont importants, eux aussi. Parfois plus.



La campagne commence maintenant. Il y a plus d'une heure que nous roulons entre ces maisons de banlieue, pêle-mêle et d'un aspect peu agréable, comme tout ce qui est improvisé ou négligé.

1 Sembrava no Sud-Express, como se informavam de vapores do Rio pelo alto-falante. Acordava-me e preparava o meu bloco. Desenhava o meu companheiro adormecido sobre os seus crucigramas.

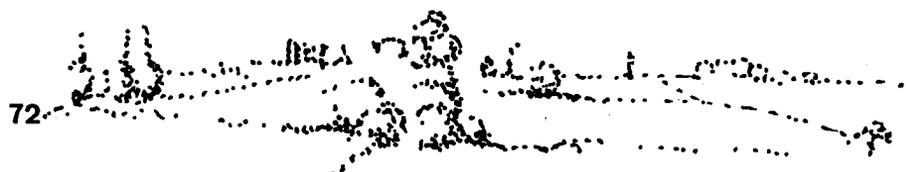
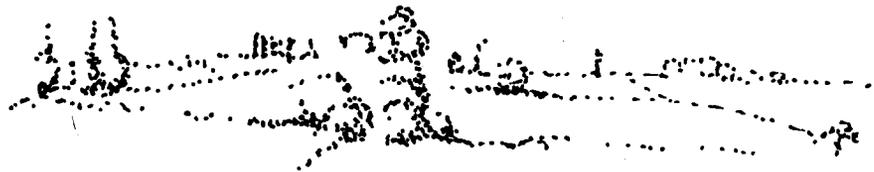
2 Refletia sobre um mês de trabalho à procura de uma poesia do paisagem entre a natureza e aquilo que os homens em escreveram dela ou refletiram e pintaram. Na minha própria vivência do paisagem eu também encontro outras respostas. Por vezes, encontro-as nos poemas ou nos poetas, ou nos livros dos poetas como Bachelard, Calderon e Paulhan.

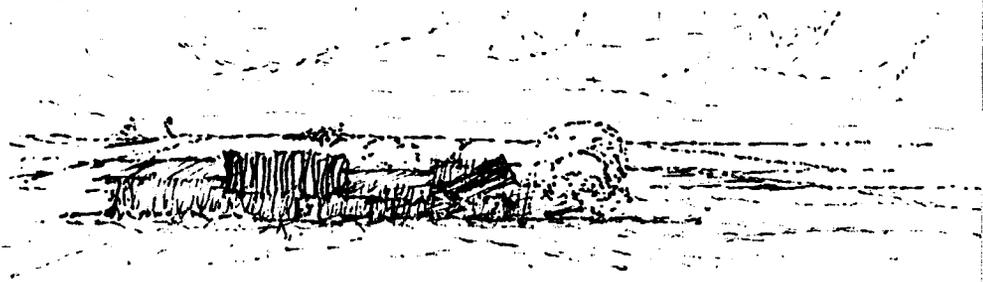


Outras vezes eu encontro-as nos livros dos poetas como Ruy Belo, Ramos Rosa ou Júlio Resende.

Para a poesia que procuro, são igualmente importantes, por vezes, muito mais.

3 Começa agora a campanha. Há mais de uma hora que rolamos entre estas casas da banlieue como se fossem improvisadas e negligentes.





Des fermes, au milieu du plan énorme divisé rigoureusement en rectangles verts ou marron, lisse, aplani, préparé jusqu'au plus petit grain de terre, dans une texture parfaite.



Le wagon-restaurant, où je suis maintenant, tremble trop. C'est bien pour dessiner, mais pour écrire, c'est difficile. Quelques arbres ont déjà perdu leurs feuilles. D'autres, plus grands, sont encore verts.



Toute la relation entre les formes est pure profondeur.



1 *Quinto, no meio do enorme plano dividido rigorosamente em retângulos verdes ou marron, lisse, aplani, preparado até o menor grão de terra, com uma textura perfeita.*



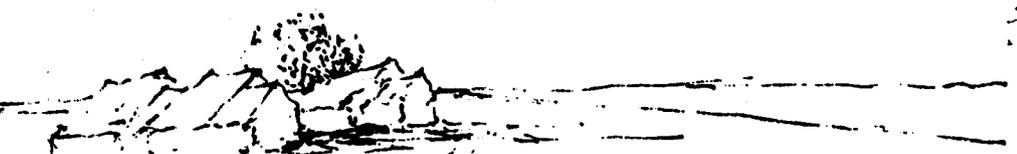
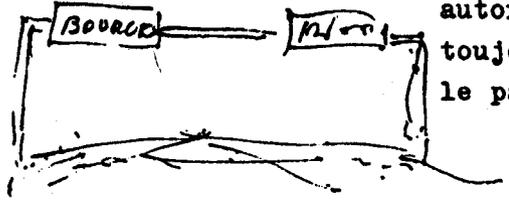
2 *O trem do restaurante onde estou tremendo demais. É bom para desenhar, mas para escrever é difícil. Alguns árvores já perderam suas folhas. Outras, maiores, ainda são verdes.*



T3 *tudo a relação das formas é pura profundidade.*



A côté de moi, une petite ferme surgit. Une petite agglomération aux toitures d'ardoise, en pente. Un ou deux arbres et l'horizon. Nous traversons maintenant une ville, ordonnée, avec beaucoup de vert. Je vois des panneaux au bord des routes, d'autres sur une autoroute. Des quartiers neufs, toujours la ville qui empiète sur le paysage.



do meu lado surge uma quinta: uma que aparece. Uma figura, um espaço alicerçado de telhados de ardósia inclinados. Um ou dois árvores e o horizonte. Estamos agora numa cidade. Arrumada, com muito verde. Vemos indícios nas estradas, outros sinais estranhos.



Bastante novos, sempre a corda de alicerces firmes a fazerem quartéis nos telhados.

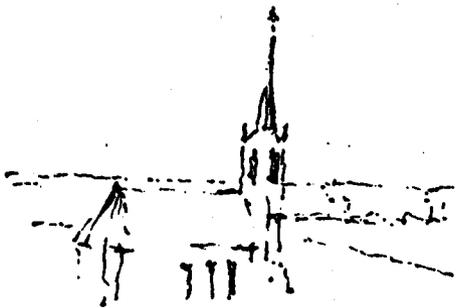
Et l'église qui affirme une agglomération. Tradition, conservation, symbole.



2 E sempre a igreja que afirma um alicerçado. Trad. conserv. símbolo



Les bosquets, naturels ou pas, sont une caractéristique de ce paysage si intensément utilisé et productif, jusqu'aux dernières conséquences. Dominé.



3 Os bosques, naturais ou não são uma característica de um espaço tão intensamente usado e produtivo as últimas consequências. Dominado

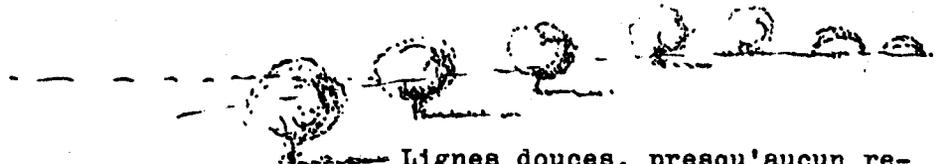




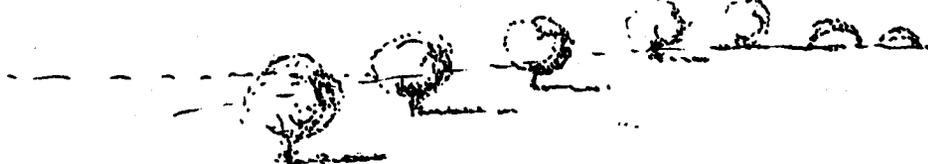
Une maison isolée... 1
et c'est son ombre
qui m'attire et me
fait dessiner.



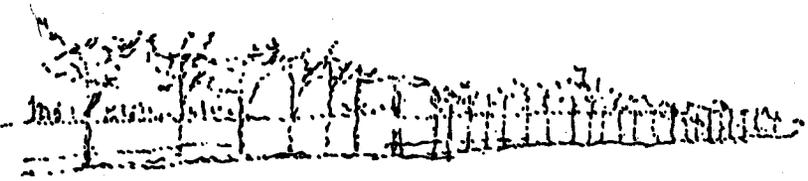
Uma isolada e fazemos
com o espaço e a sombra
que me atrai e me
faz desenhá-la.



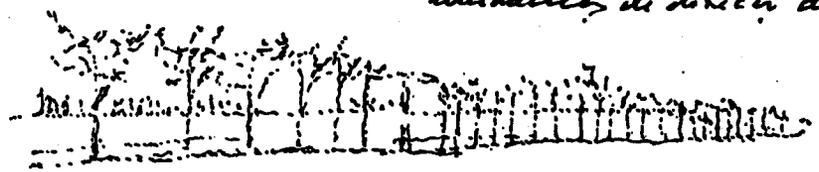
Lignes douces, presque aucun re-
lief, encore quelques petits
changements de direction, d'in-



linhas muito bonitas, poucas
made de relevo, ainda algumas
mudanças de direção de um-



clinaison du terrain ou une rou-
te dessinée par le rythme des
arbres.



climada do terreno, ou
rua desenhada pelo ritmo
das arvores

Dans le fond, tout est important lorsque nous nous arrê-
tons et voulons voir, même le déjà-vu, même ce qui nous
semble banal. Dessiner, c'est aussi redonner aux choses
leur dimension singulière.

3

No fundo tudo é importante, quando nos
detemos e queremos ver, mesmo o já visto, mesmo
o que nos parece vulgar. Desenhar, é também
repor as coisas em sua singularidade, é conferi-
las o valor-luz de sua própria vida.



Ou comme le dit Júlio Resende, "le moyen le plus déter-
minant de nous sentir vivants".⁽¹⁾

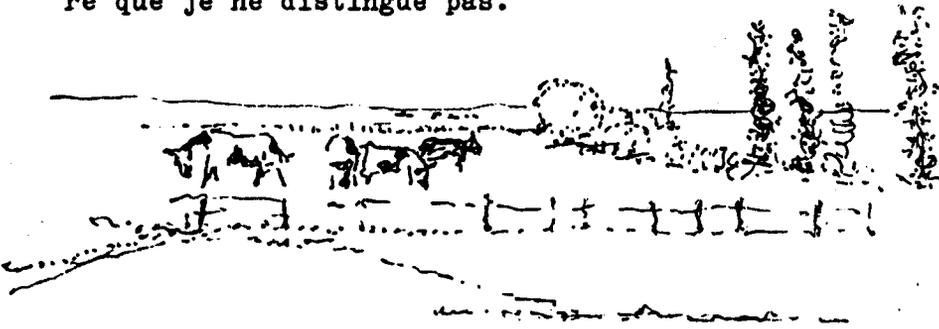
4

Ou como diz Júlio Resende, "o meio de nos fazer sentir
vivos de nos sentir vivos".

Nous longeons un très beau fleuve (peut-être la Loire) large, calme, bordé d'arbres et d'arbrisseaux qui se reflètent sur l'eau lisse. Ombres et lumières, bleus et verts qui me rappellent des tableaux de Corot et Daubigny, ou les eaux et les nénuphars de Claude Monet. L'âme du paysage est son changement permanent au long du jour, au long de l'année, selon la lumière, la naissance ou la mort. Installée, comme maintenant, en jaune.



Des bois et des bois se suivent, des arbres énormes où je distingue des châtaigniers et des platanes, dans des tons orange à cette époque de l'année. D'autres sont restés verts, des acacias, des chênes et d'autres encore que je ne distingue pas.

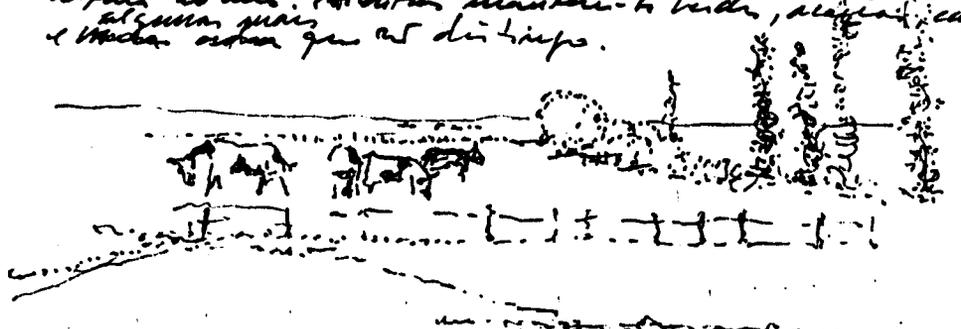


Et le paysage se remplit de couleur, de l'orange au vert, des tons assortis et qui s'enchaînent.

1 Seguim, apora as longos de um rio lindissimo (Seu o rio?) Largo, calmo, com uma borda de árvores e arbustos que se refletem suavemente na água límpida. O céu azul e verde me lembram quadros de Corot e Daubigny, ou as águas e os nenúfars de Claude Monet. A alma da paisagem é a sua permanente mudança ao longo do dia, ao longo do ano, nascimento e luz, e nascimento e a morte. Como agora, instalada em amarelo.

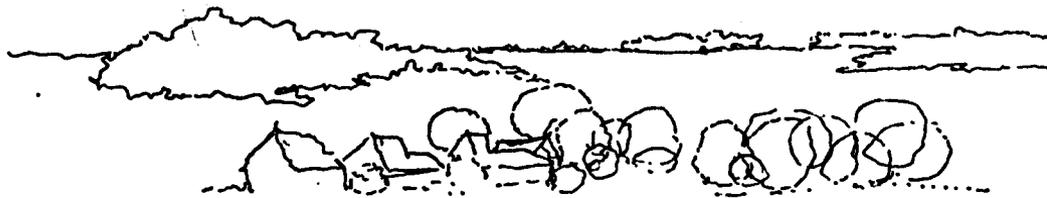


2 Porque a longa linha de árvores enormes onde distingue castanheiros e plátanos totalmente alaranjados nesta altura do ano. Outros mantêm-se verdes, acácias, carvalhos e outras espécies que não distingue.

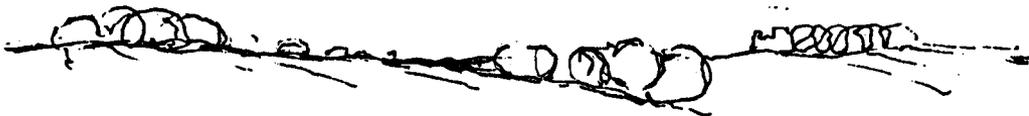


3 E enchê-se a paisagem de cores, do laranja aos verdes, tons variados e que se encaixam.

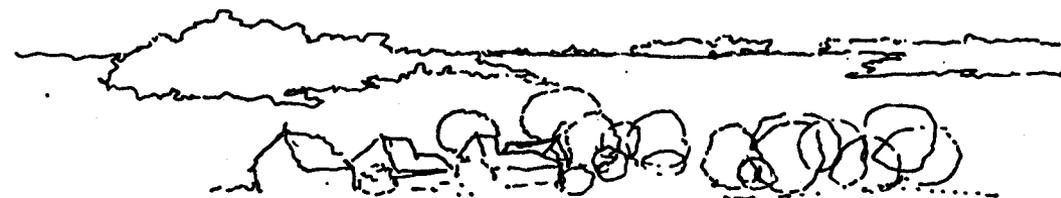
Je dessine ce paysage et en même temps le compare à celui de la Hollande d'où je reviens. Celui-là, comme on le comprend bien et comme il nous devient affectif, peut-être à cause de ce travail total de l'homme., peut-être à cause de ce grand attachement qu'on lui doit pour l'effort immense de l'avoir construit. Il est possible que cette affectivité se transmette et nous touche.. Encore plus nettement humanisé que celui-ci, mais plus communicatif dans ses canaux, ses moulins, sa tranquillité de vaches et de pâturages si verts. Il y a une telle logique dans ce paysage de Hollande, une si grande perception de la nature dans une orientation si correcte, qu'il devient extrêmement familier dès le premier contact. Nous le sentons immédiatement, même quand la nature a été inversée et que l'eau coule plus haut que les champs.



On a parfois envie de recréer ces petites structures qui subsistent d'une mise en ordre de la terre exploitée. On part d'un point, d'un élément, arbre ou maison et on découvre la raison d'un paysage, des ressemblances avec la Hollande et la Belgique, mais dessiné et pensé d'une façon si différente.



1 Vou desenhando esta paisagem - vou, ^{mas sempre} vou lembrando e comparando com a da Holanda. ^{mas sempre} Há bem quem se compreende a tão afectiva e nos torna talvez pelo total trabalho do homem, talvez pelo modo que lhe ficaram a querer pelo sucesso e esforço de a construir. É possível que esta afectividade se não comunicasse imediatamente ~~alguma pessoa~~. Mas fortemente humanizada ainda que este, um meio comunicativa nos canais, nos moinhos, no seu aspecto de vacas e pastagem mediterrânea. Há quem tal obra tenha percebido da Holanda, uma a tão grande percepção da natureza ao saber orientá-la correctamente que ela se torna, a paisagem, imediatamente ^{familiar} ~~afectiva~~ aos próximos contactos. Inmediatamente a sentir, mesmo quando a natureza foi invertida e a água descerá com mais alta que os campos.



2 Por vezes apeteço mesmo estas pequenas estruturas que subsistem de um ordenamento exploratório da terra. Parto de um ponto ou um elemento, a ver com casa e árvores. E a razão de uma paisagem, com semelhanças com a Holanda e a Bélgica mas tão diferente, imediatamente desenhada e pensada.





Relations, superpositions, constructivisme dont la marque est posée sur le paysage, harmonieux toutefois, compréhensible et uni par la vie sous-jacente, coexistence de l'homme avec la nature.

Ce sont les yeux et la mémoire qui dessinent. Ce n'est plus la main, oubliée déjà. Je regarde le paysage par la vitre, le comprends et le "trace" comme s'il s'agissait d'un seul langage. Je dessine une histoire de sensations, de sentiments divers devant le paysage de l'homme. Toute forme, toute figure est culturelle.

1 Relação, sobreposição, construtivismo impõe sobre a paisagem, sem pretensão programática, mas com todo harmonioso compreensível e unido pela vida que está subjacente, coexistência homem - natureza.

2 É os olhos e a memória que desenharam. Não foi a mão que se esqueceu de lá. Olho pela janela, compreendo do "a" e "encontro" como se descesse sobre a paisagem sempre sempre a história de sentimentos de sentimentos de natureza perante a paisagem do homem. Toda a forma, toda a figura é cultural.



Je ne sais pas où nous sommes. Il y a deux heures et demie que ce train roule.

3 Não sei onde estamos. Há duas horas e meia que este trem está correndo.

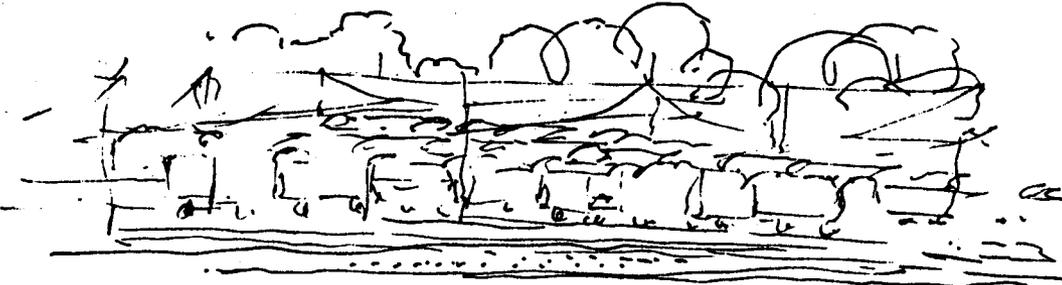
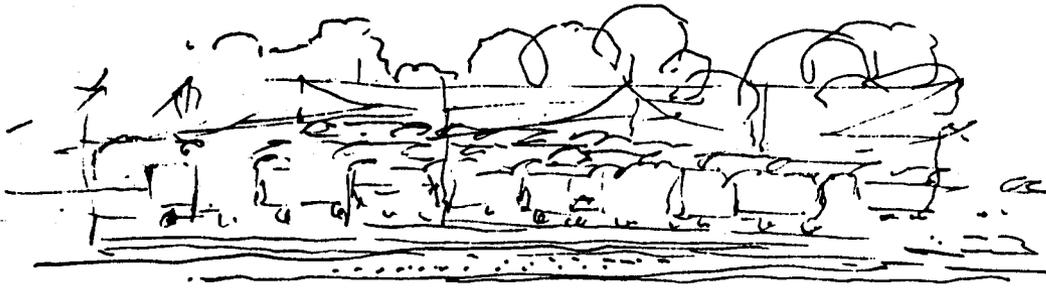
Et je me souviens d'autres livres: "How to draw the countryside", "How to draw trees"...

1 E vou. me lere l'anche de oobm l'ou: How to draw the coun-
tryside, How to draw trees



Les jardins potagers sont aussi un reflet de toute la macro-structure de la culture extensive. Mécanique, rangée, calculée, projetée.

2 *Aspetto de ^{peuhen} un capto de l'ou a unes estatura da arbor-
na estatura. Piazas, am. un to, calculado, per. h. v.*



Gare de ... ou plutôt un carrefour diabolique de lignes, de fils, de wagons, un autre "paysage".

3 *etant de ... , se aude un
est. l'ou a un to, calculado, per. h. v.
l'ou a un to, calculado, per. h. v.*

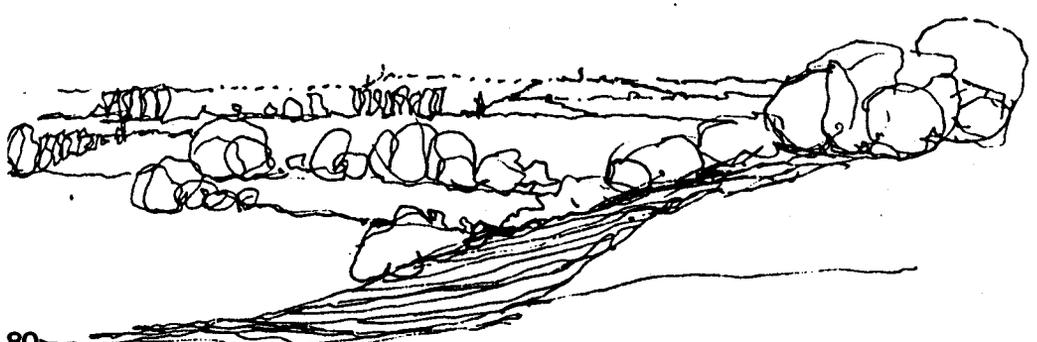
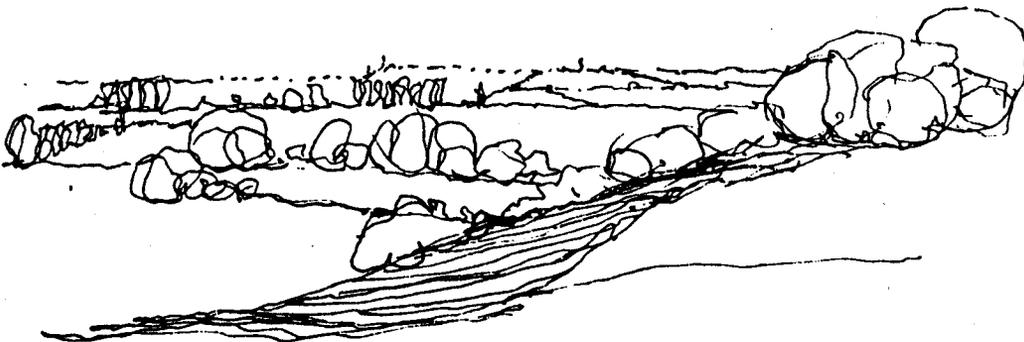
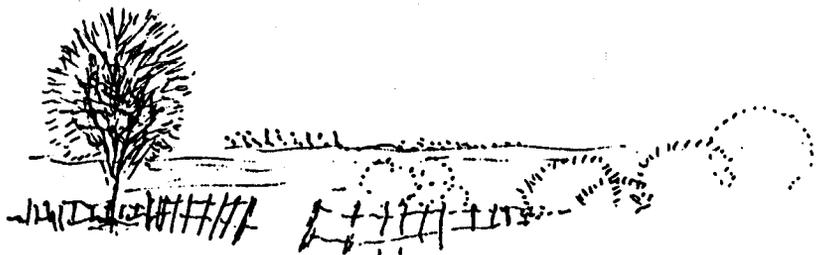


Les points noirs des parasites sur les peupliers ont un sens graphique et une image dans

4 *de p. l'ou a un to, calculado, per. h. v.
est. l'ou a un to, calculado, per. h. v.*

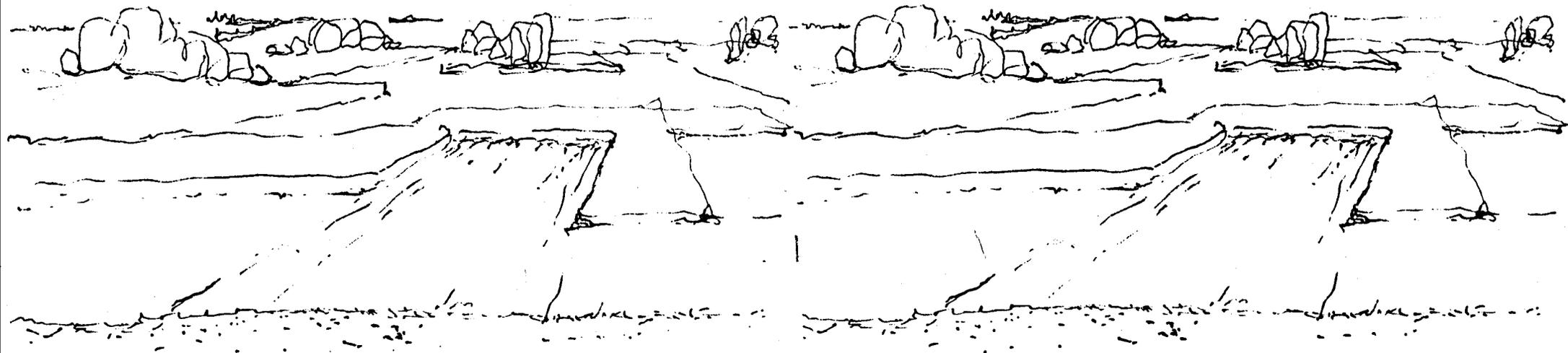
mes souvenirs d'enfance. Je revois un livre français pour apprendre à dessiner où ces points retenaient mon attention, et aussi les haies et les arbres sans feuilles aux contours très définis par le bout des branches.

mes souvenirs d'enfance. Je revois un livre français pour apprendre à dessiner, où de ces points retenaient mon attention, et aussi les haies et les arbres sans feuilles aux contours très définis par le bout des branches.





As the landscape is drawn, the trees are the last element to be added?



Maintenant, les arbres sont des chênes. En haies ou en grands arbres, ce sont eux qui commandent tout le dessin et structurent l'espace agricole.

As the trees are drawn, the landscape is the last element to be added and structures the agricultural space.



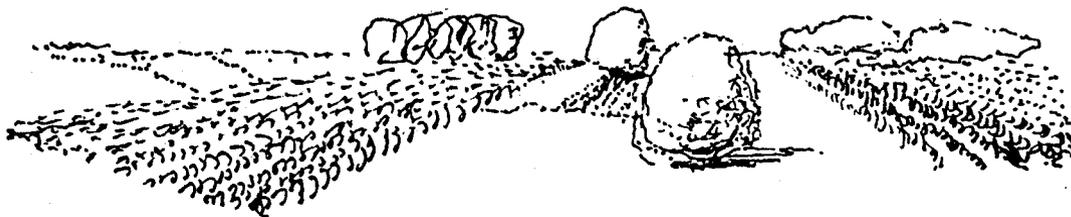
Dans les relations entre les formes se trouvent la profondeur, le lointain et le proche, le petit et le grand.

Through the relations between forms, depth, distance, and proximity, the small and the large are found.

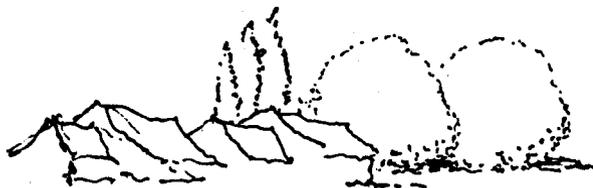
Lignes fugitives, rencontres d'espaces divers ou de couleurs, parce que, en fait, les lignes n'existent pas, sauf pour mon stylo qui essaie symboliquement d'expliquer l'espace et la forme.



Lentement, le paysage change, mais si lentement que l'on s'en aperçoit à peine. Les choses surgissent d'elles-mêmes. De grand chênes, beaucoup de vigne.

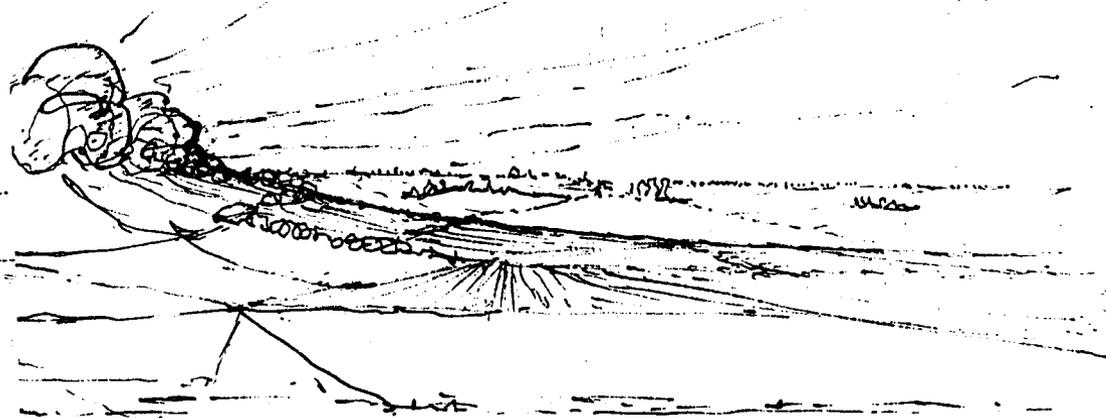


Je pense que nous sommes déjà dans la région de Bordeaux. Il est 13.45 et vers deux heures, nous devons être arrivés, si j'ai bien compris l'information de l'hôtesse cachée. L'espace est autre et la structure est autre, elle aussi.



Il y a de petits ensembles d'une harmonie parfaite. Plus l'homme est proche de la nature, ou plus il la maintient proche de lui, plus le milieu est harmonieux.

1 *Les lignes fugitives, rencontres de espaces divers ou de couleurs, que mon stylo essaie symboliquement d'expliquer l'espace et la forme.*



2 *devenir, à partir de ces vagues, de ces et les choses qui surgissent d'elles-mêmes. De grand chênes, beaucoup de vigne.*

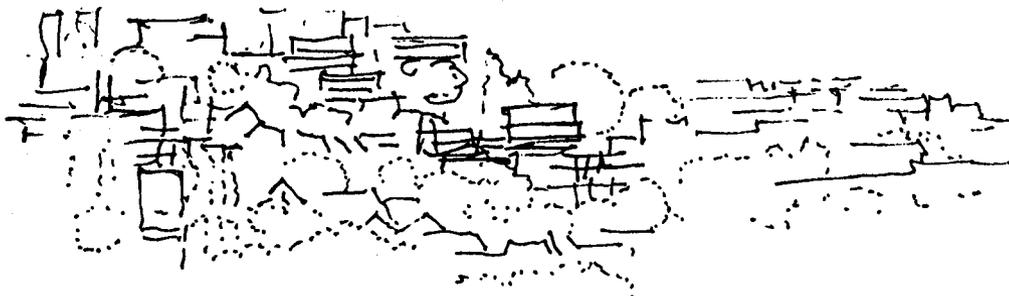


3 *Pense que nous sommes déjà dans la région de Bordeaux. Il est 13.45 et vers deux heures, nous devons être arrivés, si j'ai bien compris l'information de l'hôtesse cachée. L'espace est autre et la structure est autre, elle aussi.*

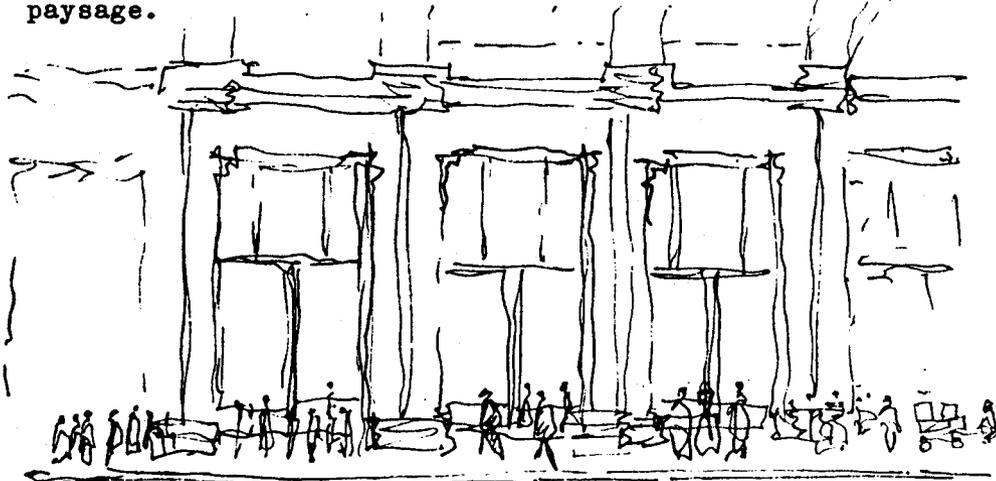


4 *Il y a de petits ensembles d'une harmonie parfaite. Plus l'homme est proche de la nature, ou plus il la maintient proche de lui, plus le milieu est harmonieux.*

Les haies si caractéristiques disparaissent, une structure plus organique, et cèdent la place à de grands espaces de vigne, surfaces plus ouvertes et moins dessinées par le cordon végétal qui abdique devant une mécanisation nécessaire.

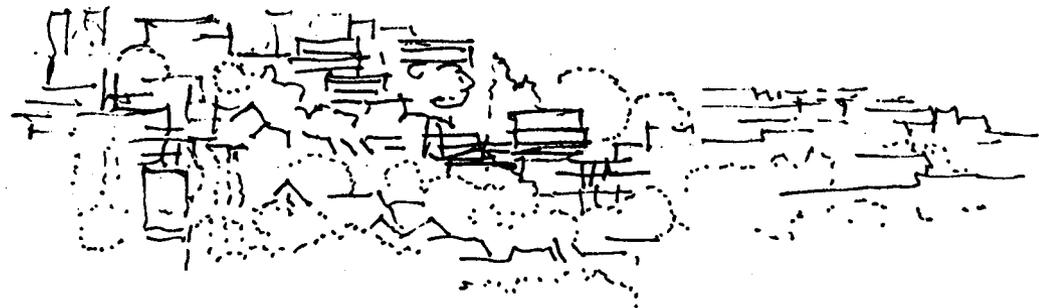


Nous arrivons à Bordeaux. Le paysage change et toute l'envie aussi. Le regard est autre et il n'y a même plus de paysage, rien que l'objet. Si l'on croit Corajoud⁽⁴⁾, ce n'est pas au milieu de la ville que je peux parler de paysage.

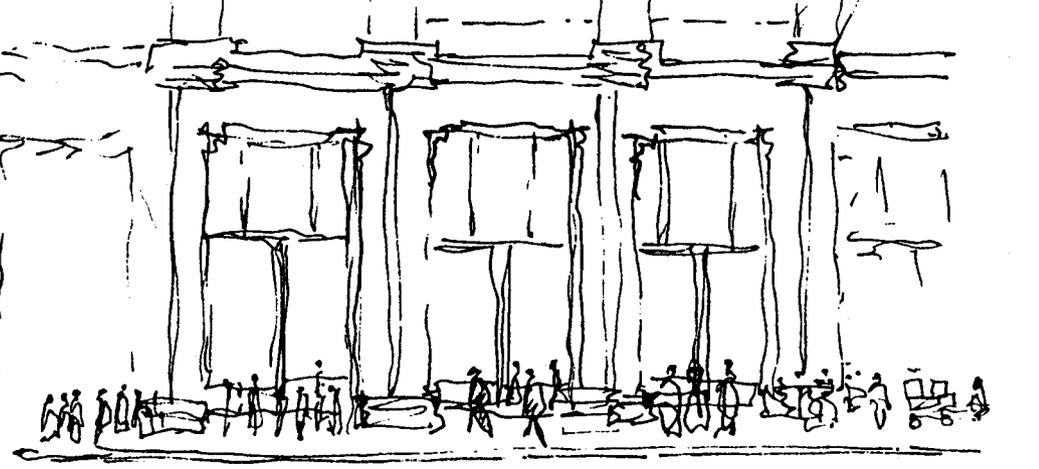


Gare de Bordeaux. Une énorme voûte en plein cintre en fer et en verre. Arrêt de quelques minutes et on repart à la recherche du paysage, retardé par la densité de la ville. Toute la nature est repoussée vers la périphérie. Au loin apparaît le cercle vert où l'on peut recommencer le paysage.

1 *Desaparecem-se as linhas tão características, numa estrutura mais orgânica, e cedem a grandes espaços de vinha, superfícies mais abertas e menos desenhadas pelo cordão vegetal que cede a uma mecanização necessária.*

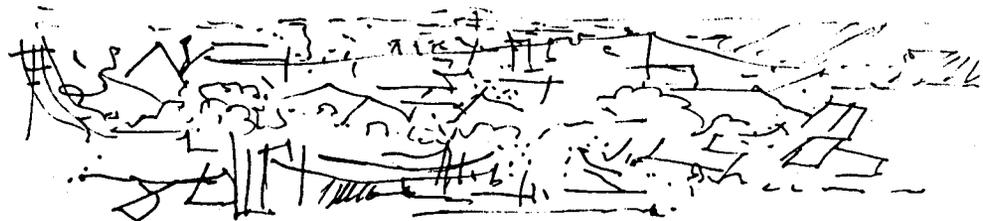


2 *Chegamos a Bordeaux. Muda-se a paisagem e toda a vontade. O outro o olhar e já não há paisagem, há só o objecto. Pela visão de Corajoud, não é no meio da cidade que posso falar de paisagem.*



3 *Estação de Bordeaux. Uma enorme abóbada de ferro e vidro. Paragem de alguns minutos e de novo vamos à procura, ou de paisagem adurada pelo desdém da cidade. Toda a natureza é empurrada para a periferia. Ao longe aparece o círculo verde onde se pode voltar a paisagem.*

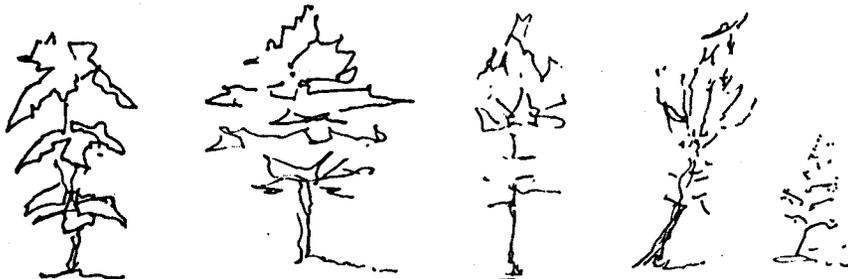
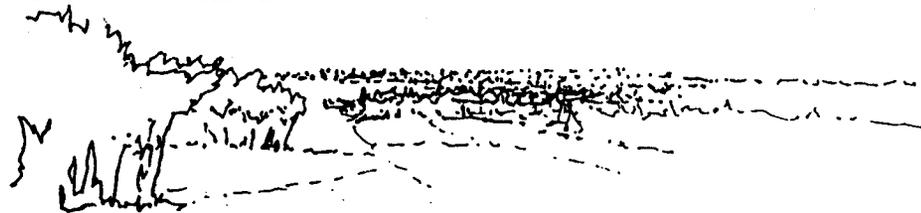
Ce voyage est une méditation continue, plus dans ce que je dessine que par ce que j'écris. Nous quittons la ville et peu à peu apparaissent quelques jardinets, échantillons de paysages, désirs de proximité ressentis par l'homme urbain, même si ce n'est qu'avec un pot-de-fleurs. Des maisons basses, maintenant, rarefaction, le vert l'emporte et les premières vignes occupent l'espace que la ville a laissé.



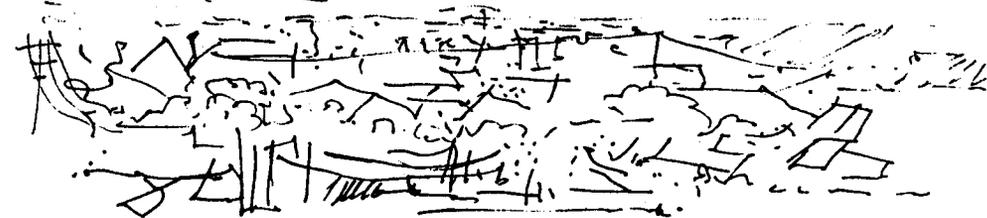
Espace qui n'est rien. Confusion.

13.45 Landes. Enormes étendues de pinèdes. Une monotonie qui en devient belle, comme tous les extrêmes ou tous les excès.

D. Dinis*. La construction des caravelles, les voyages. Tout s'enchaîne dans la pensée, juste en raison du fait de dessiner.



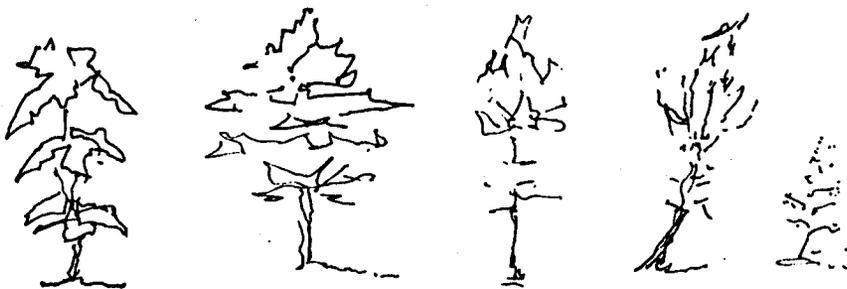
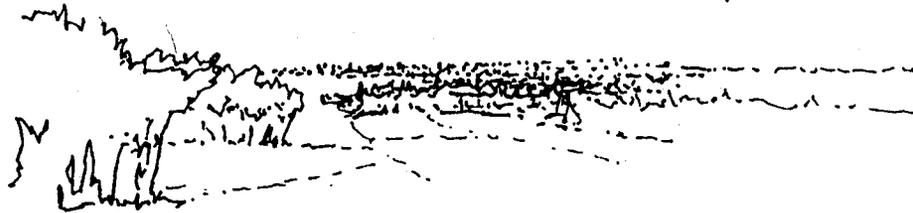
1 Esta nafeim e' uma meditação continua. Não fêlo que de tudo que propriamente fêlo que e' eu. Vouros jardins e poucos a poucos se impõem alguns quintais, amostras de paisagem, desejo de proximidade de que o homem urbano sente, mesmo que seja um vaso com flores. Com o tempo a par, rareficação, ganha o verde e as primeiras vinhas ocupam o espaço que a urbe permitiu. Voltam caravelas e docas, confusão e urbe.



Espero que me chegue a tua costa portuguesa. Confusão!

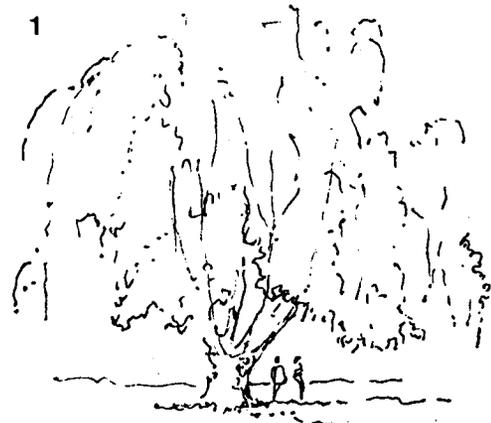
2 13.45 Landes. Extensas áreas de pinhal. Uma monotonia que se torna bela, como todos os extremos ou todos os excessos.

3 D. Dinis*. A construção das caravelas, as viagens. Tudo se enuncia na mente, apenas por desenhar.





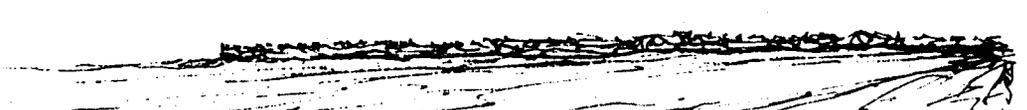
1
De grands platanes aux branches très basses et pendantes; ils semblent pleurer l'automne, les dernières feuilles ocre et orange. Une majesté qui me rappelle celui de Valverde à Mitra* et un autre sur la grand'place à Portalegre.**



grandes árvores com a ramificação muito baixa porque que choram após os outonos, as últimas folhas são de cores laranja. Lembram inconfundivelmente que um limbo o de Valverde na Mitra e aquele outro da praça de Portalegre.

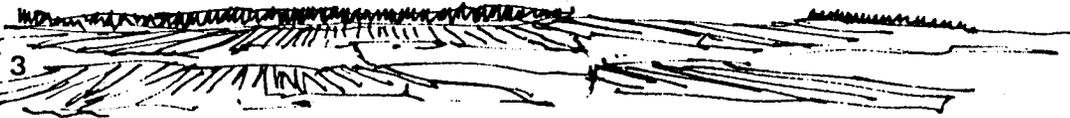


2
Au fond, une pinède; de ce côté, ce qui reste des champs de maïs.

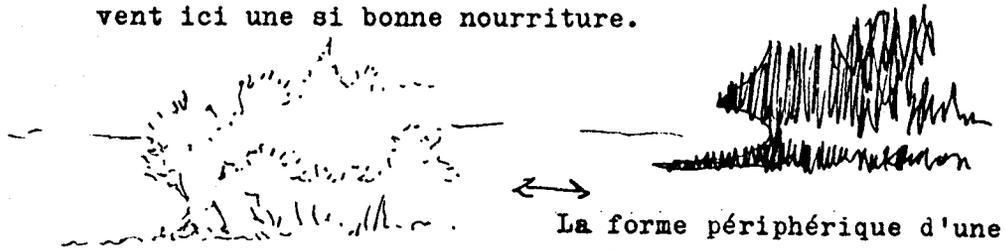


no fundo, pinhal, para cá o que resta de campo de milho

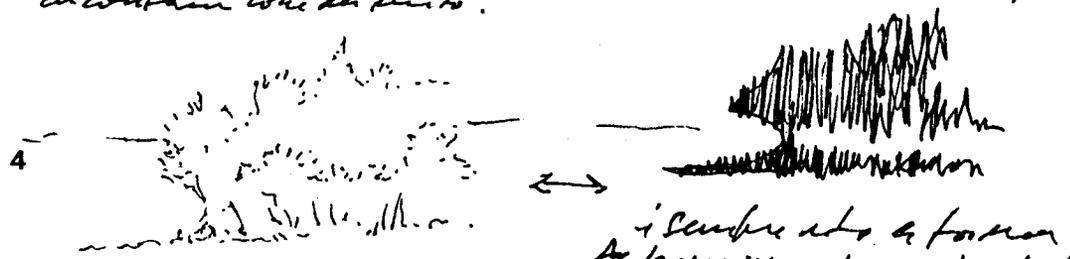
3
Maïs, maïs, maïs. C'est pour cela que le chemin des pigeons sauvages s'est détourné, tellement il y a à manger. Ils seront peut-être de moins en moins nombreux à arriver dans le Sud pour manger nos glands s'ils trouvent ici une si bonne nourriture.



Milho, milho, milho. Por isso mudou a rota dos pombos selvagens. Talvez s'os venham menos para comer os castanhas. Talvez porque há aqui um campo de milho tão bom que eles não precisam ir para o Sul para comer as bolotas de agulha.

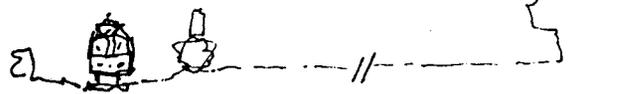
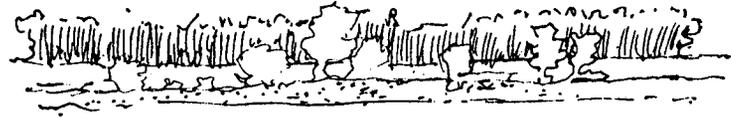


4
La forme périphérique d'une pinède est toujours comme cela. La lisière est plus vulnérable et donc plus atteinte dans sa croissance.

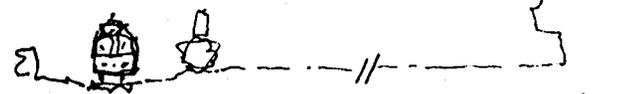
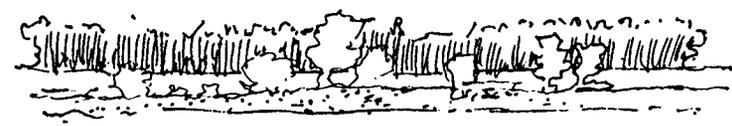


o formato da borda da floresta de pinheiro é sempre assim. A borda é mais vulnerável e portanto mais atingida na sua crescimento. Ela não muda de lugar e por isso não muda de lugar.

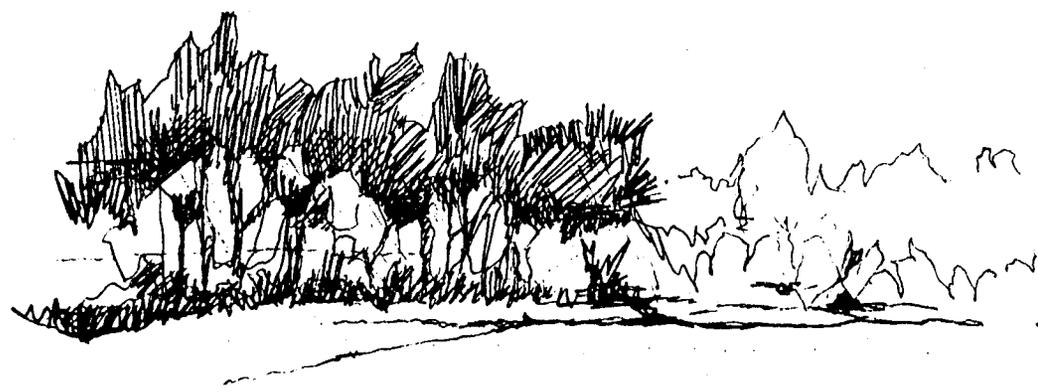
1



C.F. haie maïs pinède



C.F. Saie milhès trichel



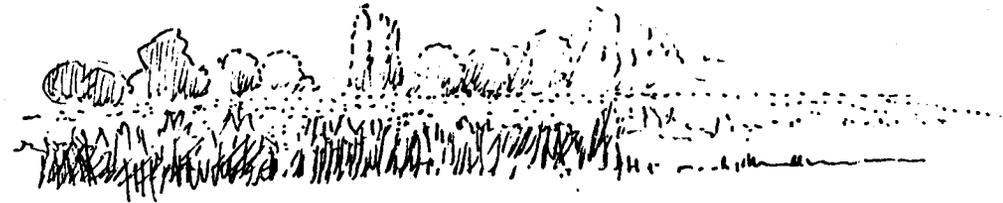
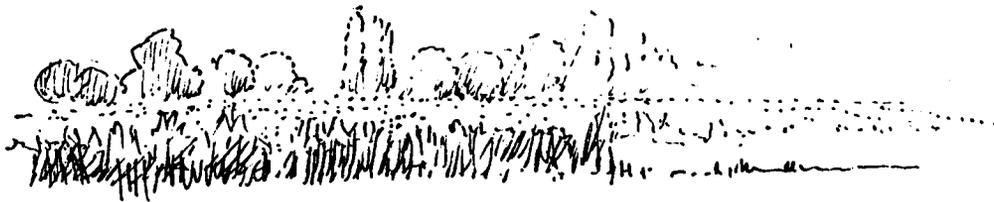


Nous arrivons à Dax. 14.45

Cela me rappelle quelques aquarelles du maître Júlio Resende, comme "hypothèse des parcours de l'aventure" dans le "royaume des apparences" et les photographies de Jörg Amsel.⁽⁵⁾

Chegamos a Dax 14.45

Isencha - me lembram aquarelas do mestre Júlio Resende, como "hipótese dos percursos da aventura" no "reino das aparências", e as fotografias de Jörg Amsel.



Dax et l'assymétrie des toits 3
et l'arbre complètement cour-
bé devant l'homme.



Dax a a assimetria dos
dos telhados e a ^{matéria} curva
do ~~arvore~~ ^{arvore} completamente curvada
do homem.



Changement très net de la construction. Milieu différent, culture différente. 1



Conservation évidente des constructions. Différence de milieu différente à culture.



Harmonieuse articulation de l'interieur et du vivant. 2



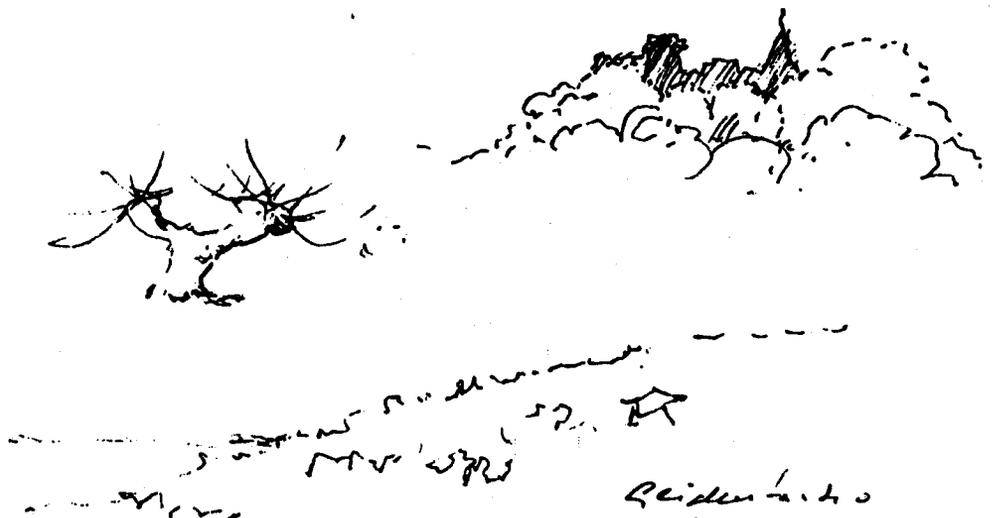
Harmonieuse articulation de l'interieur et du vivant





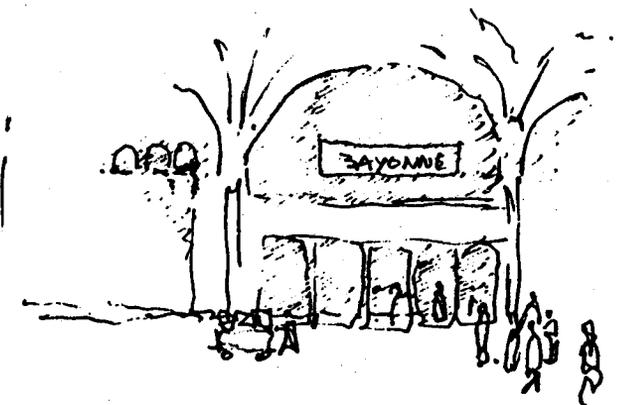
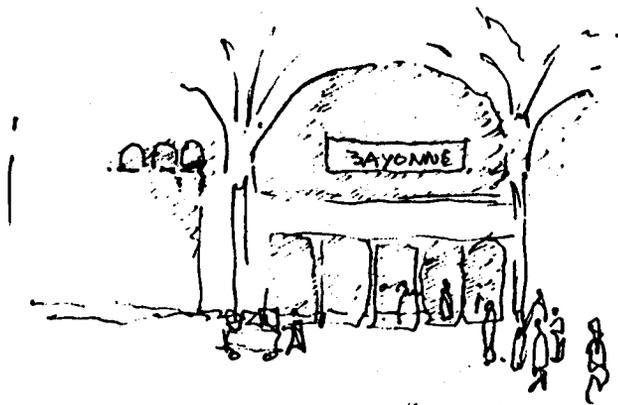
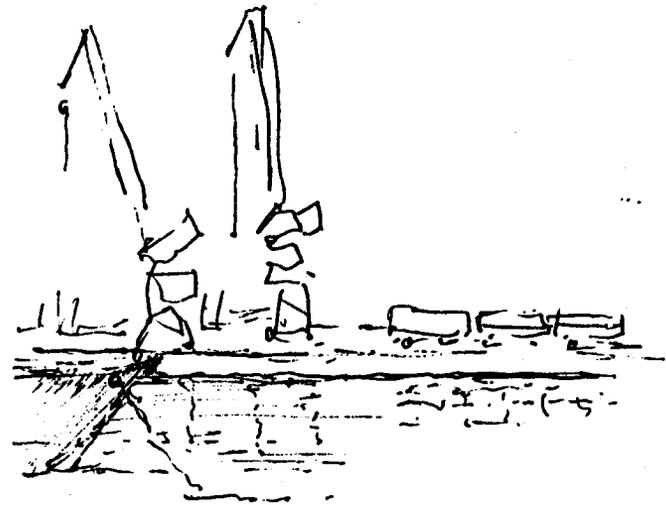
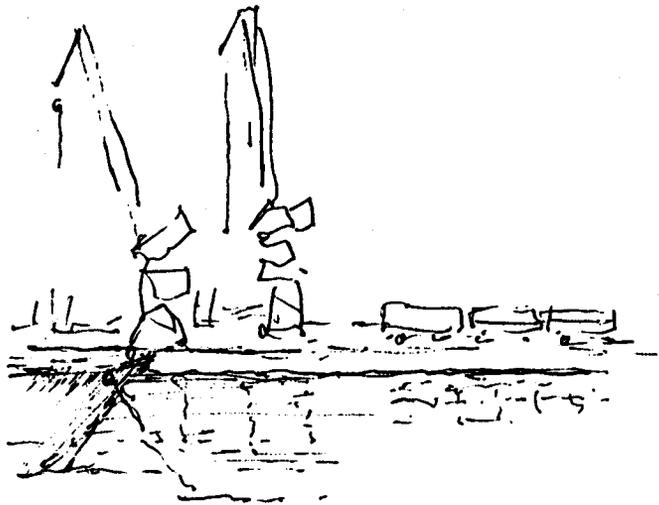
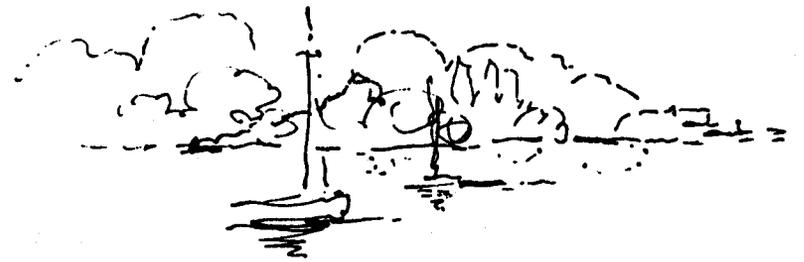
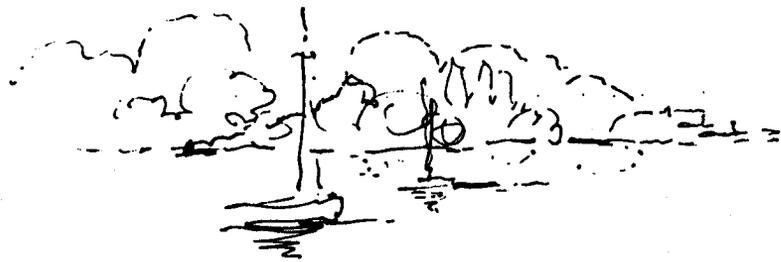
Je comprends que maintenant le dessin est entièrement 2
devenu pensée, sans temps pour écrire.

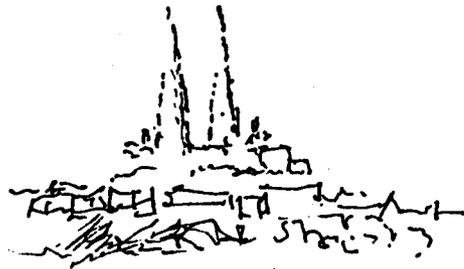
*Resisto que aprom a desmulo la muerion h d'elancha, penta mulo
un tempo para escrever. Agora e escrita a muerion
tambem no desmulo*



Le relief est plus accidenté.
Bayonne.

*Resistencia
Bayona 15.20h.*

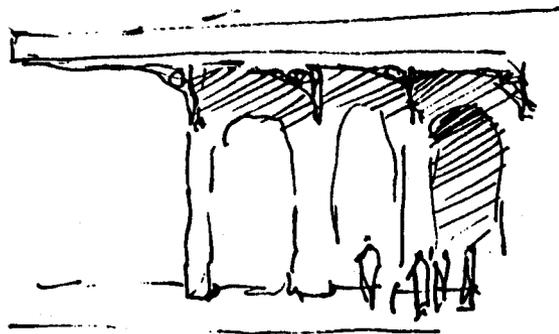




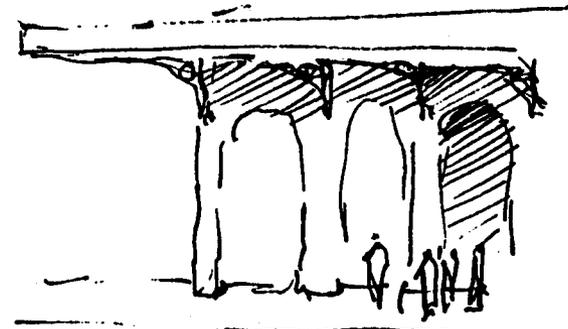
Cathedral de Bayonne



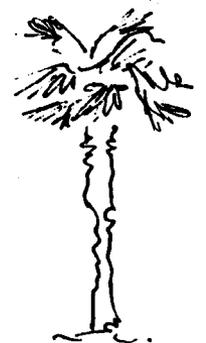
Cathedral de Bayonne



BIARRITZ

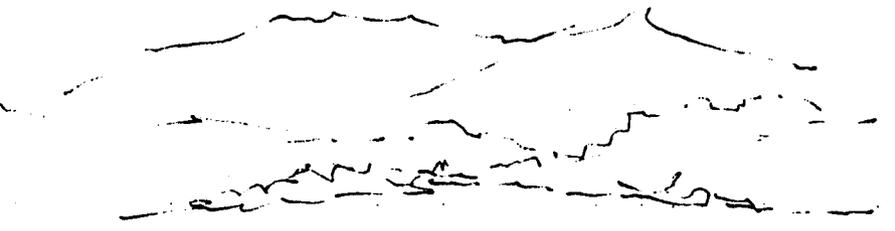


BIARRITZ





Pyrénées



Pyrénées



La mer pour la première fois.



O horizon mer



Etonnante, l'arrivée au Pays Basque et dans les Pyrénées! 1
Soudain, un autre monde et une autre mer!

*Espartron estachepele au pais Basco -
au Pinnenez! De repente, outro mundo!
& outro mar!*



"Saint Jean de Luz, une minute d'arrêt".

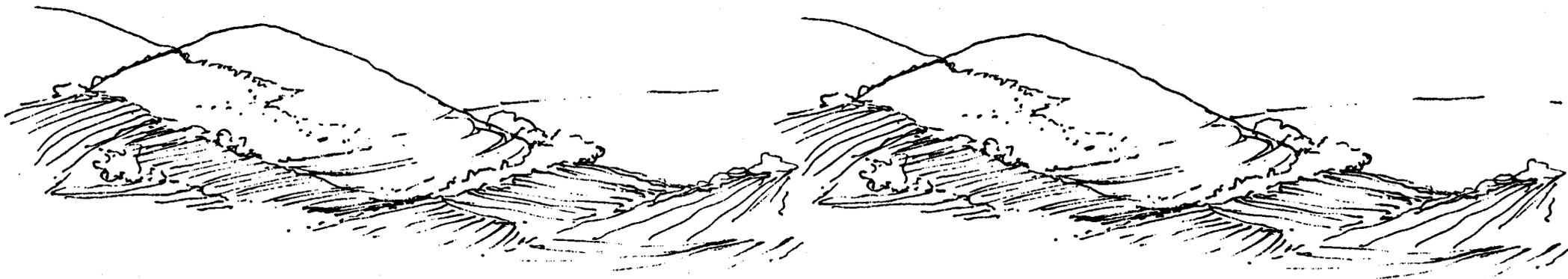
2

St Jean de Luz, une minute d'arrêt.



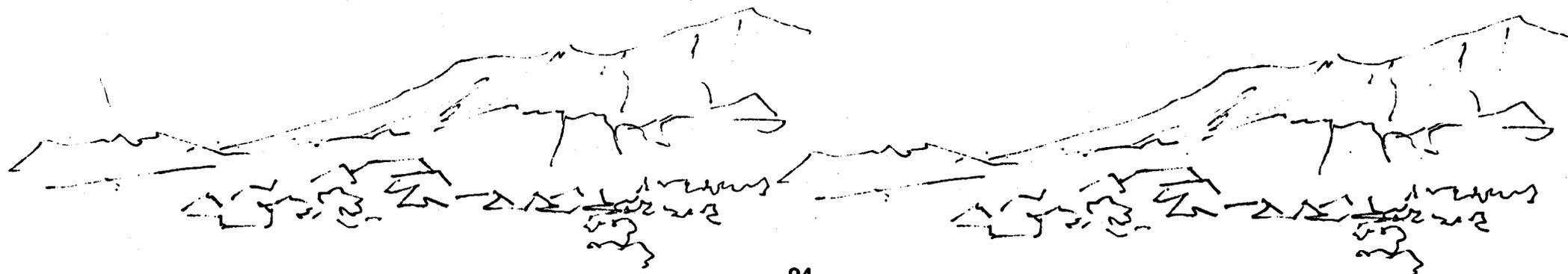
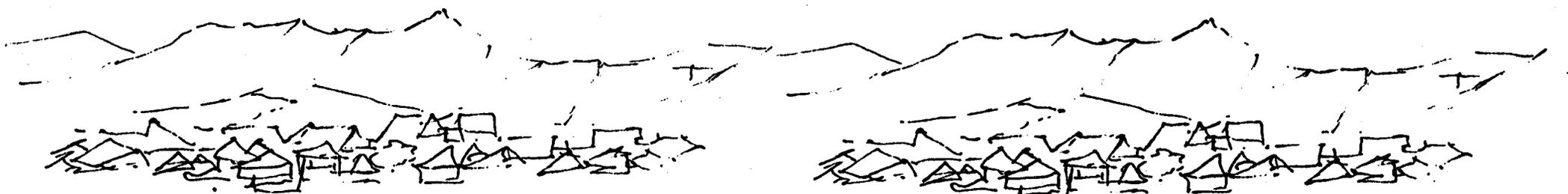
st. Jean de Luz

st. Jean de Luz



Et maintenant Hendaye. 16.00

Et agora, Hendaye 16.00





Vue de la gare de Hendaye.

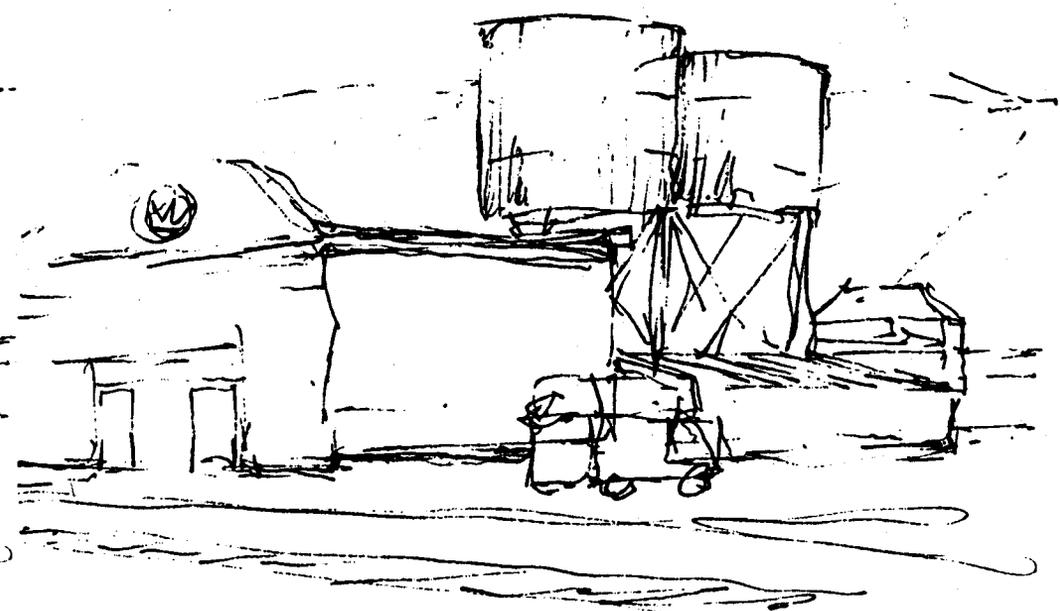
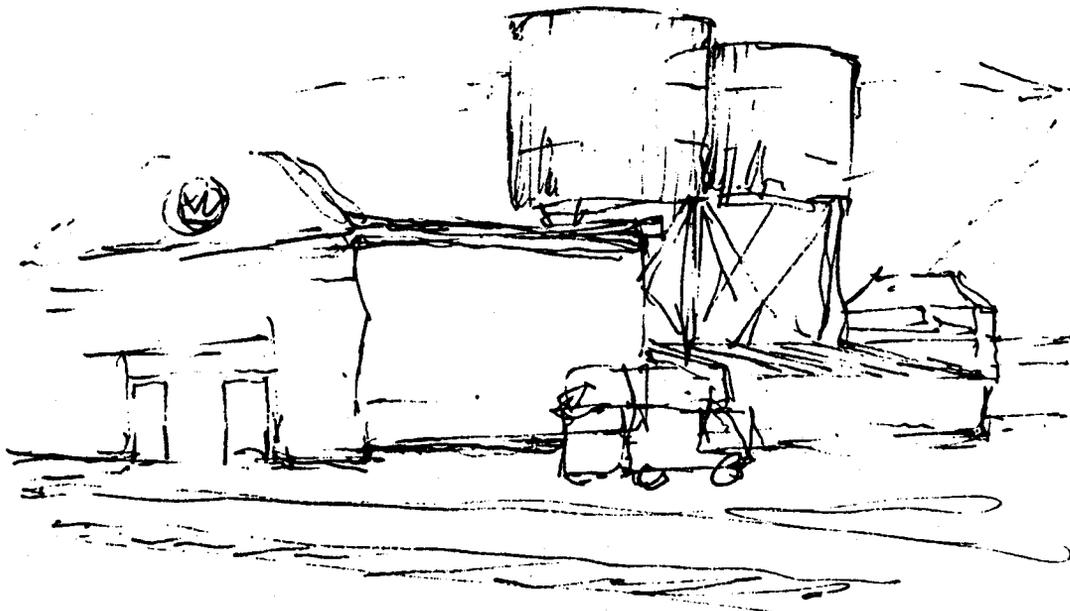


Unha da rede de Hendaye

Arrivée à Irun à 16.20. Sur le quai, attendant le train du Portugal, une foule d'émigrants attend, bavarde et mange. Je mange et bois, moi aussi, ce que l'on m'offre. L'on part du principe que tous se connaissent depuis long temps. Chacun parle de son "chez moi", de la vie d'émigré, du temps qui dure et du désir de rester, un jour, pour de bon. L'un d'eux me montre un fagot de branches de vigne qu'il rapporte de Champagne et va planter au Portugal. Il en distribue quelques-unes à ceux qui les lui demandent et continue à parler de son travail dans les vignes, du patron français qui est la personne qu'il préfère en France et qui lui a donné comme gratification de son bon travail quinze jours de vacances. Il revient vers d'autres champs, le paysage du paysan, où il ajoutera quelques pieds de vigne, le construisant et le prolongeant un peu.

1

chegamos a Irun a 16.20. Antracois para Portugal. No cais esperando o comboio para Portugal, unha multitude de emigrantes, comendo, bebendo e conversando. Comece a falar de casa e do tempo que dura e do desejo de ficar, um dia, para sempre. Um deles mostra-me um feixe de ramos de videira que trouxe da região da Champagne para plantar em Portugal. Distribui-meia dúzia por aqueles que lhe pediram e contaram-me o trabalho que fazem nas vinhas, do pai francês que adora a casa de todos os franceses e que a futuro de compensação pelo bom trabalho lhe deu 15 dias de férias. Regressa a um outro campo, a falar de Champagne, onde a uns dizem mas um pé de videira, com alguns - a a uns dizem tanto a uns poucos mas.



Gare de Irun.

La pagaille à la portugaise et à l'espagnole. C'est la débrouille et l'improvisation. Mais gaiement et dans un désordre déjà connu de tous, jusqu'à ce que se constitue un nouvel ordre.

On sent déjà les bienfaits du Sud par la température si agréable de 23 degrés au lieu des 9 degrés hier à Paris. Tous portent encore des vêtements d'été, sauf ceux qui viennent du Nord de l'Europe et débarquent ici, bien emmitoufflés.

Un couple d'Américains d'un certain âge n'arrive absolument pas à comprendre cet "ordre" ibérique différent qui les empêche complètement de savoir quel est le train qui descend vers le Portugal et à quelle heure.

Estação de Iruen.

2 A bagunçada é portuguesa e espanhola. É o desbaratado e o improvisado. No entanto, alegremente e mesmo de um modo já conhecido de todos até se constitui um novo ordem.

3 Sentiamos os benefícios do sul pela temperatura agradável de 23 graus em comparação com os 9 que estavam em Paris.

4 Todos vestiam roupas de verão, mesmo quem vem do norte da Europa que aqui desembarca bem coberto.

Um casal de americanos desta idade não consegue de modo nenhum entender este diferente "ordem" Ibérico que os impede completamente de saber qual o comboio para Portugal e a hora a que parte.



1
 Le train du Portugal. Diffé-
 rents regrets sur ce quaid'ar-
 rivées et de départs de mil-
 liers de Portugais au long
 de l'année. Ils se croisent
 ici, fatalement pleins de dé-
 sir de partir ou d'arriver,
 puisqu'il est vrai que le sen-
 timent est complexe et que
 l'on a déjà beaucoup écrit à
 ce sujet.



Correio para Portugal.
 Há saudades raras, mas há
 mais de raras e raras,
 de saudades de festas,
 quebra de todo o dia
 Cruzou-se aqui, mas
 o Portugal, saudades
 de fazer bem ou de fazer
 já que o seu trabalho
 é complexo e muito
 se encerra todo etc.



2
 Nous franchissons les Pyrénées juste à la tombée de la
 nuit. Le paysage n'est plus dessinable, "el paisaje so-
 noliento / dormia sus vagos tonos / bajo el cielo gris
 y rosa / del crepusculo de outoño"⁽⁶⁾. J'ai préféré voir à
 peine, sans dessiner ni écrire et, à présent que je re-
 lis Jimenez, je trouve dans ses vers le paysage que j'ai
 contemplé tout-à-l'heure: la lumière et les tons finals.

Passamos Passagem ou Pimimim, mesmo ao
 fim do dia, quando já tem passado de-
 uhaul; "El paisaje conoliento / dormia
 sus vagos tonos / bajo el cielo gris y rosa / del
 crepusculo de outoño", porque este paisagem
 si ver apenas, sem desenhos nem escritos
 e agora que li Jimenez reencontro nos
 versos sem ler a paisagem lá pouco
 97 contemplada: a luz e os tons finais.

Burgos, 22.30. Je voudrais bien avoir eu le temps d'écrire et de dessiner tout ce que j'ai vu et pensé pendant ces six semaines en Belgique, en France et en Hollande et, à présent, en route vers le Portugal. Beaucoup de paysages sont passés et je n'ai pas tout retenu; j'en ai lu beaucoup d'autres, de Caballero Calderon, Gilpin, Rilke et Kuo Hsi, de Assunto, Hellpach, Sansot, de Muniain Tison-Braun, Paulhan et Saint Pierre, de Amorim de Carvalho, Torga, Bachelard et Mugellesi et de tant d'autres dont j'oublie le nom. Écrire et dessiner ce que l'on vit sont des manières de mieux voir, de penser les choses et les gens.

En Espagne, il n'y aura pas de voyage dessiné, à peine un paysage que je devine ou que je pressens à partir de quelques arômes de la nuit qui entrent par la fenêtre ouverte.

25.X.84, 7.00 du matin. La Beira! Pierres, broussailles, rochers, vallées et rivières, un paysage brusque, modelé et actif, en grand contraste avec les plaines que j'ai vues cemois-ci. C'est une surprise agréable, une très douce sensation de familiarité. Il pleut. C'est dommage mais malgré tout, je sens un très grand plaisir de rentrer au Portugal. Pays de contrastes et d'improvisations autant que de poètes, pays de choses faites en vitesse, de provisoires qui durent des siècles, pays qui est un long poème à la fois lyrique et tragique, maritime et a

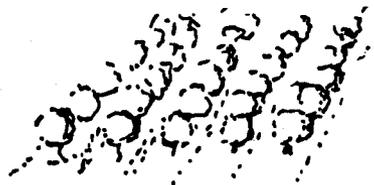
1 Burgos, 22.30. Bem gostava de ter tido tempo para escrever e desenhos tudo o que fui vendo e pensando, durante este mês e tal, na Bélgica, na França e na Holanda e agora a caminho de Portugal. Quites pareciam te pareceram e nunca te doo e tive, muitas outras que li, de Caballero Calderon, Gilpin, Rilke, Kuo Hsi, Assunto Hellpach, Sansot, de Muniain, Tison-Braun, Paulhan, Torga, Bachelard, Mugellesi e Jimenez e nunca tei feito de tanto outras. 2 Escuchar e desenhos o que te vou, em forma de um desenho, de desenhos as coisas e as pessoas.

3 Em Espanha não haverá uma viagem desenhada, só há uma paisagem que adivinho ou que pressento por alguns aromas da noite que entram pela janela aberta.

25.X.84. 7.00 da manhã. A Beira! Pedras, matos fenechos, vales e rios, uma paisagem brusca, modelada e activa, em grande contraste com as planuras que vi este mês. Foi uma surpresa agradável, por ter gostado de sentir um grande prazer de voltar ao Portugal. País de contrastes e improvisações tanto quanto de poetas, país de coisas feitas em velocidade, de provisórias que duram séculos, país que é um longo poema à vez lírico e trágico, marítimo e a



gricole, des terres intérieures de la Beira, de Trás-os-Montes, et de l'Alentejo, les rejets abandonnés par les pouvoirs plus centraux et par les bords de mer plus riches et plus peuplés. Ils ont retenu une population fatiguée et pauvre, perdue par les jeunes qui émigrent quelque part, vieillie, déçue d'une continuité à qu'ils ont laissé le travail de siècles dans la terre qu'ils ont domptée; terrasses, moulins, rigoles, retenues d'eau et tout l'immense effort de construire un paysage culturel complet, du fleuve à la montagne, du vin au blé et à l'huile d'olive. Du pain, du vin, de l'huile d'olive, la base minimale de ces gens, sains de corps et d'esprit, accueillants comme personne, pour qui "le cœur est la mesure de toute chose"⁽⁷⁾, profondément humains, "dont le type est l'aventurier et le héros"⁽⁸⁾, bons, nostalgiques et obstinés. Pour tout cela, je rappelle Ermelo, Cachão, Ester, Lindoso.**



Orangeraias, petites orangeraies en miniature

Quel dommage que ce jour d'arrivée soit si triste! J'imaginai le soleil et la chaleur pour m'ôter cette humidité que j'ai encore dans les yeux, venue des pays où j'ai été. Je leur ai tellement parlé du soleil qu'il me manque maintenant. Nous traversons le fleuve Mondego, avec une grande écluse en angle et, c'est inévitable, je



56
 Ha, meus olhos talmente se habituaram com a luz
 voltar a Portugal. Pais de cochabato e de rios profundos,
 tanto como de factos, pais de curtos factos e factos,
 de povoação que demandam o olhar, pais que em um
 tempo foram a esse tempo lidos e hábil, marchas
 e camadas, dos interiores da Beira, Trás os Montes
 e Alentejo, os filhos abastecidos pelos factos, mas
 tais e felizes lá vai a vida e a felicidade.

Regresso a uma população de trabalho e fábria, desde da
 feloz morte que se cumpriram para qualques la de
 enclaves da, de lenda da de lenda de lenda de lenda
 a quem de lenda a palmas de lenda na terra
 que douzaram, localos, mochos, e fábria,
 accedo e todo o mundo se fábria de lenda; uma
 fábria cultural completa do rio a montanha,
 do rio ao rio e ao rio a gente. Pa lenda e
 a gente, a lenda de lenda de lenda de lenda
 fábria, hospitais como verbum para quem "o
 corac e a medida de todo o corac", fábria
 de lenda de lenda "que lenda de lenda e
 abastecidos e o lenda", lenda de lenda,
 fábria e obediencia. Por fábria e lenda, de lenda
 Ermelo, Cachão, Ester, Lindoso.



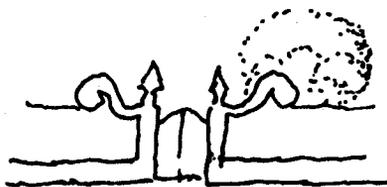
Laranja, leguminosa, lenda
 fábria de lenda.

1
 Que pena um dia ter tido para chegar. Lenda
 gineira o lenda e lenda que me fábria a lenda:
 dada que ainda fábria nos olhos dos factos
 onde estar. Tanto lenda fábria do lenda, que ele
 me fábria agora.

Abastecidos uma grande rio (e o Mondego)
 com um grande alenda em angulo

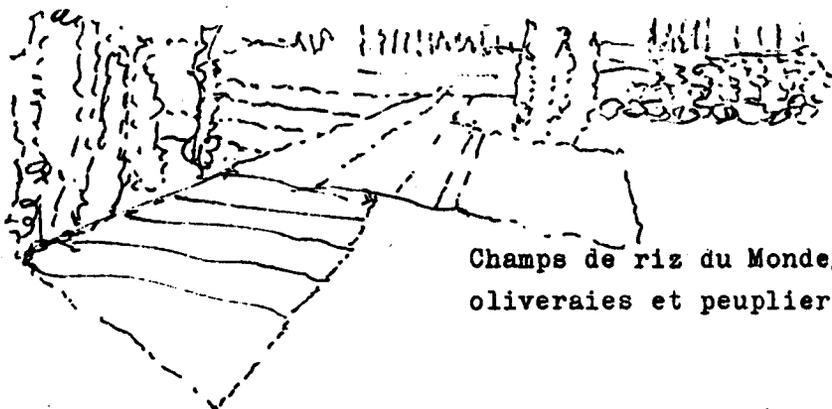


pense aux cours, aux voyages d'étude et à tout le travail pour le doctorat.



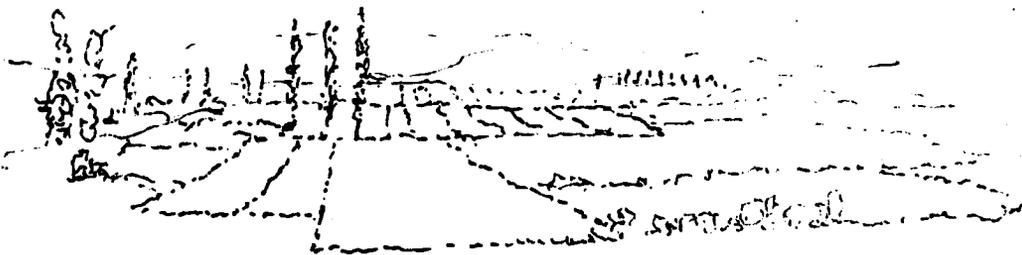
Portail de ferme, avec pied, colonnes et volutes couleur anthracite.

Il est beaucoup plus difficile de dessiner ici. Paysage plus complexe et un train qui danse sur les rails.

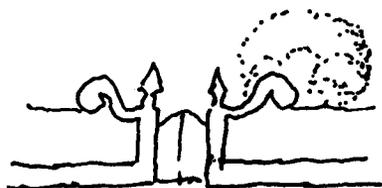


Champs de riz du Mondego, oliveraies et peupliers.

C'est un paysage de petits morceaux, très réparti et pour cela aussi difficile à appréhender et à dessiner, mélangé, articulé et enchaîné, sans temps pour être vu. Des eucalyptus, que je n'ai vus nulle part ailleurs en Europe, poussent ici, dispersés et dans toute la beauté de leur forme



É muito mais difícil de trabalhar aqui. É uma paisagem de pequenos pedaços, muito articulada e encaixada, sem tempo para ser vista. Os eucaliptos que nunca vi em qualquer parte da Europa, crescem aqui dispersos e em toda a beleza de sua forma.



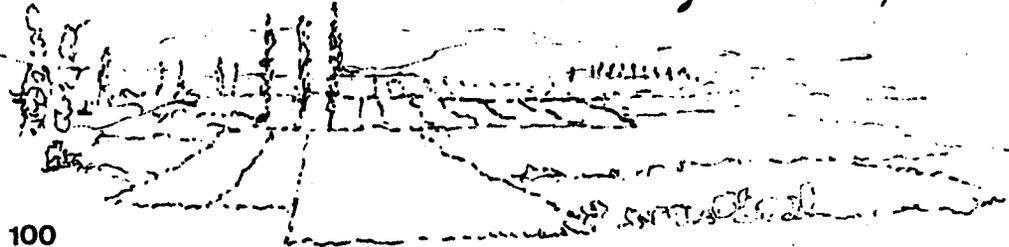
Portão de quinta com pés, colunas e volutas cinzentas antracite

É muito mais difícil de trabalhar aqui. É uma paisagem de pequenos pedaços, muito articulada e encaixada, sem tempo para ser vista.



Campos de arroz do Mondego, oliveiras e chouros

É uma paisagem de pequenos pedaços, muito articulada e encaixada, sem tempo para ser vista. Os eucaliptos que nunca vi em qualquer parte da Europa, crescem aqui dispersos e em toda a beleza de sua forma.



Et voici l'un des grands contrastes pour celui qui arrive au Portugal, venant d'Europe ou simplement des grands espaces espagnols: la profusion des espèces végétales, la multiplicité des espaces, la variation constante du paysage sur quelques kilomètres à peine! Aulong des trois cents kilomètres entre la frontière espagnole et Lisbonne, on voit un peu de tout, de la montagne jusqu'à la mer, en passant par des rizières, des vignobles, des oliveraies, des landes et des falaises agrestes, des vallées profondes et des fleuves de plaine, des pinèdes, des forêts d'eucalyptus, des vergers, du maïs, du blé, du seigle, des jardins potagers, des châtaigneraies.

C'est une échelle différente, un territoire fait des bords de la meseta ibérique et, pour cela, selon Muniain, "casi todos los paisajes de Portugal son hispanicos aunque no todos los españoles son portugueses...". Vallées, fleuves, montagnes le divisent transversalement et, avec chaque partie, nous avons l'extrémité finale de l'Ibérie. Origine d'une indéniable beauté qui réside en partie justement dans cette dimension réduite et contrastée, dans cette variété, beauté que Miguel de Unamuno a sentie, unissant le peuple et le paysage en une seule idée; cette fusion est aussi le centre de toute l'oeuvre de Orlando Ribeiro, humaniste et paysagiste, en tant qu'"attitude et explication" d'une profondeur féconde.

Il se peut que notre paysage soit moins ordonné, mais on sent aussi que l'homme est plus proche de lui. Il y a une plus grande promiscuité et une plus grande fusion avec la terre, même lorsqu'elle est maltraitée et mal-aimée, mais à laquelle on revient toujours, avec un

Este um dos grandes contrastes para quem entra em Portugal, vindo da Europa, ou simplesmente vindo dos grandes espaços de Espanha: a profusão de espécies vegetais, a multiplicidade de espaços, a constante variação do paisagem em poucos quilómetros. Em trezentos quilómetros, da fronteira espanhola a Lisboa, vê-se um pouco de tudo, desde a montanha à praia, passando por arrozais, vinhas, oliveiras, matos, pedregais agrestes, vales profundos e rios de planície, pinhais, eucaliptais, pomares, milho, trigo, castanheiras, castanheiras e outros.

É uma escala diferente, um território rio feito dos flancos da meseta ibérica e um rio dos "Muniain" "casi todos los paisajes de Portugal son hispanicos aunque no todos los españoles son portugueses...". Vales, rios, montanhas, o rio partem transversalmente e de cada um servem a extremidade final da Ibéria. Causa de uma beleza, sem dúvida, que em parte se encontra precisamente no pequeno, na contrastada e na variedade, beleza que Miguel de Unamuno uniu, fundindo o povo e a paisagem numa só ideia feita de que se ocupa profundamente e profundamente Orlando Ribeiro em toda a sua obra humanista e paisagista "atitude e exploração".

1
1

2

3



sentiment de possession, avec affection et connaissance.

Tout-à-l'heure, lorsque je prenais mon petit-déjeuner, le train s'est arrêté au milieu des champs, allez savoir pourquoi, et le garçon qui servait à ma table a interrompu son travail pour regarder par la vitre un olivier, si proche qu'on en voyait les fruits. Il s'est mis à regarder, attentivement, tenant un morceau de pain grillé en l'air, oublié, et a dit: "l'olive...". Il est resté pensatif, regardant et calculant à l'avance comment serait la production, combien on en dépend, le souci d'un aliment si indispensable. Et, à nouveau absorbé dans ses pensées: "l'huile d'olive... nous verrons".

Il a repris le travail, distrait, un oeil sur l'arbre chargé de fruits et l'autre sur les toasts qu'il servait, sans rien dire de plus. Il s'est redressé, fatigué, et s'est attardé un instant à regarder dehors, les champs mouillés d'octobre, de très beaux vignobles et oliviers, promettant peut-être du chagrin et des déceptions. Il y a toujours de l'appréhension dans le regard des agriculteurs, même de ceux qui ne le sont plus, en échange d'une vie mieux payée, mais le sens viscéral et même les regrets ne les lâchent plus et tous les chagrins de la nature ne cessent de les faire souffrir. C'est cela, le paysage du paysan - la campagne.

57
Pode ter que a minha fantasia seja mesmo o de-
nador mais verdadeiro do sentido o homem que se
aproxima mais dela que se afastou da terra
e do trabalho. Há uma maior proximidade
e uma festa do trabalho com a terra mesmo
que a maioria e mal amada, mas a que
forma sempre com um sentimento de posse e afeti-
vidade e conhecimento. Há pouco quando
tinha o pequeno almoço o convívio falou um
meio do campo, sabe-lhe a porquê, e o criado
que neste momento se vai a servir a mesa
interrompeu tudo e ficou a olhar pela janela
uma oliveira tão próxima que se via o fruto.

1
Olhava atento com uma torrada parada no ar
e dizia: "a azeitona..." e ficou-lhe pensativo
olhando e calculando como iria ser a produ-
ção, a dependência disso, a preocupação de
um alimento tão indispensável. E de
seu a bruto: "o azeite... vamos ver!"

2
Retornou o trabalho, desatento e com
um olho na obra carregada e outro nos
torradas que tinha na sua mão, disse. Perdi-
rei-me de contado e por um momento ficou
de a olhar para fora, para o campo e
olhando para a oliveira próxima de
olhos, prometendo de frutos e de azeitona. Há tam-
pouco uma aproximação nos olhos dos agricultores,
mesmo daqueles que deixaram de o ser, mas uma
vida mais bem paga, mas o sentido visceral
e mesmo saudades nunca mais. O trabalho
seu deixando de os fazer sofrer todos os chagrins
da natureza e da natureza. Esta a festa feita
do trabalho, para ele o campo.



Ce pays est beau, riche dans sa diversité, seule chose qui existe en abondance, mais que ce soit au moins comme cela, un fait qui ne peut passer inaperçu, palpable à chaque petite promenade que nous faisons ici, puisqu'un voyage est presque impossible, à moins que l'on aille du Cap de Sagres à Rio de Onor, ce qu'il ne faut jamais faire en un jour car on court le risque d'arriver et de n'avoir rien compris.

Paysage de plusieurs parcelles, chacune paysage aussi, réparti, personnalisé dans chaque jardin potager et bout de champ, comme s'il portait l'inscription du nom de l'agriculteur qui fait depuis des siècles les mêmes choses, de la même manière, avec la force de ses bras puisqu'il n'y a guère de place pour y mettre un tracteur.

De petits champs de maïs, de petites vignes, une rangée d'oliviers, une rangée de choux pour la séparation avec le voisin. Au fond, peupliers et saules qui nous disent où est la rivière et pourquoi les champs sont perpendiculaires.

Chaque vallée est un paradis, chaque fil d'eau est une nature entière qui s'y abrite et cherche sa source.



É'heito este país, rico na diversidade e que só a natureza que há com fartura, mas ao mesmo tempo que se faz a terra, um facto que nos secha pelo olhar, que se faz paula a cada pequeno passo que aqui fazamos, porque uma viagem é quase impossível, só ir do da Ponta de Sagres a Rio de Onor o que nunca se deve fazer nunca de um dia porque se corre o risco de chegar sem ter entendido nada.

2 Paisagem que de muitas parcelas, outras tantas paisagens, repartida, personalizada em cada hortas ou campos, como se houvesse inscritos o nome do agricultor que há séculos faz as mesmas coisas, de a mesma maneira, com a força dos seus braços, porque não há lugar para colocar um tractor.

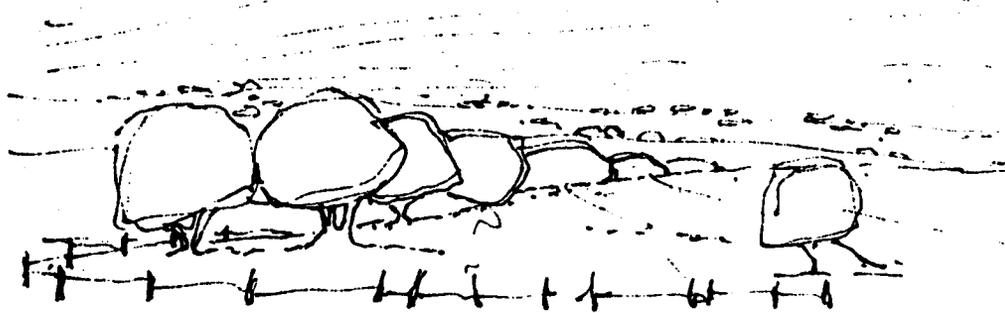
3 Campos de milho, com separação de vinha, uma linha de oliveiras, uma linha de couves para a separação do vizinho. No fundo, chouros e salgueiros, que nos dizem onde é a ribeira e a razão dos campos perpendiculares.

Esta vale é um paraíso, cada fio de água é uma natureza inteira que se abriga e procura a fonte.

Je regarde et n'arrive pas à dessiner. Mes yeux sont sûrement dérégles à cause d'un autre espace, d'une autre dimension, d'une autre définition de profondeur et d'une lecture bien plus facile. Ici existent une condensation et, dans un même espace, une réduction de beaucoup d'autres grands champs de l'Europe du Nord, de la Hollande, la Belgique et la France.

Cette idée d'un "paysage portugais", cela prend beaucoup de temps à être vu; il faut aussi un effort de compréhension et d'amour que l'on veut ou que l'on peut donner, puisque sinon, il n'y a ni champ, ni fleuve, ni bois qui puissent être compris. Connaître l'homme, c'est connaître le paysage, ou si l'on veut, on peut faire le chemin inverse et le même homme apparaît au fond du paysage.

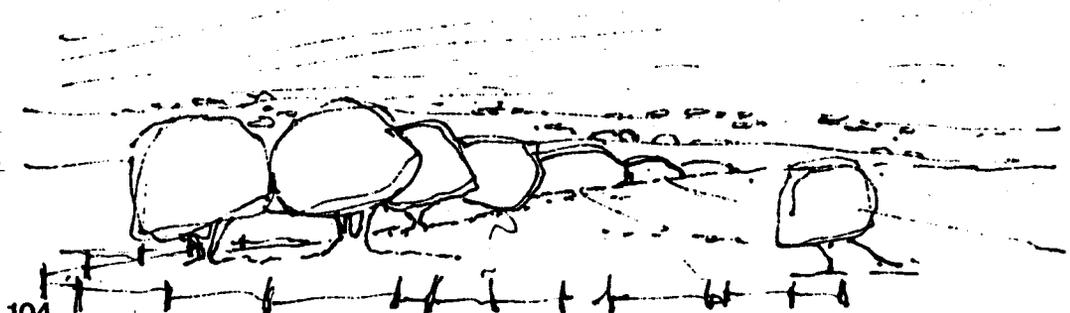
Voilà ce qu'est le Portugal et je l'ai dit si souvent ce dernier mois où j'ai fait la connaissance de tellement de gens qui n'imaginent pas le Portugal. C'est cette petite dimension, c'est ne pas se répéter, un ensemble de micro cultures distinctes qui n'ont en commun qu'une manière d'être portugais de l'homme qui les compose. Chaque région a une vocation différente. Elle ne lui est pas niée, on ne la violente pas, on fait plutôt se développer ce qui est latent et original. Seule façon d'être productif, et non pas à travers l'aberration d'une recette imposée. L'Alentejo ne peut pas être un pays de laitues et les habitants du Minho ne chanteront jamais "à l'alentejane".

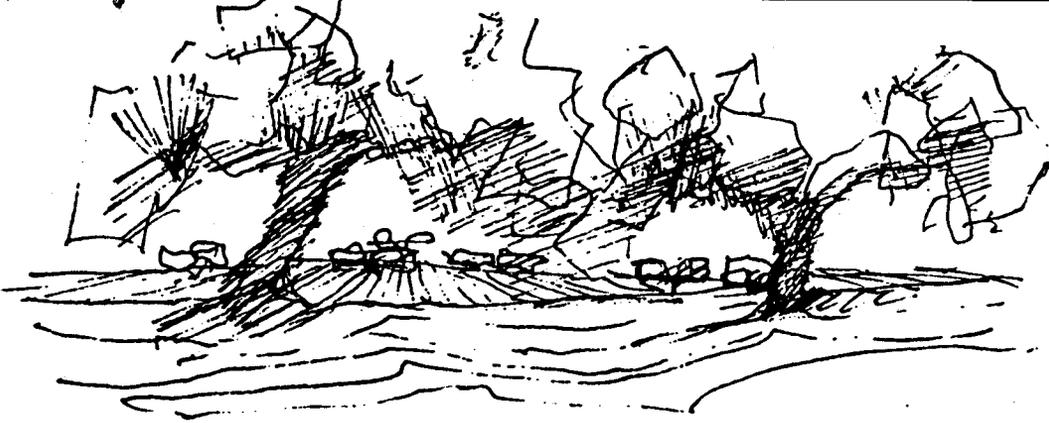


1 Olho, e os outros detalhes. Tudo condensado e outros detalhes por outro espaço e movimento, por uma outra definição de profundidade e uma leitura mais fácil e rápida. Aqui: há uma condensação e um mesmo espaço, um mesmo movimento dos outros grandes campos da Europa do Norte, Holanda, Bélgica e França.

2 Tudo da "paisagem portuguesa", leva muito tempo a ver, leva também esforço de entender, de sentir e amor que se lhe dedica ou falta dar, pois que sem isso, não há campo, não há madeira que se entende. Conhece-se o homem conhece-se a paisagem, ou se quisermos podemos ensinar no sentido contrário e reconhecer o mesmo homem ao fundo da paisagem.

3 Portugal é isto, e facto é que o dito não é mais um que conhece alguma coisa que se chama Portugal, é isto do pequeno, do que não se repete, um conjunto de micro-culturas distintas que de comum têm apenas uma forma de ser português no homem que as compõe. Cada região tem uma vocação diferente. Não se lhe nega, nem se violenta, antes se desenvolve o que está latente e é original. Só isto tem pouco de novo, mas a abstracção de uma receita imposta. Sem o Alentejo não se pode fazer de espaço, nem os minhotos cantam alentejano.





Voici les premiers chênes-liège et le début de la plaine. "Eu não sei o que tenho em Évora...". On a envie d'un chant et de toute l'harmonie qu'il contient, on a envie d'arriver, de poser les pieds sur la terre pauvre et d'entendre les clochettes du bétail dans le grand calme de la plaine; c'est là en fait, que j'ai construit depuis mon enfance le paysage qui est dans mes yeux et que j'ai élu, toujours, comme le mien, à travers une compréhension affective; même en étant né et en ayant grandi dans la ville, ou peut-être pour cela, et parce qu'on m'a appris, mon père, à voir le paysage, à savoir le goûter, à être à son écoute et à l'aimer; ou bien parce qu'une partie de cet amour est congénitale et transmissible, arrive déjà inscrite au fond des yeux, porte de l'âme, lieu de la poésie, de la couleur et de l'amour des choses et des autres, lieu où l'on trouve le désir profond d'être, avec la beauté du visible et les pulsations de la dynamique du faire. C'est dans cette partie de chacun

1

É comecem os primeiros árvores e o fim da
da planície. "Não sei o que tenho em Évora..."
Apecece um canto e toda a harmonia que lhe
está contida, apecece chegar, pôr os pés na terra
pobre e ouvir os clochetes do gado na calmaria
da planície, onde no fundo se deita cri-
ança que construiu a paisagem que está
nos meus olhos e sempre aquela que por
afetiva compunha elegi como minhã, meu
meo nado e cirado na vida, ou talvez por
isto e porque me entremarrei, meu pai,
abei a paisagem, a saber pessoal prova. In-
veni-la e aca-la, ou porque parte de lha aca-
e' compunha e transmissível e venho f' m'acito
no fundo dos olhos, principio da alma, local
da poesia, da cor e do amor pelas coisas e
pelos outros, v'itri onde se encontra o desejo
profundo de ter, com a beleza do visível e as pulsa-
ções da dinâmica de fazer. É neste local de cada

de nous que tout se tient, même le paysage et aussi le mal et le bien, le beau, la volonté et l'amour. C'est de là que nous sommes nous-mêmes. Non d'ailleurs, ou de hors, ou dans ce que l'on nous prête et qui n'est pas pratable. Chacun, EST, et ne peut être davantage.

Aujourd'hui, dans mon pays
Octobre, presque sur sa fin.

May.

Um de no que tudo esta, mesmo a facta
e tambem o mal e o bem, o belo, a vontade
e o amor. Não de outro lado, ou de fora, ou que
nos emprestem e nos ocupam. Cada um, É,
e mais não pode ter.

Hoje, no meu país
outubro quase no fim.

May.

Traduction de Cristhine Zurback

BIBLIOGRAPHIE

- (1) RESENDE, Júlio - "50 Desenhos"
Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa
- (2) EARTROWL, E. G. - "How to draw the countryside"
The Studios Publications, London & New York, 1947
- (3) GREGORY, Brown - "How to draw trees"
The Studios Publications, London & New York, 1947
- (4) CORAJOUR, Michel - Le paysage c'est l'endroit où le ciel et la terre se touchent, in "Mort du Paysage?"
Actes du colloque de Lyon, Editions du Champ Vallon
s/d, p. 42
- (5) RESENDE, Júlio; AMSEL, Jörg - "O Reino das Aparências."
Cat. exposition d'aquarelles et photographies,
Instituto Alemão de Lisboa, Lisboa 1982
- (6) JIMÉNEZ, Juan Ramón - Paisajes del corazón in "Segunda Antología Poética" (1898-1918), Espasa-Calpe SA
Madrid, 1981, p. 41
- (7) DIAS, Jorge - "Estudos do Carácter Nacional Português"
Ed. Junta de Investigação do Ultramar, Lisboa 1971,
p. 33
- (8) PESSOA, Fernando - Elegia da Sombra in "Mensagem e
Outros Poemas Afins", Pub. Europa América, p. 142
- (9) MUNIAIN, José Maria Sanchez de - "Estética del Paisaje
Natural", Publicaciones ARBOR, Consejo Superior de
Investigaciones Científicas, Madrid 1945, p. 49
- (10) UNAMUNO, Miguel de - "Escritos de Unamuno sobre Portugal",
Fundação Calouste Gulbenkian, Paris 1985
- (11) RIBEIRO, Orlando - "Atitude e Explicação em Geografia Humana",
Galaica, Porto 1960

ROMA, FIRENZE, MUNIQUE, BERLIM - - Jan/Fev. 1985

dia 10 de Janeiro

. Nada se vê. Muda-se de um sítio para o outro e 1
afinal não se viaja. é quase o carregar no botão e
pronto, todos sentados e alinhados esperamos a
chegada... Nem de paisagem podemos falar, porque de tão
alto que vamos só a grande extensão territorial, poderá,
em princípio, ver-se.

. Viajar precisa de tempo e paisagem. Precisa de 2
um ritmo de ver as coisas e ouvir as pessoas, de
esperar, de sentir e perceber. Pressentir com o tempo
que os sítios vão chegar.

Aqui, nada disso há. Sinto-me enlatado, de 3
conserva e pouco fresco. Nem sequer um desenho do que
vou vendo, porque nada se vê. Apenas o banco da frente
e o vizinho do lado.

. Descemos. Vejo muitas luzes e o traçado das ruas 4
de grandes cidades. França, Itália? Nada sabemos, nada
de referências. No exterior 55' negativos, é tudo

quanto nos informam.

11 de Janeiro

Roma 10 horas

Neve e gelo sobre esta cidade. 8' negativos. Vou ao 5
Ministério tratar da documentação da bolsa, a pé para
rever Roma sob a neve. Uma cidade irreconhecível.

Quiz desenhar, mas é impossível ter as mãos cá de 6
fora.

13 de Janeiro

... quando saí já não havia o frio horroroso dos 7
outros dias. O sol aquecia o ar se bem que o gelo e a
neve permaneçam. Mas, passeia-se com gosto. Volto ao
Ministério tentando que a imensa burocracia se desfaça
e me permita seguir amanhã para Florença.

Entrei em Santa Maria Maggiore, e fiquei-me a 8
admirar esta magnífica basílica que há dezoito anos
vira pela mão do mestre Teixeira Lopes. Hoje continua a
encantar-me e oiço-o ainda explicar-nos, pacientemente

o que iam perguntando. Era um explicar poético, colorido, próprio de um pintor. Diante das coisa, as palavras que se explicam ficam-nos na memória e mais nos ficam de tão afáveis e agradáveis de ouvir, como eram as deste professor sensível e paciente. (*)



... Piazza di Venezia, onde ao sol já se podia 1 arriscar um desenho, um esboço rápido...

...os pinheiros em Roma são uma preciosidade, uma instituição e, como objecto urbano são formas magníficas, personalizadas e personalizantes.



(*) Encontrámo-nos recentemente, e falámos longamente da importância das viagens de estudo que faziam em tempos, os finalistas de Pintura e Escultura. A importância de ver e de conhecer, o que teoricamente tanto ouvimos falar.

Os anos, tornaram-lhe as palavras ainda mais jovens.

14 de Janeiro.

Rápido, Roma-Milão. 15.25h.

Grandes campos, alguns verdes, outros completamente brancos e uma luz branda com nuvens e um pouco de Sol, sem força, nem vontade.

Vinha e oliveira, silhuetas pretas de encontro à neve.

Paisagem a preto e branco, claro escuro, grande tempo para ensaios de desenho a lápis. Túneis a mais para quem gosta de olhar janela fora. Montanhas enormes, paisagem novíssima para mim, de tanta neve; névoas e luz, que se me embasacam os olhos de tanto e inesperado espanto.

Nem tempo para escrever. As coisas fogem-me dos olhos e apenas permanece a luz magnífica desta paisagem assombrosa!



Agora uma linha de pinheiros, de um lado e do outro, uma aldeia ocre no alto de um monte.

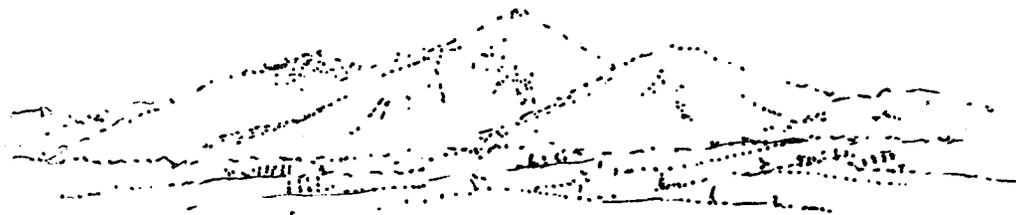
1



Agora uma linha de pinheiros de um lado e do outro, uma aldeia ocre no alto de um monte.

2

Os tons são rosa, amarelo, azul e violeta numa mistura incrível e irreal com um sol já muito baixo, e as nuvens pesadas, reúnem estas tonalidades.

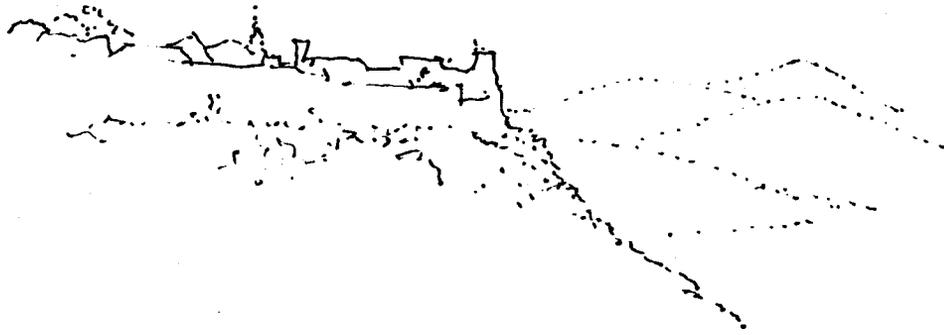


3

Impossível desenhar.

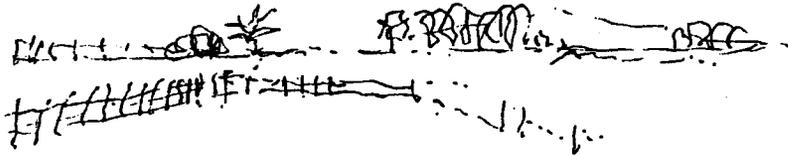
A sensação é tão grande que não cabe, no tempo que disponho. Além disso, a tinta é muito forte para estas luzes. Nunca poderia esperar esta paisagem, tão indescritível, tão poderosa.

Adensa-se a névoa e desaparece o Sol. Só branco e preto e um céu plúmbeo.



Escurece tão depressa! Foi-se toda a luz directa.

1



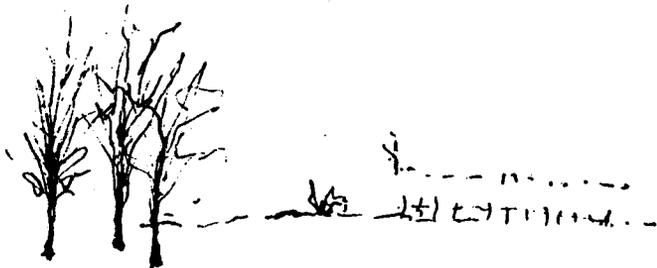
É-me tão estranha a paisagem da neve que levo tempo a compreendê-la.

2



Foi-se toda a luz. Só, por vezes, fortes contrastes, árvores negras isoladas na neve, pousando

3



no nada, sem horizonte, sem mais referência.

E é uma pena ver isto sózinho. É demorado para ver calado, sem comentar com alguém, ou talvez, nem sejam possíveis as palavras. Só olhar, só sentir e guardar, como no fim da subida para Malhada Sorda.

4

. Não há vento e a neve cai, direita, em grandes flocos. Passámos CHIUSI.

5

Compreende-se que se possa sentir, dor, tristeza, ou nostalgia diante desta paisagem. Para mim, nem dor nem alegria, mas o espanto.

6

18 de Janeiro, Florença.

... Biblioteca dell' Accademia delle Belle Arti, privativa dos estudantes; Biblioteca Marucelliana, gela-se e secumbe-se na escuridão à procura, da poética, da paisagem, da luz, da estética... Facoltà di Lettere e Filosofia, idem, o frio, a escuridão e a pesquisa. São estes os locais onde a urbe guarda os mais belos pensamentos dos homens sobre a paisagem.

7

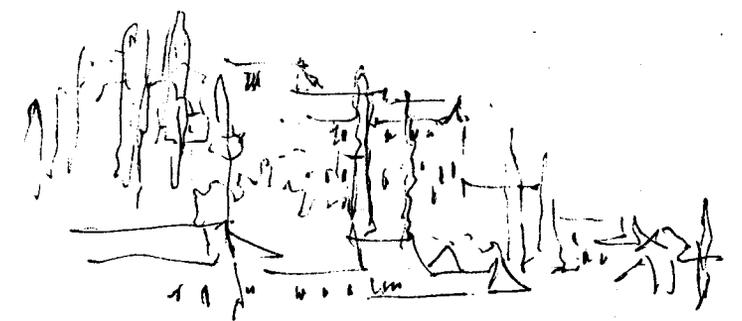
Como podemos sentir essa beleza em tão deprimentes 1
 ambientes? Porquê este medo da luz e do ar que todas as
 bibliotecas têm? De tantas onde trabalhei, apenas uma,
 a da Gulbenkian, era um sítio agradável, acolhedor e
 comodo. Tudo o mais se parece com casas mortuárias,
 desde o cheiro, ao frio e à solenidade.

Sair da Piazza di Sta Croce e ir pela via De' 2
 Benci direito ao Arno; o enfiamento da outra margem é
 lindíssimo, pontuado de ciprestes que se estruturam
 juntamente com a organicidade das casas.

Domingo... um dia de Primavera. Foi agradável e 3
 havia Sol e muita gente no Cascine. Desenhei.
 dia 24. Gabinetto di Disegno. Il Directore, 4
 amabilíssimo, afável e bem educado explicou-me tanta
 coisa que me perdi. Procurava a paisagem, no meu
 italiano suficiente, mas, não é por temas a organização
 dos desenhos que aqui estão arquivados. Assim, terei de
 passar por todos os autores...

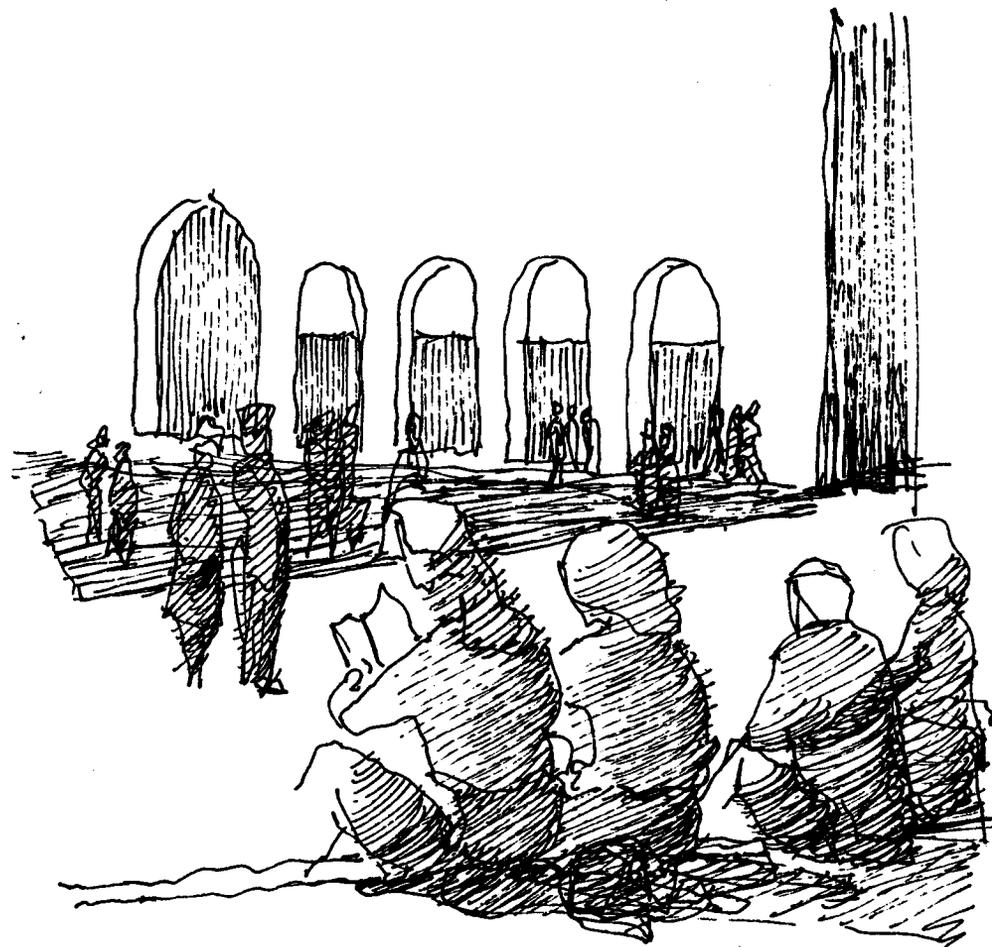
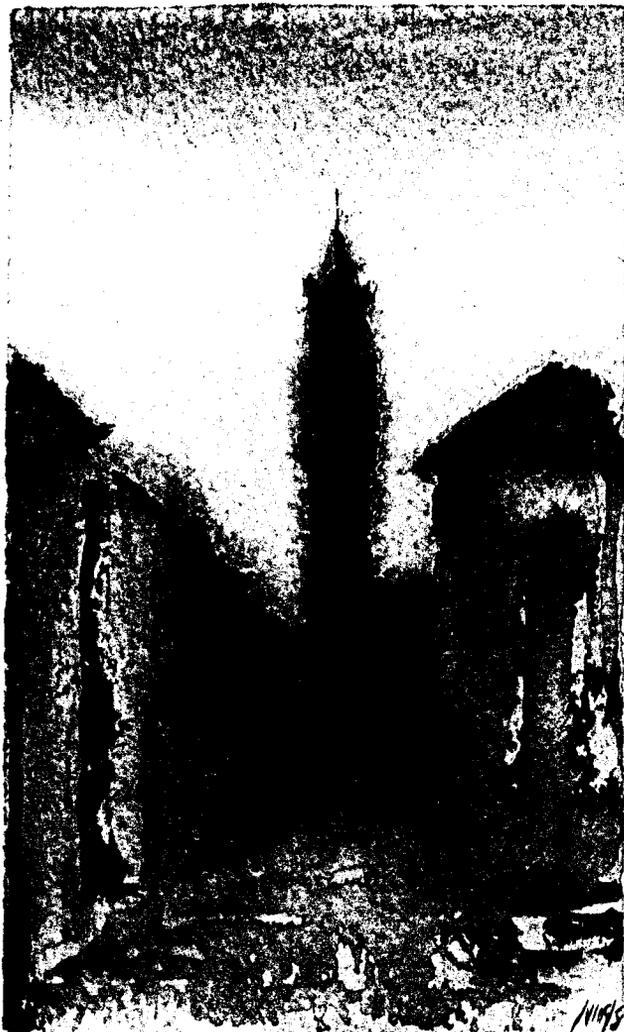


*Sair da Piazza di S. Croce e ir pela via De' Benci
 direito ao Arno; o enfiamento da outra margem é
 lindíssimo pontuado de ciprestes que se estrutu-
 ram com a organicidade das casas.*



Sábado. De manhã, vi Boticelli. E é para ver, sem 1
palavras.

Tenho passeado todo o dia pela cidade. Paro, 2
desenho, ando e espreito aqui e acolá.



11/12/85

Pizzini 2011
87070711

Uma pouco de bot faz de ty i acen no terreno
um flum puzehera. As folhas com pontos em
loje de mezinim de ferente. Alipam. ty, falam
conceitavam.

Toda a cidade adquire uma de ferente ty febr:
ordem. O as munda, as loucas, as lages e
a louca de vira, amanha e a pura ty

... Sta Maria Maggiore. Estava quente, iluminada e dizia-se missa. Sentei-me para aquecer e descansar...

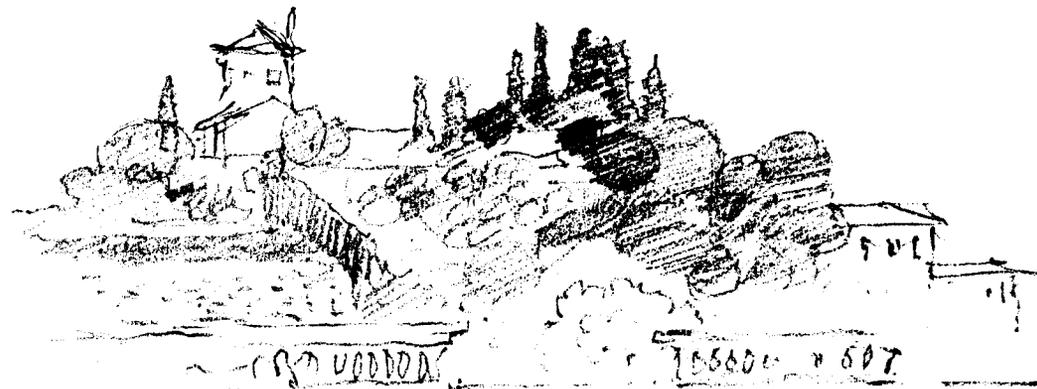
... Sta Maria del Fiore, enorme, apenas grande e nua e a altíssima cupula de Brunelleschi... Gosto do fresco de Paolo Ucelo na parede da nave esquerda, o mesmo cavalo patudo e harmonioso da sua batalha, mas monocromático sem as cores quentes... até à via de Pietrapiana, ao Mercato di Puci e voltei à Piazza di Sta Croce.



... Sentei-me nos degraus da igreja e desenhei uma parte da praça, o Borgo dei Greci e ao fundo a torre do Palazzo Vecchio

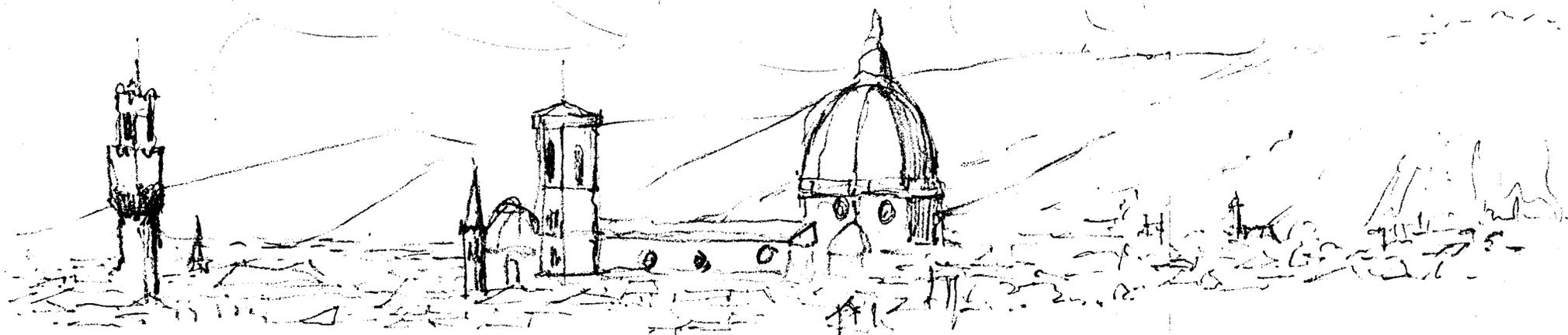
... Via De Benci, Arno... queria ir a S. Miniato. 1

... piazza S. Poggi. A vista para montante perde-se nos montes e sempre com os ciprestes a marcar encostas, casas, palácios. Subi à Piazza Michel Angelo e lá de cima é uma cidade plana, telhados castanho-rosado e, como ciprestes, a torre do palácio Vecchio, Sta Croce, Duomo. A cidade termina ao fundo numa linha



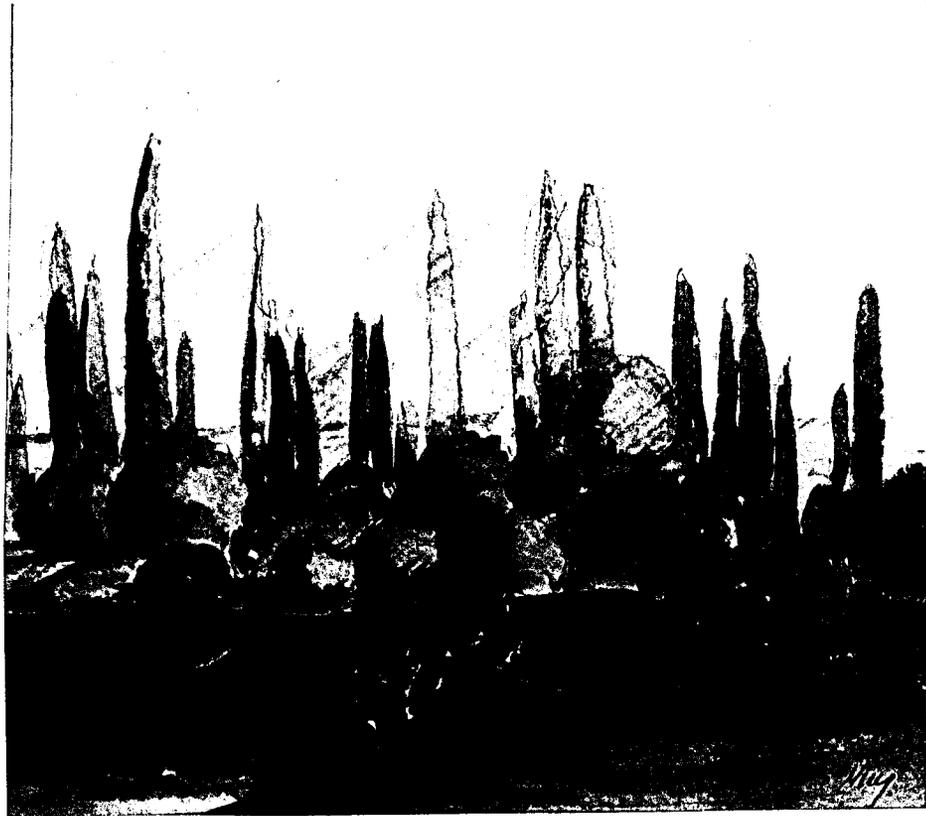
horizontal que corta as torres e as cúpulas e começam 2 montes, grandes, arroxeados de neblinas.

... desenhei a vista sobre a cidade e, para a esquerda, uma colina com ciprestes, casas e pinheiros.



Fiesole. A cidade brilha em baixo. Poderíamos aqui 1
falar de "paisagem" urbana com toda a propriedade que
lhe dá a visão extensiva.

é uma imensidão de luz, Florença, que é de 2
telhados, cúpulas e torres, uma luz entre doirado e
rosa e que à tarde se põe sobre a cidade.



Fiesole

6 de Fevereiro, quarta-feira

Rápido-Firenze-Munique. 11.20h

1 Porquê o enorme prazer em viajar? Porquê este grande gosto de passar horas consecutivas, olhando a paisagem fugidia? Mesmo que seja um percurso conhecido, o prazer é o mesmo. Vejo agora estes campos e os montes sem neve, já verdes, mas uma bruma densa não deixa ver a paisagem completa.

2 São uns arredores pobres, estes, de Florença, como no fundo os de qualquer cidade. Para longe vão os menos afortunados, para as margens do grande círculo social que vai enriquecendo para o núcleo.

3 Pelos vales dos grandes montes escuros, correm massas brancas de nevoeiro e a paisagem é fantasmagórica, grande, e os ciprestes solenizam-na tão calmos como a névoa. Junto à linha, olivais novos alinhados. Uma encosta de oliveiras em socalcos, uma bela casa, e pelos sítios onde a agricultura não é possível, todos os festos e pedregais, crescem em filas

a subir as encostas os direitos e impávidos ciprestes. Antiga, é a sensação desta paisagem um tanto aristocrática pela dignidade vertical dos ciprestes, a maioria grandes árvores, tão implantadas na paisagem que o sentimento é de sempre e de eternidade. Aqui nada têm a ver com cemitérios, não são funebres, são velhos aristocratas.

4 Levámos quase meia hora no túnel e de repente do outro lado há sol e neve! Bela Toscana!

5 Escrever estas viagens é um exercício de ver e um exercício de dizer. Não basta narrar é preciso escrever a transfiguração da paisagem.

6 Descrição como género literário e, estou a lembrar-me do livro "La Poétique du Paysage" de M. Tison-Braun e a poética da descrição.

7 GRIZZANA, a 50 minutos de FIRENZE. Montes, vales, um rio que percorre os fundos em voltas, depositando cascalho e areias no interior das curvas. Ainda muito branco pelas encostas ensombradas, entre as matas de finos carvalhos, muito juntos e, o tom de ocre das

folhas mortas ainda nas árvores e um estranho contraste com os verde e a neve.

é também um exercício de análise e observação da paisagem. O comboio segue na parte mais baixa das encostas e acompanha o rio (será o Arno ainda?). Constantemente atravessamos túneis. Cada vez é mais frequente a neve e acumula-se nos vales, nas estradas e linha, e nos campos, mas nada nos montes. Julgo que se trata de uma questão de temperatura e mais dificuldade de penetração do sol e do vento nas zonas do vale.

Sempre me esqueço de trazer uma carta da região onde viajo. Sei que vou para norte, Bologna, Verona, Brennero, Innsbruck, Munique, mas gosto de saber onde ando. Agora a neve nos montes e nos vales e uma luz com bruma torna o espaço assombroso.



13.00 Saimos de Bologna e é a grande planície totalmente branca e Sol. Nem sei que diga. Há alguma bruma e todos os objectos, arvores dispersas e casas, são azuis de refração e difusão e por contraste com o branco da neve.

13.40, CREVALCORE. Estamos parados no que deve ser uma vila.

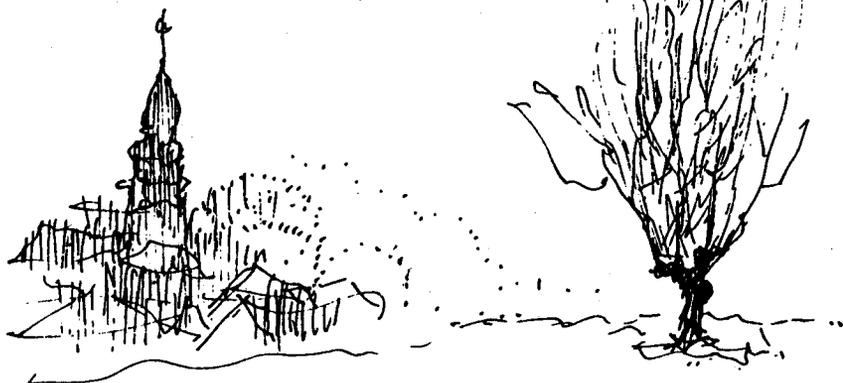
De Bolonha para diante está tudo completamente branco e como é plano e liso é uma imagem que se perde ao fundo em bruma, sem se chegar a ver o horizonte. Só leves linhas cinzento-azulado, algumas manchas, mas

13.40 CREVALCORE estamos parados no que deve ser uma vila



Muchas veces se desfogar a
ver a l'horizonte. Só heu

limba acinzentada - azulada, algumas vezes com um pouco
de branco e misterioso que dá vontade de caminhar
sob a neve e perder-se em um grande saco de
bruma branca e fofa.



tudo tão difuso e misterioso que temos vontade de
caminhar pela neve e perdemo-nos naquele saco de bruma
branca e fofa

13.55 MIRANDOLA - Sacode muito o comboio. Parece 1
que estamos em Espanha.



POGGIO RUSCO 14.00 h.

Já não há Sol. Só bruma e neve e a visibilidade é 2
pequena. As árvores têm um enorme contraste neste
branco acinzentado e tudo nos aparece em silhueta mas
agora é uma paisagem de sensação mais triste, mais
melancólica pois desapareceu a bela luz amarela do Sol
e os azuis da difusão.

Tudo caminha entre o branco próximo e o cinzento 3
chumbo longínquo.



POGGIO RUSCO 14.00 h.

Já não há Sol. Só bruma e neve e a
visibilidade é pequena. As árvores têm
um enorme contraste neste branco
acinzentado e tudo nos aparece em
silhueta mas agora é uma paisagem
de sensação mais triste, mais melancólica.
Está por desaparecer a bela luz amarela
do Sol e os azuis da difusão.
Tudo caminha agora entre o branco
próximo e o cinzento chumbo longínquo.

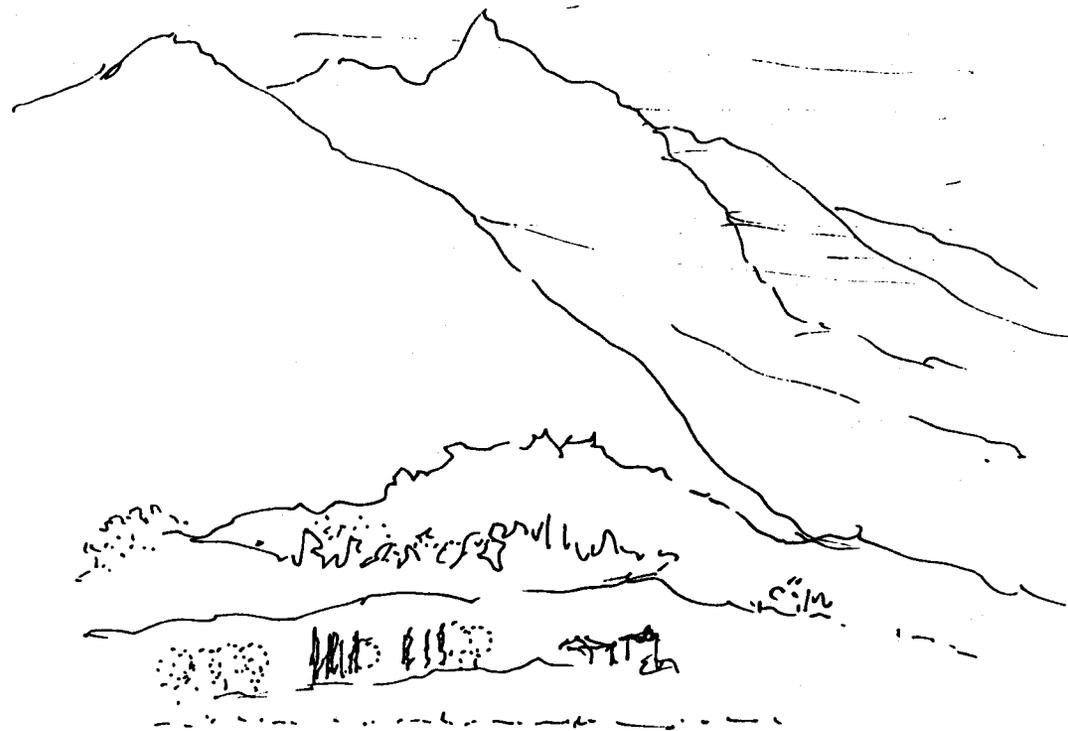
14.50 VERONA - Passei a andar de costas, já não há neve 1
e mudou a fisionomia desta paisagem. Tudo é vinha e
pomares e ao lado do comboio grandes falésias de
calcário, a pique de um lado e outro num estreito e
profundo vale.



é uma outra forma de ver a paisagem, em fuga, e acabo 2
por me demorar a ver o longinquo que agora permanece
mais tempo. Antes era a aproximação, agora o afastamento
rápido.



Não esperava esta paisagem montanhosa. Há efeitos 3
espantosos e tive que usar outra caneta pra dar as
linhas longinquoas.

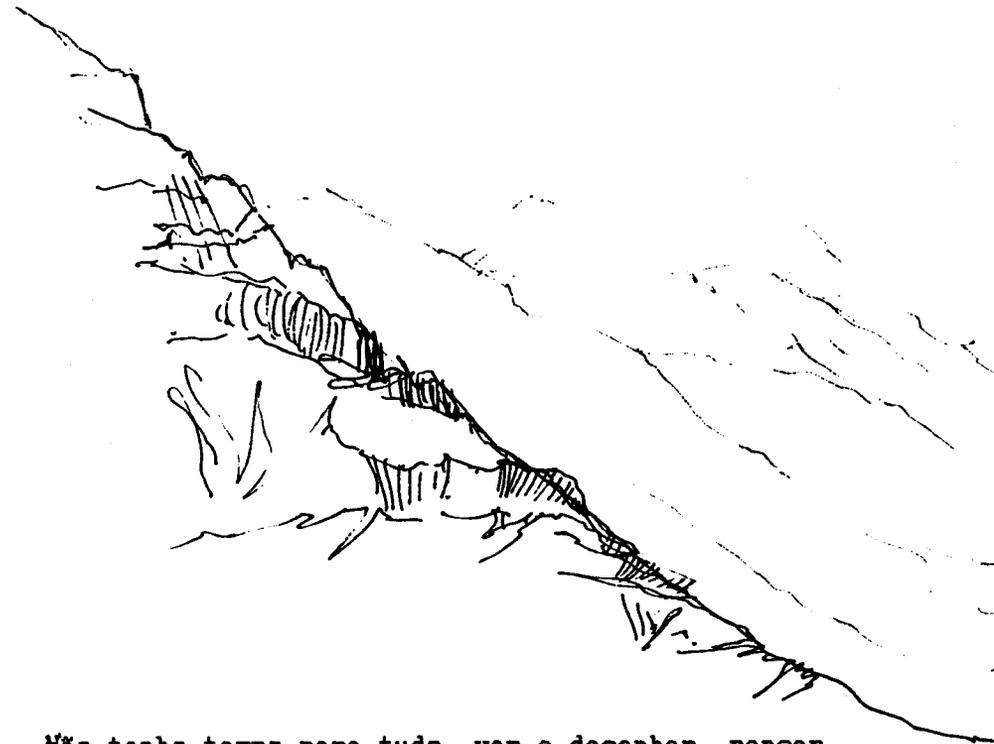
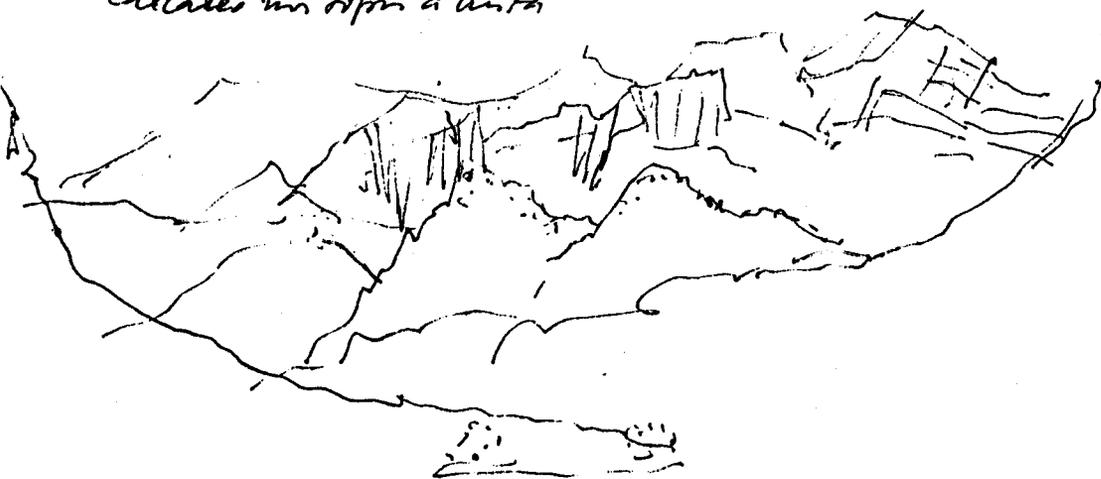


*acabo por me demorar a ver o longinquo que agora
permanece mais tempo. Antes era a aproximação, agora
o afastamento rápido.*

e volta a noite



Muito montanhas com o
calcários no topo à vista



Não tenho tempo para tudo, ver e desenhar, pensar...



ROVERETO 15.40 - Para a minha direita, do lado do 1
poente, é um grande azul mas não de céu, um azul de
montanhas, enorme, sobre a vila onde a muita neve nas
encostas fica azul turquesa. é uma sorte única fazer
esta viagem com sol e bruma.

O comboio, virou lentamente e entra-me o poente 2
pela janela, enchendo o compartimento de cor..

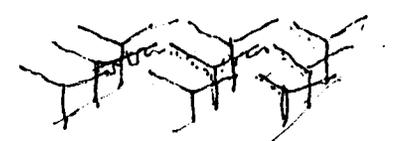


Já não consigo desenhar. Preciso de ver e de sentir e 3
já é muito. O excesso, anula a possibilidade do registo
e relembra-me os limites humanos.

Está tudo coberto de neve outra vez mas há algum sol e 4
a luz do fim do dia que vai aproximando a noite, à
paisagem visitada.



As vinhas têm outras formas as encostas do...



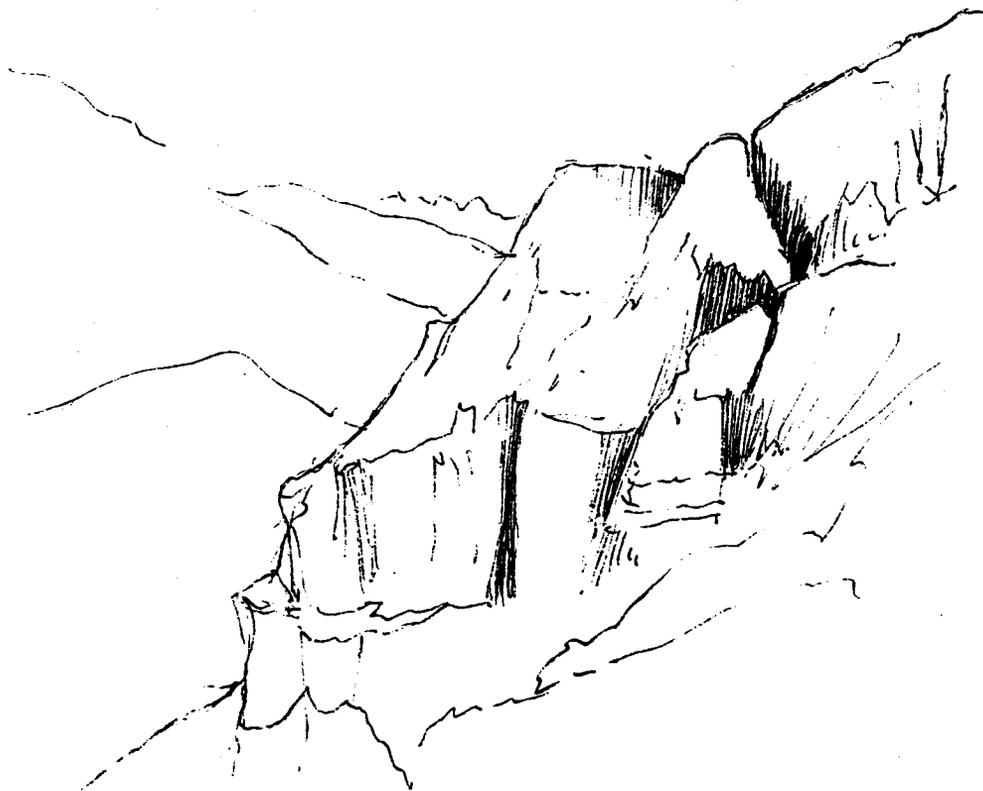
*que se vai aproximando a
noite é /-actapem visitada*



TRENTO - 15.50 - parece-me uma cidade simpática, à 1
entrada, mas a estação tira qualquer vista.

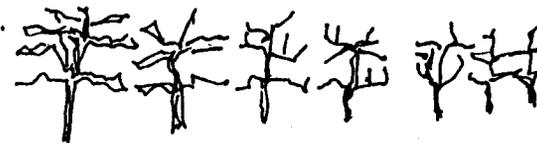
Incrível o tamanho deste W.C. Atrai toda e 2
qualquer visão, talvez questão de comunicação visual,
FUNDAMENTAL.

Partimos sem demora.



Sobreposições e relações, o próximo e o distante, o 3
movimento de umas coisas sobre as outras e a
modificação constante do espaço da paisagem. As
distâncias as proximidades.

Continua vinha e mais vinha e imensos pomares de 4
árvores grandes podadas na ponta e abertas para os
lados em cilindro.

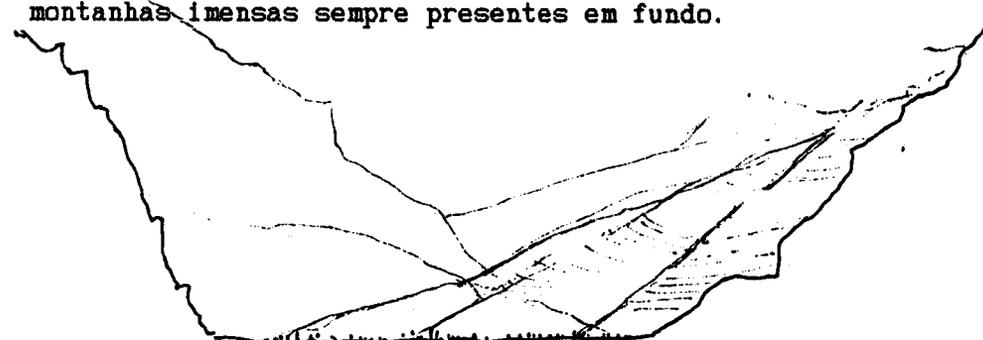


ou

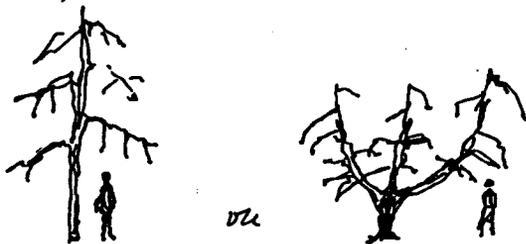


deixando 3 guias e nenhuma central.

Continuamos pelo mesmo vale, de neve, vinhas e 5
pomares, muito de tudo, agora aberto e largo mais as
montanhas imensas sempre presentes em fundo.



Os pomares, são de árvores muito grandes e estão 1
neste momento a podá-los, dirigindo os ramos para baixo
dando-lhes um ar triste e chorão porque pingam em
direcção ao solo.



É de quando a BOLZANO 16.35 ou BOZEN, uma das
Cidades onde existe o bifejo Vitalis. Assim se juntam
as memórias mais distintas.



Estação de BOLZANO

17.00 Isto é já outro país, mais nórdico, nomes em 2
alemão, aparência diferente.

O comboio vai devagar, a subir. Uma autoestrada 3
segue ao nosso lado assente em pilares com a fundação
no leito do rio que está completamente gelado.

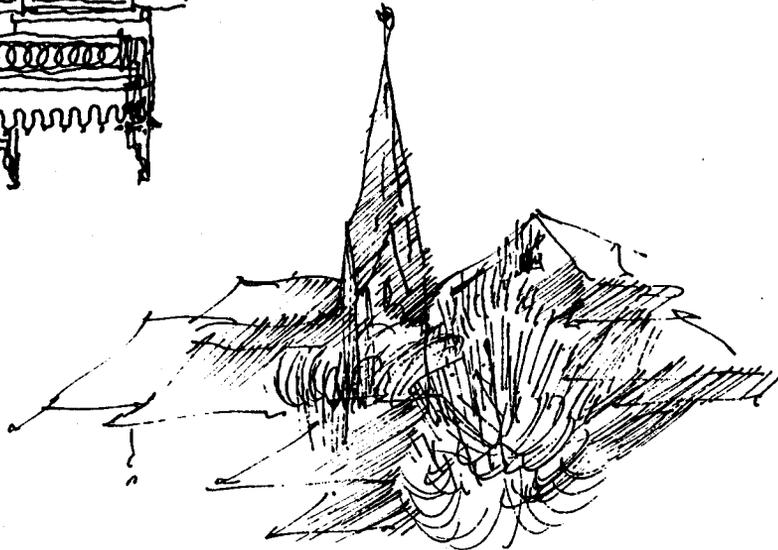
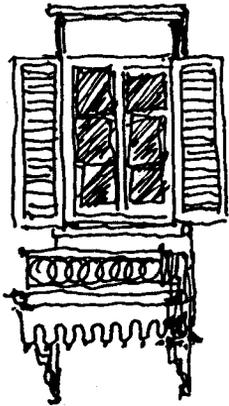


BRESSANONE - BRIXEN - 17.15

Sinto-me já na Áustria. Não há ciprestes. Abetos, 1
sim, muitos. Estou cansado de tanto ver, de tanto
tentar reter.

FORTEZZA - FRANZENFESTE - 17.20

Tudo tão diferente, agora. Só tenho tempo para 2
desenhar esta janela toda em madeira; da estação para
baixo continuava mas já não tive tempo para mais.



Voltam a aparecer as agulhas góticas. Daqui por 3
meia hora estaremos na fronteira austríaca.

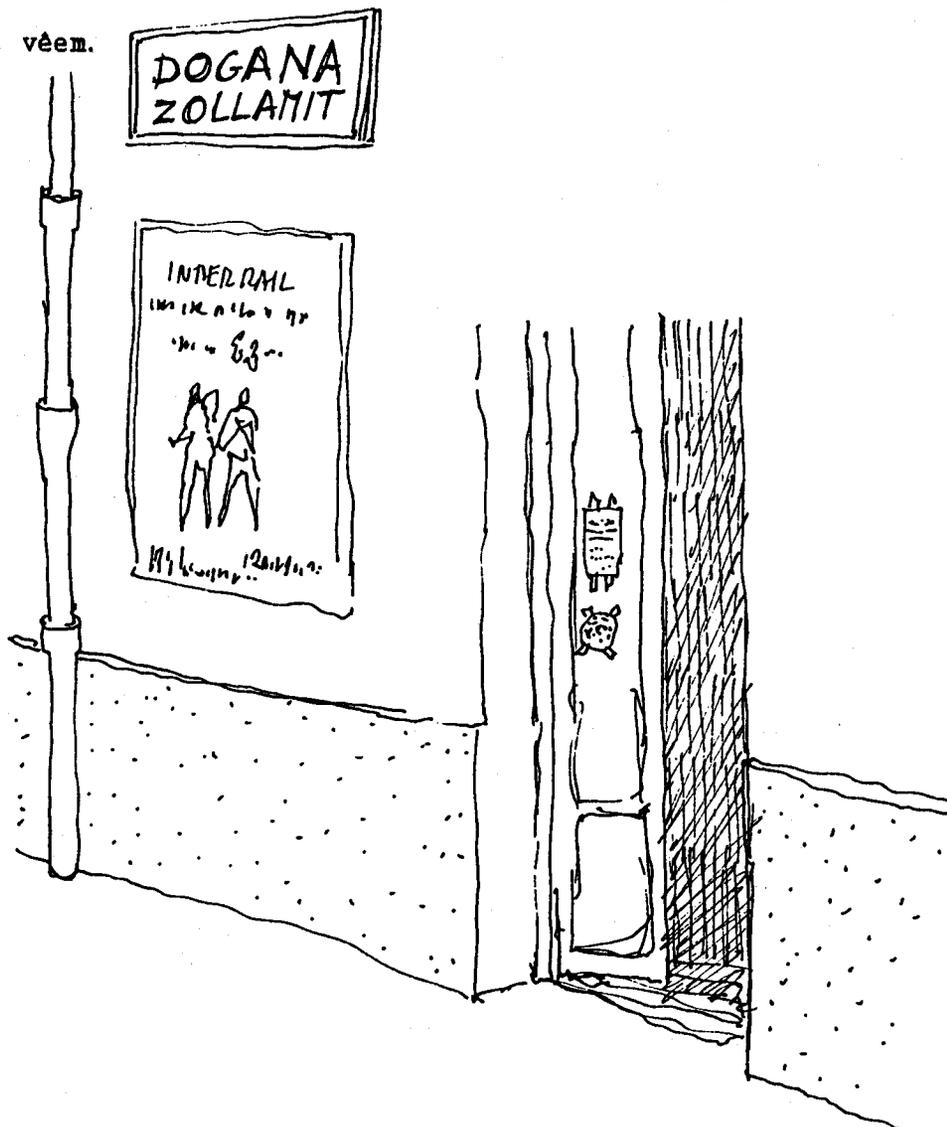
E o dia é quase só uma ausência de luz. Alguns tons 4
azulados, a neve e o escuro dos montes, uma difusão que
diluí os objectivos da paisagem e atenua as forças
explicando as coisas pela unificação e harmonias de
penumbras.



Aldeias no fundo dos vales, todos os montes descem e 5
parecem encontrar-se num ponto onde nasceu uma
pequenina aldeia com a agulha da torre da igreja
centrando a aglomeração.

Já nada se vê. Luzes aqui e além, mas mais nada 1
resta deste dia tão viajado e pouco vulgar.

Vamos muito alto agora. Vejo a luz lá em baixo e 2
os carros que sobem também. Restos de neve que ainda se
vêem.



BRENNERO-BRENNER. 18.05. Já me viram o passaporte mas 3
julgo que foram os italianos. Ouço falar alemão.
Qualquer coisa se passa no comboio mas que não percebo.
Desde que não me façam sair, é-me idferente. Apareceu
a policia de cão pastor pela trela a pedir de novo o
passaporte. Recepção pouco amistosa.

Tenho viajado sempre sózinho. Durante uma hora 4
estive aqui um viajante tão calado como eu e que desceu
em Bolzzano; mais ninguém.

E o primeiro chapéu à tirolesa, passa-me agora 5
diante da janela. Muda-se a máquina ou qualquer outra
coisa. Isto é apenas um apeadeiro sem maior importância
que a passagem de fronteira, que é o que o letreiro nos
diz. Por baixo um cartaz a propagandear o inter-rail
com dois rapazes de mochilas às costas e é isto a
estação de Brennero ou Brenner, conforme se fale.

19.00 Chegámos a uma cidade mas ainda não sei o que é; 6
grande entroncamento.

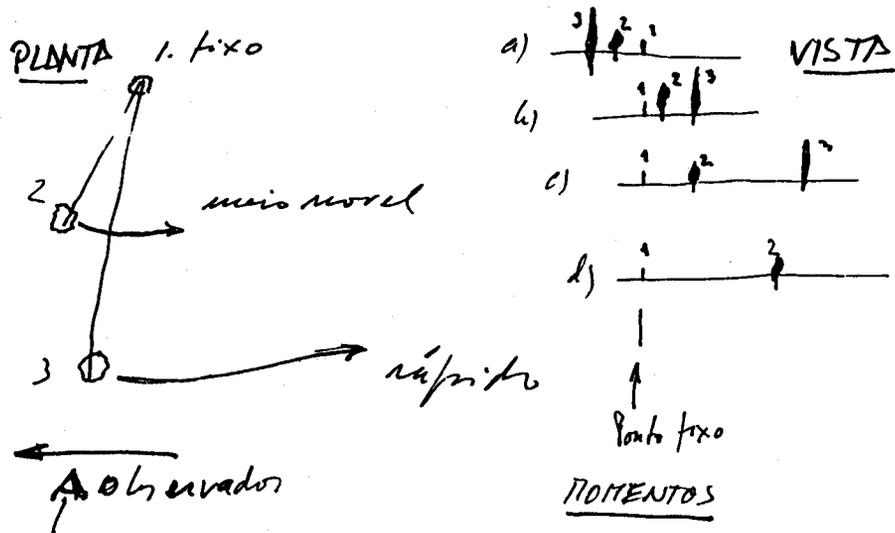
é INSRUCK, de que tanto gostei quando aqui estive 7

em 1974 com o Miguel Correia e vejo na linha ao lado a indicação de um comboio para BREGENZ outra cidade muito calma onde estivemos também. Entraram austríacos para o compartimento ao lado e falam todos ao mesmo tempo. Depois do italiano esta sonoridade, como som humano, é muito dura ao ouvido, desagradável e violenta.

Agora que já não há luz e portanto não há paisagem 1 visível (mas a nocturna, audível e olfactível) - gostava de escrever o que tenho vindo a pensar acerca da mobilidade das pessoas em relação à paisagem e que se liga com o que escrevi sobre a nossa mobilidade ao longo do rio Paiva, . Também a forma de mobilidade ou mutação da paisagem e ainda a descrição de Proust no livro de Micheline Tison - Braun acerca dos três campanários da aldeia onde se dirigiam.

Esta mobilização da paisagem, a observada do 2 comboio e as sensações que vamos conhecendo, são profundamente diferentes de estar sentado à sombra de uma árvore olhando o vale do Douro, parado, eu, ele e o tempo, de ver e pensar as formas e os espaços, a luz e

a dimensão profunda, das voltas do rio e das quedas das margens. De comboio há um acontecimento que é o consecutivo cruzar da paisagem próxima com a longínqua. Leitura transparente e móvel contrapontos constantes, de luzes diferentes, formas grandes e pequenas, sobreposições, e contrastes de claro escuro. O nosso movimento dinamiza as sucessivas relações que estabelecemos com as partes transparentes umas por cima das outras sendo no entanto a mesma paisagem. Podemos inclusivamente ver a paisagem ou as paisagens conforme nos apetece seleccionar ou ampliar o espaço da visão. Há uma percepção da profundidade móvel, por comparação relacional entre a próxima e rápida e a longínqua e lentamente mutável. Esta permanece como que o centro de um círculo descrito por nós, tão mais centro quanto longínqua e imóvel está. Se considerarmos ainda pontos intermédios então a sensação é de uma paisagem em que nada está fixo e tudo passa diante de nós ou nós por diante. Em planta teremos:



Em relação a 3 a sensação é a rápida passagem 1
 diante dos nossos olhos (árvores à beira da linha ou
 casas etc). Em relação à 2 e 1 a sensação é de que se
 deslocam uma sobre a outra em sentidos contrários e não
 a imobilidade de 1.

Mas se 1 for um ponto muito distante ou o mais distante 2
 que podemos observar, então a sensação, é de aparente
 imobilidade.

A nossa deslocação não é comparativamente sensível 3
 na grande distância e ao fixarmos esse ponto, como que
 o imobilizámos deixando que tudo se mova por diante.

Podemos também ter esta sensação de imobilização de um
 ponto mais próximo desde que o fixemos e então tudo se
 move por detrás e pela frente, tornando-se o ponto
 médio de dois espaços que se deslocam sobre si mesmos
 em sentidos contrários.

Daqui decorre a maior sedução da paisagem viajada: 4
 a continua revolução do espaço, a constante mutação das
 relações, a renovação dentro de uma mesma paisagem que
 deixa de ser uma contemplação estática para ser uma
 flutuação horizontal de observador e observado. E mais:
 quantas vezes ao viajar somos atraídos por uma bela
 paisagem que diante de nós se desloca e ao pararmos o
 carro para a admirar, ou fotografar ou desenhar,
 descobrimos que parte, grande parte daquilo que nos
 seduziu, já se não encontra, quando imóvel diante de
 nós. Frequentemente isto acontece com determinadas
 paisagens. E não é só uma questão dinâmica, mas também
 o tipo de visão que o próprio movimento rápido produz.
 Ao deslocarmo-nos rapidamente, por exemplo, diante de
 um campo em que o cereal desponta, a desfocagem que o

movimento produz nos nossos olhos leva a que tenhamos a sensação de uniformidade por um lado, e da mistura de cores e texturas, por outro recolhendo a sensação de harmonias homogéneas. Ao pararmos, para melhor admirar este mesmo campo, não só não encontramos a homogeneidade de cor, como de textura, e notamos sim, a irregularidade, as falhas em que o cereal não nasceu e a separação clara, de verde e de terra, por vezes sem qualquer beleza, ou pelo menos sem aquela que descobrimos quando em movimentos.

Em movimento rápido, tudo se harmoniza na 1
impressão básica e, é talvez, um tanto de irrealidade, que provoca a especialíssima beleza, a da paisagem movimentada.

O movimento contínuo, permite-nos a apreciação 2
máxima de um objecto, usufruindo do seu maior numero de relações e posições relativas, (que são o que o explicam), da rotação da sombra própria modificando-lhe o volume, da sombra projectada definindo o plano sobre que se desenha, da relação comparada de distâncias e

dimensões, e de toda a complexidade da profundidade.

Uma estética da paisagem concebida por diversos 3
elementos dilui-se aqui perdendo fixidez e conceito. A revolução de um espaço de paisagem, e o infindo dinamismo, subverte por inteiro o conceito de figura grandeza, luz, movimento, vida e cultivo e qualquer outro que se conceptualize, por uma atitude contemplativa estática.

A anulação de partes, de separações, de 4
imobilidade e relações estáveis, idealiza uma emoção estética transcendendo-se o sentimento para uma imaginação no sentido da poética, em que talvez a sensação de flutuar horizontalmente entre a paisagem que está em nossa volta provoca em nós a perda do concreto. Esta perda recupera-se, oniricamente, provocada pelo movimento, em inícios de poesia, em levitações dos corpos, e na perda da sua matéria, tudo se transformando em elementos leves, em imaginário absoluto e em construção da poética.

Não é sem dúvidas, que escrevo deduções deste 5

tipo, que me surgem essencialmente como resultado de uma experiência e que aqui e acolá se relacionam com pensamentos de autores, vários. Bachelard, por exemplo ou Sansot, ou Tison-Braun ou Ramos Rosa. Não é sem dúvidas, de facto, este caminhar por áreas tão instáveis, tão subjectivas e tão fluidas. Verifico que chegamos facilmente a uma zona do pensamento em que quase tudo pode ser, em que tudo é já tão transcendente que nada se limita dentro de conceitos. Todas as relações se fazem, todas as hipóteses são verosímeis. Tudo parte tanto do interior pessoal, tal como a poesia, que as verdades são todas as que cada um queira enunciar partindo da sua experiência e do seu mundo pessoalíssimo. E afinal é isto a poética: um mundo pessoalíssimo, sem limites de imaginação.

Nem o pensamento sobre o que nos rodeia é limitável, nem os factos são apenas a realidade factual. Para além de uma aparência, as coisas, são aquilo que a imaginação transforma, reinventa, e transcende. Assim, filosofar, realiza e completa os

factos e as coisas, revoluciona o mundo e alarga de tal modo a concepção deste mesmo mundo e daquilo que o compõe que é inevitável algumas referências perderem-se. Apenas resta ouvir tudo e tudo tomar como possível mesmo que o fundamento seja a absoluta subjectividade do puro sonhar.



Munique, 8 de Fevereiro

Passei a manhã na Alte PinacoteK. Fui a pé para
1 ver a cidade, sob a neve. Atravessei o pequeno e antigo
cemitério que hoje faz de parque e detive-me a observar
o que para mim é uma imagem pouco comum.

O branco e o negro repetem-se aqui num desenho
2 nostálgico, um tanto triste mas de um imensa calma. Os
corvos são os donos deste espaço e sentem-se à vontade
nesta temperatura de 8° negativos. As pessoas que
passam não têm também o ar friorento que certamente eu
aparento. Um meridional não resiste muito tempo
passeando nestas temperaturas, mesmo que a paisagem
seja bela.

• Vi os mestres flamengos e alemães do Sc. XVI e
3 XVII.

Entenderam, primeiro que todos, a luz e o espaço e
4 deram uma importância à paisagem que só no séc. XIX com
os pré-impressionistas e impressionistas voltamos a
encontrar. Mas, grande é o espanto se lermos o que disse

muito anteriormente Kuo Hsi(*), sobre a paisagem, numa
época em que no Ocidente se estava demasiadamente longe
de a pensar, quando mais interpretá-la.

Conheci os quadros de Albrecht Altdorfer, as suas
5 paisagens e, talvez, o seu pequeno quadro "Paisagem com
o Castelo Worth ao longo do Danubio" seja das raras
paisagens sem figuras, isto é, paisagem como tema nos
principios do séc. XVI (1480-1538). Depois, também,
"São Jorge combatendo o dragão", outro pequeno quadro
(30x22cm) em que o principal é a exuberante floresta e
a paisagem azul e longínqua. São Jorge e o dragão
encontram-se ao meio do quadro, em baixo, mal se
destacam da natureza que os envolve.

Philips Koninck (1619-1688) "Paisagem plana", rio,
6 árvores e uma paisagem que se perde no horizonte a que
se junta um grande céu com nuvens pesadas... (**)

(*) Kuo Hsi, An Essay on Landscape Painting.

(**) Sobre a paisagem na pintura realizámos um longo estudo sobre algumas
centenas de quadros e que tencionávamos apresentar em anexo. No entanto,
porque demasiado longo, não nos foi possível concluir a tempo a análise final.

O estudo incidiu sobre os quadros em que aparece a representação de
paisagem quer como fundo, pormenor, ou a totalidade do quadro e desenvolveu-se
nos seguintes museus: Velha e nova Pinacotecas de Munique, Museu Groeninge,
Museu de Arte Antiga de Bruxelas, Galeria Uffizi, Gabinete de Desenho da
Uffizi, Museu do Prado, Museu Gulbenkian e Museu de Arte Antiga.

Sábado 9 de Fevereiro

A caminho de Berlim já perto de Bayreuth na 1
autoestrada, único sulco escuro na paisagem. Uma fita
estreita repartindo o branco infinito.

Neva intensamente e toda esta paisagem recomeça um 2
desenho a preto e branco puríssimo, um nítido valor
linear.



Os desenhos flutuam e vivem isoladamente cada um 3
por si em expressões diferentes. Adivinhamos a
estrutura que os une como caligrafia oculta, ou
palavras por dizer. As linhas adquirem o máximo rigor e
expressão, como estas letras unidas sobre a folha de
papel.



12 de Fevereiro

Comecei por Gainsborough, na primeira sala. 4

Ao ver esta pintura fico com a sensação de que se
fala pouco deste momento, de Gainsborough, Wilson,
Turner e muitos outros. Fala-se demasiado nos génios
quando outros inúmeros génios ficam dissimulados, ou
por moda, esquecidos. Fico também com a certeza, não
teórica, mas agora real, de que toda a pintura da
paisagem começa realmente nos finais do XVIII com
ingleses e alemães e se desenvolve pela primeira metade
do séc. XIX até aos impressionistas.

Penso também que se exagera a visão única e os 5
sentimentos destes últimos. Penso por exemplo em C.D.
Friedrich e na sua paisagem pessoalíssima de castanhos
e azuis ou Wilson na vista do Tamisa em fazeres
poéticos já tão antecipadamente impressionistas.
Esquecemos frequentemente que não é apenas uma origem
da paisagem que é exterior ao impressionismo, mas
também uma primeira essência. E mais: a paternidade da

pintura de paisagem pertence aos nórdicos tal como 1
refere Jean Leymarie, (*)

Penso também que o ensino em Évora tem que 2
contemplar mais profundamente a cor, no estudo da
paisagem. Não a podemos estudar apenas pelo desenho,
mas também pela cor e luz.

Na próxima viagem poder-se-ia, iniciar esta 3
experiência para o 5º Semestre. (**)

13 de Fevereiro.

Um dia extremo: máxima, -17°, mínima, -25°. 4

No lago de Stanberg, gelado, amontoava-se uma
imensidade de aves selvagens numa espantosa mistura.

Toda a paisagem tem hoje o mesmo tom cinzento 5
azulado e não distinguimos o horizonte.

Neva continuamente e para mim a sensação desta 6

(*) Jean Leymarie, L'aquarelle, Skira, Geneve, 1984 p. 31

(**) Fez-se de facto esta experiência em Outubro de 1985, numa viagem ao Rio Mondego para estudo da paisagem pela cor, onde se ensinou uma diferente metodologia e condução do trabalho. Perdeu-se, infelizmente, este "Diário de viagem", pelo que nada consta desta experiência neste volume.

paisagem, é tão estranha que me sinto um tanto
deslocado. Os hábitos das pessoas, o tipo de espaço, o
clima e as próprias aves que nos vêem comer à mão criam
uma ambiência tão diferente do que me é habitual que me
sinto absolutamente estrangeiro e desinserido.

A meu lado uma velhota dá de comer às aves mas só 7
a algumas predilectas: gansos cisnes e galeirões. As
outras nem uma migalha e enxota-as com grandes gestos e
imprecações.

Fui comprar pão e entretenho-me a dar-lhes de 8
comer tentando saborear o prazer de uma vida selvagem
tão próximo de mim. Os gansos nada receiam e ficam
próximo de nós esperando a sua vez. Por outro lado, as
gaivotas, vêem roubar-me pão das mãos em voos
velocíssimos sem nunca falharem o alvo. Aos meus pés
amontoam-se, patos reais, galeirões, gansos, cisnes,
maçaricos, e uma enorme variedade de patos.

23 horas. Rápido Munique-Firenze.

Apetece rever Florença depois desta semana tão 9

gélida. Longe de um sítio reconhecemos melhor as nossas afectividades com ele e sentimos-lhe a falta.

Um mês em Florença já criou em mim hábitos, sintonias e afinidades com o espaço, as coisas e a paisagem. Alguns amigos também, que assim me unem a Florença por outro modo, e que se fizeram nos hábitos do dia a dia.

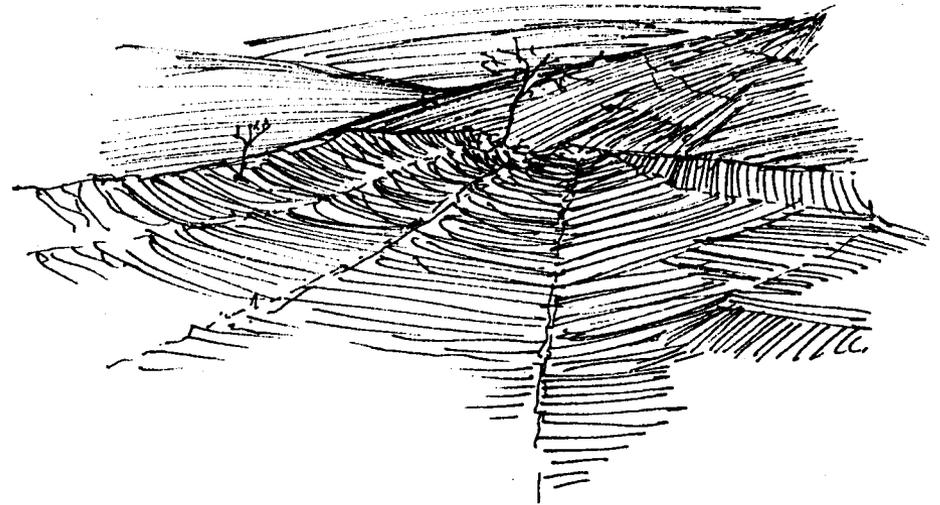
15 de Fevereiro.

8 horas, Bologna. A neve continua a cair.

Já vejo os primeiros ciprestes e sinto-me em "casa". A Toscana tornou-se-me familiar e porque lhe entendo a paisagem. Não só não me sinto deslocado, como em Stanberg, como pelo contrário me atrai. Quase uma memória antiga.

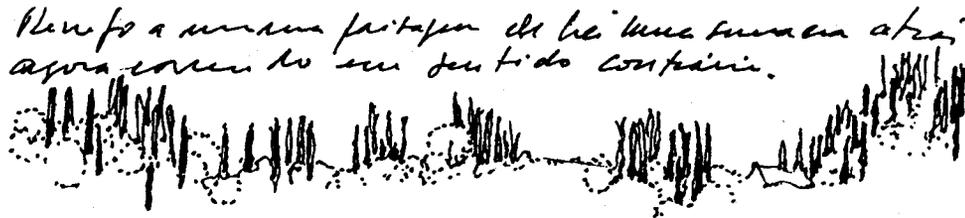
Uma hora ainda para Firenze. Nevoeiro e pouca neve e cruzamos de novo o mesmo rio selvagem, a autoestrada suspensa, choupos e ciprestes.

O desenho inscreve-se na paisagem. Desenhado pelo homem, pela água, por toda a natureza.

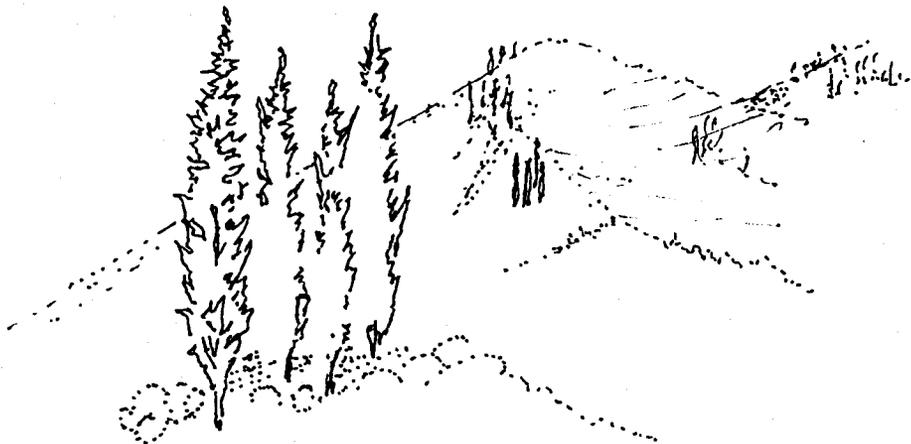


Grande parte dela é riscada pelo arado. Grandes linhas, planos de texturas lineares, ou granuladas, uma árvore que fica, nem se sabe bem por que milagre e, o conjunto é uma harmonia, geométrica ou orgânica mas onde há sempre uma razão mesmo, que na sua essência a paisagem fique profundamente alterada. Nas planícies, é sempre ela mais geométrica que nas montanhas, onde o desenho se liga intimamente ao relevo e à água e, a geometricidade é pouco possível.

Atravessamos agora os inúmeros túneis, de Bologna 1
a Firenze. Aqui é um desenho interior, de toupeira, e
de que apenas se vêem as saídas e entradas na
perfuração das montanhas.



Revejo a mesma paisagem de há uma semana atrás, 2
agora correndo no sentido contrário.



11.30

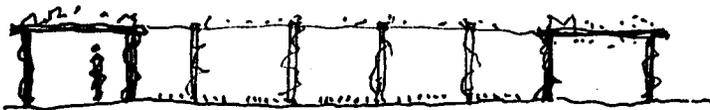
... no café da Piazza del Duomo, faço horas para o 3
comboio para Pisa e daí até Irun. Depois, Portugal. É
um prazer rever Florença nestas duas horas, revisitar,
simplesmente, sem destino. Mesmo com chuva, mesmo com
frio. Tudo tem um sabor novo, de volta a casa.

E o gosto por Florença ultrapassa os seus 4
monumentos e museus; é a cidade vivida que mais me
atrai...

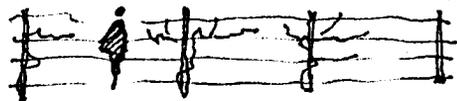
Desenhei esta cidade, o rio, as colinas de 5
ciprestes, pintei a luz... Daqui vejo Sta Maria del
Fiore e advinho a via Por Santa Maria, Ponte Vecchio,
piazza de Sta Croce, talvez a praça que mais gosto pelo
seu sossego de pombos e renascença.

15.00 horas Passámos Viareggio...

...CARRARA, concerteza, pela abundância de 6
marmores...



ou em arames e
proteção



ou as
duas laterais

conchimadas.



quando um proleto deixa
espaço para hostilizar.

Vinha alta em latadas à volta dos campos pequenos. 1

. VEZZANO LIGURE, vinha bordeando socalcos estreitos, de cereal... as mesmas técnicas em sítios geográfica e climaticamente semelhantes.

. LA SPEZIA - "Panini, coca, birra..." e de repente à saída de um túnel, o mar! 2



. LEVANTO, à beira-mar. Para dentro quintas e montes altos. 3

. Há muito tempo que seguimos à beira do mar, mas pouco o vejo. A maior parte das vezes estamos em tuneis.

Pescadores lançam uma rede em círculo. Passamos SESTRI LEVANTO. 4



Uma abundância de palmeiras e uma grande bola que aparece por detrás dos montes em RAPALLO. 5



Exercício da memória dos olhos. A imagem permanece, tendo o real sido tão fugidio. 6



Sta MARGUERITTA L. PORTOFINO. 1
semelhanças com Sta Jean
de Luz pela situação, mas tudo é diferente desde a
vegetação às casas.

.... socalcos, oliveiras, ciprestes, pinheiros e
mar.



SAVONA, Há muito que anciteceu.

15 de Fevereiro

2
Tenho vindo a assistir ao nascer do sol nos
Pirinéus. Corremos ao longo das montanhas de neve e as
cristas sucedem-se à nossa esquerda, ondeando ao sol
raso. Brilhos, luzes e cores alternam-se num baile
fantástico, sem sossego.

3
Meio dia. Inun é nosso. é dos emigrantes
portugueses... um milhar, ou mais, nem sei...

4
Trazem grandes farnéis e muitas, muitas malas.
Todos do norte e beiras. Simples e contentes. Oferecem
tudo e estão prontos para tudo. Pedi há pouco a alguns
que olhassem pela minha mala enquanto ia comer qualquer
coisa. Agora estou eu de guarda às coisas deles



enquanto foram tomar café... e as malas e pacotes são dezenas.



... cheira a feira, cheira a festa, há sol e 1
contentamento nas pessoas, que vêm de férias ou voltam
de vez. Só se fala português, pleno de francesismos,
mas é português chapado o que aqui há durante estas
seis horas de espera. O cais de Inun, é Portugal
sempre, todos os dias.

Nada se muda afinal, nem com vinte anos passados 2
no estrangeiro...

Tudo permaneceu e tudo aqui se volta a repor. No 3
mesmo momento todos se passam a conhecer, como se
fosse de há muito e aparece a facilidade de comunicação
dos portugueses.

Todos se ajudam e todos oferecem do que têm e se 4

não têm, arranjam. Há uma afabilidade nos que voltam
que é concerteza feita de muitas saudades e do prazer
de chegar. Sujeitam-se a tudo para voltar. Todos com
quem falo dizem-me que voltarão assim que conseguirem a
reforma.

... os muitos anos de emigrados, não foi senão um 5
meio de melhorar aquilo que em Portugal não
conseguiram. Apenas foi, um longo intervalo para
continuarem mais tarde o sítio onde nasceram.

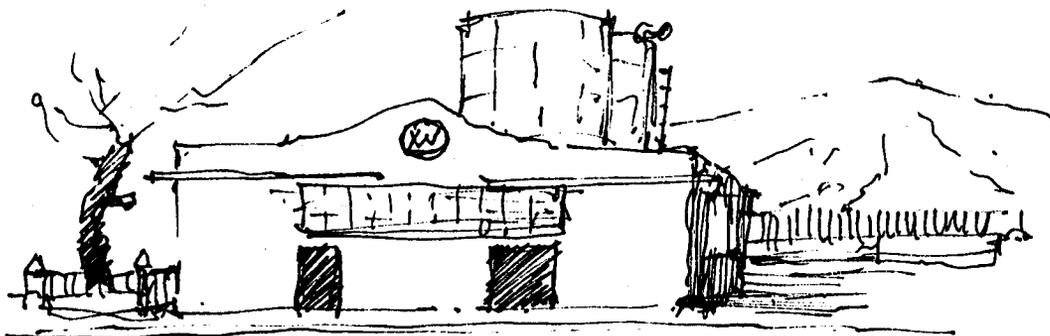
Também eu não poderia pensar em não voltar porque 6
possivelmente sinto da mesmíssima forma...

Não nasci tão próximo da terra, mas desejo-a. E 7
este desejo, é que talvez já nasça connosco,
independentemente de riqueza, crença ou sociedade. Há
uma fome do espírito, um desejo de alma em voltar à
paisagem de origem.

Neste país, nascemos ainda muito perto da natureza 8
e mais o sentimos quando dele nos afastamos. Longe
aguça-se a memória dos lugares conhecidos e assim se
fazem as saudades que é uma mistura de terra, sol,

família e país.

... mais uma noite, e pronto. Lá fora a mesma casa 1
e os mesmos depósitos que desenhei em fins de Outubro
passado e enquanto não partimos...



17.30

Penso na travessia do País Basco e se a luz me 2
permitirá ainda ver e desenhar.

Começo a sentir, à medida que escrevo sobre a 3
paisagem, um certo cansaço das minhas próprias
palavras, para traduzir as sensações e as coisas que a
formam. Mesmo sabendo que não é possível escrever tudo

e tudo traduzir por palavras. Há sensações que não são
passíveis de uma tradução escrita, ou falada...

... há na natureza, contemplada afectivamente, uma 4
significativa parte das sensações que não são
comunicáveis..

Unicamente o estar e o olhar. 5

Unicamente o acto de entrar nos espaços e luzes e
permanecer parte deles, permite o conhecimento do



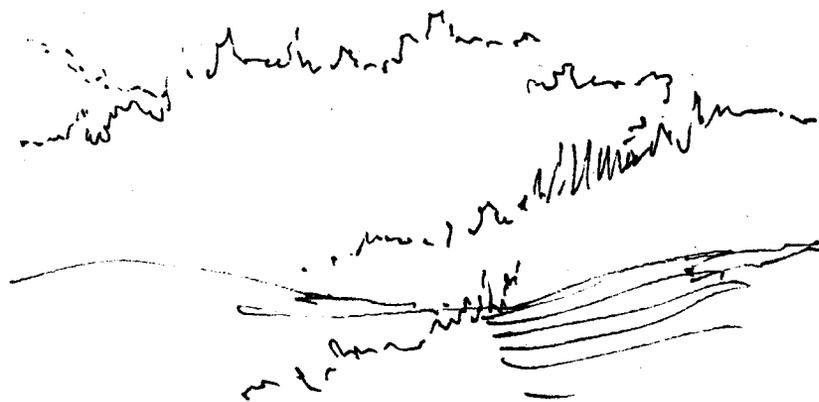
fluído poético. Dizê-lo, para além da poesia, é um mistério...

E ocorrem-me agora, palavras semelhantes que 1
escrevi durante a viagem ao Rio Coa quando cheguei ao
cimo da subida para Malhada. Aí, era também, a
impossibilidade de falar daquela rude paisagem de
giestas e granitos.

Assim irá ser agora olhar os Pirinéus por estes 2
restos de sol entre nuvens, montanhas e ideias várias
de paisagem.

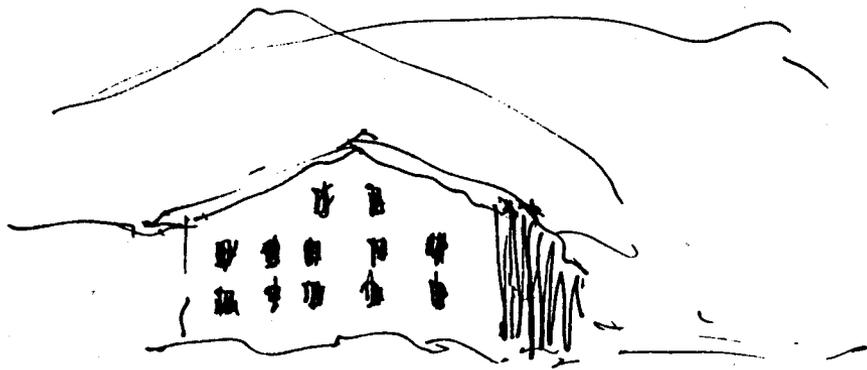


Cristos, Linha Lambert

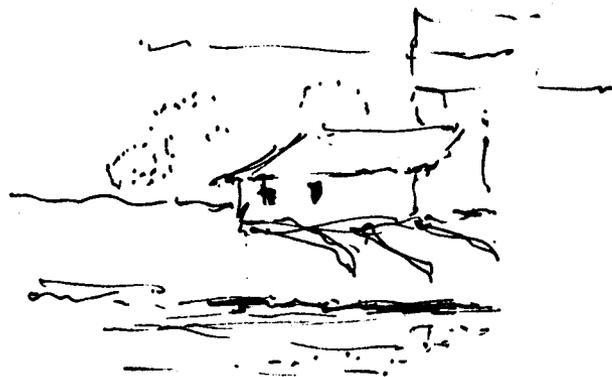


*Pais que me lembra de um um
sitio de foz*





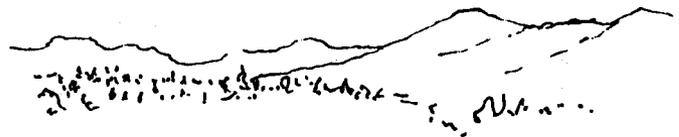
Shalodan - joni lue



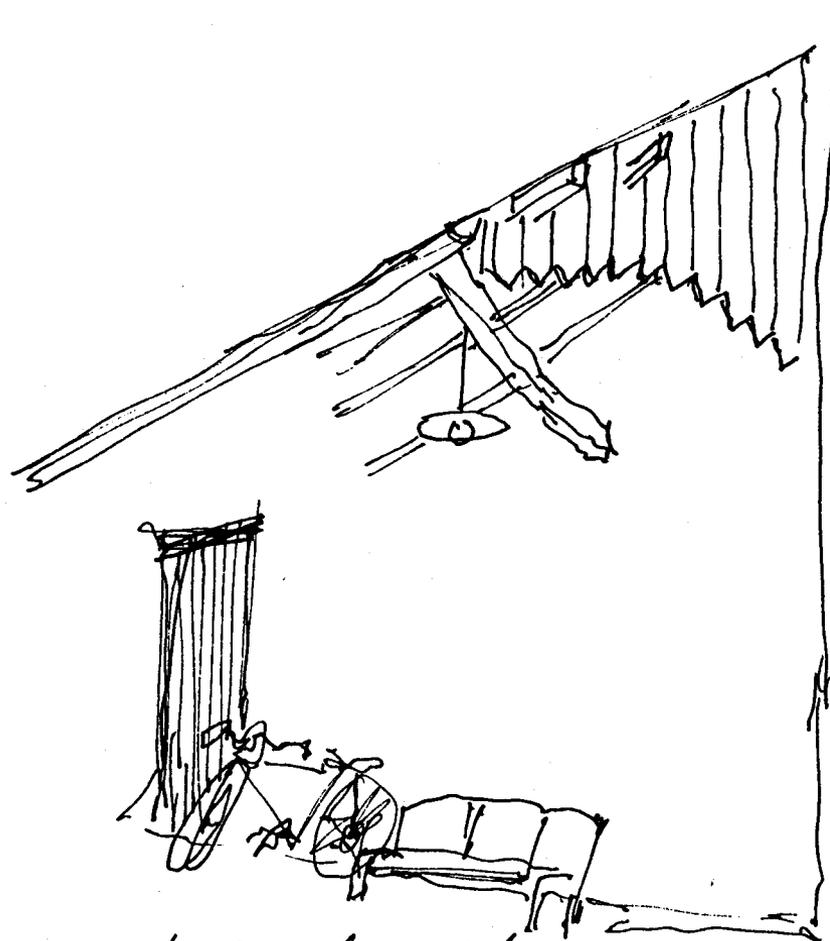
BEASAIN - 18.45



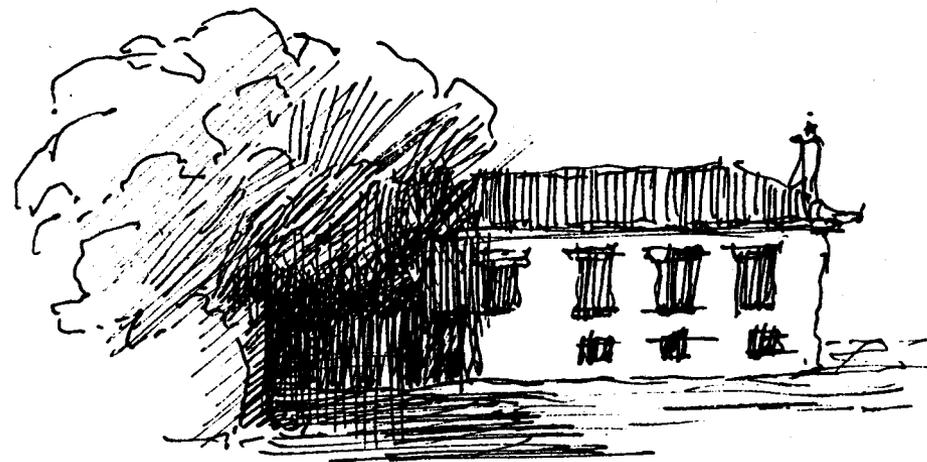
E' mook. jai mooko mooko.



16 de Fevereiro 7.00 horas de Portugal. Pampilhosa



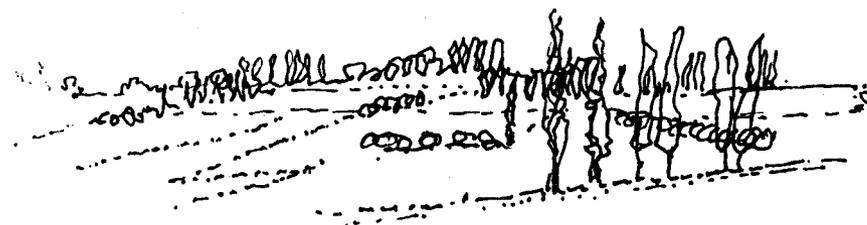
Pampilhosa, de huteuete e de mazelos
NOTA: esta escrita já feita de Fuente de Oñoro vi
também um ramo caído em o litoral
Porto e lado, como também vi em
Italia.



O Mondego transborda os seus limites

1

Rápido como a visão, se constroi o desenho da
memória. Uma sensação de movimentos. Campos que são só
água. Rios que transbordam, vinhas olivedos e culturas
se alagam e nos transbordam nos alhos que reencontram
campos e aldeias conhecidas.





Terceira ou quarta e' pra' ir de novo.
A linha e' a mesma, a vontade, o que
fez antes e a pessoa tambem. E a linha
come, inconstante, porque, mais tarde
do-ho' a mesma mas ho' quanto a vontade
e' diferente.



Pinhais de tanta memória que há por este estreito 1
país, desde menino...

Mas tão triste que é por vezes olhar a paisagem! 2
Não pelo que está destruído, mas pelo que há de
indefinido. Hesitação, transformação, despersonalização.
Raízes que se perdem, emigração, morte, descontinuidade.

Despaisagem ou apaisagem, povo que perde e se 3
deseduca... e se perde também por fim

Aldeias que terminaram e que voltarão à 4
natureza... história ainda nem contada por esta última
geração. Aldeias que de repente não têm herdeiros,
nunca mais, só ervas e mato. Um movimento do exterior,
de poderes e políticos, porque a estes talvez, a alma
já tenha emigrado...

Assim se apaisaja este país. E, não é isto, um 5
desejo de que nada se altere. Há até demasiadas
mudanças que gostaria de ver e precisamente nestas
mesmas aldeias e campos. Mas não são estas, nem por
este modo, que assim salta e acelera o tempo por cima
das coisas, que teriam um outro tempo a ser.

Os campos retornam ao mato, como as aldeias de 1
novo aos sítios naturais. E o desenho dos homens
inscrito na paisagem há séculos, apaga-se rápido, já
sem causa e sem efeito. Lugares há, em que outro se
sobrepõe e tão violento que por enquanto ainda nem
podê pertencer à terra: coloca-se, apõe-se à paisagem,
esperando o renascimento e o tempo que modela as coisas
e os homens. Mas, quanto tempo? E, que tempo?

O que era não persiste e o novo não se acaba. Há 2
uma indecisão instalada entre o que éramos e o que
havemos de ser, uma espera de qualquer coisa perdida e
de outra que ainda se não encontrou.

Pausa nos campos, desistência, uma fuga que vai 3
sendo um hábito. Casas, campos, vinhas, abandonam-se
num momento e ficam suspensos no tempo; o buldozer,
corta meio monte e em três dias nasce um campo de
futebol. (*) Fica o monte espantado e os nossos olhos
também. Rápida e drástica a possibilidade de alterar.

(*) Alusão ao campo de futebol que encontramos no Rio Paiva

Mal usado progresso, falsa ideia de desenvolvimento, 4
tão pouco pensado na moda apressada de o ser.

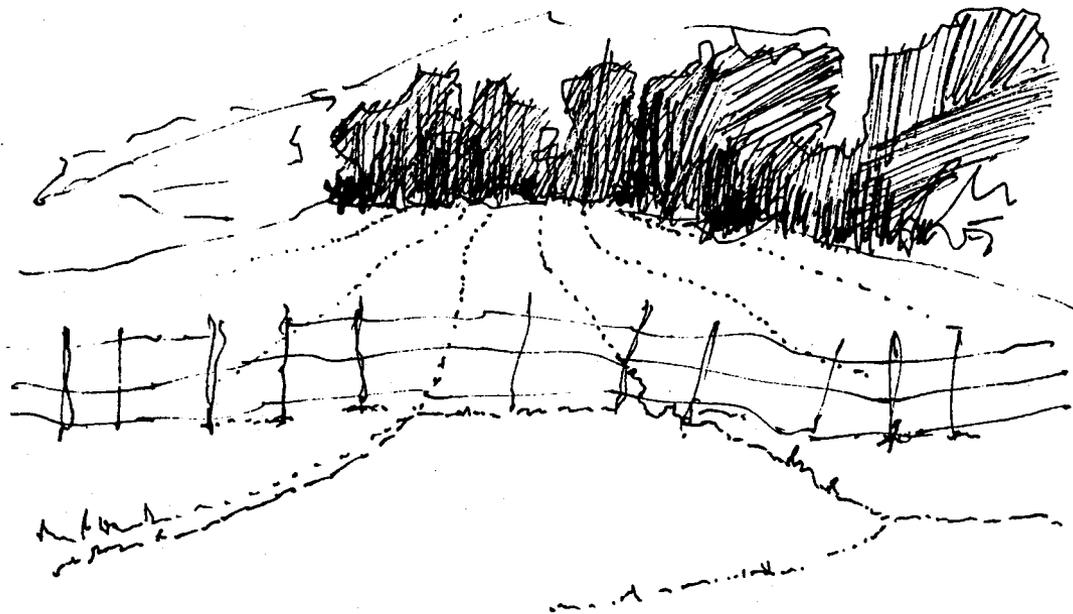
... as coisas não evoluem. Quebram-se e
prosseguem, vários anos adiante, perdida uma ou duas
gerações.

Esteticamente, toda a paisagem humanizada que se 5
abandona pura e simplesmente, não se degrada. Antes,
retorna às mãos da natureza, já poeticamente algo se
perde. Nas construções do homem está uma poética e que
provem da sua harmónica fusão com a natureza, e, essa
perde-se como se perde o espaço que entre ambos se
gerou, espaço e não, forma; espaço de alma...

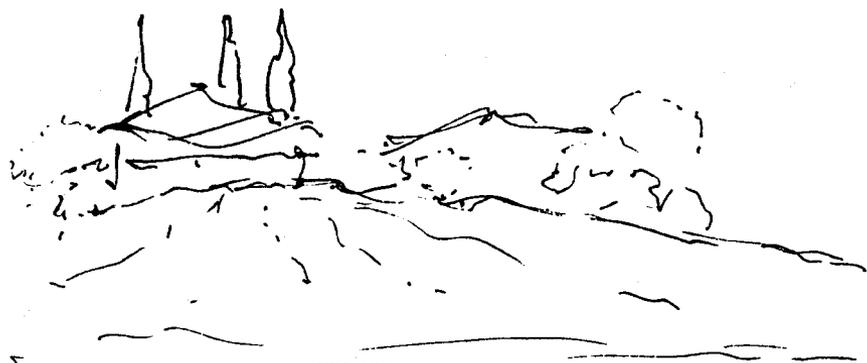
A estética da natureza recompõe-se e renova-se por 6
si mesmo, mas a poética, a da natureza humanizada, essa
apaga-se com o esfumar do desenho do homem na paisagem.

A poética feita desta fusão, não persiste, 7
como poética do lugar habitado, do lugar do homem na
natureza, da nossa, da sua alma. Despega-se da
paisagem, deslê-se, continuando a natureza a oferecer a
sua estética para uma outra poética...

Entroncamento, 9.15. Cheias nos campos. De certo modo é 1
como a neve, apenas emergem árvores e arbustos
destacando-se o desenho no manto que encobre a terra.



Já vejo o tojo em flor no Vale de Santarém.

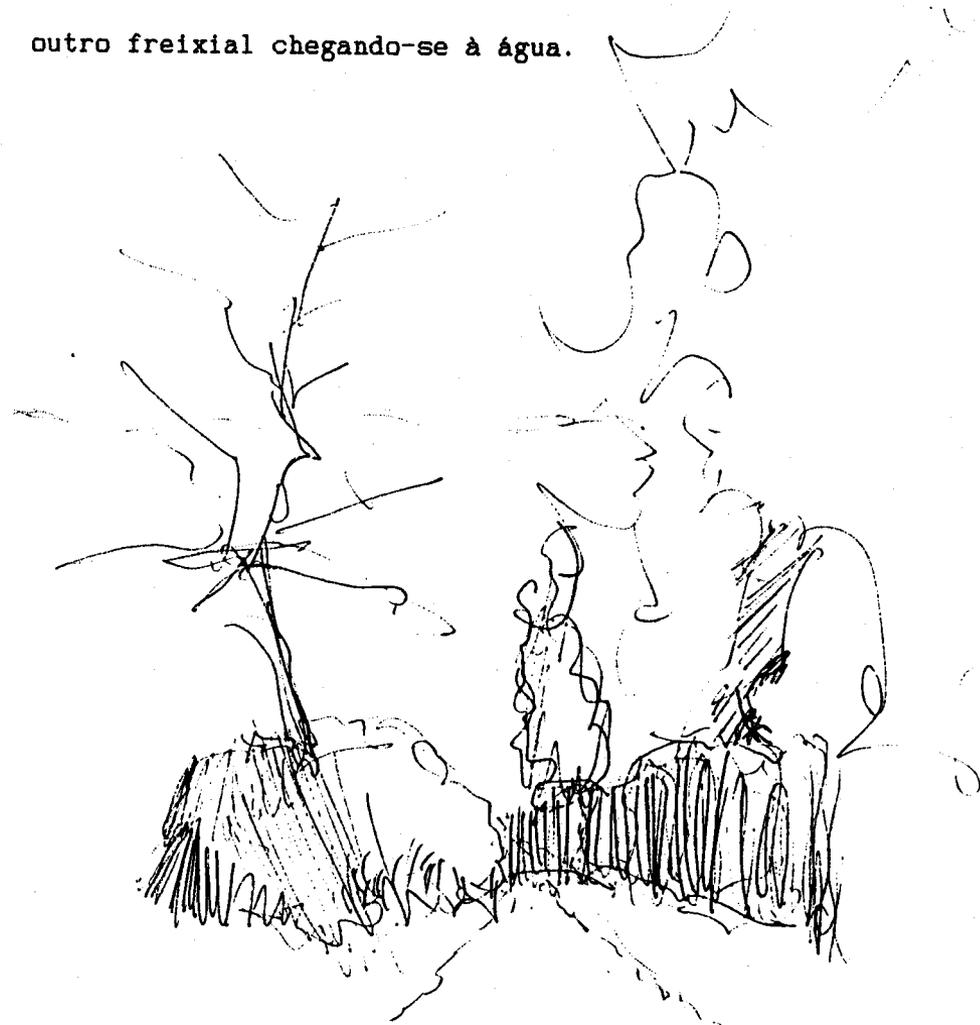


8/5 de 1985. A vista de cima de água 145

RIO COA II - Maio de 1985

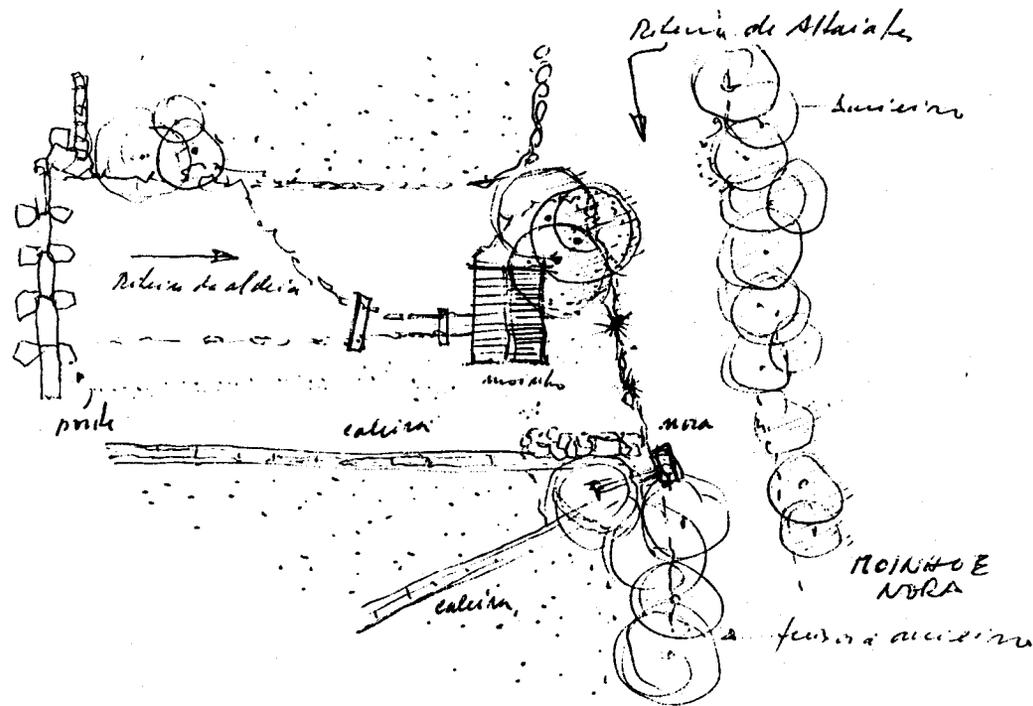
20.5.85 - 10.30

Tomo notas a andar, e desenho, também. Descemos o 2
vale da Ribeira da Aldeia. De um lado carvalhal, do
outro freixial chegando-se à água.

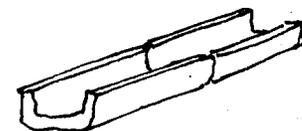
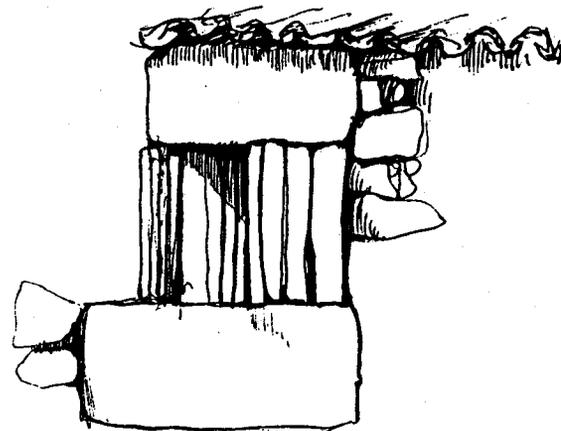


Carvalhos, cerejeiras. Sombra agradável, 1
transparente. O vale da Ribeira da Aldeia é luz verde
clara, pelo sol da manhã. Os tons matinais, são mais
crus que os da tarde, e contêm em si a inexperiência da
côr. Luz muito directa, côr e tempo sem segredo, este,
que vai crescendo para a tarde...

Logo, verei este tempo mais velho e sabedor...



14.20. Paragem para almoçar. Duzentos metros atrás 2
estivemos a trabalhar em três construções directamente
relacionadas com a água: uma ponte em lages de granito
semelhante às que já vimos frequentemente à beira-Coa,
um moinho de rodízio e um sistema de elevação de água
para rega.



calcin em granito

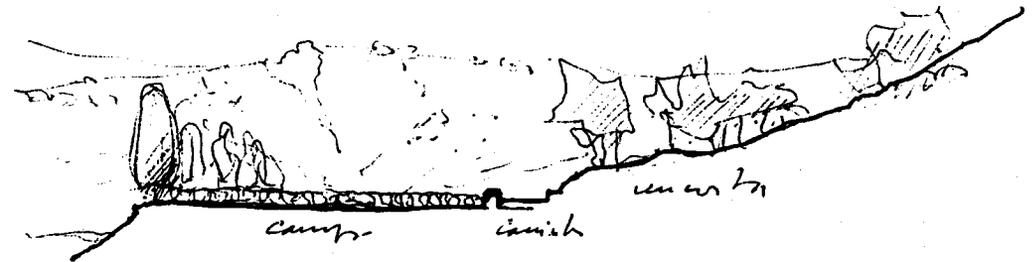


São três realizações desta cultura, importantes pela invenção, a partir de materiais elementares (madeira e granito) com o complemento do ferro. Bastantes alunos não têm qualquer relação cultural com estas questões, nem quase através de livros. Por isso é importante que as vejam e estudem, já que se encontram muito na origem. Estas máquinas tão simples e tão próximas ainda do sistema físico do homem, porque a ele muito ligadas, continuam sendo eficientes. Por outro lado, retêm uma beleza de concepção, de engenho e artisticidade visível no uso inteligente dos materiais, pelo modo como os talha e compõe. Encontramos a preocupação da harmonia, aliada à técnica, na simples união de duas pedras ou, no encaixe de um seixo a travar duas lages. E, ainda, junto ao moinho, a harmonia do homem ou da própria natureza, distribui os três grandes feixes que integram o pequeno espaço na confluência das duas ribeiras.

18.00 horas. Correu muito bem o dia de trabalho e

1

o percurso até Porto de Ovelha. Parámos ainda antes da confluência da Ribeira de Vilar Maior com o Coa para trabalhar um perfil transversal do vale. O objectivo era observar a paisagem na sua relação formal e funcional realçando a ocupação agrícola, a mata de carvalhos, rio e vegetação marginal.



Algumas dificuldades nas proporções e na vista ao fundo, a primeira paisagem que desenhavam, o que confirmou a correcção da alteração na ordem do estudo: primeiro o espaço urbano, depois o espaço da paisagem. (*)

Na paisagem, há sempre uma certa ausência de referências à geometria de um espaço/forma que,

(*) Referimo-nos à alteração introduzida na ordem das duas viagens de estudo com um mesmo grupo e que antes se iniciava com o estudo da paisagem e só depois o estudo urbano-rural a que aludimos na vigem ao Tua p. 2.2.

2

vão encontrando no meio urbano.

Acampámos diante de Porto de Ovelha, onde há anos 1
acampáramos também. Uma bela tarde e um belo rio.

21.5.85 - 9.15 horas

Preparamos a trabalho para o dia. Breve explicação 2
sobre a situação de Porto de Ovelha, histórica,
geográfica, social, metodologia de trabalho, horário,
almoço.

Vamos subir à aldeia para a visita de reconhecimento.

20.00 horas

Finda a tarde calmíssima. Recomeçam os cantos 3
interrompidos dos rouxinóis e das rãs, que reforçam a
tarde a que pertencem, preparando o anoitecer. O grupo
da cozinha, já orientado, prepara o jantar.

... dia cansativo e quente, que afectou um pouco o 4
trabalho. Além disso noto uma certa pressão entre eles,
um certo receio perante o trabalho a fazer...

... a maior dificuldade, é ver e olhar. Há uma 5

ânsia de desenhar e de querer ver resultados, mas, o
desejo, corre-lhes mais depressa que as possibilidades
de desenhar. Impacientam-se, enervam-se e desiludem-se.
Tento reduzir o ritmo do trabalho, inutilmente, pois
gerou-se também alguma concorrência. Amanhã obrigá-los-
ei a uma manhã de descanso, sem lhes permitir desenhar.
Necessito também de ver os trabalhos deles... Mais que
a desenhar, queria que ficassem a saber olhar.

... uma enorme dificuldade em entenderem 6
globalmente as coisas, fazer as relações... Não quero
resolver o desenho pela via mais fácil... mas quero que
sigam pelo caminho perceptivo, pela compreensão, pelos
factos, pelo entendimento do meio em que permanecemos.
Aí e, por aí, se fará o desenho em cada um deles.

é um grupo dinâmico, com sete ou oito a 7
trabalharem muito bem, mas que funciona, talvez por
isso, com uma certa pressão que torna o ambiente um
pouco tenso. é um bom grupo e, para além desses sete ou
oito, mais alguns evoluirão ao longo desta viagem.
Queria um pouco mais de descontração, um pouco mais de

calma, que sem dúvida beneficiaria todos.

A minha frente, a outra margem azula-se, 1
aveludada, pela luz suspensa de um sol, já escondido há
tempo, e toda a paisagem começa a ocupar-se de sons no
prenúncio da noite. Os grilos, o rouxinol, as rãs e
mesmo nós que, sem querer, falamos mais baixo. Esfria o
ar, muda o aroma, cresce a sonoridade. Mutação de uma
paisagem da côr para a dos outros sentidos... mutação
também das muitas sensações. Aos poucos, é mais pelo
interior que percebo a paisagem. Ela vai existindo no
sossego, na tranquilidade e, numa vontade de em
Outubro, a poder explicar a estes mesmos alunos, numa
outra viagem.

Paisagem que me vai existindo pelo som e ficando 2
na memória, luz desaparecida, imagem impressiva de
momentos de calor e de vento, cansaço e vontades
várias... Depois, é na paisagem próxima de noite, que
também se entendem os limites que nos habitam e
determinam, o até onde e, o onde já não. Distante está
a perfeição mas, o desejo é esse...

22.5.85, 10 horas

Debaixo de um velho freixo, instalo-me com os 3
trinta blocos a ver, na manhã de "descanso", Não tão,
imponente como o freixo do Rei Wamba, em Idanha, mas
majestoso, já..

Antes, só uma nota, de onde se podem tirar várias 4
conclusões. Na outra margem gira uma nora, mas quem a
faz andar é um homem e não um animal. No campo, a
mulher dirige a água nos regos. De camisola encarnada,
dobrado para a frente com o varal de encontro ao peito,
faz girar lentamente os alcatruzes. Já experimentei, no
Tua e, sei que o esforço é violentíssimo.

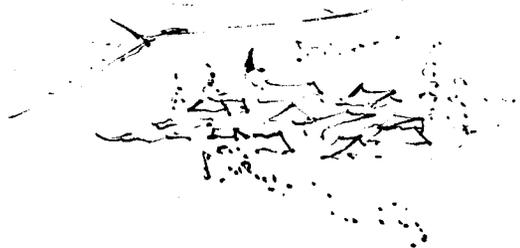
Já nem burro, nem a antiga paisagem onde havia o 5
centeio e hoje há giestas e mato...

CRISTINA - pela escrita se faz o desenho, pelo 6
desenho escreve as aldeias. Fusão, síntese, compreensão
global e afectiva das coisas, das paisagens e das
pessoas. Nós, os outros, o tempo e o rio de que fala no
poema, constam no seu modo de entender esta viagem de
estudo que, para si é um gosto de viver, única forma

irreal de ver a realidade...

MARTA - talvez a melhor qualidade seja a riqueza 1
da expressão gráfica, linha sucessiva, malha, textura... a
paisagem vou encontrá-la compreendida e especialmente
estruturada. Para entendimento do seu trabalho ser-me-
ia essencial conhecer as suas opiniões e sensações...
que completariam o desenho. Escreva.

Esta apreciação dos trabalhos é, sem dúvida, uma 2
apreciação estética. Escrevê-la, tornou-se um exercício
fecundo para além de registar a crítica a fazer ao
aluno mais tarde. Por ela, escrita, se apura um juízo
sobre o fazer de cada um, melhorando-o e tornando-o
objectivo e expressivo. A avaliação dos trabalhos é
assim mais completa, se sobretudo se procura o que de
bom o aluno fez e não o menos bom.



PARIS - CARCASSONE - ZARAGOZA - EVORA -

Setembro 1985

dia 14, 20.00 horas

Quase em Bilbao, às curvas largas pela paisagem de 3
vales e montanhas, luzes e contra-luzes, claros-escuros
rápidos e quase violentos. A velocidade, permite-me só
as vistas longas da autoestrada que, por vezes se



suspende sobre as funduras das gargantas coladas às voltas das ravinas. O próximo, é demasiado rápido para o olhar.

Ao fim do dia, como manda o sol, tudo se aquieta 1
e, nós seguimos calados também. Permito-me assim
meditar estes fundos recantos do País Basco, diferente
de tudo, no carácter, no aspecto alto, na afirmação da
vontade do homem e da paisagem.

Até Paris, mais uma vez. Quantas já?

Paris, dia 26

... evidentemente que o essencial, provém de um 2
conhecimento visual e vivencial da paisagem. Vem de um
desejo de desenho, de côr, de a recriar por qualquer
forma. E reflui, numa direcção poética.

A poesia, em mim, sofreu os mesmos dois sentidos 3
de movimento mas não é ela que vai constar na tese,
pelo menos sob a forma de poema.

O estudo, uma grande parte pelo menos, dirige-se à 4

percepção do paisagista, dando a esta palavra o seu
sentido original, aquele que pinta, desenha ou escreve
a paisagem. E o paisagista imediato é o grupo de alunos
que me cabe.

A poética, é a própria criação e, entendo que no 5
fundo é a poesia que é necessário sentir e perceber na
paisagem para poder criar. Diante da paisagem ela
será como um instrumento e um processo de análise
criadora.

... comunicar este mundo da poética, será uma 6
coisa complexa. Um facto é sentir, outro é explicar o
que se sente. Há por vezes a dúvida, sobre o realizar
desta explicação em tese.

dia 2 de Outubro

Corre sempre bem o tempo em Paris. é estranho, por 7
vezes, pensar a poética da paisagem no meio de tão
densa cidade...

A poética vai tomando corpo, mas adensa-se este 8

mundo estranho de filósofos e pensadores. Torna-se difícil, a dado passo, distinguir as coisas mais simples com clareza. Cada um ramifica um pouco as ideias, personaliza-as em novo caminho (e por vezes chegam ao mesmo sítio)...

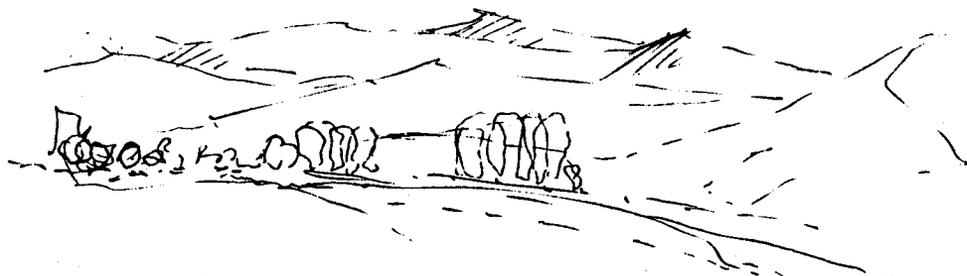


*Parc de Boucau. Troncos de pau e de
carras. Ponto, olhe, deus e furos. As fôrças
de fôrças, alimbr, enaia e fôrças, fôrças
de fôrças de um pouco de natureza, com
uma acção compensadora*



dia 4, CARCASSONE

A caminho de Barcelona



Paisagem de cristas , pinheiros, tons azuis e 1
verdes de neblina acumulada em densidades várias.



Um gosto de desenhar estes movimentos dos montes 2
prossequindo os que desenhei na viagem de Florença para
Lisboa, e para Munique. São sempre apontamentos muito
rápidos, apenas o movimento das linhas essenciais, ou o
essencial do movimento.

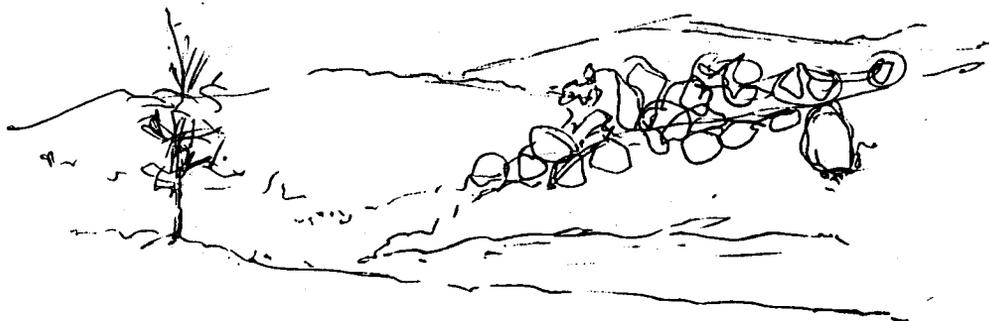


Importa observar, ver, compreender.

Importa observar, ver, compreender.

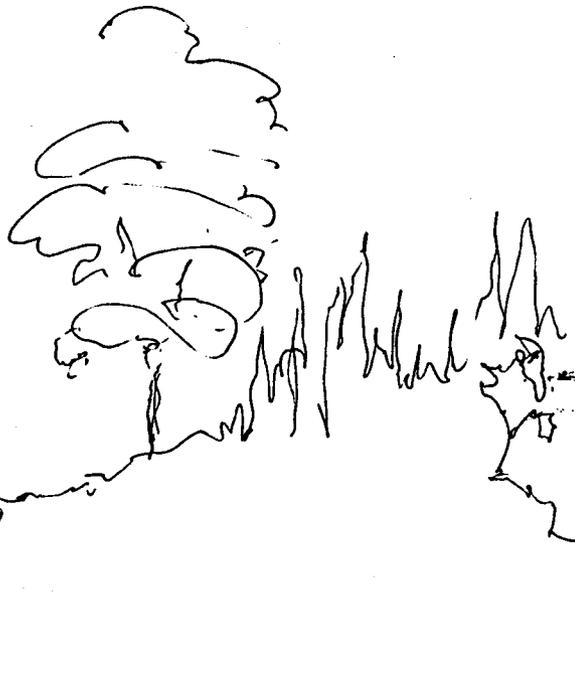
3

Quase só num estudo de estrutura, a articulação
elementar da mínima definição da paisagem, tornando a
matéria em elementos tão leves quanto os de Bachelard



. Barcelona, 258 kilómetros... Seguimos pela auto- 4
estrada, o que permite desenhar e escrever como se
estivesse sentado a uma mesa, mas com a vantagem de uma
contínua variação de paisagens, de direcções de
movimentos, cores e luzes, cruzamentos de imagens e

Barcelona, 258 km. de guerra pela auto estrada
 o que faz com que de repente
 e escurecer, como
 se estivesse a uma
 noite, com a
 vantagem de uma
 colina, uma valada
 de pastagens, de
 diâmetros, de um
 torção e luzes
 um conjunto de
 seus e transparencias
 uma poesia da paisagem
 que não se move nunca
 profunda revolução



transparências, uma poesia da paisagem que sobre si se
 move numa profunda revolução.

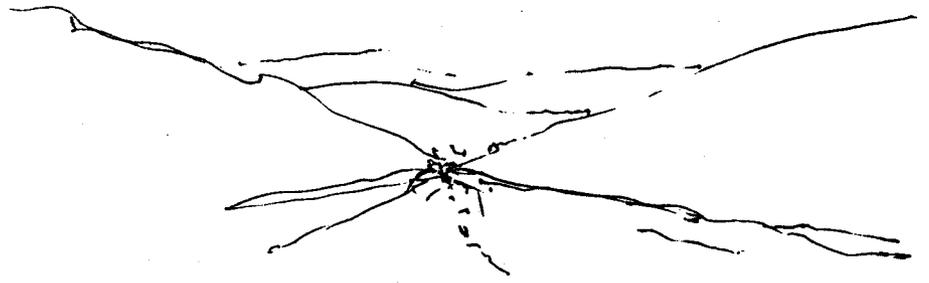
Um céu para aguarela. Nuvens, tons diversos,
 neblinas e tons de rosa e azul, cinzentos, violetas
 etc. Meio dia. Todas as cores estão já inventadas.



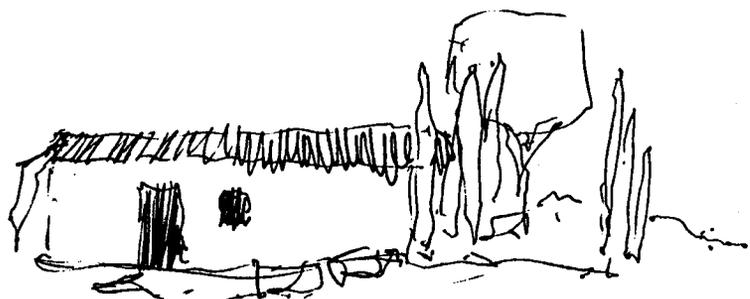
Talvez um antigo moinho de vento, agora só parte
 de uma memória acrescentada à paisagem.



Tudo muda continuamente. Momento da paisagem
 sem duplante, momento espanto, momen-
 to real, fugaz, passageiro!



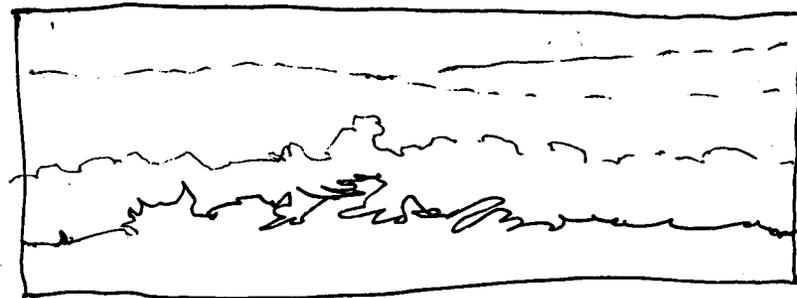
Narbonne. Terra de mel, leite e vinho, conforme 1
 rezam as propagandas turísticas, e mediterrânica sem
 dúvida.



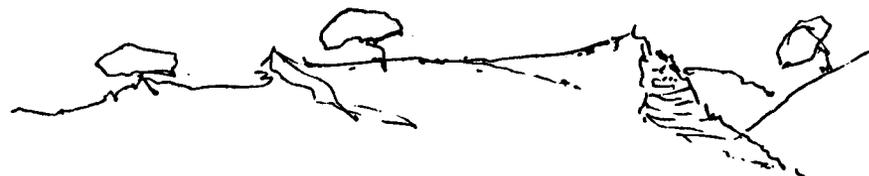
Ciprestes, pinheiros, vinha e sebes a separá- 2
 la. Casas em pedra clara, amarelada, integrando-se nas
 tonalidades mediterrânicas.



*de puentes, pinheiros
 vinha e sebes a
 separá-las.
 Casas em pedras
 claras amareladas
 integrando-se nas
 tonalidades medite-
 rranicas*



A sucessão de intensidades, de texturas e 3
 recortes, as diversas relações de perfis, gradações,
 contrapontos da luz, da cor e do desenho.



Les Colières

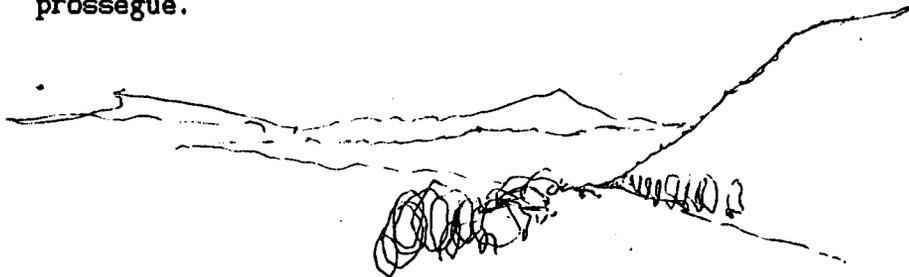




A auto estrada corta a direito, morros, vales, 1
encostas, sem dó...



A paisagem quebra-se, soluça por momentos e 2
prossegue.



Roussillon. Tudo me agrada. Viajar pelas 3
diferentes paisagens e sítios é um constante conhecer,
gostar e aprender. Um homem renova-se. Grande planície
até ao mar. Vinhas, vinhas, vinhas. E rejuvenesce,

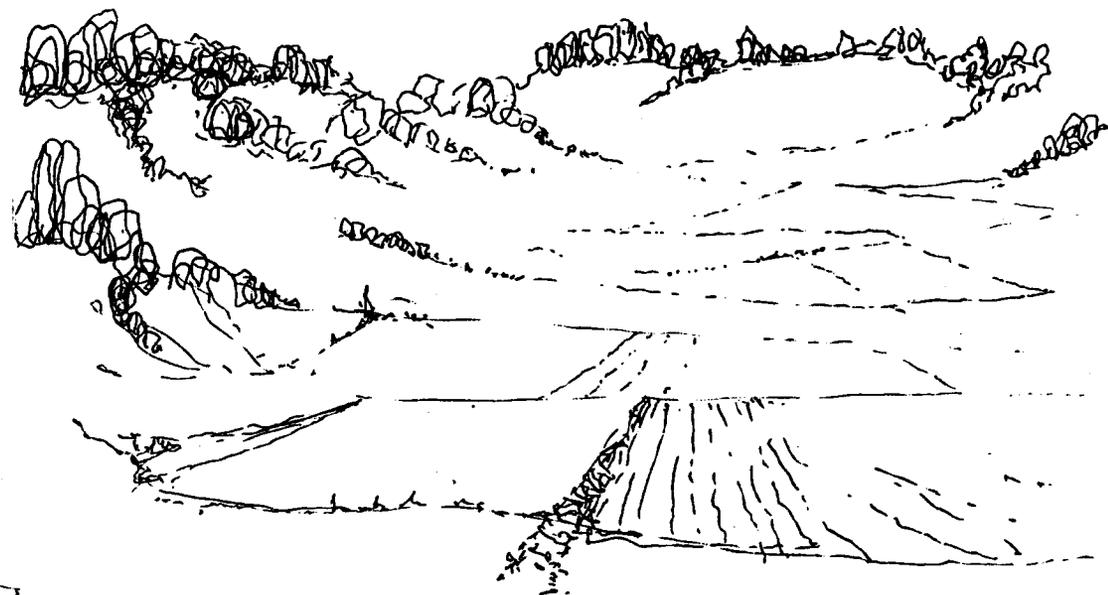
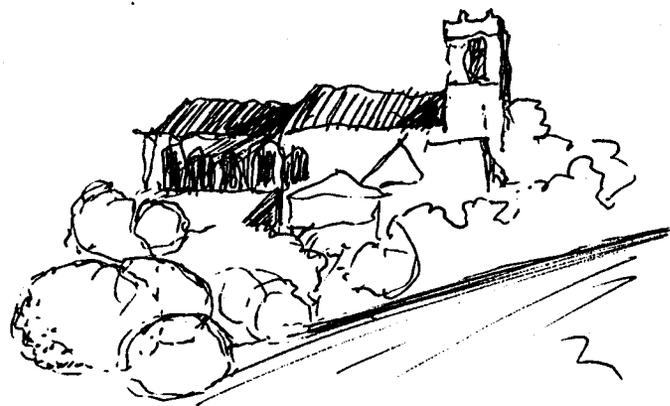
renascendo a cada quilómetro andado. Equilíbrio
sabedoria? Espontaneidade? Talvez, e apenas, a
intuição.



E expande-se de encontro às montanhas, cala- 4
se e apercebe-se da grandeza das coisas no silêncio.



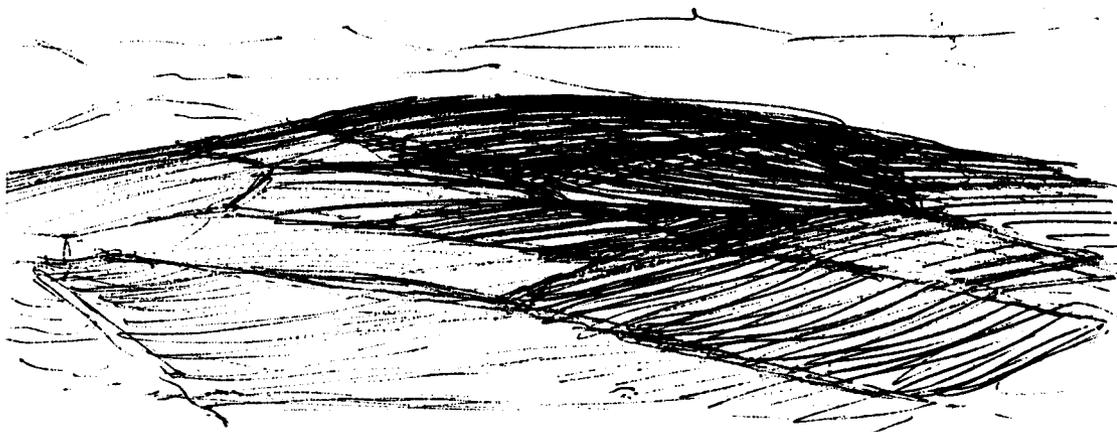
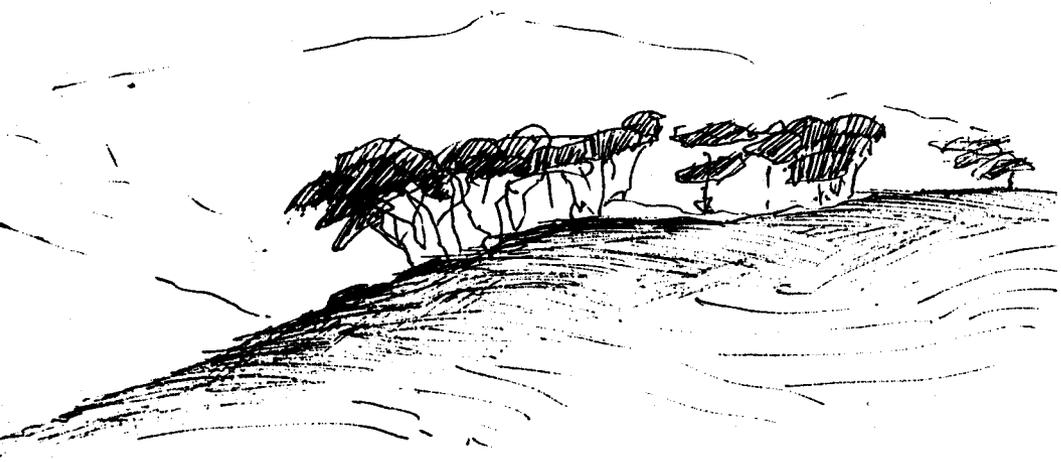
15.00 Espanha para Barcelona 98 Km.



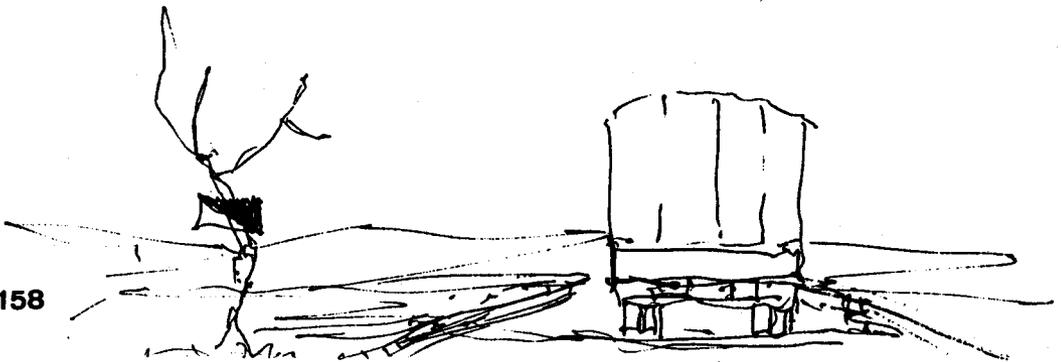
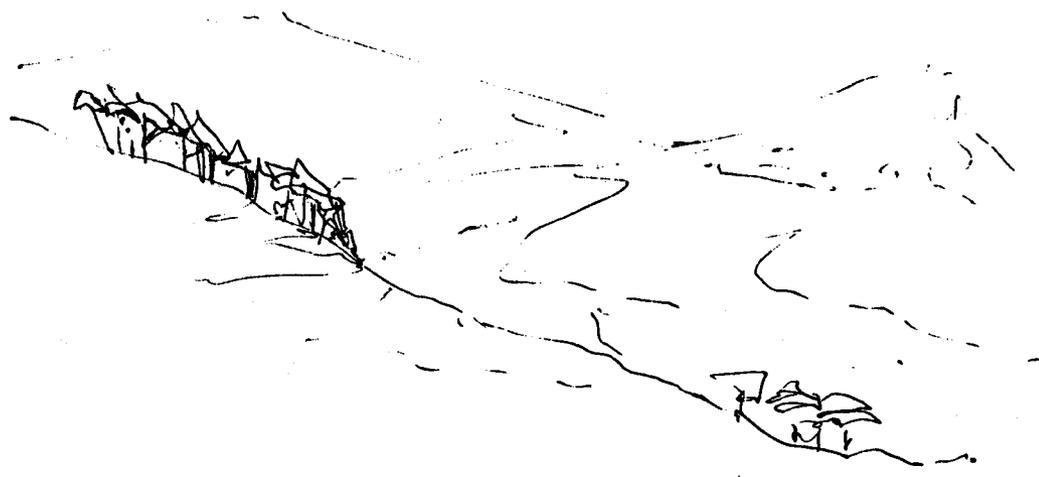
Reter as imagens é um exercício anterior ao 1
desenho. Recriá-las, é desenhar as primeiras sensações,
apenas estas, aquilo que fica e marca, e faz afinal o
desenho e a arte.



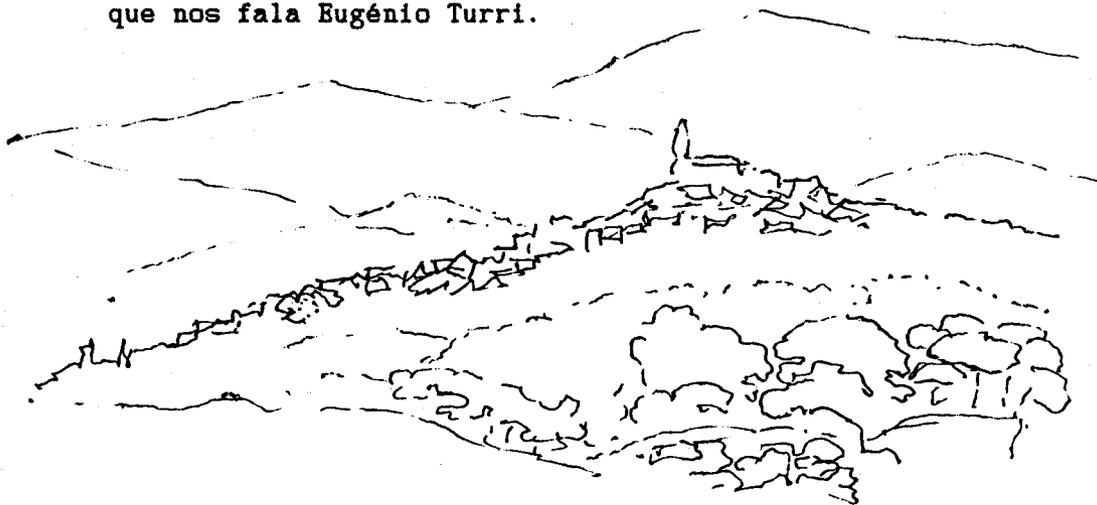
Parabara 28 km.



È apra ia caniehs de Parayora



Cada povo se parece com a sua paisagem. Cada 1
paisagem determina algumas coisas do comportamento de
um povo, da sua relação com o meio, do uso que faz
dele, da coexistência, até que ele determine a própria
paisagem. Assim, também uma relação, para além da
poética, mais física, uma relação que molda um e outra,
e que será harmónica quando em equilíbrio. Esta uma
paisagem antropológica ou a antropologia da paisagem de
que nos fala Eugénio Turri.



E, aqui está, uma grande aldeia perfeitamente 2
colocada no ritmo estrutural desta espantosa paisagem,
ocre-laranja, agora que o dia chega ao fim e a cor é
grandeza.

é uma paisagem tão grande, tão cheia de luz, tão 3
"elegante"! (*) O seu carácter só é explicável por
adjectivos do humano ou porquea ela os fomos buscar. é
de espírito que falo e, talvez e de novo, a mesma
poética, numa forma de poder explicar sentimentos,
sensações de luz e de cor, de profundidade, de espaço e
dimensão, que estão para além do poder de avaliação, ou
explicação estética, artística ou plástica. Exprime-se
pela poesia, pelo sentimento poético mas, no seu
sentido mais lato, que já nem escrito, mas sentido, ou
pressentido talvez.

São tão vastos os movimentos, tão perceptível a 4
luz sobre as coisas da terra frente à minha escassa
presença, tantas as dimensões sobrepostas, interropções
perseguidas...

E as dobras multiplas dos campos, os rios, os 5
planaltos rasados de olhar contínuo. Uma longa
ondulação a tarde, na viagem prosseguida, traçando a

(*) V. Viagem ao Rio Vouga pag. 8.2

paisagem, onde me inscrevo, vário, e me encontro. Por este e outros lugares me explicarei. Por este e outros me ficarei, que no desconhecido se faz a ansiedade e não se acabando nunca de conhecer mais fica por saber do sol de cada lugar. E se não fora de onde me coube ser, por certo aqui me acharia.

Espantosa esta paisagem entre Lleida e Zaragoza. é a dimensão, a sua enorme beleza e dignidade, a cor total de ocre rosado, as terras lavradas e arrumadas à espera.

De tempos a tempos a terra eleva-se da planície e forma pequenos planaltos, tão rasos como a planura de onde nascem.

Já não vejo para escrever. é o fim de um dia grande, de uma grande tarde em Espanha, país que apetece amar, donde apetece ser.

Garcia Lorca, Servantes, André Segóvia, Zurbarán, Casals, Unamuno, ... sobretudo este que sabia bem de onde era.

5.10.85

Trujillo. Anuncia-se o Alentejo. Azinheiras e campos, 4 campos imensos...



VIAGEM AO SOAJO II - MAIO 86

Lidoso dia 4

Trabalhamos à chuva abrigados nos penedos acima da 1
aldeia. Não conheço estes alunos e tenho dificuldade em
orientar um trabalho não conhecendo a personalidade de
quem está a construí-lo. Não me alongo em grandes
sugestões ou críticas. Espero.

Durante a viagem de autocarro falei a alguns da 2
bela aldeia do Lindoso, das ruas cobertas de vinha, da
côr do granito e dos líquenes. Agora é uma tristeza. A
vinha mal começa ainda a rebentar, sem calor que a
ajude, e tudo é cinzento - chuva.

Dias destes, desgostam de uma paisagem e do prazer 3
de viajar. Tento escrever, mas a palavra deprime-se e o
próprio papel me parece coisa estéril inscrevível e
indesenhável.

20.00 horas. Há uma luz irreal neste bosque de 4
sobreiros à beira do rio Cabril, tão irreal como os

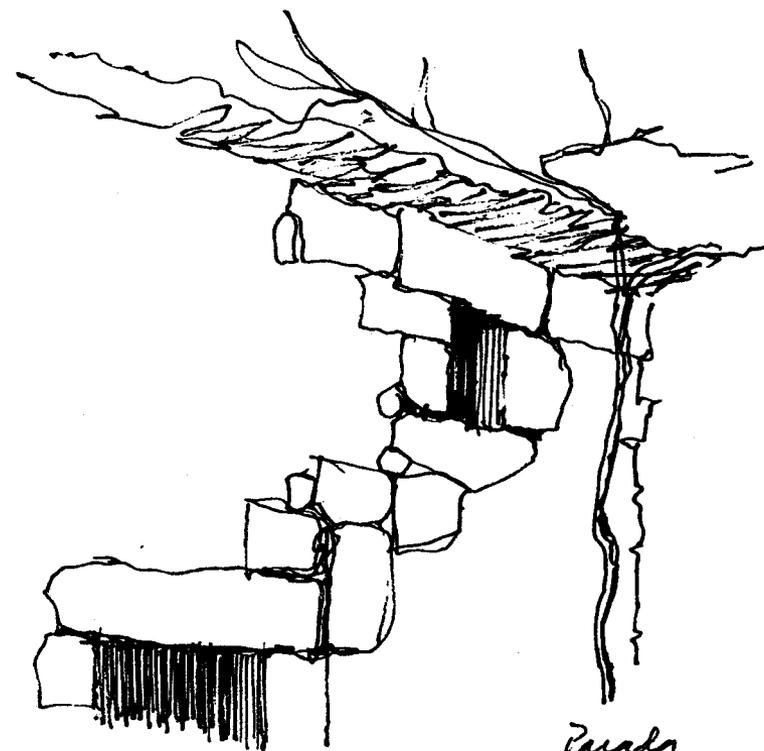
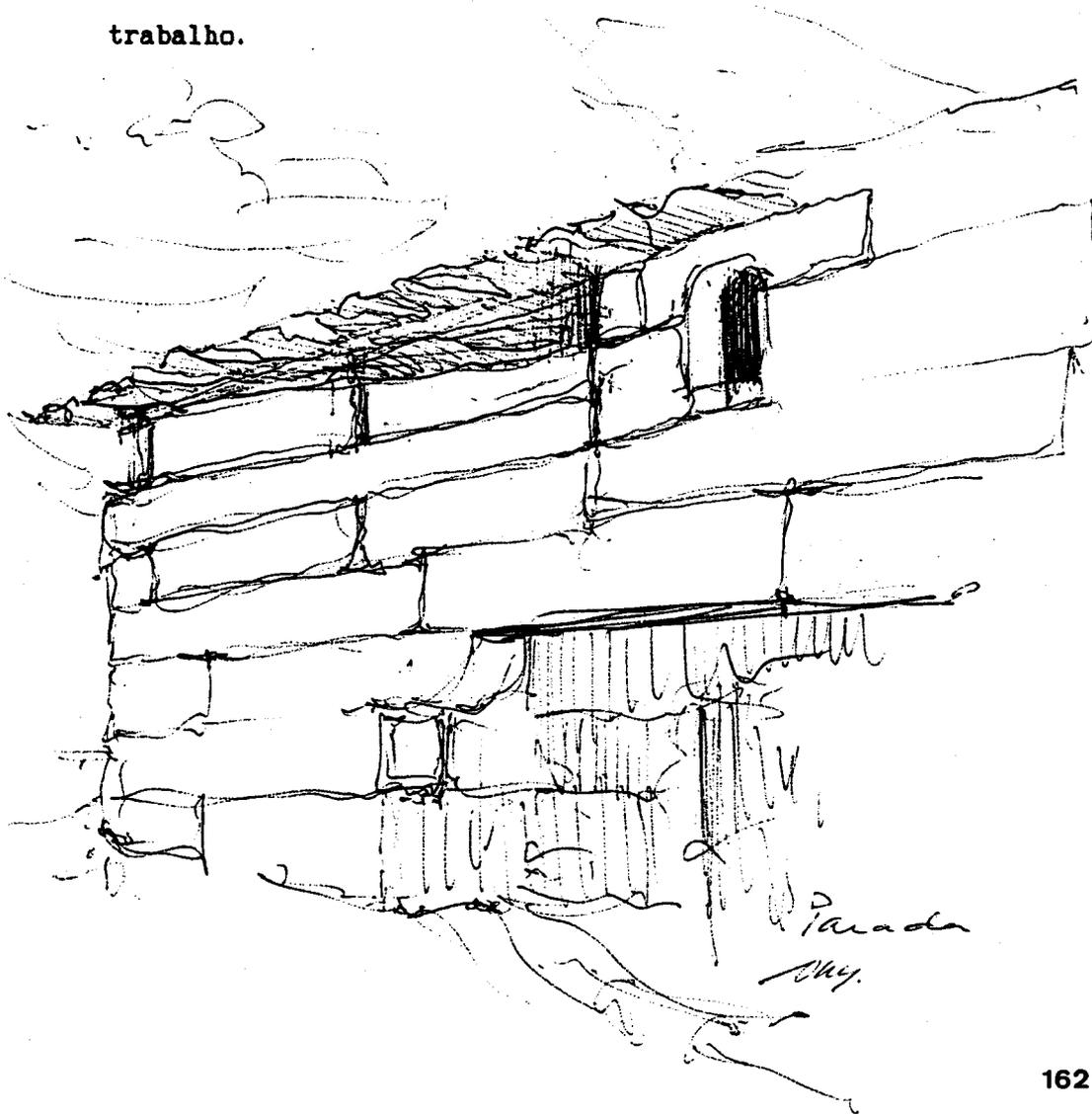
montes ao longe à luz do sol lavado. Cristas Asperas
recortam-se em tons diferentes...

dia 5, Parada, 3 da tarde

Aldeia antiga como antigo é o tempo parado nas 5
calçadas sob ramadas de lado a lado. Aqui parámos para



ver, mais que para desenhar. Aldeia em socalcos, como os campos nas encostas, que é o que se arranja neste grande vale. A força de braços e animais, subir, descer, carregar. O que se colhe é pouco, para tanto trabalho.



Cidade, oito da tarde. Repetem-se os sítios, 1 acrescentam-se as memórias. Eu próprio procuro percursos já feitos, e por vezes até o sítio exacto onde montei a tenda anos atrás. Hábitos? Referências? Ou apenas um sentido de posse para me não perder?

Tudo permanece. As cabanas, os bois, as divisórias e o alto do morro de mato rasteiro, granito e vento.



Cidade

Em baixo, muito em baixo, o Lima entre penedos enormes. 1

Mais adiante para ocidente, sei da vista que nos 2
espera, tão longa, tão larga sucessão de montes, que o
Brito me disse para não esquecer de ver.

Descemos, alguns de nós, pela longa ravina até ao 3
Lima em procura de um banho. Todo o dia andámos
molhados, enlameados e cansados. A água fria, remedeia
tudo.

Encontrámos um rio furioso galgando os penedos do 4
leito, gelado e límpido. Apesar da tarde fria e chuvosa
a estreita e altíssima paisagem mantem a grandiosidade
sobranceira, talvez até mais acentuada pela corrente
turbulenta que há quatro anos não havia. O mato e as
árvores penduram-se da encosta rochosa quase a pique
diante de nós. O banho, por uma questão de segurança,
tem de se tomar dentro das marmitas, senão leva-nos a
corrente.

SOAJO dia 7

Continua a chuva e o frio. Visitamos a aldeia, 5
reconhecendo espaços e formas, tentando que se entenda

uma estrutura, e a situação na paisagem.

Ontem, aceitámos uma boleia numa camioneta da empresa que constroi a barragem e voltámos praticamente até ao Lindoso onde passámos a pé a ponte suspensa provisória sobre o Lima.

Dessa altura, nos apercebemos melhor da importância deste vale. A elementaridade da ponte, deixa-nos suspensos sobre o rio, quase sem apoio palpável a uma altura impressionante, onde podemos sentir o espaço e a forma do vale.

Nos escritórios, o Eng^o Chefe Fernando Silva, não só nos acolheu amavelmente como nos arranjou transporte até ao Soajo.

Claro que o grupo é bom e os problemas não advêm deles mas do mau tempo destruidor...

18.30 Desenha-se no largo do Pelourinho. Desenho também ao lado deles. Por vezes não é explicando teoricamente as coisas, que melhor as comunicamos. é desenhando. Não

1

2

3

4

5



nos desenhos deles, mas o nosso próprio papel. Ver fazer, ver como se pode fazer de uma maneira diferente e sobretudo um modo de fazer. Do real ao criado.

Sugiro uma pausa e um café para aquecer.

Melhor, agora no café, descanso e escrevo. Alguns 1
deles, retocam desenhos, escrevem e aquecem.

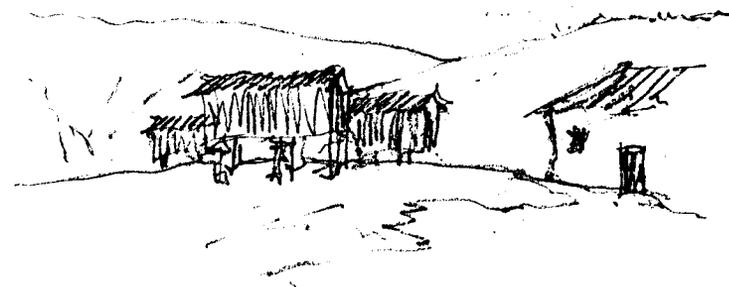
Ontem no percurso da barragem até ao Soajo pôde 2
aperceber-me de variados belos vales, muito cultivados
descendo para o Lima, que me fizeram lembrar o
pequenino vale, no Paiva, junto a Ester. O mesmo
aranjo, o mesmo espaço brilhante e transparente
rigorosamente desenhado por um arranjo miniatural, na
única solução possível. Gostaria de percorrer esta
estrada espreitando os vales, sossegadamente, à tarde.
Talvez um dia.

Acerca do trabalho deles, (não tendo sido meus 3
alunos, a apreciação é falível) tenho visto alguns com
interesse. O Raimundo, a João pequenina, a Suzana a
Guida, a Inês, a Cristina, o Miguel e alguns outros de

quem não sei ainda o nome. Desenhos distintos,
personalidades distintas, mas vou encontrando sequência
nos trabalhos à medida que os vou conhecendo.

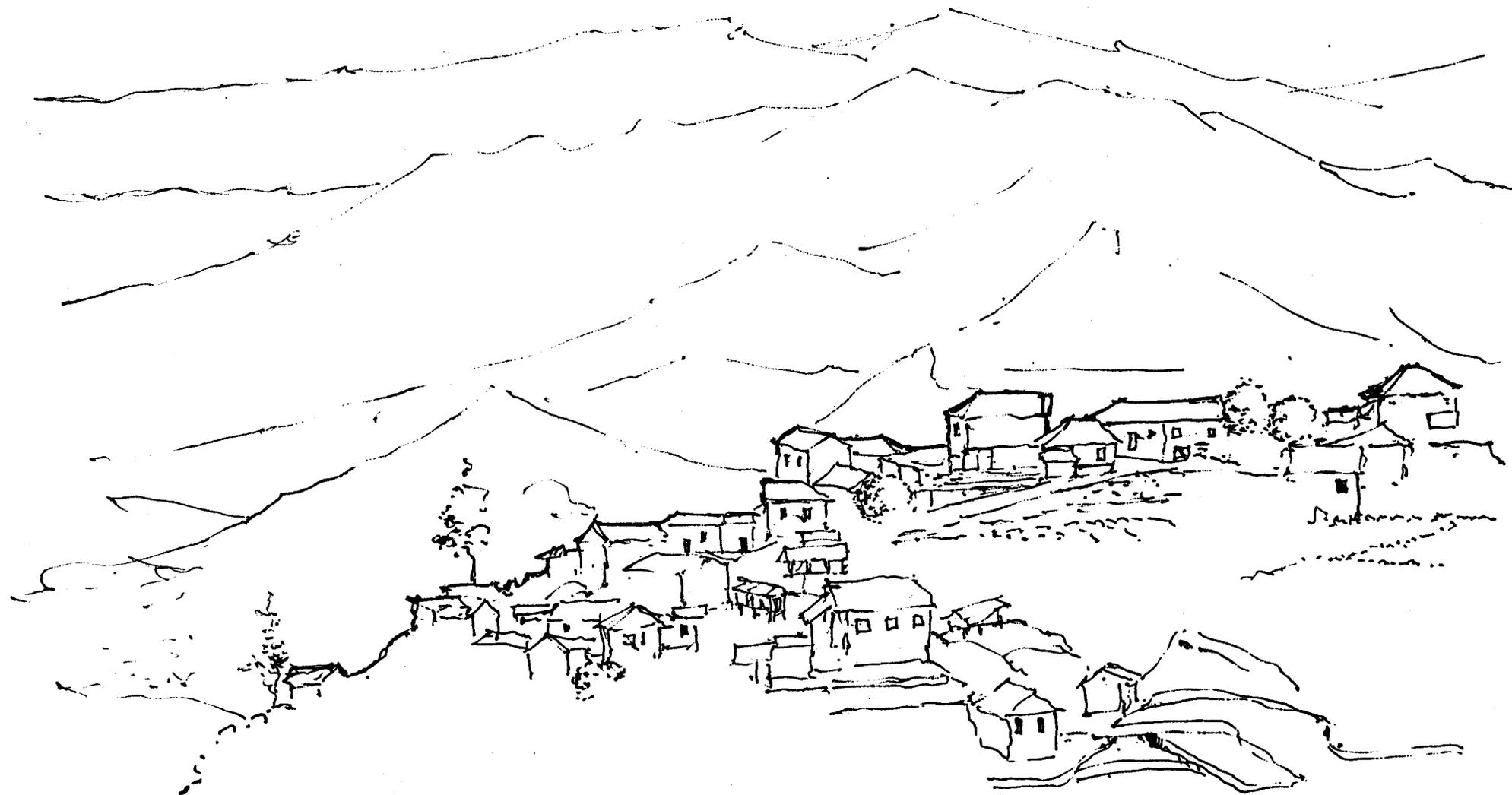
é difícil escrever sobre a paisagem que é nevoa e 4
cinzentos baços. é mais as memórias anteriores que me
acodem, que as coisas novas que me atraem. E
exactamente o que lembro é a luz de um outro Maio -bem
mais quente e luminoso. Lembranças que reponho no sítio
como que para iludir a visão triste deste tempo.

Dia 8, Soajo ainda. Finalmente o sol que produziu 5
o milagre de às oito horas e trinta minutos estarem
todos com o pequeno almoço tomado e uma disposição que
não lhes conhecia.



Fui passando por cada um vendo o trabalho, aldeia 1
abaixo, aldeia acima, desenhei de novo ao lado deles,

pintei, falei do desenho e da visão, falei da
compreensão do que se vê, de como inquirir. Falei da



Souza

10/11/88

vida própria que têm as coisas, da personalidade que a pedra pode ter, ou a paisagem e por aí podemos entender um desenho e transmitir. Insisti no movimento, como gesto do desenho, no gesto inteligente que a vontade transmite à mão e no novo gesto que fica impresso, esse contando o que somos e como somos.



braga

10/1/88

A vista de Ermelo, cinco horas da tarde, a mais 1
bela aldeia que conheço, ou talvez que o não seja, mas
seguramente a que mais próximo me ficou. Ermelo é a
harmonia, o apaziguamento, a quietação. É uma inocência
ao canto do Lima, a paz de laranjais e a simpatia das
pessoas. E é também um esquecimento de Saramago. (*)

Parámos no alto da estrada, para desenhar o vale e 2
a aldeia. Desenho um grupo.

20.30. Sentado num muro à beira da água, mais do 3
que qualquer desejo ou saudade, é olhar o tempo
prolongado, enorme, deste canto do mundo. Sossego e
espaço.



A' beira da estrada um grupo a desenhar

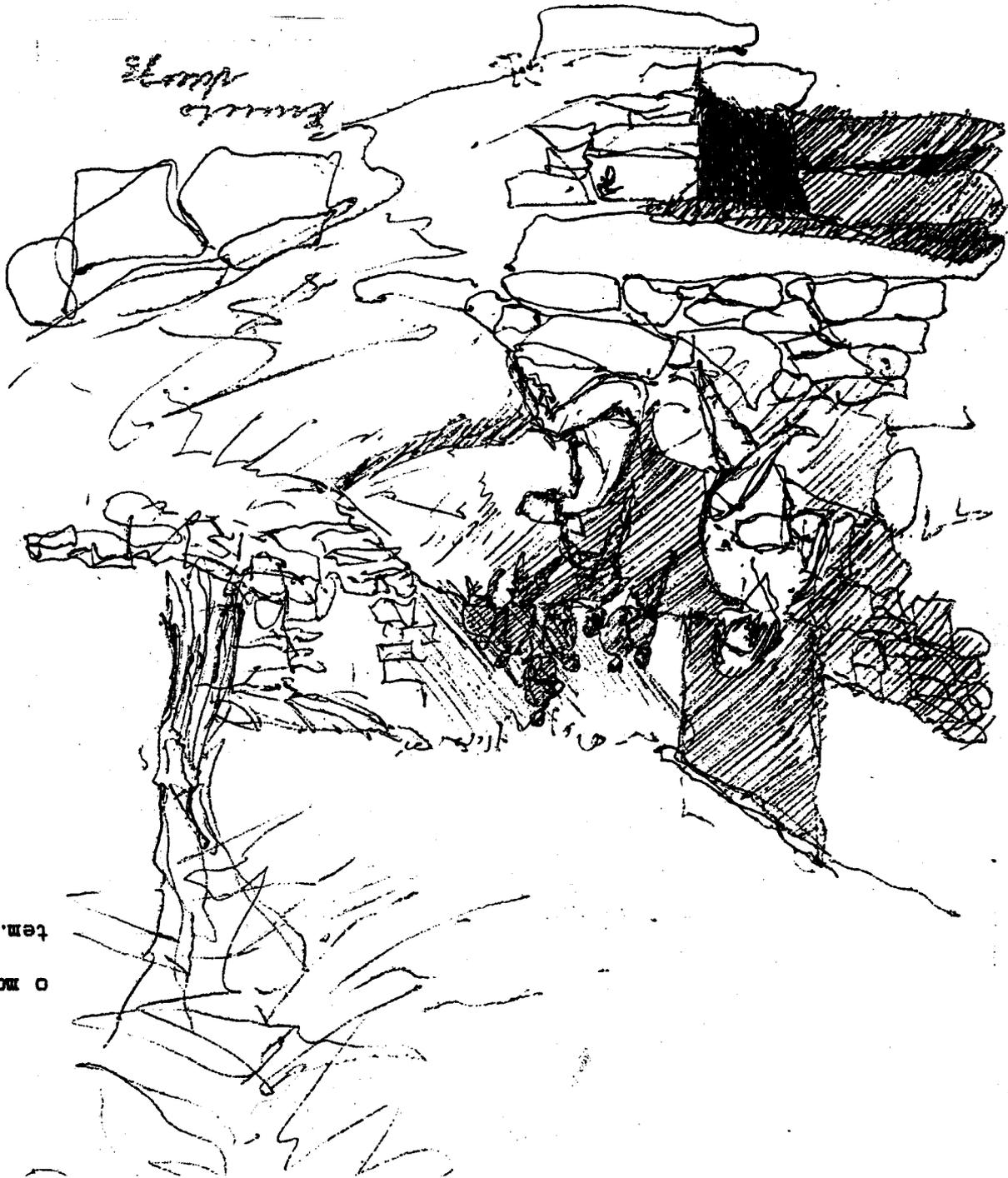
(*) José Saramago na sua obra "Viagem a Portugal" à vista de Ermelo, hesita entre
visitar o Soajo ou o Lindoso e esquece-se de ver o que está escondido nos
laranjais.



Ensemble

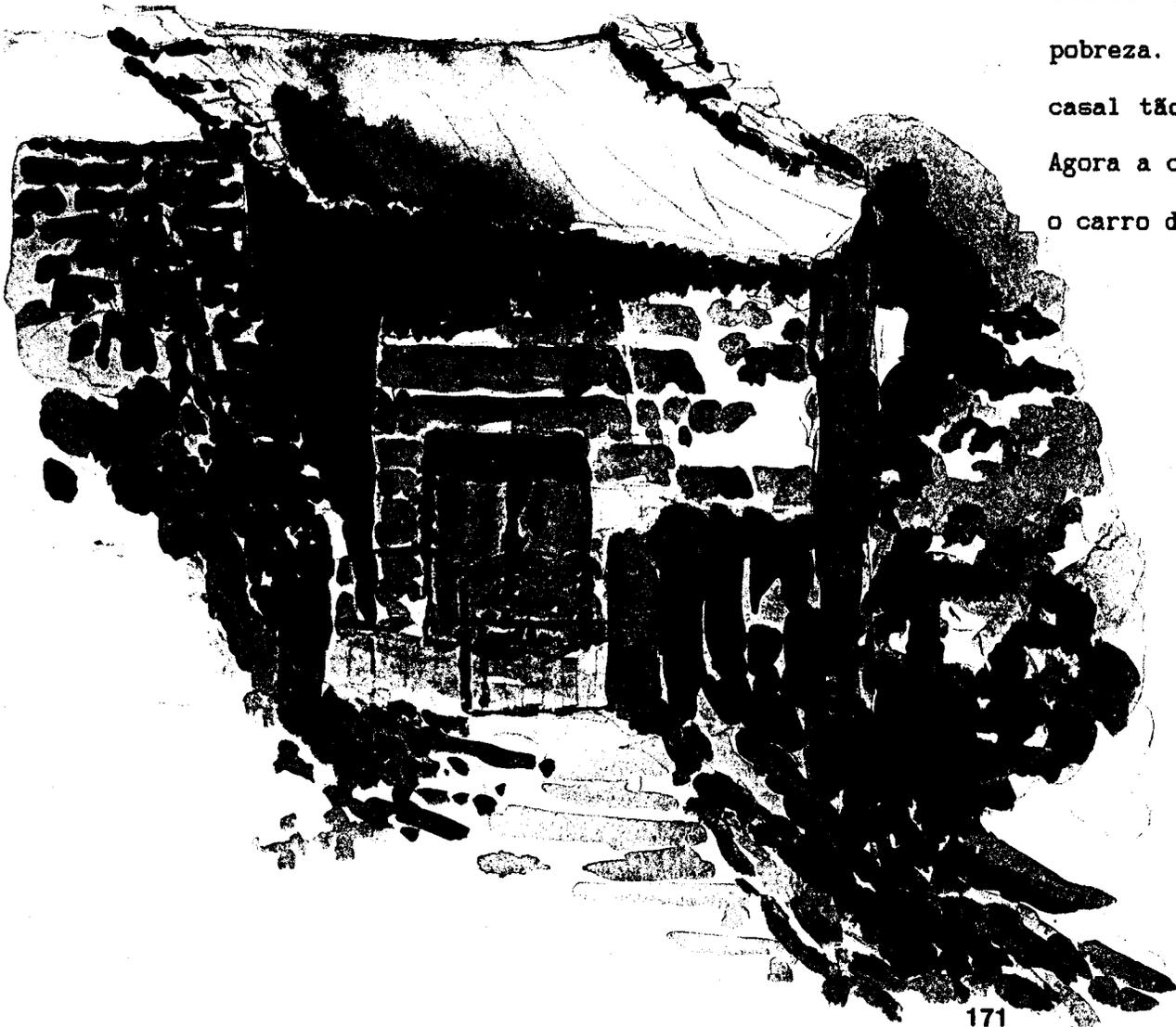
Museu

Tempo para ser e sentir. O ar é das aves e o mosteiro imagina-se de oração e cânticos...



... levamos os olhos no verde profundo que reveste o monte, até às nuvens, a um céu tão grande que brnelo tem...

Encontrei velhos conhecidos: a dona da venda, o 1
carpinteiro de carros e o velho das notícias, de quem
nunca soube o nome, e outros que nem sei referenciar.
Talvez por isto gosto tanto de aqui voltar.



Dia 9

Reencontro tudo intacto, os mesmos recantos o 2
mesmo tempo parado. Se por um lado o reencontro é
agradável porque corresponde à memória dos sítios, por
outros é sinónimo de uma continuada estagnação e
pobreza. Alguns velhos morreram entretanto, como aquele
casal tão simpático ao alto da rua que vai para o rio.
Agora a casa está fechada e o belo pátio abandonado com
o carro de bois a apodrecer.



dia 5, Reriz, 7.30

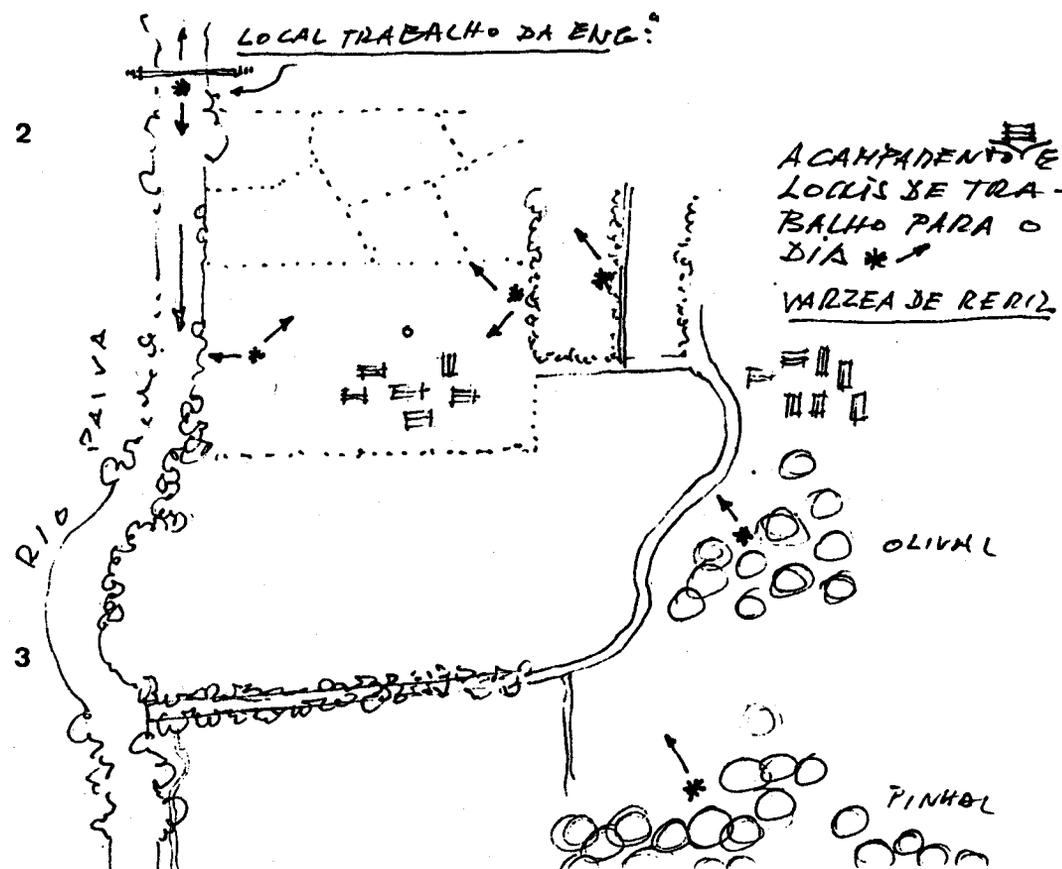
... diante de mim, para nascente, tinha tudo o que podia desejar para este início de trabalho. Queria uma paisagem evidente, desenhada, de tons planos e fáceis de interpretar. Não poderia haver grandes dificuldades de início e, tudo devia começar cautelosamente...

Aqui, estava tudo o que pretendia: três ou quatro cristas em profundidade, difusão intensa, azuis, verdes e uma magnífica luminosidade. Um primeiro plano de milho e uma linha de árvores por detrás, bem evidente. Contraste, entre amarelos-secos e verdes quentes, de início e, depois, todas as gamas de verdes e azuis para o fundo.

Queria que esta viagem, para além de um estudo profundo e um resultado a obter, fosse para eles uma semana muito agradável e que o vale que escolhera pudesse agir afectivamente em cada um.

Sabia do poder do Rio Paiva e esperava que ele se mostrasse.

... referi os escritos de Kuo Hsi no séc. XI sugerindo que nos aproximássemos da paisagem "sem arrogância e com os olhos do amante da natureza" (*)

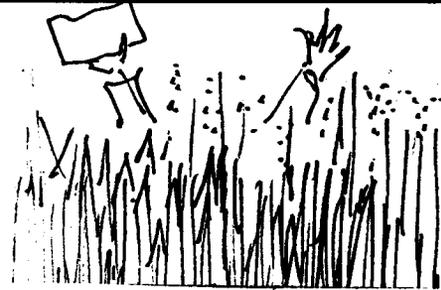




Explorando secutos para um céu.



173



*O Chico, perdido
no mitchal.*

lu

19.00 horas. Explêndido dia de trabalho. Tão bem 1
as coisas correram que se acrescentou a vontade de
fazer... Tudo decorreu harmoniosamente num espaço ideal
de comunicação. Assim foi o dia de hoje. Espero que
também toda a semana.

2

dia 6, Grijó

De Reriz a Grijó se preencheu a manhã num
belíssimo percurso pelo vale, sempre que possível junto
à água, para que exprimentássemos as coisas do rio. É
preciso, para compreender a paisagem, que sintam as
coisas na pele, a água, o vento, a rudeza das pedras.
Mexer-lhes para saber o peso e a textura. É preciso que



saboreiem as coisas, que gostem ou não, mas que as conheçam intimamente. Conhecer um rio não é vê-lo apenas. Terá que passear-se-lhe pelo leito, de pedra ou areia, raso ou fundo, atravessá-lo e sentir a corrente. 1

Sabia que seria difícil seguir a beira da água num vale tão apertado, mas sabia também que as coisas difíceis são as que deixam "gosto" na memória...

... subimos em direcção ao Cabeço do Fundo do Lombo e desenbocámos no campo de futebol mais absurdo do mundo. 2



Entre Periz e Grijó

... atravessámos para a margem direita onde havia um caminho que nos levaria até Grijó. 3

Assim conhecemos o leito do rio e a sua constituição de calhaus rolados e escorregadios... Tornou-se alegre a manhã e mais tarde haverá nas memórias, este pedaço do Paiva tão ligado à paisagem que estudámos, onde entenderão a intimidade de tudo o que a compõe. 4

À 14.30 repensas estava tudo sentado



TÓPICOS PARA O TRABALHO DA TARDE:

. Atenção à escrita. Ela terá de fazer o que desenho e cor não podem facilmente exprimir. 5

. Os sentidos conscientes, durante o trabalho. Todos em conjunto nos darão a sensação total que refere poeticamente este ambiente.

. Repensar a paisagem que percorremos até Grijó.

Escrever um pouco sobre ela. Caracterizem e expressem os 1
espaços onde acampamos e trabalhamos; profundidade,
dimensão, luz...

. Atenção ao diário. Será uma referência para o 2
vosso trabalho...

. Subiremos à encosta de Grijó... continuaremos a 3
trabalhar a grande paisagem, vendo agora a sequência do
vale do Paiva para jusante.

Não esqueçam:

- . desenho estrutural
- . definição das áreas para a cor
- . Composição das cores
- . cuidado com o excesso de misturas
- . cinzentos a partir das complementares
- . boa posição de trabalho
- . sombra sobre o papel

NOTA: aproveitem totalmente o fim de tarde no 5
local onde vamos trabalhar. Será excepcional de
condições, de luz e de grandeza.

... encontramos o local desejado: um socalco com 6
pinheiros que nos davam sombra e uma magnífica
visibilidade para o grande vale do Paiva, virada a
poente e, para a direita, ainda o poderíamos seguir um
pouco, adivinhando o caminho andado de manhã. Três
quartos de círculo de paisagem, quase a paisagem em
volta...

. No final da tarde, havia uma pressa de 7
aproveitar a luz maior, toda a expressão dos poucos
minutos que ela levava a explodir e morrer sobre o
horizonte, deixando o vale no azul intenso... Sobre o
horizonte permanecia ainda todo o espectro mais



imaginativo que se poderia desejar e, sugeri a alguns que fizessem puros estudos de luz, mesmo sem desenhar...

Ao fim do tempo, ficamos a conversar sobre a côr, 1 a aguarela e o trabalho, do dia. Havia satisfação e um tempo de viagem que para futuro seria decisivo. O Paiva, acrescenta memórias...

Paro à beira do caminho a ver a última réstea de 2 luz sobre o vale. Medito na tarde que tivemos e na satisfação que sinto por aquilo que se construiu passo a passo e que começa agora a dar resultado. Algumas das coisas mais importantes que queria comunicar-lhes sobre a paisagem - o sentimento poético, a estética, a emotividade da natureza - vão agora aparecendo neles, primeiro na côr, depois nas palavras...

23 horas

... oiço o rio e algumas vozes á fogueira, ainda. 3 Percebo a paisagem nocturna, que me entra na tenda. Não

tem côr, nem luz, e toda ela é som e aromas, frescura e rio.

Há três anos escrevia também sobre este rio, mas 4 de uma forma diferente. Ia cheio e forte, então, e não seria possível atravessá-lo como agora... Hoje participa mais no nosso trabalho e permite mesmo que lhe passeemos no leito e o vejamos por dentro sem segredo.

dia 7, Grijó 10 horas

... a exposição de todos os trabalhos feitos até 5 agora. Queria ver o desenvolvimento de cada um e ajustar o que fosse necessário...

... a criatividade desenvolve-se e constroi-se na 6 globalidade do ser, pela globalidade da vida que ele vive na escola e fora dela, na família e na sociedade. A criatividade é uma energia que provém do conhecimento e da sua utilização imaginativa e inventiva. Ela é tão necessária ao architecto paisagista como ao médico ou

ao carpinteiro. Será mais criativo aquele que desenvolver as suas capacidades de percepção, as suas capacidades de relação e o fundo conhecimento do meio. Aquele que por comprometimento nas coisas de todos os dias retirar daí a reinvenção do real.

... uma formação feita ao longo de três anos e a 1
sua posição e função, quer se queira ou se não queira,
é prioritariamente a aprendizagem de uma linguagem
básica da imaginação do arquitecto paisagista. é um
facto concreto e visível em toda a actividade escolar e
profissional. Digamos mesmo que é o "instrumento"
dominante em todo o vasto campo de acção que atrás
referi. é, primeiro que tudo, o meio mais completo de
comunicação, expressão e intervenção no meio e não há
outro que o substitua. Há sim, vários outros que o
completam como a escrita, a cor, a fotografia, mas ele
permanece básico.

... todo ele se concretiza, se mostra, fabrica e 2
se executa pelo desenho. Mesmo antes do projecto,
quando as ideias começam a laborar, é já um desenho

mental que se executa e é Júlio Resende quem nos diz:
"Pensar é desenhar, de algum modo". é a palavra pensada
que se torna desenho íntimo da obra plástica da qual a
arquitectura paisagista contém uma parte e aí mais se
afirma a sua função de "escrita" para a criação da
ordem do espaço da paisagem.

...

A criatividade do paisagista far-se-á em toda a 3
globalidade da sua formação porque é do concreto e do
sonhado que ela se forma e cada um a fará com o todo
vivido e aprendido.

... a criatividade de um projectista não é apenas 4
pelo desenho, ou por uma disciplina de Desenho que se
fará, mas de toda a criatividade das diversas
disciplinas que formam este curso. O desenho é a
linguagem de comunicação e criação, mas que têm uma
posição própria no acto de projectar. Há uma
criatividade a fazer na elaboração de um projecto e não
é por muito desenhar e bem desenhar que um arquitecto
se faz arquitecto.

O desenho só por si não faz a criatividade. Ela 1
faz-se também de outros lugares do ser e o desenho é um
meio e não um fim. Só o é se existir como arte, o que
não é o caso.

... hoje surgiu aquilo que já esperava: a 2
individualidade de cada trabalho. Era facilmente
observável o rumo diferente que cada um tomara quer na
côr quer nos temas escolhidos...

... O Zé Carlos com uma coloração clara de azuis, 3
azuis turquesas, verdes, rosas; o Francisco em cores
saturadas de grande beleza, brilhantes azuis e verdes;
a Anabela apurando os violetas e castanhos; a Lena na
simplificação dos grandes espaços, sobrepondo
tonalidades diversas e planas, lembrando por vezes a
pintura chinesa.

... recordava-me de na viagem anterior termos 4
trabalhado também naquele local... A luz estava em boa
posição deixando os muros dos socalcos em sombra e a

superfície cultivada muito luminosa. O contraste era
forte o que facilitava a compreensão da estrutura.
Havia ainda uma casa, pintada de verde esmeralda, muito
forte, que nada tendo que ver com a região era no
entanto um objecto colorido precioso...

. Trabalhos ricos, quer do Francisco quer do Zé 5
Carlos. Conversam com a côr, num diálogo íntimo,
seguro. Trabalham a luz, o brilho, a saturação... numa
poética muito própria...

Dia 8, Grijó, quase 10 horas.

Tópicos para o dia: 6

1. Começar a restringir a dimensão da paisagem
2. Atenção à luz da manhã.
3. Iniciar ensaios sobre a água. Imagem reflectida,
cores, luzes, reflexos.
4. A paisagem tem de entender-se como um todo. Não
isoladamente.
5. Toda a atenção à mistura dos verdes.

14.00 horas.

... provocar. Muitas vezes é nesse sentido que é preciso actuar, saber provocar as coisas.

Durante quatro horas vi o trabalho que cada um fez até agora.

... orientação, acompanhamento, enquadramento constante de cada um na proposta de trabalho de modo a que, pelo menos, resultasse uma experiência da paisagem suficientemente sentida. Teoricamente tive também uma actuação mais funda e, insisti até à exaustão em determinados pontos: desenho claro, estrutura da paisagem, luz/cor, profundidade...

Na viagem ao Mondego, onde iniciei a aguarela como estudo da paisagem, tinha um grupo forte que dominava o desenho e que logo de início dominou a cor também. Estava liberto da preocupação gráfica para se consagrar à cor: Chica, João, Cerejeiro, Zé Santos, Cristina Fragoso, Rosarinho, Fátima, Maria João, Luisa Ferraz, Ana Isabel, Antero, Agostinha, Luisa Ramos, Marta...



De Guis para o Vale do Paiva

... passei à avaliação individual lendo as notas 1
que tomara, aproveitando positivamente o trabalho que
cada um desenvolvera com vontade. Trabalho vasto,
alguns com doze e catorze aguarelas já ao terceiro dia
de viagem.

18.30 Sózinho, pela estrada fora. Sossego e 2
silêncio. É o descanso de hoje, antes de jantar. Nem
pássaros nem vozes. Penumbra. Um rafeiro já velho
segue-me. Se paro, para também; se recomeço, caminha
comigo. De novo lhe faço uma festa e mal tem forças
para abanar o rabo. Que semelhanças de velhice entre os
cães e os homens! Que semelhanças de solidão, de
abandono e de nada ou ninguém! Apenas esperar que o
tempo acabe e que a paisagem continue insensível à
morte e à vida dos seres, à solidão e à tristeza.
Estranha forma de beleza, a da natureza, tão
indiferente àquilo que nos acontece.

Calderón e Rilke ocorrem-me de novo, neste silêncio 3
e solidão de paisagem, que ao contrário, para mim, são
neste momento vitais e a razão de um bem-estar.

... Nada quebraria agora o movimento que se 4
imprimira a este estudo de paisagem. Sabia que tudo o
que se seguiria, seria ainda melhor, porque estes dias
iniciais deram confiança e interesse a todos.

Dia 9, de Grijó a Ester

Partimos, às 10 horas em dois grupos para Ester. 5
Um, numeroso, foi por cima pela estrada preferindo
caminho fácil. Outro, pequeno, os interessados em
conhecer o rio e o vale, seguimos directamente junto à
água.

É magnífico de facto este percurso no rio, pela 6
variação constante de espaços, a vegetação imensa, a
pedra, a água e a luz reflectida, repartida e
submetida. Alegre este caminho e o grupo também.

Subimos inicialmente ao vale de Covelinhas 7
contornando a escarpa. Campos e campos de milho,
bordados de vinha. Castanheiros, carvalhos e verde,
muito, muito verde, até conseguirmos de novo chegar ao
Paiva.

Passada a ribeira do Gafanhão que desce entre 1
lomba da Avó e Lomba do Ferreiro...a margem torna-se
rocha a pique...

14 horas, acampamento montado à vista de Ester lá
no alto.

Tópicos para a tarde:

1. Visita da aldeia
2. Avaliação das vistas da aldeia para o vale
 - a) variabilidade da cor e da luz
 - b) variabilidade da distância, dimensões e profundidades
 - c) intensidade da difusão pelas neblinas e grandes distâncias, montanhas em sombra, e humidade do ar
 - d) possibilidade de trabalho mais diferenciado
3. Mais possibilidade de escolha de temas.
4. Luz da tarde, estrutura do céu, e extrema variação dos verdes

5. Zona de trabalho: desde a aldeia, por toda a
encosta, até à estrada.

Mostrei a aldeia e pontos de vista especiais. Revi 3
o enorme espigueiro por cima da rua que vai para o rio,
o chalet cor-de-rosa ainda intacto no cotovelo dessa
mesma rua e o ar secreto das coisas fechadas e paradas
no tempo. Passámos na única loja de Ester; a mesma
senhora ao balcão sorria, simpática.

... o sossego de uma descida, vendo girar o rio e 4
os montes, mudar a cor, e o passar dos pinheiros entre
mim e a visão transparente dos fundos, a sensação de
espaço que se move, que circula, que se interpõe e
relaciona, toda a natureza profusa e, eu e os outros,
contidos num todo harmónico. Evolucionava numa
aproximação contínua ao fundo do vale onde corre a vida
de que dependemos, sempre que viajamos, querendo saber
da paisagem natural.

Acalma-se a sede, toda a grande sede que nos trás 5
despertos e nos põe um pé diante do outro, olhar diante
de olhar, para lá, cada vez mais, e de dentro.

Cheguei ao acampamento com um molho de couves 1
debaixo do braço, dois cantis de vinho, o meu saco e a
Marta que encontrei pelo caminho.

Descemos falando das impressões das coisas, das 2
couves e do vinho morangueiro, de tudo afinal que vamos
tendo, vivendo e havendo, por dentro, em cada uma
destas experiências, nunca semelhantes. Desciamos já
com luar... a encosta para o acampamento e toda a
paisagem do vale desaparecera já, da côr, e ficava-nos
uma espantosa luminosidade difusa... uma sensação de
imensidão sem limites, uma tão grande profundidade de
noite que parámos espantados com a mutação daquele
espaço. Ao mesmo tempo sabíamos da paisagem dormente e
o estranho era a indefinição da grande neblina
nocturna. Seria o prelúdio de uma noite singularíssima,
uma rara noite onde tudo poderia ter lugar, onde
qualquer relação no espço era possível porque se
ausentava a referência conhecida.

Mais natural seria flutuar, e não caminhar com os 3
pés na terra. O vale desmaterializava-se e a névoa

luminosa era a paisagem nocturna sobre um rio que
apenas sabíamos. Nem prado, nem amieiros, nem montes e
matos, ou vale contorcido pelas quebras da encostas.

Dia 10. Ester de manhã cedo 4

Dia final sem pena de nada que se tenha ou não
tenha feito.

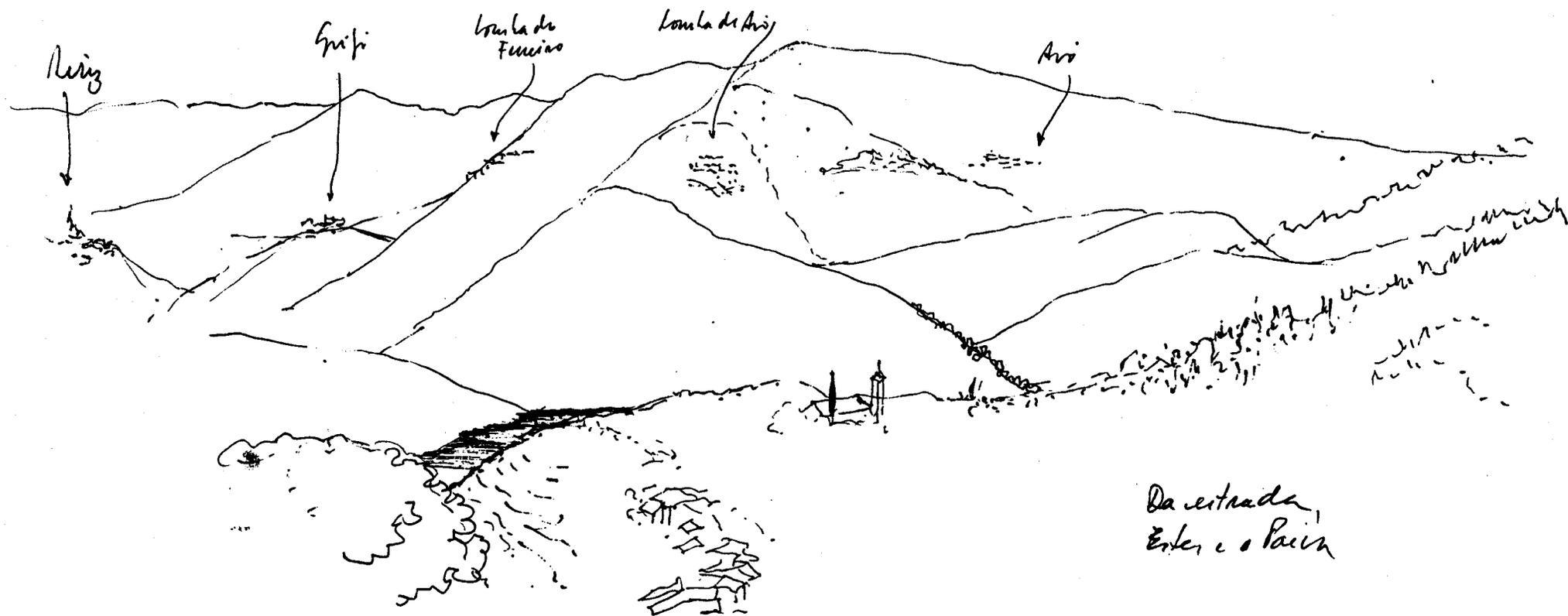
Tranquila a acumulação destes dias de 5
conhecimento, de dentro e fora, da fina poesia do
espaço consentido...

Nada se perde na contínua mutação que forna o dia 6
e a noite, íntima relação sensível da passagem natural
das coisas, ao percurso sanguíneo...

Quase só trabalhamos o silêncio da paisagem, tão 7
perto já da grande solidão de Caballero Calderón e dos
Caminhos Subterrâneos, mas há aqui, uma juventude que
impede a transposição do limite, inexperiência que se
impede de penetrar o denso domínio da angústia...

Terminamos hoje, ao fim do tempo, para que nos 1
acontecesse parte da paisagem. Será ainda na lentidão
do tempo que ela se irá construir. Depois, ainda, do
tempo passado, a distância aos factos, às coisas e à
natureza, fará com que tudo comece a entender-se em
cada um deles, no sentido mais total.

*Fotografei esta paisagem
com luz muito defusa de uma
tarde de borracha. Aqui
enunci o "exercício de ver a paisagem."*



*Da estrada,
Entre o Paiz*

. A tarde, na estrada e diante do grande vale, um 1

EXERCÍCIO DE VER A PAISAGEM:

Desço os olhos aos telhados de Ester, corridos sobre a crista, para além, como os mínimos campos de milho e as árvores até à curva do rio. Demoro-me na água escura e brilhante e recomeço o monte dianteiro, liso de mato e verde tardio. Revejo-me e re-oiço-me, avisando-os para o segredo alquímico dos verdes. Ali é a luz, no papel, é o pigmento e o brilho, é artificial e relativo aos contrastes de cor e claro escuro.

Sinto-o cheio, pesado de forma redonda. Concedo-me 2
prosseguir, percorrendo-o devagar, usando a textura macia nos olhos. À direita, descaí até ao rio, levando no gesto comprido uma sequência de árvores, que lhe pertencem de há muito. Encaixa-se a ponta na água estreita do resto do Paiva, o último que vejo. Retorno ao monte, subo a Lomba da Avó, mesmo ao erguer dos meus olhos na linha recta que nos liga. Sigo pelo lado do

poente, passo o bosque espesso que não penetro, talvez no receio da solidão, e para lá dele, Avó, por cima dos seus campinhos na intimidade do próprio espaço que lhe pertence. Avó está no meio da altura de paisagem. Por cima, toda a grande face do azul plano da montanha. Largo espaço de uma a outra banda da largura de abrir os braços. Linhas serradas entre mim e esta sombra, que se cruzam, sobrepõem e me confirmam outros espaços até lá.

Para de onde o sol nasceu, tudo é subtil e 3
desenhado. Há um vale que do alto da montanha divide L.de Avó, de Lombado Ferreiro e, uma linha de caminho, se encurva vezes sucessivas até ao bosque que em baixo aconchega os campinhos que, sem dono referido ou aldeia próxima, se formaram tão naturalmente, já perto da água.

Lomba do Ferreiro fica pendente a meio da linha 4
que desenha o nascente da montanha e, por detrás, mais outra montanha cavando o vale de Grijó, o outro vale, o de Reriz e a enorme encosta pedregosa que lhe faz de fundo.

1 Regresso, rápido, sem saber porquê, ao fundo, e o
cipreste da igreja de Ester, determina. Corri toda a
meia volta do mundo e é o cimo dele que me resta a
prosseguir encurvando-me no espaço, sabendo que
continuar é regressar de novo, não partindo nunca
afinal, mas um eterno vai-vem sobre a paisagem.

2 Exercício de ver. Exercício do espírito no acto de
perceber, experimentar o tacto o olfacto e a audição
pela visão das coisas. A paisagem poetiza-se em nós por
todos os sentidos e o seu apuramento faz-se
exercitando-os.

3 Diante de uma paisagem, podemos, tornando-os muito
conscientes, ver por meio de todos eles. Vejo a côr e a
forma, sinto na pele a temperatura do ar, o vento, oiço
o ruído da água, das aves ou do movimento das árvores.
Distingo os aromas do mato ou da vinha ou, o mais
indefinível e global de uma dada região.

4 A consciência de todos eles em simultâneo dá-nos a
consciência da poética de uma paisagem pelos elementos

mais leves e etéreos.: luz, aromas, sons, tempo,
movimento... ultrapassada que é a estética objectiva.

RIO COA III - Maio/Junho de 1987

5 dia 30 de Maio, seis e meia da manhã.

Estrada de Arraiolos, sol aberto e os campos quase
sem flores, apenas malmequeres e as searas claras. Os
fenos secam, deitados e brilhantes à luz rasante da
quase manhã de Junho.

6 Vamos ao Coa, à nascente, e vou rever a Serra da
Malcata de cabeços redondos.

7 . Já vejo Arraiolos e à direita adivinho a Sempre
Noiva, para lá dos eucaliptos.

8 Sem dúvida que é bela, em qualquer altura, esta
paisagem do Sul e, se não é pelo verde, é pelas flores,
ou de ocre claro na manhã de searas, ou doirada na
tarde quente.

10.00 h. O Tejo em Vila Velha, calmo, espelhado. Por cima olivais e as margens, de salgueiros e mato. Vêmo-lo por entre os belos eucaliptos que ladeiam a descida até à ponte.

Já do outro lado, lê-se a estrada pela diagonal das árvores. À esquerda a Portucel é o caos e, nem tudo se vê.

. Seguimos o vale estreito e as encostas de olivais, cada uma sustentada por um muro que se amplia no ribeiro e lhe acompanha as águas suportando terras e hortas.

Paisagem um pouco indecisa entre doses dispersas de eucaliptais e pinhais, estevas, oliveiras e azinheiras, alguns sobreiros também, mas já pouco à vontade neste espaço avançado na dureza beirã.

Km 113 da EN 18. À direita as encostas estão já armadas à máquina em socalcos na terra xistosa e brilhante, encostas nuas e novas em que a natureza do

homem organiza uma natureza diferente.

é um sítio de transição e como em todas as transições, uma certa indecisão até que se defina o espaço próprio e o carácter da paisagem com nome.

Estrada nova a 14 km. de C. Branco. Corta a direito, sem piedade e nas faces rigorosas dos taludes vimos o que esta terra é: nada. Puro xisto, compacto e arrumado de alto a baixo e, a mão travessa a que chamamos terra é ainda xisto desagregado. Por isso a paisagem é magra e baça a luz. Dos estevais imensos temos o seu melhor: o aroma bravo. Mas até estes são pobres e baixos.

Logo à saída de Castelo Branco, muda repentinamente a paisagem. Há terra e granito, carvalhos, ulmeiros, giestas, espaço mais rico onde o verde se alevanta.

Planalto. E já lembra Malhada Sorda e Nave de Haver.

Caminho para Penamacor, onde já passámos várias 1
vezes para estas viagens de estudo.

Paisagem brava, por vezes, sítios que o homem mal 2
toca e que se tornam característica constante desta
região. Pedra e mato bravio, carvalhal em varas finas e
livres.

Ver a paisagem deste modo é como a malograda "Le 3
Plaisir du Paysage Dessiné", é poder confrontar as
essências de cada paisagem, leitura de contrastes,
contrapondo as várias expressões da natureza, consoante
o solo, o clima e as culturas do homem.

Num curto espaço de tempo, podemos avaliar 4
(enquanto viajamos) dos elementos mais decisivos para a
sua diferenciação e constituição e entender bem o
quanto eles são determinantes.

Aqui, porque muito rural, são fortemente 5
determinantes da cultura e vida do homem. O xisto e o
granito, a terra e o relevo, determinam possibilidades
muito diferentes para uma paisagem do homem.
Compreende-se também, que ele próprio, seja um pouco ou

muito, modelado também por ela. Corpo e espírito se
determinam pela terra e espaço. Assim, as diferenças
profundas, são tão marcadas, do alentejano para o
beirão. Mesmo a oralidade tem de ser diferente. Sons
diferentes que a paisagem também provoca, porque de
origens e para objectivos diferentes, no trabalho ou na
organização da casa e do campo, ou mesmo da família.
Termos e sons que têm toda a razão natural para
existirem num dado sítio mas que noutro não aparecem
porque as condições ambientais são diferentes e a
expressão sonora se lhe não adequa.

A sonoridade arrastada do alentejano, condiz com o 6
clima, com a característica do espaço, com a ausência
(resignada) de terra própria. A sonoridade beirão,
contém as características dos granitos e dos espaços
incultos de mato e penedias. Ausência de melodia,
agreste como o clima e a terra.

Perto de Penamacor, (Km. 68 da EN 233) persistem 7
ainda grandes sobreiros no panalto, já de mistura com

os primeiros castanheiros e também a figueira, o carvalho, a oliveira, o pinheiro, o eucalipto. E searas.

1 Enorme montado de sobreiros, entre os km 66 e 62. Dentro dele é puro alentejo, a 1 km de Penamacor.

2 Ao km 58 saindo para o Sabugal há do lado esquerdo uma surpreendente paisagem, que conheço de há muito pelas vezes que aqui passei, largo cabeço com raros pinheiros dispersos, um vale e fundos escuros.

3 Foios, 22 km. Giestas, castanheiros e centeio.

4 Um castanheiro no meio de uma seara de centeio é uma simples grandeza.



5 19.00 horas. Afinal estamos em Vilar Maior e aqui vamos começar a viagem como há dois anos. Nada de nascente do Coa, nada de Foios nem Malcata. Vilar

Maior, Porto de Ovelha, Malhada Sorda e assim será. Mais uma vez, a professora Delfina. (*)

6 Acampámos no fundo da Ribeira de Alfaiates em duas linhas coloridas que ladeiam um campinho de restolho encaixado na encosta.

7 Talvez pela perda da luz, ao fim do dia a paisagem torna-se cada vez mais a paisagem dos sons. A água como ruído de fundo, depois os rouxinóis, os grilos, o vento.

8 As cores, perdem-se pela pouca luz disponível e assim atendemos mais aos sons que ao olhar, que vai perdendo importância, assumindo a sonoridade toda a sua presença.

(*) A professora Delfina, é a professora primária de Vilar Maior, que conhecemos na viagem ao Rio Coa II, e que é de uma extrema simpatia connosco para além de saber tudo sobre a região.

dia 31 de Maio - Vilar Maior, 10.00 horas.

Reunião com os alunos e preparação do trabalho. 1

1. Horário de trabalho, refeições e acampamento.

2. Reconhecimento da aldeia em conjunto.

15.00 horas. Está muito quente, demasiado para 2
este trabalho. Mas, como sempre ele terá que se fazer,
melhor ou pior.

é difícil para eles trabalharem e compreenderem 3
esta paisagem. Vasta, grandiosa e que vêem pela
primeira vez, sentados no alto da muralha do castelo.

20.00 horas. Depois do banho no rio, única coisa 4
que descansa e descontraí ao fim de um dia duro como o
de hoje, cada um ocupa o seu tempo como melhor lhe
parece. Aproveito para escrever alguma coisa enquanto o
grupo da cozinha prepara o jantar.

Correu bem, o dia, apesar de tudo. Trabalhámos no 5
Castelo estudando a grande paisagem até ao vale do Coa,
para Norte, portanto. Faltam-nos as cartas e por
consequente as referências das coisas e da região que
ajudam a compreender uma vasta dimensão.

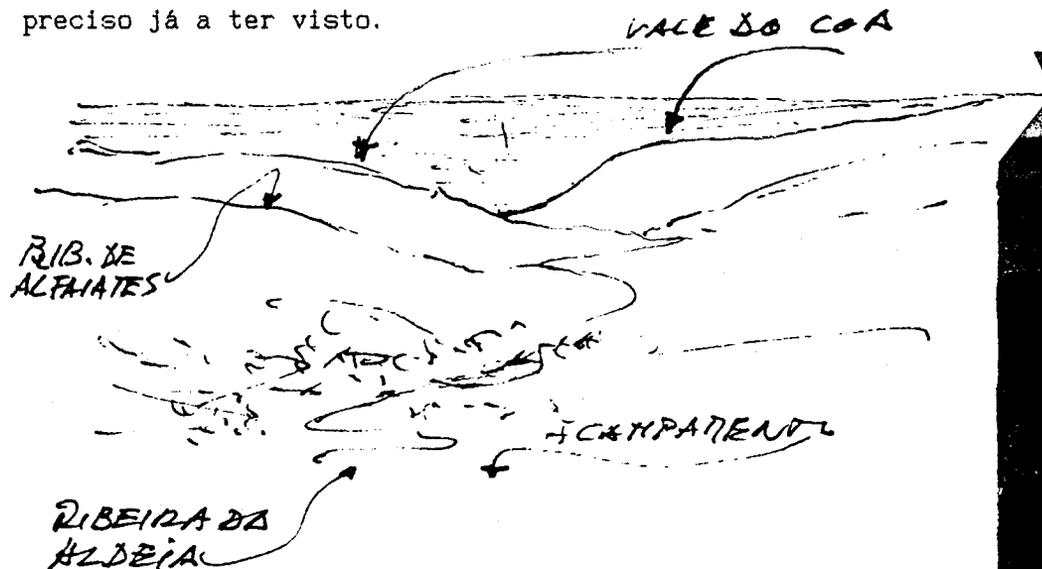
Os contrastes da luz e cor são poucos ainda às 6
três da tarde pelo que, mais difícil se lhes tornava
entenderem a estrutura de múltiplos vales que
construíam a paisagem. Mais tarde, o vale da Ribeira de
Alfaiates e depois de Vilar Maior, poderia então ler-se
com sombra na encosta oeste e a luz na oposta sentindo-
se a forma e o espaço. Ao fundo, a paisagem limitava-se
pela encosta esquerda do vale do Coa, cortada de linhas
de sombra.

Daqui, onde escrevo e repenso as coisas deste dia, 7
vou vendo o movimento de vai-vem deste grupo simpático
e alegre, como quem arruma a casa e se vai preparando
para se sentar à mesa. Um dia cheio e talvez não muito
rentável pelas dificuldades demasiadas de um espaço

excessivamente grande, onde é fácil cada um perder-se por muito querer fazer.

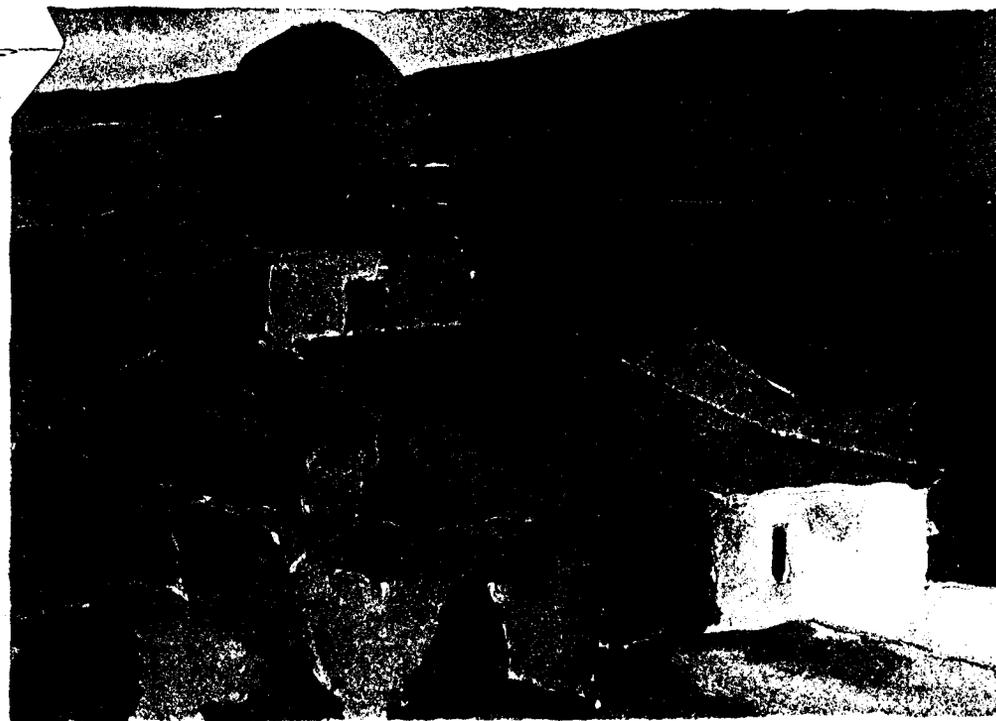
Por isso, aos poucos, os fomos levando para o 1 espaço urbano, porque mais restrito, mais concreto e referenciado.

Só passado algum tempo de observação se pode 2 compreender a estrutura desta paisagem e mesmo assim é preciso já a ter visto.



Olha-se pelo vale das ribeiras e depara-se ao 3 fundo, transversal, com a encosta esquerda do rio Coa. Horizonte em linha perfeita, característica e franca.

Para cá um belo vale movimentado que amanhã 4 percorreremos. Foi esta a paisagem que fui explicando àqueles que tentavam desenhar de cima do castelo. Nem sempre conseguiram entendê-la, mas quando amanhã passarmos a Porto de Ovelha e a virmos ao contrário, localizando o vale percorrido, então talvez já a entendam.



dia 1 de Junho - Vilar Maior, 10.30 horas.

Está fresco no largo do pelourinho, à sombra de um 1
grande choupo. Estão todos a trabalhar junto às hortas
à saída da aldeia, para sul.

Vimos para cima seguindo uma vereda que nos 2
ensinou a professora Delfina, e que sai do nosso
acampamento e vem dar directamente à parte alta da
aldeia, à rua da Galinha. A vegetação é diferente e
muito rica, talvez devido à frescura e exposição da

encosta.

21.00 horas. Sol posto, já no Coa defronte de 3
Porto de Ovelha. Pela terceira vez vou refazer este
troço do rio Coa, pela terceira vez vou dormir neste
magnífico prado.

Foi aqui a nossa primeira experiência de viagem de 4
estudo, há seis anos, experiência tão positiva que não
mais deixámos de realizar estas duas viagens anuais. Na
parte que me toca, esta primeira viagem desencadeou uma
série de experiências conhecimentos e vivências nos



sucessivos anos de trabalho, que culminaram com o 1
estudo da poética da paisagem. Ao longo destes anos,
foi sobretudo a interrogação da paisagem, aquilo que
mais fez avançar a procura de uma explicação. As
contínuas viagens e a sua preparação baseada na
experiência anterior, onde a explicação da paisagem era
uma necessidade pedagógica, encaminharam a procura para
campos cada vez mais anteriores ao momento do desenho
que eu queria desenvolver nos sucessivos grupos de
alunos. Procurando a forma mais clara de explicar a
grande complexidade da paisagem total e, num conceito
global, levou a que, por aproximações constantes,
chegasse ao que entendi ser o embrião da ideia de
paisagem: a poética. Pelo menos aquilo que sentia como
o possível início dum anterioridade do desenho da
paisagem.

Esta experiência da paisagem (e por experiência 2
entendo aqui o fazer parte dela como natureza que somos
e que ela é, vivendo-a, usando-a, e sendo-a) descobri
mais tarde que era insubstituível e indispensável no

ensino que me propunha. Teria que ser exercida, vivida,
como quem toma o gosto, sente o aroma, usufruindo dela,
mas retribuindo as sensações recebidas estabelecendo
uma relação criativa. Não se pode viver a paisagem
egoistamente, apenas retirando o bom e o belo sem
participarmos relacionalmente pela única forma
possível: o profundo entendimento afectivo.

Por aqui, atingiremos uma posição ideal onde serão 3
então possíveis numa prática, os conceitos de
protecção, uso, transformação, ordenamento, e demais
atitudes do homem perante a Natureza. Nada disto terá
sentido, nenhuma teoria, nenhuma prática, se o homem
não amar a paisagem.

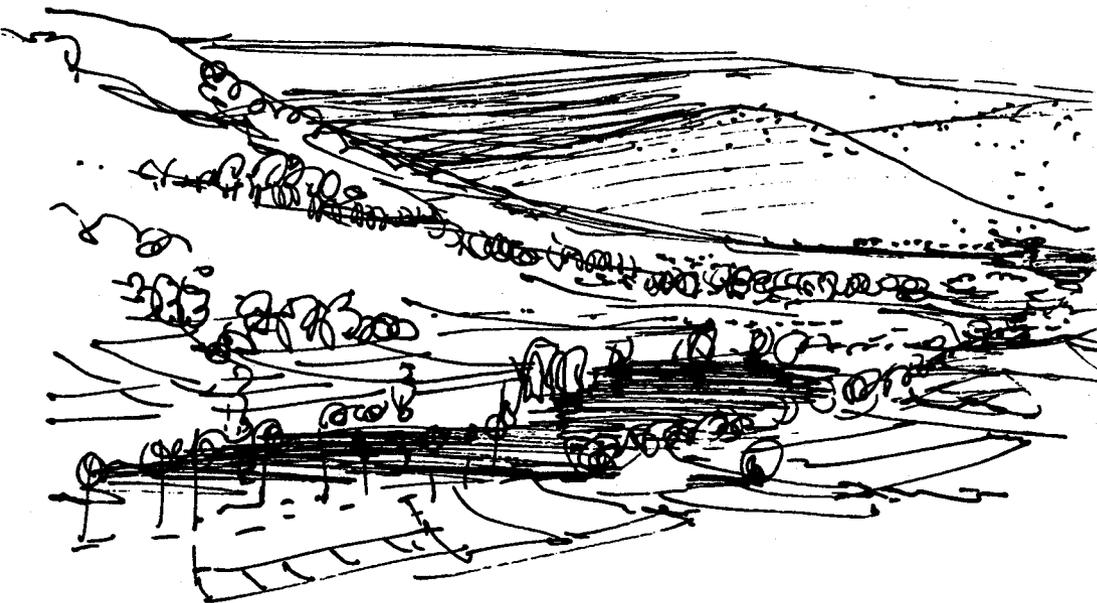
dia 2 de Junho, terça feira em Porto de Ovelha. 11.30
horas.

Esta aldeia não tem som de gente. Daqui do adro da 4
igreja, o espaço é do sol. As raras pessoas que não
emigraram estão nos campos a esta hora.

19.20 horas. Sentados nos grandes penedos 1
sobranceiros ao Coa, dominavam a enorme extensão do
vale.

Luz, sossego e a hora mágica dos contrastes que 2
mais faz apetecer o desenho e a aguarela.

À esquerda, pela longa linha de festo, se define o 3
vale de onde viemos ontem e, em frente o cabeço, marco
da entrada no Coa.



Vale tão vasto visto daqui, profundo movimento 4
curvo de um lado ao outro, que quase sentimos na mão o
gesto da terra.



Há um grupo encantado por este vale: António, 5
André, Inês, Claudia, Filipe e João. Silêncio total e
cada um, certamente, sente a natureza a seu modo, o
modo de se ser poeta, pelo qual conta um pouco da
história da paisagem. Em cada uma das aguarelas, a
verei mais tarde.

dia 3 de Junho, ainda Porto de Ovelha.

que trazemos.

Tarde livre. Escrevo, pinto. Penso também nas 1
coisas da paisagem, nesta viagem e no grupo de alunos

Pintei um grupo sentado na ponte, que trabalhava 2
virado para mim.



dia 4 de Junho, Malhada Sorda, 9.30 horas.

Ontem, chegámos aqui ao acampamento, ao fim da 1 tarde, que imediatamente reconheci. Acampámos rapidamente e subimos à aldeia. Reencontrei as senhoras de Malhada, no largo, já velhas conhecidas. Visitei a viúva do Sr. Francisco Palla que muito chorosa me agarrou as mãos e contou a sua desgraça.

11.30 horas.

Já não me lembrava, que é este o espaço mais belo 2 de igreja que conheço. Três grandes arcos definem o espaço salão. Altar-mor em talha dourada que destruiu o antigo, todo decorado a fresco e do sec. XVI.

À vinda para cima, reví a paisagem do planalto, e 3 que é para mim, sempre, um especial momento de paisagem.

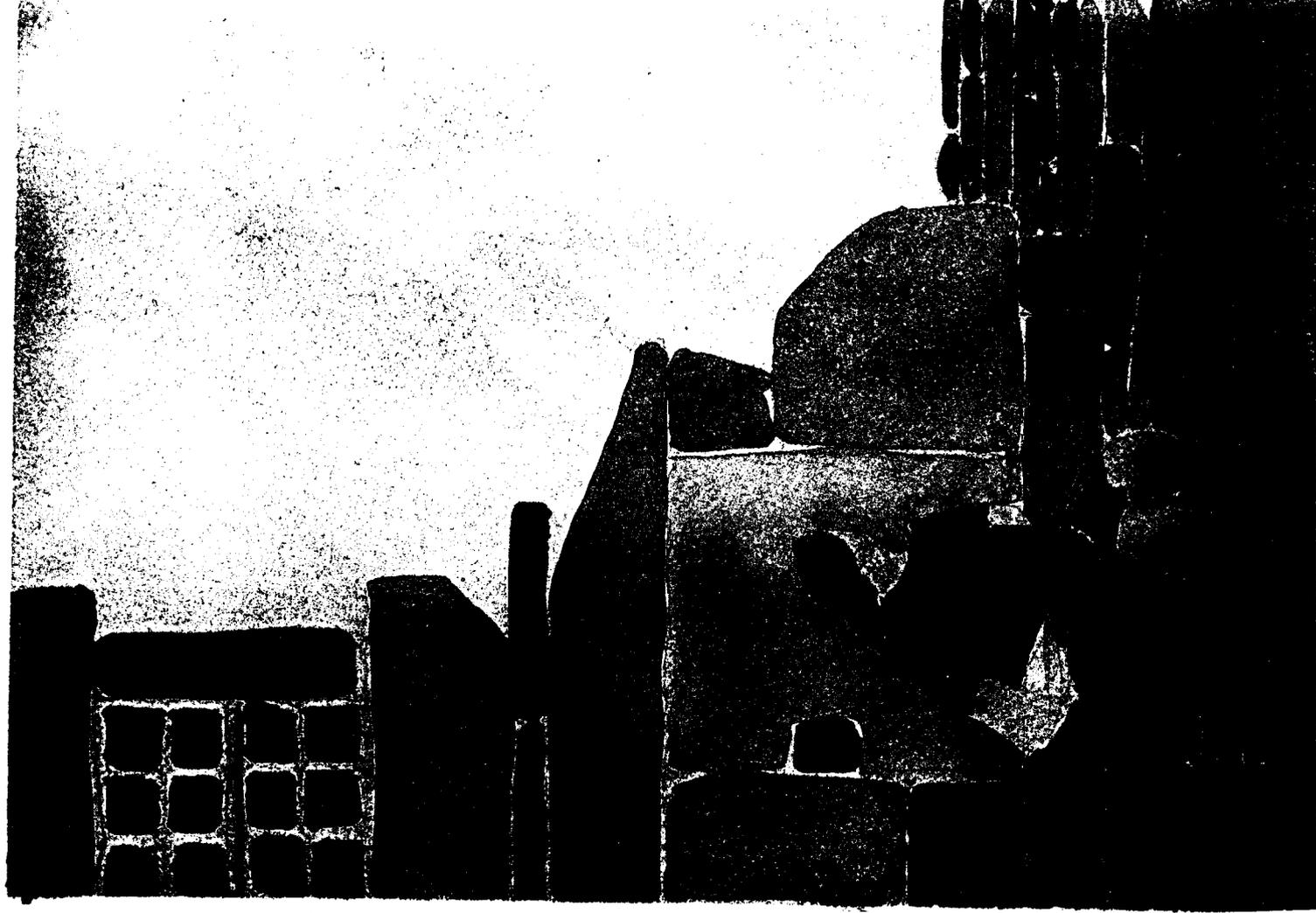


dia 5 de Junho, Largo de Malhada, 11.00 horas.

Estamos no largo da Malhada, largo onde toda a 4 gente se encontra, tão meu conhecido de outras viagens. Tudo se passa aqui. Vacas, burros, pessoas, carros e tractores. O cheiro a bosta e, a passarada nos telhados, o sino que toca e o vento nas folhas dos plátanos e ulmeiros. Um cachorro enrosca-se-me nos pés e brinca com os atacadores das botas, enquanto olho uma



Largo de Malhada
1961.



mulher carregada com dois baldes de água do chafariz.

Ao meio, o largo é todo sol.

Pinto uma aguarela e continuo no largo. Aqui está 1
a vida do homem, do rio, da aldeia. À sombra, sentado
num banco, desenho a casa das senhoras de Malhada, com
a D. Alice dos Santos sentada no banco de granito.



No banco a meu lado, a Bijuca canta feliz e 1
desenha. Por vezes cala-se, esquece a música e desenha,

desenha. Olha e reolha, risca, insiste e trabalha
esquecida. Ela que tinha tanta dificuldade trabalha
agora com gosto. Pode ser que alguma coisa se tenha
transformado.

16.30 horas. Passamos e repassamos o trabalho dos 2
alunos. Vi os desenhos da Cristina, de traço fino,
calmo e objectivo, de muito boa qualidade. A Helena
começa agora no fim, a fazer desenhos muito bons,
principalmente a caneta fina, em traço vivo e
expressivo contrastando com zonas carregadas. Outros
diferentes de um só traço explicativo. Fisicamente,
ambas estas alunas se parecem ou se identificam com o
seu próprio desenho. A expressão de cada uma delas,
acerta com a expressão gráfica usada.

O Filipe, ainda com um percurso a fazer, aplica-se 3
ao trabalho com vontade. É agradável conversar com ele,
bem disposto... Chega o Manel com as compras para o
jantar, cruzando o largo, vermelho e sorridente.

PARIS-BRUXELAS - LOUVAIN-LA NEUVE - JULHO de 87

4 de Julho, 16.45 Sud-Express

. Amarelo este dia de Verão, quente, enevoado e de 1
luz baça. Nada contrasta. Terra seca e campos de
restolho amarelo, os verdes descoloridos e tristes,
pedem água que há muito não cai.

Eucaliptos em flor, azinheiras e o combóio vai 2
doido pelo meio do calor. Ao longe, os montes pardos,
ao sol. Pela janela, o vento é quente, muito quente.

. Fátima. A memória dos sítios, a história 3
impressa neles, as relações afectivas, o tempo que
passa e, as coisas e os sítios que ficam.

. Mais definida a paisagem, mais ordem nos 4
vales...

. Albergaria dos Doze, Pombal, Coimbra, todo este 5
centro do país é uma paisagem por explicar, de meios
compromissos...

. Casas dispersas pelos campos que também se nos 6
afiguram dispersos na paisagem. Mesmo, comentar esta
paisagem se torna difícil por não se sentir uma
estrutura a que possamos agarrar-nos. Olhamos e só
percebemos a dispersão das coisas sem uma intenção
formada.

. Andando para cá e para lá, neste mundo, 7
reencontramos sempre outros momentos e outras viagens,
momentos próximos ou longínquosmas que, sem tempo se
sobrepõe num momento. Não há nunca repetição, nada
volta a ser o que foi, nenhum caminho se faz duas
vezes, nenhuma viagem se repete. Há referências sempre,
no espaço, a memória das coisas vividas, das pessoas,
dos factos e lugares...

. Avisto uma aldeia e só a torre da igreja consigo 8
desenhar.



. Passámos Soure. Campos de arroz, choupos... 1

. Barbosa & Ribeiro e C^a Lda Industrias, ameaças de urbanidade que se misturam na paisagem. Objectos violentos...

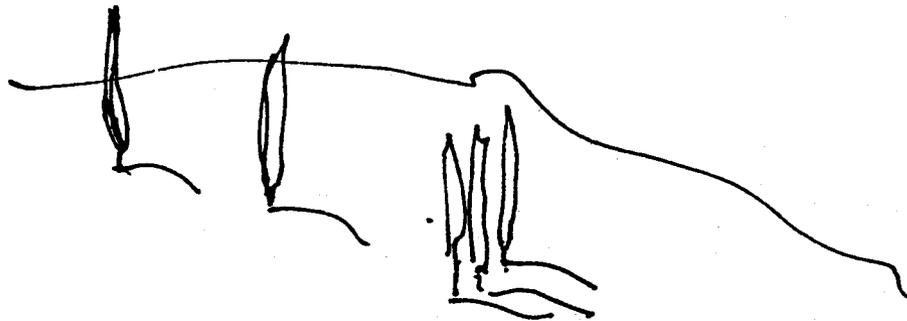


. Coimbra. O Mondego domado. Já não é rio, é 2 canal.



. E seguimos, sempre para Norte, rápido, entre a 3 caótica paisagem. Chaminés, explorações de areia, a floresta queimada, fábricas e uma ruralidade confusa à beira da indústria cimenteira escavacando o verde e amontoando detritos. Cada um governa-se já que os governos não governam.

. Escrever é memória, antiga e futura. Uma encosta 4 com árvores lembra outra tão distante no tempo e repõe-se esta, agora, para outra vez...



. Castanheiros e carvalhos. Verde que preenche as 5 encostas e desce aos vales. Densa massa de giestas e medronheiros. Socalcos abandonados e, a vinha, brava de liberdade, retoma a terra e as pedras.

. Indesenável a luz, porque é pela luz que agora 6 se pode atingir a beleza desta paisagem da Beira e, a sua grandiosa profundidade.

Não há terra à vista, não há terra parada à 7 espera. Toda a vida recobre densamente o espaço que o homem ordenou. Ou são hortas, ou pinhal ou carvalhal e é bela a ordem simples do homem rural.

. Belos campos, os do centeio. Serras ardidas, 1
granito a nú. A constância do pinheiro, neste país, a
resistência da vinha, o centeio quase branco.

Um ribeiro corre ao nosso lado, entre penedos 2
redondos. Nuvens grossas, correm também.

. Celorico, 20.50. O ribeiro é afinal o Mondego 3
que agora contornamos para a Guarda.

. Quase noite e só ressaltam as manchas claras do 4
centeio.

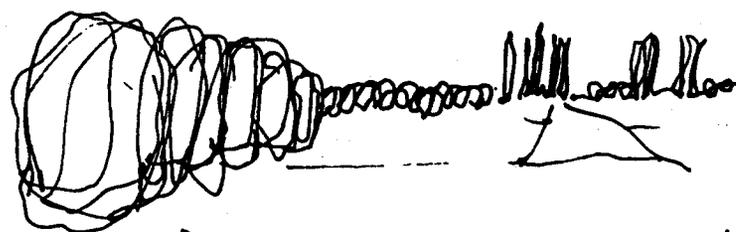
. dia 5.

Seis da manhã e a paisagem de Miranda, verde 5
esmeralda e searas maduras. Duas cores, numa paisagem
inexplicável. Não há um grão de terra à vista.

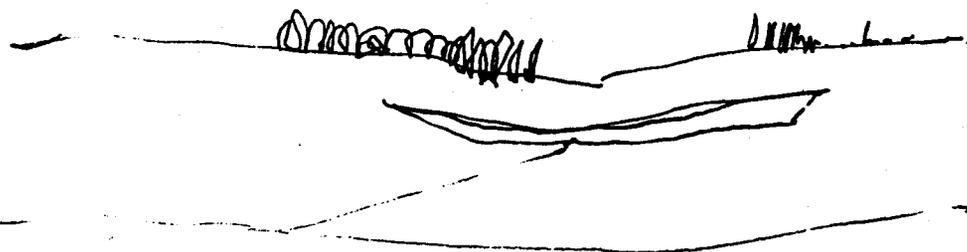
14.00 horas Landes. Almoço com dois emigrantes que 6
vão trabalhar nas plataformas petrolíferas do Mar do
Norte. Simpáticos, jovens, sem medo. Ganhar e voltar. O
mais novo, vai amealhar para estudar. Belas Artes é um
sonho...

. 16.50. Passámos Angoulême. As searas, 7
longuíssimas, vastíssimas, empalidecem. Ao fundo

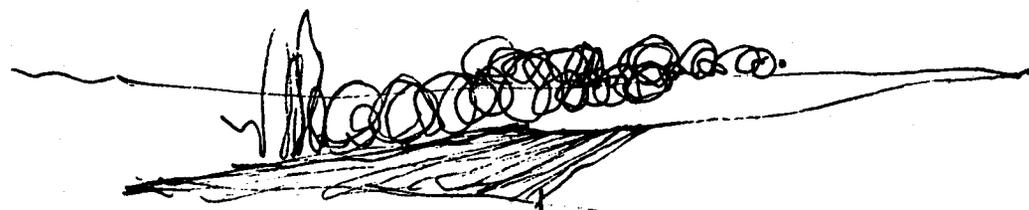
choupos. Amarelo, verde, amarelo...



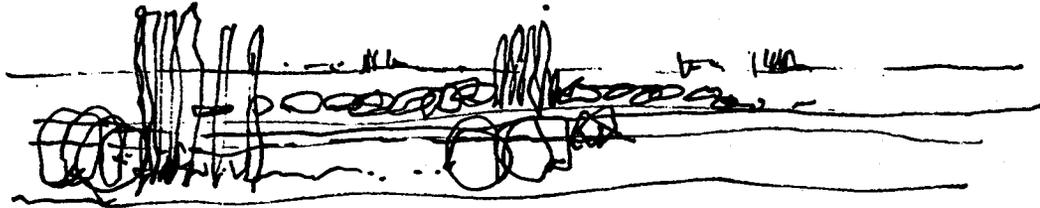
Belo ribeiro dos campos e linho.



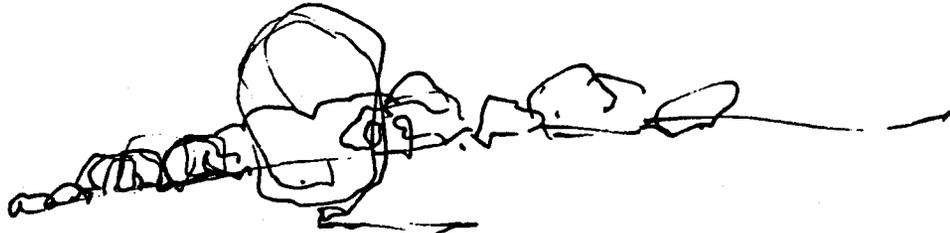
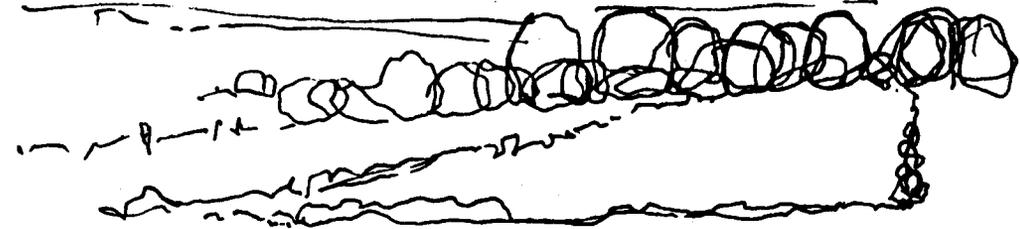
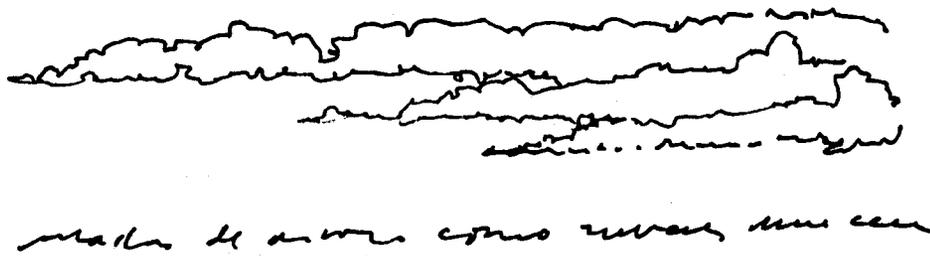
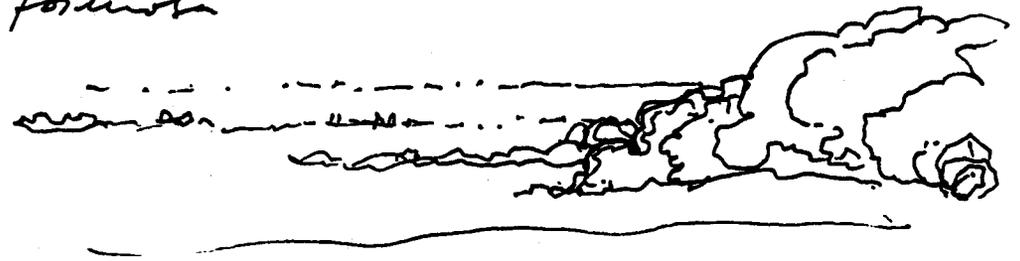
. Desenha-se o espaço num compromisso 8
homem/natureza. Estruturas que não me canso de olhar e
desenhar, repetidas, já tantas as vezes que aqui
passei. Sempre novas as relações, sempre activas e
afectivas. E quando mais se repete maior o apreço.



. A beleza do rigor da linha recta, a calma dos 1
grandes espaços planos, fundos horizontos; lenta
profundidade do plano.

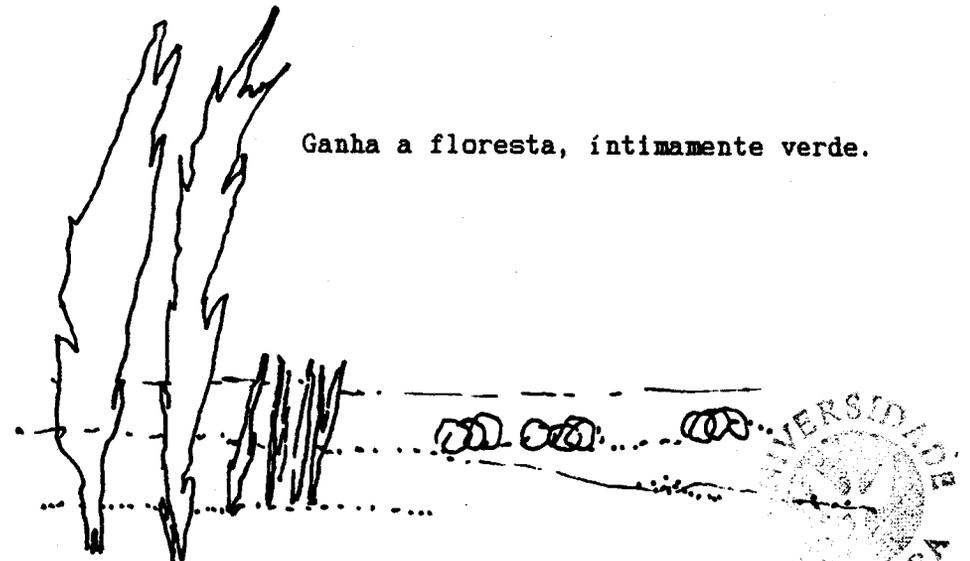


Contornar as superfícies com feições apovadas
em vez dos chapéus. As formas que se
e desmembram e o verde é macio e matizado
formosa



Contornar

Ganha a floresta, íntimamente verde.



6 de Julho. Paris, 9.30. Esta cidade tem os cafés 1
mais simpáticos do mundo. Em frente à Gare do Nord,
tomo o pequeno almoço e aprecio uma cidade que se move
nesta manhã de verão, fresca e viva.

Aguardo a hora do comboio para Bruxelas, sem 2
pressas, gozando o tempo antes da viagem, como que
aumentando o prazer de viajar.

. Corre a paisagem a meu lado. Corre o comboio na 3
paisagem. Sou eu que passo por ela, por dentro dela,
sem existir aqui o centro do espaço, ou a paisagem em
volta de mim. Digamos que a corto em duas e só uma das
metades vejo, aquela diante da qual eu desfilo.

. MONS. Em nada se percebe a transição da França 4
para a Bélgica. A mesma cultura persiste e a paisagem
também... a imensidade de choupos.

Parece ser uma árvore querida e amada em todo o 5
lado por onde se viaja, e pela ligação à água se torna
tão formosa como os sítios onde vive.

Verdes, verdes secos, amarelos ocres claros da 6
fase final das searas. Os grandes rectangulos de côr

alternam-se conforme o cereal e o seu tempo. Os choupos
supervisionam o espectáculo da côr e do desenho.
Marcam, estruturam, dividem, compõem...

7 de Julho. Louvain-la-Neuve

Café Guest. Há três anos era aqui o ponto de 7
encontro dos latinos: portugueses, espanhóis,
brasileiros e mexicanos.

Hoje quase deserto, como a cidade, já de férias. 8
Louvain-la-Neuve parece agora uma aldeia sossegada e
mesmo a Place des Walons adormece ao sol.

. Releio "Voyage en Italie", de Taine, "Paysages", 9
de Bachelard e vários mais na biblioteca da Unité
d'Architecture. M.^s Else, procura-me "paisagens" nos
confins da biblioteca e todos os dias me traz uma
novidade. Releio Le Corbusier, também, pensando na
"Paisagem Urbana" para os "Povos e culturas".

. Revejo o Herman Becker, o De Herde e Gillot. 10
Conversamos sobre a estética e a poética da paisagem e

sobre a "paisagem urbana". Discutimos o início do termo e De Herde pensa que se iniciou com G. Cullen. é possível mas, não garantido. (*) Seria necessário pesquisar e procurar em autores anteriores. Mas, o tempo de que disponho terá que ser para outra paisagem que não a urbana.

. Encontrei Gillot que me deu notícias do Dutry. 1
Está de férias no sul da França. Deixo-lhe algumas palavras escritas e um exemplar de "Le plaisir du voyage dessiné"

Sábado, 11. Bruxelas. Começar o dia por um café na 2
Placete Brouckère. Sempre. Planeio depois o que há a fazer: Museu des Beaux Artes, Arte Moderna, livrarias...

Escrever é já um vício? Um hábito de ver a forma 3
do pensamento, de falar comigo, de ver o desenho das palavras?

(*) Pela mesma época Kenneth Clark usa também a mesma designação

Dia 12. Pinto no Petit Sablon. As pessoas vêm ver e 4
ficam a olhar caladas por detrás de mim. Raramente dizem alguma coisa. Outras vezes sorriem-me.

Gosto muito deste espaço de jardim, do sossego e 5
dos velhos que aqui vêm passear.

Pinto a igreja de N.D. du Sablon, sentado no mesmo 6
banco. Diante de mim, no outro banco, sentam-se à vez vários turistas a descansar. Desenho-os ou pinto-os conforme o tempo que ficam.

RIO DÃO II - Outubro de 1987

Sangemil, 10

Acampámos junto ao moinho de Lenteirões, defronte 7
da Quinta do Mosteiro, quinta onde há anos acampámos na primeira viagem ao Rio Dão.

Está frio, no fundo vale azul escuro, na noite de 8
lua. O sítio é bom, rico de vegetação, muito verde.

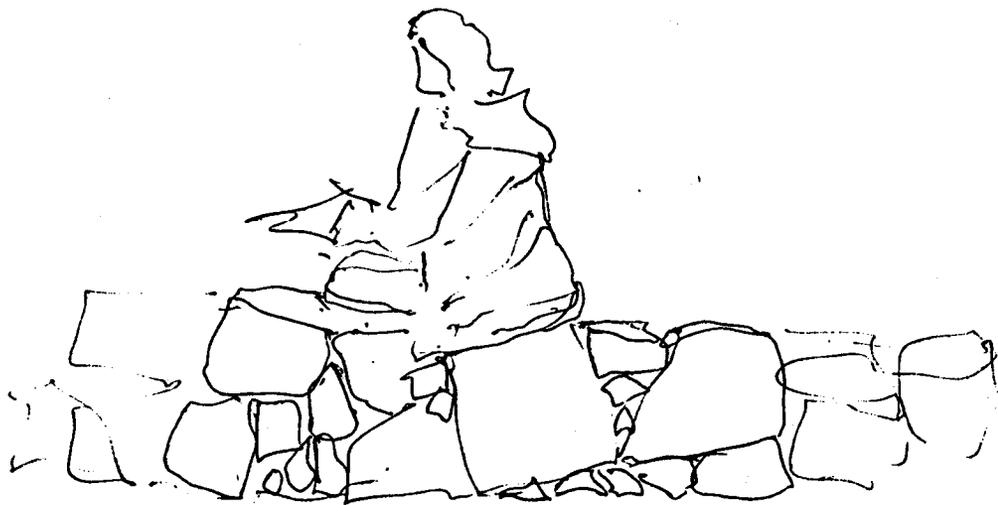
dia 11, Domingo. 8 horas

Lume aceso, prepara-se o pequeno almoço. Aproveito 1
o sossego para escrever.

Chuvisca e está frio, um dia pouco convidativo e 2
desmotivante para olhar a paisagem. Falta-lhe uma parte
das mais essenciais: a qualidade da luz.

12 horas

Na estrada à vista da Ínsua faz-se a primeira 3
aguarela. Sentados nos muros, iniciam o trabalho. Uma
manhã fria e ventosa onde a custo encontrámos a beleza



*e a paisagem estava mais cauda e tímida e a paisagem
linda.*

da paisagem. À direita o maciço de árvores da 4
quinta, contem-se numa massa sem contrastes. Só por
artifícios as conseguem destacar e, vou insistindo para
que o desenho defina aquilo que virá a ser a côr.

A paisagem é larga e pende para a esquerda da 5
estrada, em campo aberto, no contraste com as árvores
de copa redonda e ciprestes.

dia 12, segunda-feira

Vamos seguir ao longo do rio, por Lisei, até 6
moinhos de Pepim. Manhã feia a prometer mais chuva nas
nuvens pesadas. Para andar, é bom este tempo e, ver a
ruralidade, faz-se mesmo sem sol. Mas o trabalho começa
a estar afectado e não poderemos desenvolvê-lo como
queríamos. Os próprios alunos lamentam-se das
dificuldades que o tempo impõe.

Lisei, uma aldeia deserta, onde inutilmente 7
tentámos abastecer-nos. Não encontrei a bela casa de
alpendre e glicínias de que já falara aos alunos, e, de
onde telefonara há anos atrás. Provavelmente, já deu

lugar a outra...

. Conta-nos o homem que "este vale era lindo, 1
lindo" e agora é uma albufeira e as melhores terras
estão mortas sob a água. Segundo ele, a política assim
decidiu, doesse a quem doesse. Os homens já eram pobres
e agora mais ficaram.

"Que se perca a melhor terra da aldeia, que se 2
perca o vinho e o milho e que sobre matos e terrenos
escalvados, pouco lhes interessa a eles, em Lisboa. Era
preciso a barragem para o deputado mostrar às
populações de Viseu e Nelas, que fazia alguma coisa.
Vila-Corça é que pagou."

Assim, o "vale lindo, lindo" se inundou de 3
política, mais que de água, tão avessa à beleza da
paisagem, à preciosidade do vinho e do milho... Que
importância teria esta pequenez perante outras
"grandezas"...

As pessoas da aldeia não nos falavam de outra 4
coisa senão das suas terras perdidas e de nenhuma
compensação.





Terça, 10 horas

O rio, agora barrado, é uma água estagnada. Antes 1
era movimento e som nas margens verdes, de amieiros e
freixos.

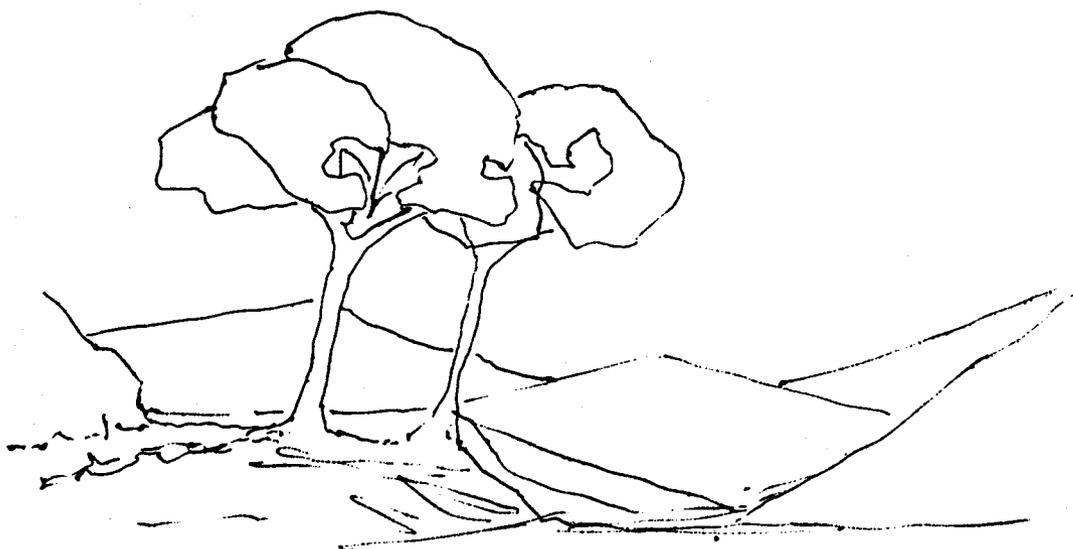
Só meias árvores agora, ou as pontas apenas acima 2
da água parada. Paisagem cortada, estranha... enquanto
à tona flutua um pouco de tudo. E nós que vinhamos à
procura de água correndo.

. Conseguiu-se trabalhar à tarde, apesar do frio e 3
do vento. Algumas aguarelas, surgiram, com bastante boa
vontade, olhando uma paisagem difícil de analisar.
Pinto também, ao pé do Nelo, que constrói
laboriosamente a sua paisagem. Desenho-o também, sobre
o fundo natural.

Quarta, 12.30

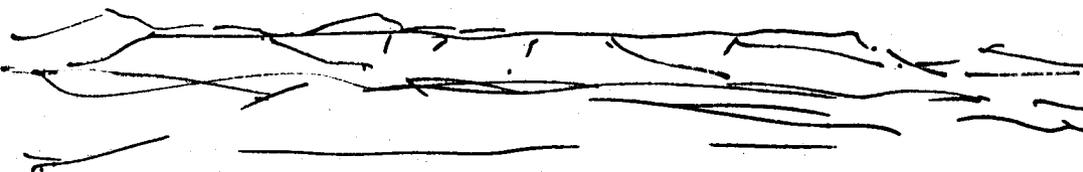
Desde madrugada que chove. Já não há paisagem que 4
se deseje desenhar. Estamos molhados por dentro e por





MADRID - BADAJOZ - Fevereiro de 1988.

Entre verdes e ocres, entre plainos e ondulações 3
ou cabeços cortados. É uma época admirável (como todas
o são afinal) para ver esta paisagem. Cada uma propõe
uma poética diferente.



fora, desmotivados, impossibilitados de trabalhar.

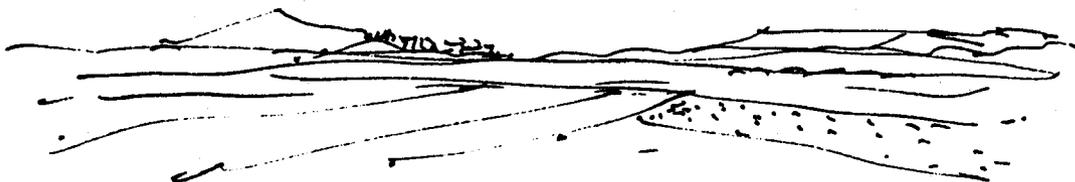
Recolhemo-nos no café, esperando que a chuva 1
acabe. Tento escrever, mas a vontade é pouca também.
Olho para eles: Filipe, Ana, Nelo, Cristina e vejo-os
jogar às cartas enquanto a televisão passa uma tele-
novela e os miúdos da aldeia se amontoam à porta
olhando para nós como bicho raro.

Estamos encharcados. Há ainda quem trabalhe, 2
retocando desenhos e compondo o pouco trabalho que se
conseguiu fazer.

Ver não basta; era preciso ficar a observar o 4
tempo desta imensidão. Dentro destes ocres, há tudo,
quase até ao branco, quase até ao negro, conforme a
composição do solo. Barrancos argilosos, terras
queimadas. Vinha e cereal. Sempre. Por vezes a extensão
do verde brilhante vai perder-se no início do azul ou
quebrar-se repentinamente na terra levantada.

Por milagre, uma árvore subsiste, tão erma como a 1
imensa solidão desta paisagem.

é terra, pura terra rasa sem uma pedra ou uma 2
casa. Muito ao longe, um pueblo, mínimo, agarra-se a um
cebeço para se não perder.



Mesmo as vinhas são muito baixas, talvez para que 3
a planura se não perturbe, para que nem elas sejam uma
referência no espaço, ou um impedimento ao olhar pleno.

é espaço de terra. Olhe-se para onde se olhar é o 4
espaço irreferenciável, é a plenitude de uma fortíssima
paisagem, da irrecusável presença do espaço e da terra,
as duas essências primeiras da paisagem e, como na
pintura, é de poucas cores e sábia luz que se constroi
esta magnanimidade. Unamuno, seu filho, soube realmente
amá-la sendo talvez o mais poeta de todos os que a
olharam. E Ortega y Gasset.

Não são precisas aqui mais cores, nem fazem aqui 5
falta os arvoredos, pois só assim poderemos ter a mais
profunda sensação da paisagem, da maior paisagem que os
nossos olhos alcançam, como no deserto ou no mar. Não
perdemos tempo a olhar detalhes, mas de uma só vez
sentimos a totalidade e, a um tempo, luz, espaço, cor e
matéria nos penetram verbalmente num prazer violento e
total, do gosto da paisagem.

As vezes, o verde despontado, é sensualmente 6
epidérmico e os olhos palpam a textura brilhante, ou, a
terra lavrada é sanguíneo denso onde, se quisermos,
poderemos imaginar o odor e tactear a matéria grossa em
que sangue e terra se amassaram. Corporiza-se
humanamente a paisagem definindo-se pela feminilidade
como lembra Muniain ao falar da Vida. E, talvez mais
ainda, na língua portuguesa em que paisagem é palavra
feminina.

Escrevo, escrevo para saber ver, para ser capaz de 7
interpretar. Escrevo para ver com as mãos e sentir com
os olhos, palpar a vitalidade da terra até ao gosto na

língua, de uma natureza soberba e orgulhosa.

A absoluta autonomia da natureza será o 1
inatingível que nos atrai. É o segredo de uma dinâmica
que se governa, indiferente a nós, na cadência
imperturbável do tempo e dos ciclos. Há morte e vida em
cada micro-parcela de tempo, nos grandes ciclos, nos
tempos mediano, que nada se altera da perfeição do
ritmo e da renovação constante e inexorável. Acontece a
noite e o dia, acontecem os anos e os séculos, acontece
o homem, os animais e as plantas, toda a terra e os
mares, sem nunca acontecer um princípio, sem se poder
vislumbrar um fim.

Esta intemporalidade é a essência impalpável. Ela 2
é o inacessível mental para o homem, o que ele
respeita, temerosa ou apaixonadamente.

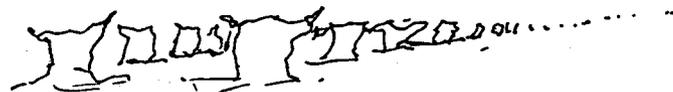


Alcazar de S. Juan 15 horas.

Alcazar de S. Juan. Um ponto na paisagem não mais. 3



Há moinhos nos cabeços, imagens perdidas que 4
trazem imagens de Cervantes.



Os aprs dos linhos nts redoyem a um fozco
dos haixo quam como tempo. Sem ar e nu, sem
fuzos de tal fozco que se se um devesse
Lnter no des. Quan a luna que de a uvo,

Está, aqui, todo o tempo de ver a paisagem, sem 5
que nada mude na forma, a não ser as cores que se
sucedem em misturas únicas e diversíssimas de verde e
terra. A linearidade tem pequenas e poucas variantes,

mas uma mudança contínua, consoante se desloca o nosso olhar da janela do comboio, ou a imaginação recria livremente todas as combinações. Ele passa, nós



passamos e ela fica e continua, e vem, igual e diferente, a mesma e a renovada.

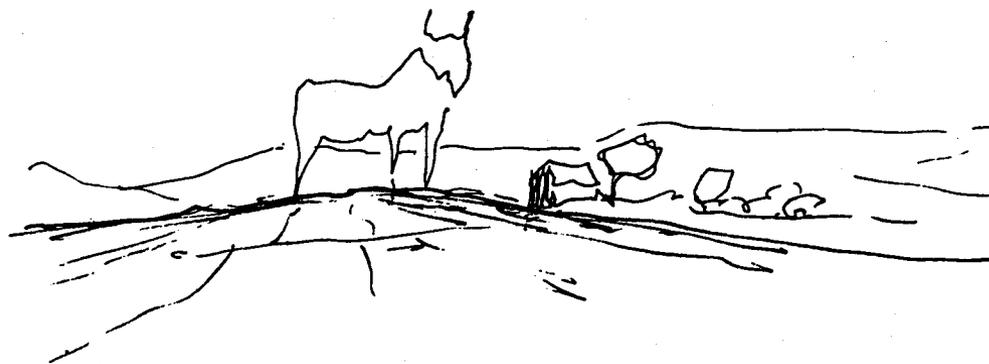
Rodamos e o sol entra-me pela janela. O papel, 1 torna-se um brilho intenso, uma duplicação solar.

Uma só cor no chão, uma só cor no céu. Dois tons, 2 dois espaços esféricos. A grandiosidade do mais simples.

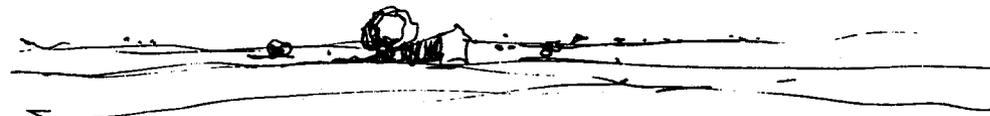
Há quem viaje na total, indiferença pela paisagem, 3 no que se sucede fora da janela do comboio. Nem um

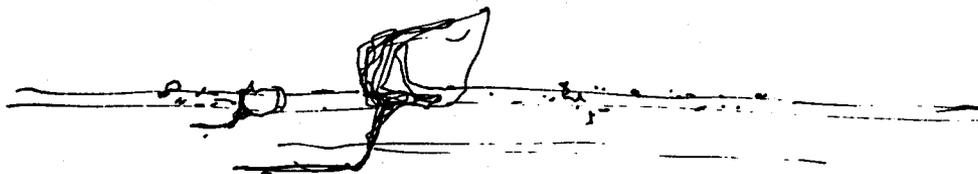
olhar distraído. Nada que consiga preencher a atenção. Dorme-se, lê-se, come-se ou conversa-se.

O "Osborne", sobranceiro à paisagem, torna-se uma 4 constante em Espanha onde quer que vamos. Mais que um simbolo de marca, um simbolo quase nacional. Um quase, não estranho à paisagem.



As distâncias, a profundidade, percebemo-las pela 5 relação das coisas, pelo modo como comunicam no espaço, entre si, e de si a nós, numa eteriedade inexplicável.





O cereal nascente, pela incidência do sol, tem agora a aparência de esmeralda. Brilho, cor e transparência.

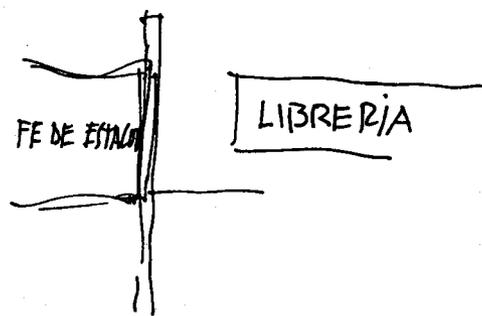


As nuvens constroem-se do acaso do ar e das humidades que as correntes modelam, num grande movimento de massas, linhas e volumes grossos, de branco ou violeta, da transparência à opacidade metálica.

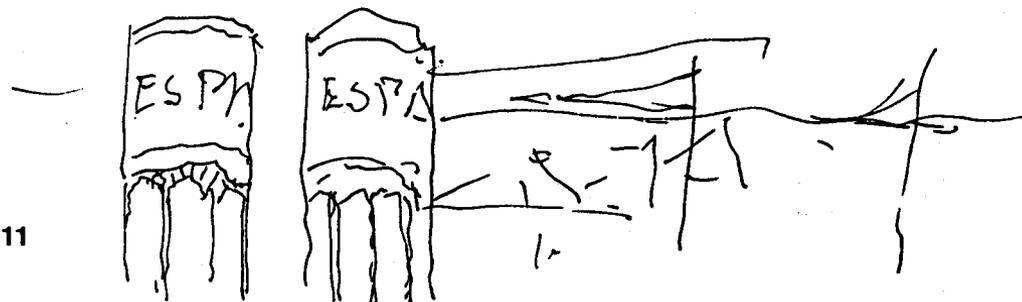
CIUDAD REAL 16.10



Saiem ruas, entram outros. Quem me cativaria as ruas?



2 Partimmo, raporto, um pouco que estamos em Espanha.

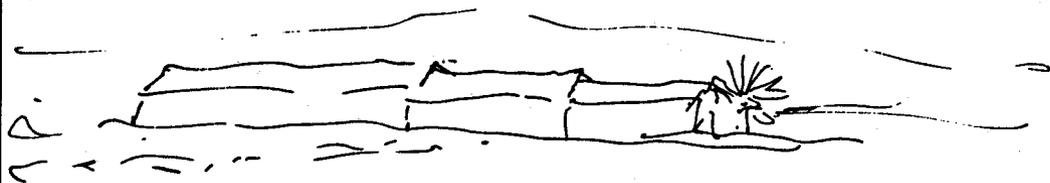


Alvarado 16 de Maio.



Crescem as nubes, muda-se a luz e a ambiência. 1
Mais doces os coloridos, mais quentes, e os desenhos na
terra lêem-se já pelas sombras.

Olivais alinhados, arvores em flor, talvez
amendoeiras. Pomares. Impossíveis de desenhar.



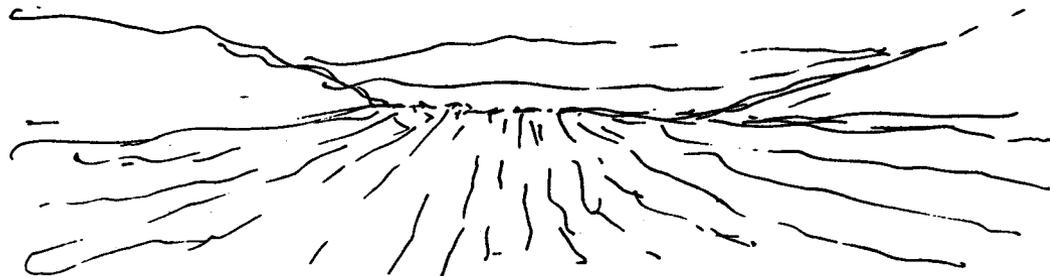
Sente-se alguma mudança, mais olivais, terra cor
de cinza, fina, muito fina, muito arranjada. As casas

construíram-se na mesma linha da paisagem, num quase
nada de elevação.

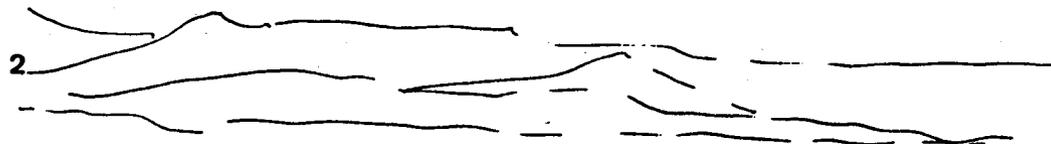


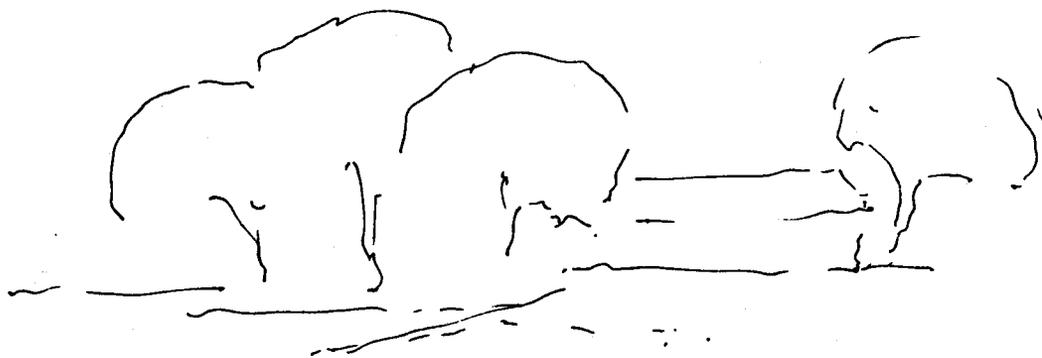
Contrastes bruscos, quebras, oposições. 3

Estruturas da terra e do homem, que se combinam em
harmonias ocasionais.

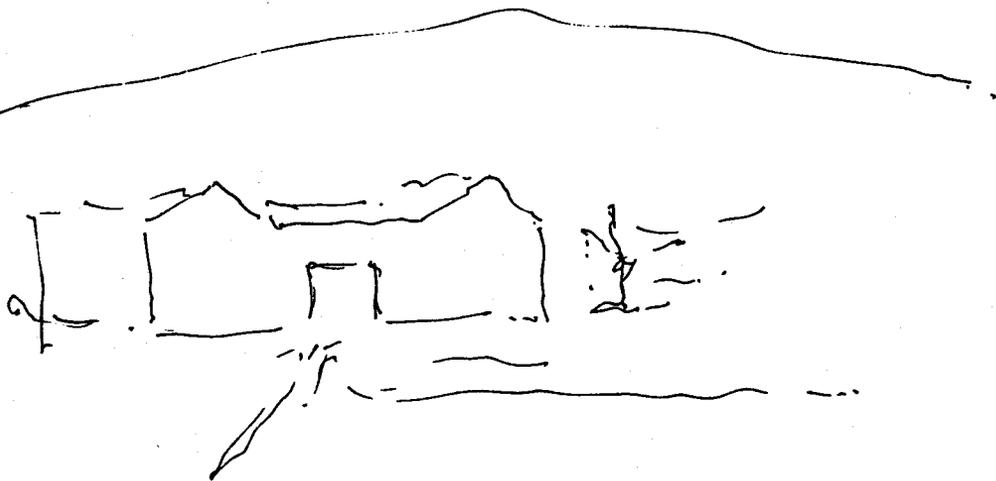


Linhas, fundos, construções. Distâncias, movimentos, 4
encontros.





Pinheiros mansos, e ruínas que abundam de antigos ritmos e técnicas. 1



Mais ruínas daquilo que me parece ter sido uma estação de muda. O tempo passa, sem dó, tornando as coisas uma memória. Acumula-se de história e de cultura a paisagem do homem, fazendo-se também história de si 2

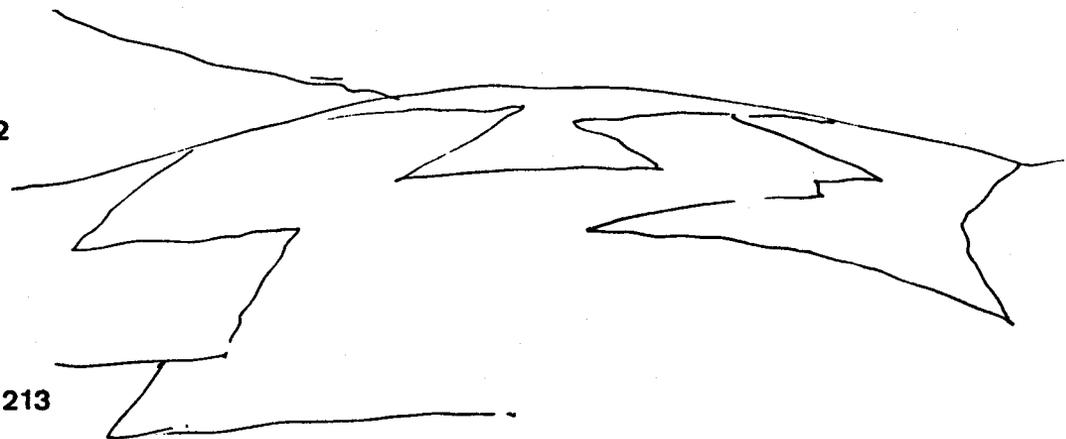
própria que num acrescento de natureza se apresenta e afirma re-inventada.

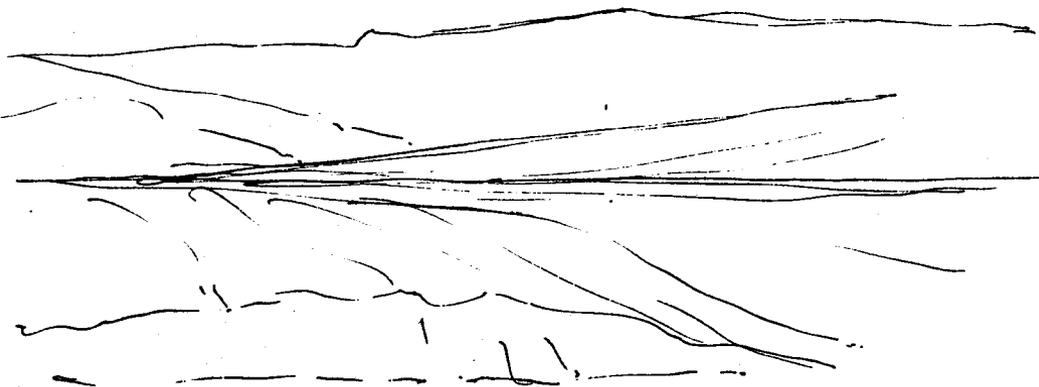
Precisava de papel grande para que o gesto pudesse ter a dimensão necessária ao desenhar estes espaços. 3



São puro movimento, largo e magestoso. Assim deveria ser também o desenho. 4

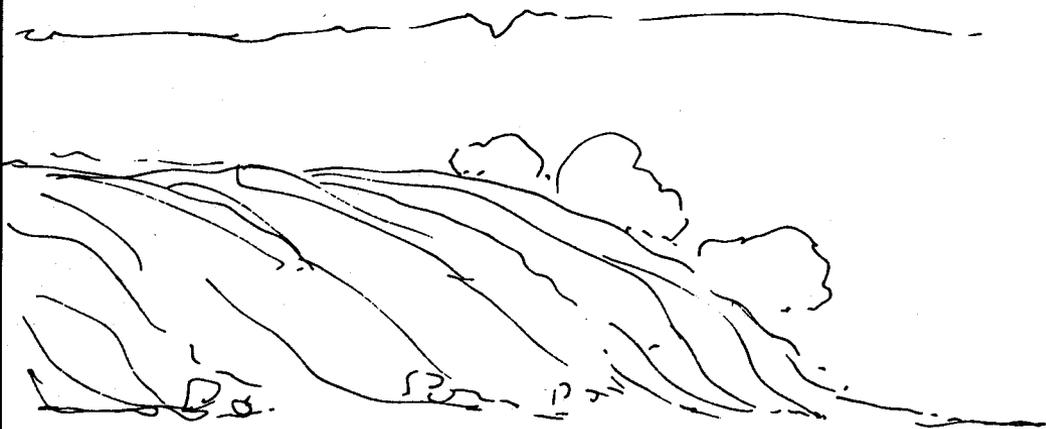
Os cabeços mais volumosos, cobrem-se de mato denso e verde fundo.



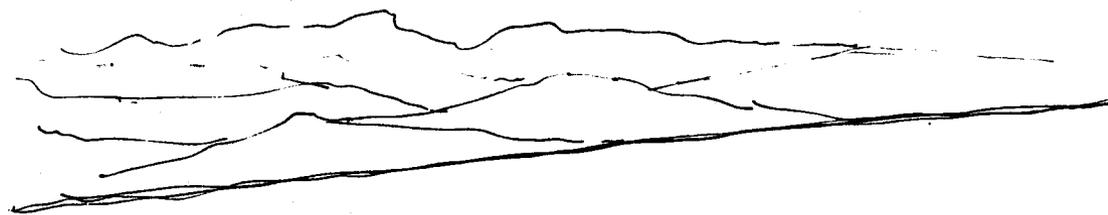


Muitos olivais, baixos, com a rama até ao chão. 1

Azinheiras...

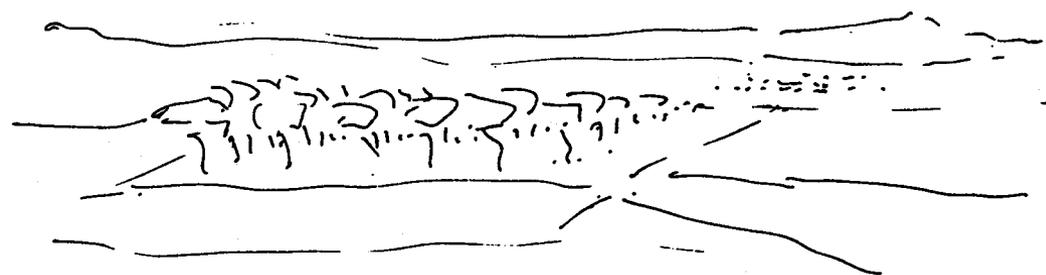


O essencial não mais, aquilo que dá o nome às coisas, 2
sem acessórios ou supérfluos.

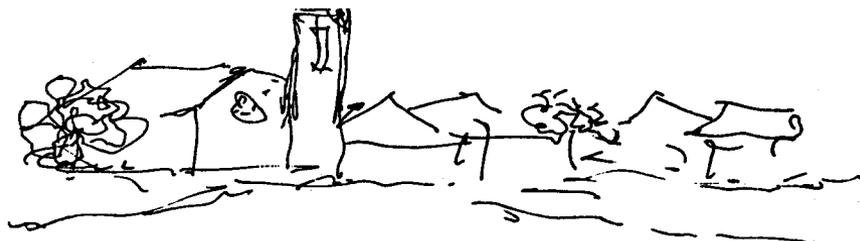


No meio dos campos um pomar isolado 3

3



e um pueblo triste.



Elevam-se mais os cabeços e, ao fundo, surgem 1
altos os montes, já azuis.

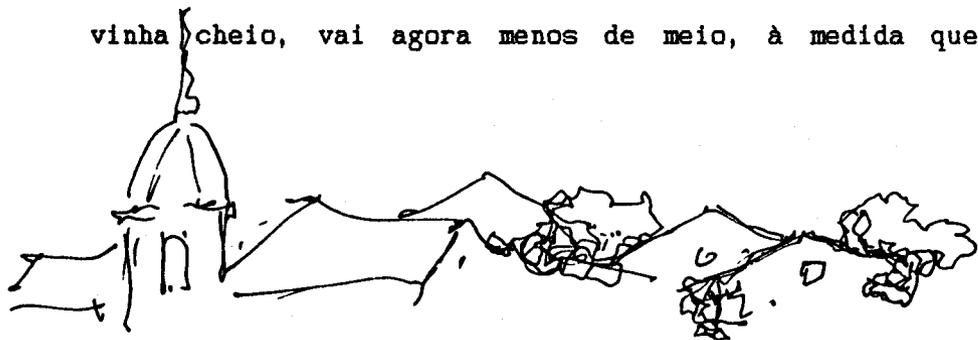


Penhascos no alto, montes descarnados pelo sol, a 2
chuva e o vento.

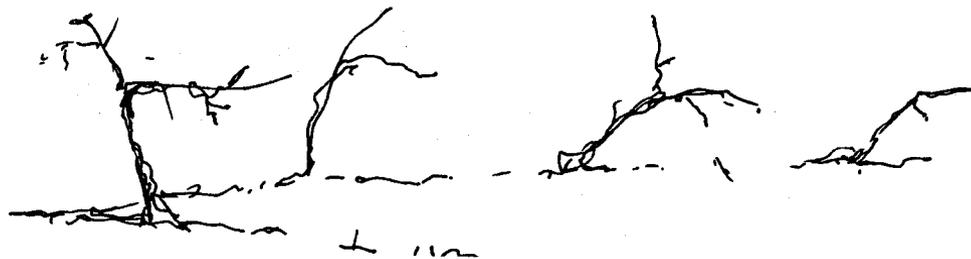
PUERTOLLANO 16.40

À minha direita o pueblo sobe densamente a encosta, 3
junto e compacto, de telhados da mesma cor da terra,
ocre claro, quase rosado.

Muita gente desce e pouca sobe. O comboio que 4
vinha cheio, vai agora menos de meio, à medida que



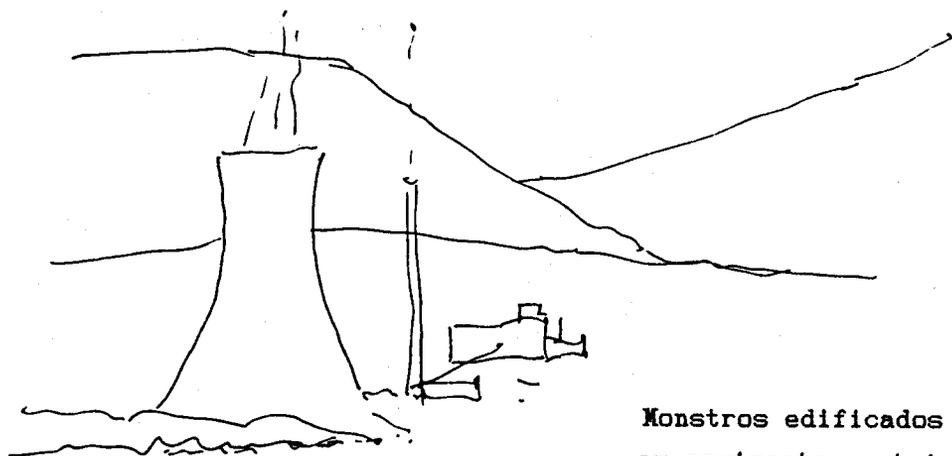
caminhamos para o fim da Europa. Ou para o principio
segundo as teorias de Eugénio D'Ors.



Acidenta-se a paisagem. Vales, cortes fundos, mais 5
árvores e mato e o comboio contorna estes espaços a
meia encosta.

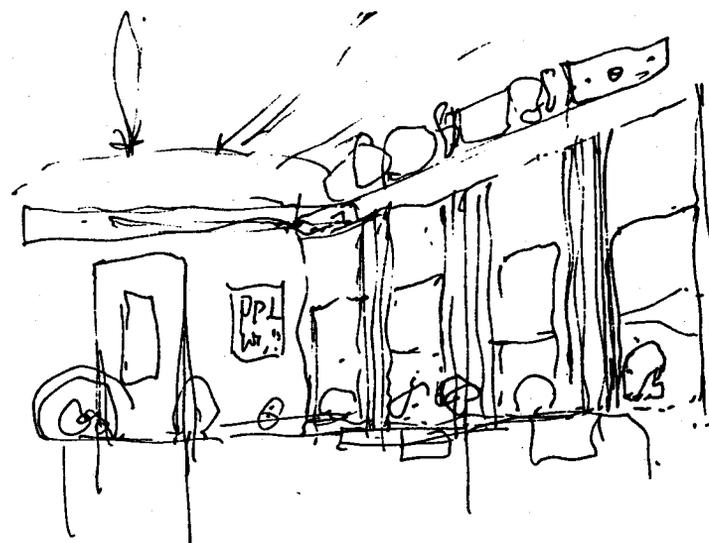
Tudo é verde ao longo deste vale à minha direita. 6





Monstros edificados
em movimento contrário.

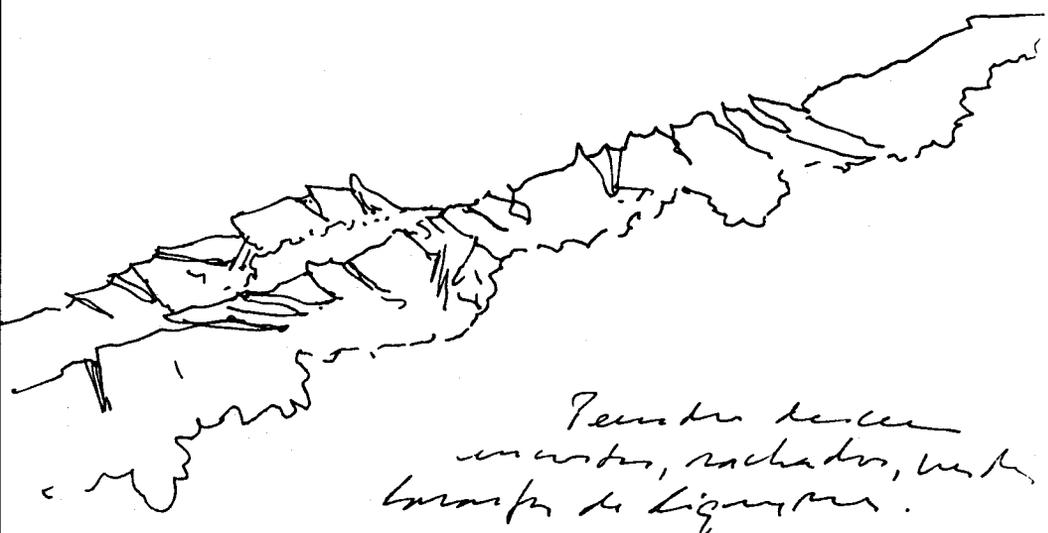
Pueblos , pueblecitos...



*Complexa a primeira fase. Depois faz um de
vez.*



Não há tempo para detalhes. VER! VER!
 É um arrucho, a forma desta fazenda
 Pontal, penhascos, vales, verde muito verde.
 Contrastes enormes. Rochas em suas
 altas do montes, depois umato grandeza
 os montes na encostas e uma luz cada
 um canto ao cor, o dano enorme e
 pequeninos sem falar pequenos tudo?
 A colina ao lado do couchoir, mas a
 fazenda novas formas, as suas
 espessas.
 A terra coberta de verde e melancolia
 branca em manchas.



Temto de um
 em montes, rachados, muito
 branco de ligamento.

1 Passamos um pueblo minúsculo, que ⁵
 mostra a mão do espadachim, mas que todo
 a direita da fazenda, mesmo muito lugar.



18.00 horas. CABEZA DEL BUEY
 6
 Estruendo de uma técnica de trabalho im-
 ferível. A parte - um chape e outro em casa
 Pequenas, e um dos eucaliptos de viagem.
 Volta à fazenda cochueira, ao lado, ao
 lugar de onde foram ^{por} os cochueiros.

é noite. Já não há paisagem visível nem desenhável. Agora, só a das palavras ou a paisagem pensada, meditada na imagem que ainda resta dos montes e dos valores, de há pouco.

Persiste a ideia, que modela uma paisagem sob os olhos fechados e nem sei se é a forma, se a cor ou simplesmente e vontade de rever. Descanso, e a paisagem continua passando, montes, vales, mato e muitos verdes sob a luz do fim da tarde.

MONSANTO II - Maio/Junho de 1988

28 Sábado, 7 e 30

Fenos deitados, searas quase maduras, manhã de Maio, fresca.

Outro grupo, outra viagem.

Arraiolos à vista alta, branca, sobre o lilás dos campos.

Sempre-Noiva. Encobre-se Arraiolos e as sombras dos eucaliptos tremelicam no papel...

29 Domingo, 10 horas

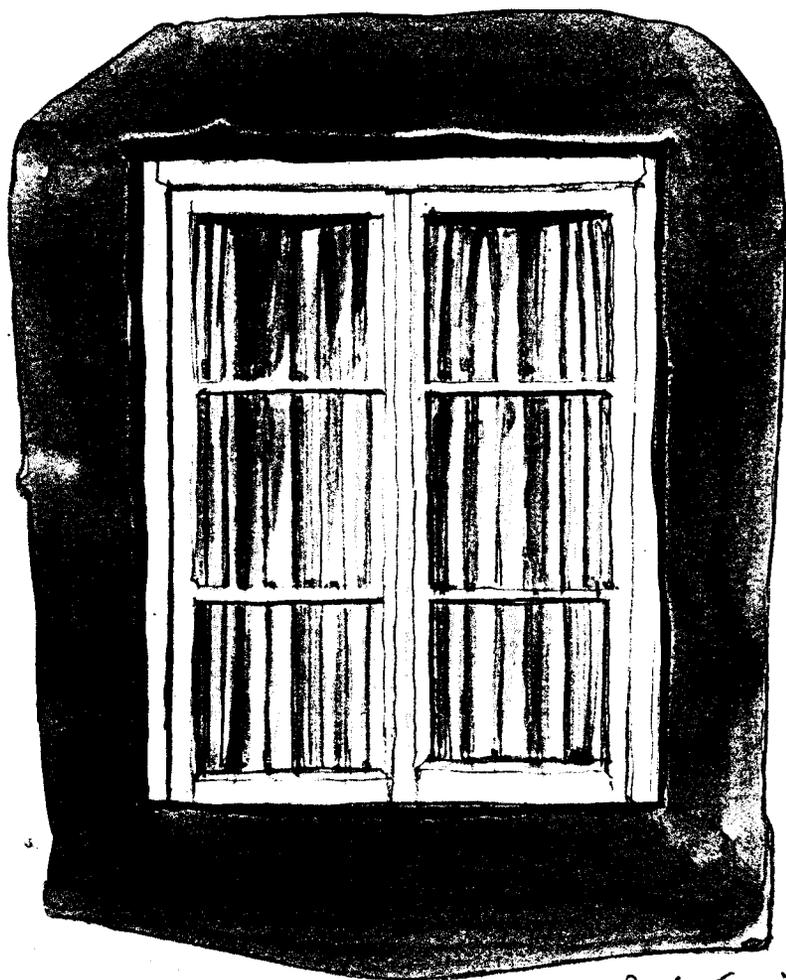
Pouco tempo para escrever. Não vai mal o tempo, o outro, amigo ou inimigo destas viagens, consoante o humor.

Vamos subir a Penha Garcia para reconhecer a aldeia e preparar trabalho.

Acampamos junto ao montado onde há anos estivemos, mas mais perto da água, por amabilidade de uma senhora que terminava a ceifa do cereal. Apenas atou os molhos, logo montámos as tendas à sombra das oliveiras.

11.30 Dei uma volta pelos alunos que desenham a grande paisagem sobre a qual responderam ao inquérito.

São desenhos simples, um pouco hesitantes, alguns. O ambiente é calmo, cá em cima no castelo, construtivo, vagaroso na manhã agradável. Sem dúvida que o tempo que faz é uma das coisas que mais importância tem sobre o



Penha Garcia

Podemamos falar de uma poeira das
faucelas, pela tão grande personalidade
que cria uma tem. Ou podia a poesia
ou a vida, ou a cor, a forma, a impen-
sável, mas os meus rios, com
ou sem arbores, mas nunca a vida
meia de las.

nosso psiquismo. Pelo menos no global da disposição.
Assim o vê Hellpach (*) e por várias vezes o tenho
constatado em mim e nos diversos grupos em viagem...

1
Ontem, a paisagem nocturna era água nas pedras e
grilos e rãs, contraponto de sonoridades naturais,
recriação de uma paisagem invisível. Audível,
imaginável, olfactiva e quase táctil.

2
Sabia da forma da terra, das árvores próximas, do
rio. Sabia do espaço onde, deitado, pressentia acordado o
rumor de todas as formas e cores da paisagem bela,
abaixo de Penha Garcia.

3
Esta percepção nocturna é algumas vezes mais pelo
odor que pelo ouvido. Abrindo a porta da tenda... senti
a densidade do ar fresco, a flutuação da humidade no
feno, os sons do vento nas árvores e destes se percebia
os das oliveiras e os dos pinheiros, tão semelhantes ao
canto das casuarinas da Ilha de Moçambique.

(*) HELLPACH, Willis - Geopsyché

30, Segunda, 12.30

Deixámos o acampamento... para seguir em direcção 1
ao rio que seguiremos até meio caminho de Monsanto.

Corre bem esta viagem. O grupo é fácil e 2
simpático. Trabalham bem e o bom tempo ajuda-lhes a
alegria e a boa disposição. Diferente, no entanto,
profundamente diferente daquele com quem viemos aqui em
84. Não há dois grupos parecidos. Cada um, uma
personalidade.

Ontem à noite a paisagem não era apenas sonora ou 3
olfactiva. Era também visível pelo imenso luar que
permitia a existência de uma paisagem quase completa.
Tínhamos todos os elementos necessários mas
transformados.

Qual é a cor de uma paisagem nocturna como a de 4
ontem? Poderíamos falar de cor quando apenas era
visível um só cromatismo?

A abundância de luar permitia ver mesmo o 5
pormenor, mesmo as pedras do rio, as plantas, a água, as
casas próximas e os sobreiros no monte que precedia a

aldeia. A cor geral, diria que era azul escuro, sendo a
luz de tom azulado.

A tonalidade era fria e fantástica, a sonoridade 6
riquíssima, do vento, da água, de um cão ao longe, das
rãs continuamente e que se distinguiam nas diferentes
distâncias, dos grilos, das vozes breves e da viola do
Nuno que participava também, como natureza, nesta
paisagem.

Era povoada de outra forma, de outros sons, cor e 7
aromas. De tempos a tempos descia o aroma quente das
estevas no monte próximo, conforme as aragens. Ou os
aromas frescos do rio, numa mistura de ervas, terra e
humidades.

Não havia profundidade, mas uma sensação de 8
limites pela invisibilidade das distanciamos; não
havia mutações de cor ou de luz e as sombras eram
apenas o claro escuro do azulado e do negro. Havia sim
a infinitude de um espaço imaginário, mais secreto que
o diurno, em que o pensamento pode peregrinar, já que
os olhos e as coisas não distraem.

1 Agora, neste princípio de dia, a campina de Idanha
oferece a paz difusa das manhãs de neblina, em que a
indecisão solar a deixa também hesitante numa presença
breve. Há uma beleza nas linhas, nas cores e nas
formas, uma subjectividade material numa profundidade
densa e translúcida.

2 é o grande encantamento das coisas não
demasiadamente explicadas e que nos propõem sempre algo
a descobrir, a imaginar, solicitando a criação. Um
pouco de sonho talvez, um tudo nada saudoso ou
nostálgico, uma vontade de poesia, uma frescura de
olhar. Um profundo prazer de sentir o ar sublimado por
estevas e fenos, a delicadeza de ambiências, aéreas e
um odor próprio que em parte edifica a manhã.

3 A campina perde-se num horizonte que transita
entre a terra e o céu, numa faixa difusa sem linha
definida. Aí se desfaz a paisagem aos nossos olhos,
misturando-se terra e ar, humidades e côr, luz e
neblinas, numa fusão perfeita que nos transporta à
origem, onde apenas, a luz, o espaço, e o tempo. Aí nos

perdemos absortos na distenção pausada do olhar, nessa
profundidade em que sabemos que é o olhar que "pensa",
a translucidez luminosa da matéria desfeita, em brumas
horizontais.

5 16.00 horas. Santuário da Senhora da Azenha a 4 km de
Penha Garcia pela campina fácil de xistos e pastos
dourados...

6 Descansamos à sombra dos sobreiros antes de
retomar o trabalho. Tudo corre tão bem que admira. Com
o tempo que faz e esta paisagem, todas as coisas que
fazamos se tornam um prazer.

7 ... tarde de calor, quente de vida em pleno
esforço de renovação. Os abelharucos volteiam às
dezenas sobre nós, planando rápidos nas asas agudas.
Cantam, por frases curtas harmoniosas. Um canto que
pertence à tarde e ao Verão.



é uma lástima que o homem não possa voar também 1
deste modo. Veria o mundo de uma distância diferente e
talvez que assim evitasse muitos problemas...

20.00

Na curva do rio onde há anos acampámos, hoje de 2
novo, e também, com uma experiência e uma atitude bem
mais diferente...

... o mesmo prado fofo de soajem e malmequereres 3
brancos, o Ponsul e, do outro lado um campo de erva
fina e uma imensidão de moitas de rosmaninho em flor.

A luz baixa do sol aquece as cores pelos grandes 4
comprimentos de onda. O brilho das cores quentes é
intenso e as nossas caras queimadas estão cor de fogo.

Rouxinóis, uma rola vinda do rio, as rãs e a boa 5
disposição após o trabalho terminado... Quase um início
da plenitude.

Inicia-se o sossego para a paisagem do crepúsculo, 6
um momento de concentração odorífera...

... aprecio intimamente estes momentos, observo e 7

penso a paisagem, procurando profundidades ainda por
conhecer. Porque as há sempre.

Belos freixos ladeiam a outra margem e, a 8
intercalar, o roxo do rosmaninho e o fundo amarelo da
erva. O rouxinol domina a sonoridade com o canto mais
melódico e harmonioso que conheço. É um canto brilhante
que ecoa por todos os vales que temos viajado.

Aparece agora um bando de abelharucos e de novo, 9
pasmado, a olhar deliciado aquele voo magnífico, parando
de encontro ao vento ou deslizando rapidamente de asas
abertas...

...dentro de poucos minutos a sombra instalár-se- 10
á... para nascente ainda alguns freixos iluminados,
contrastam, violentamente na saturação quente da côr.

Em recorte sobre o monte e um pouco à esquerda dos 11
restos do poente está a silhueta agreste de Monsanto. A
jusante ergue-se, poderosa, uma enorme lua cheia, no
ângulo do arvoredado do rio. Chamo o Manel para ver. E,
ele vem, de máquina fotográfica, mais o sorriso na
cara.

Prepara-se o jantar. Teria sido uma tarde ideal 1
para o 3º inquérito à paisagem mas, para isso, teria
que roubar este fim de tarde a todos. Pareceu-me que o
descanso, o banho e a liberdade de cada um no fim de um
dia de trabalho, era mais importante...

23.30 horas.

Espantosamente posso escrever à luz desta paisagem 2
nocturna, mesmo sem óculos. Perfeitamente.

...o único som é o das rãs. Milhares de rãs. Nem 3
vento, nem rouxinóis. Talvez porque a concorrência é
demasiada.

... escrevo com o bloco sobre a relva à porta da 4
tenda. Sinto o cheiro intenso das estevas e o ar
puríssimo e fresco. Vejo os malmequeres brancos mas não
distingo qualquer outra das muitas flores. Sei que
diante da tenda há muita soagem mas não a vejo. Na
relva próxima, distingo ainda o verde, até à distância
de um metro. A terra é escura mas sem côr.

Distingo o verde, porque a luz da lua de 5

comprimentos de onda curtos me permite ver apenas
alguns verdes, os azuis e os violetas.

Por isso não distingo a côr da terra, por muito 6
perto que esteja...

é uma paisagem adormecida...

31, terça 10 horas

Vamos partir para Monsanto, por um caminho menos 7
violento que aquele que fizemos há anos. A carta,
indica-nos alguns percursos de nível. Falta saber se
terá alguma utilidade dada a sua antiguidade...

... a meio da manhã parámos num riacho por 8
necessidade absoluta de descanso. O calor é muito e o
percurso violento. Convém-nos não chegar muito tarde a
Lugar de Maria Martins.

Há que procurar local para acampamento e seguir 9
depois até Monsanto para trabalharmos toda a tarde.

14.30 Maria Martins. é claro que as cartas não serviram 10
para nada. O que era já não é. Mais depressa nos

perderam, que nos ajudaram. Dentro da mochila foram 1
depois mais úteis e aí ficaram até ao fim. Debaixo de
um grande sobreiro almoçamos pão, queijo e chouriço...

Em frente, o monte rochoso de Monsanto, manchado 2
de verde claro e cinzento do granito... espera-nos pela
tarde fora.

17.40. Acabei agora de recolher o inquérito nº 3 feito 3
do alto do Castelo de Monsanto, junto ao marco
geodésico virados a poente.

Iniciou-se às 17 horas com um sol frontal à volta 4
dos 40° de incidência, luz um tanto difusa. Pedi-lhes
para se abstraiem da paisagem imediata logo abaixo de
nós e para se concentrarem na seguinte, até ao
horizonte.

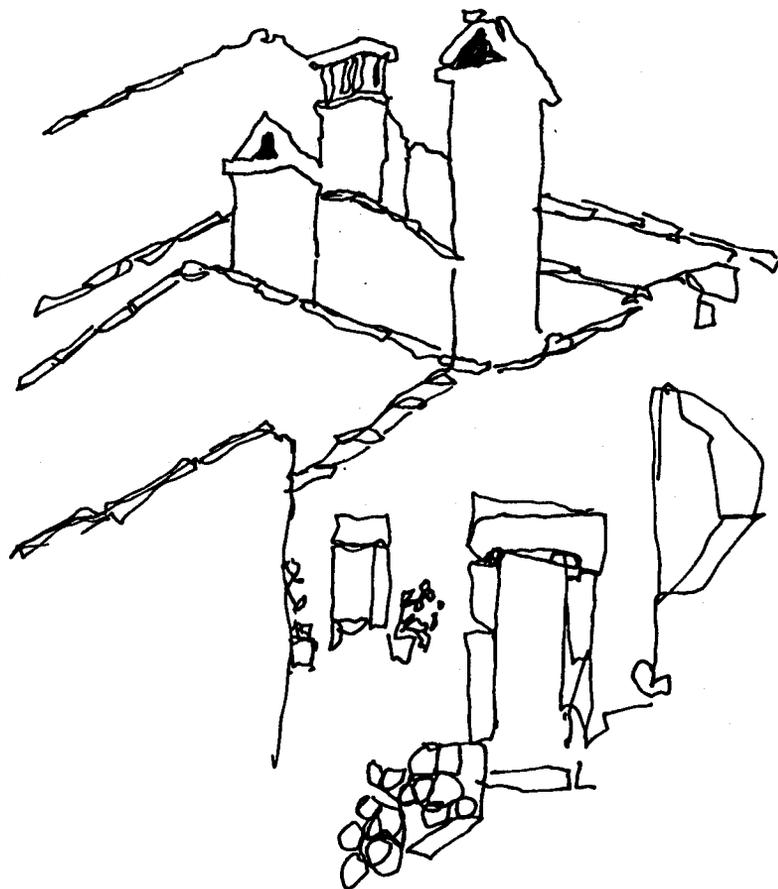


Proteger o olhar para a paisagem de Póvoa do Varzim.

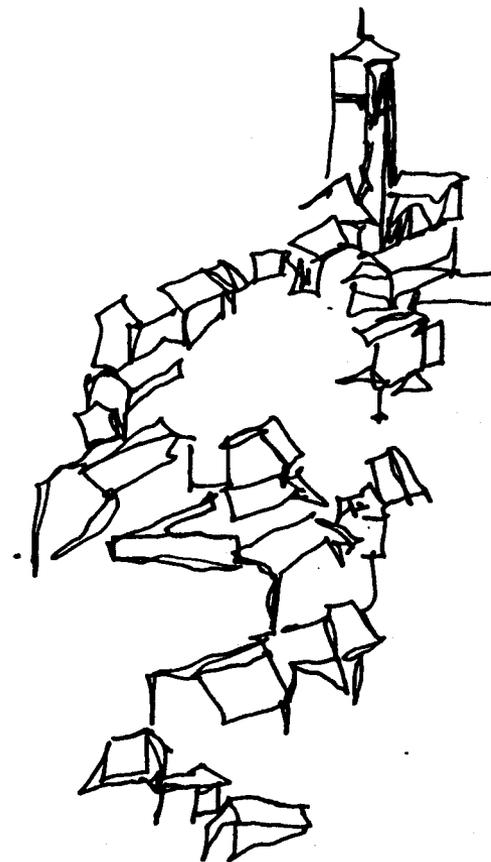
Monsanto, 4ª feira, 1 de Junho 11.30 horas.

Chegámos cá acima ainda cansados do dia de ontem. 5
Estamos todos um pouco lentos, queimados e sem grande
estímulo. Vamos ter que reduzir um pouco o ritmo de
trabalho...

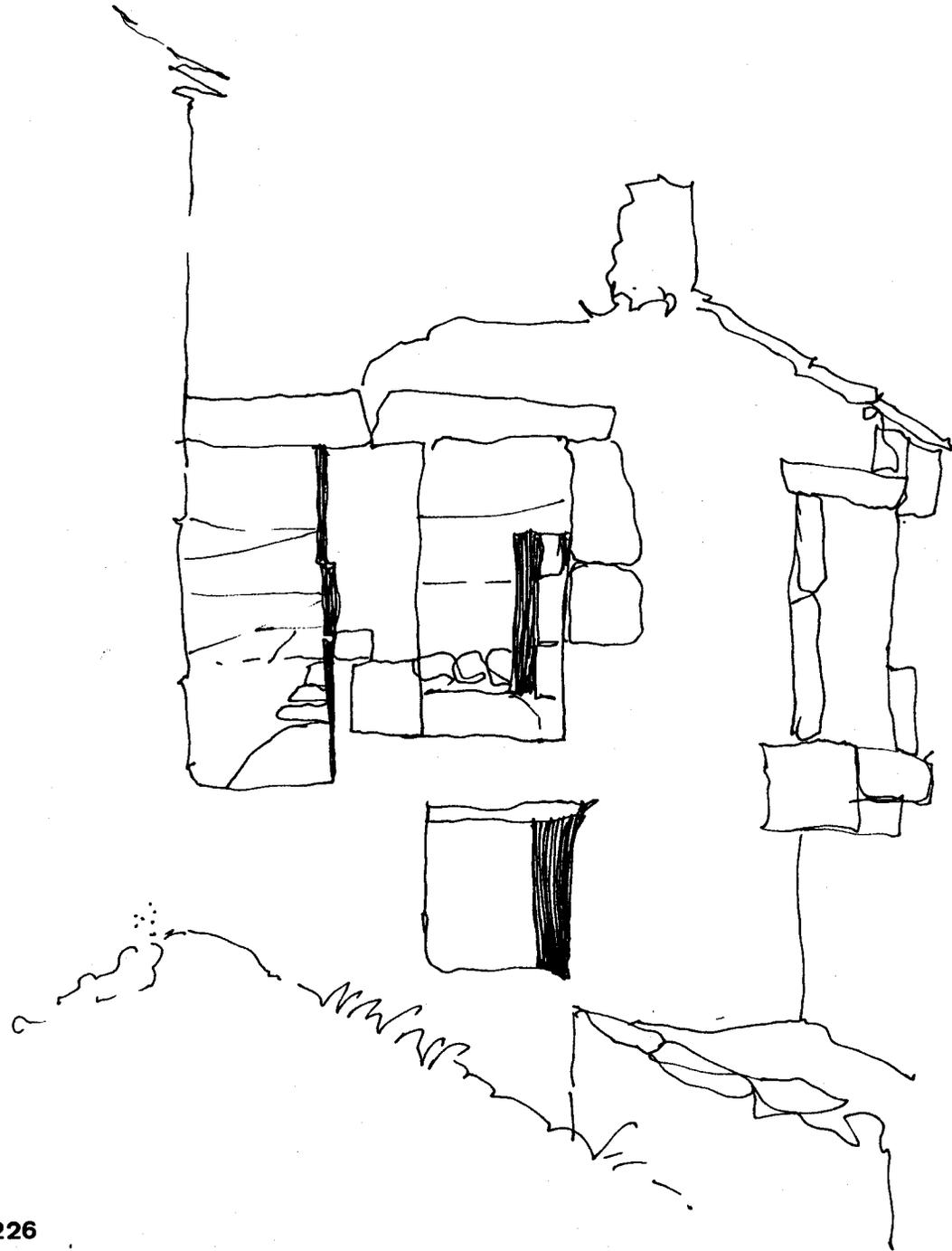
Apetece-me mais desenhar que escrever. Vê-los a 6
trabalhar estimula-me e desejo fazer o mesmo.

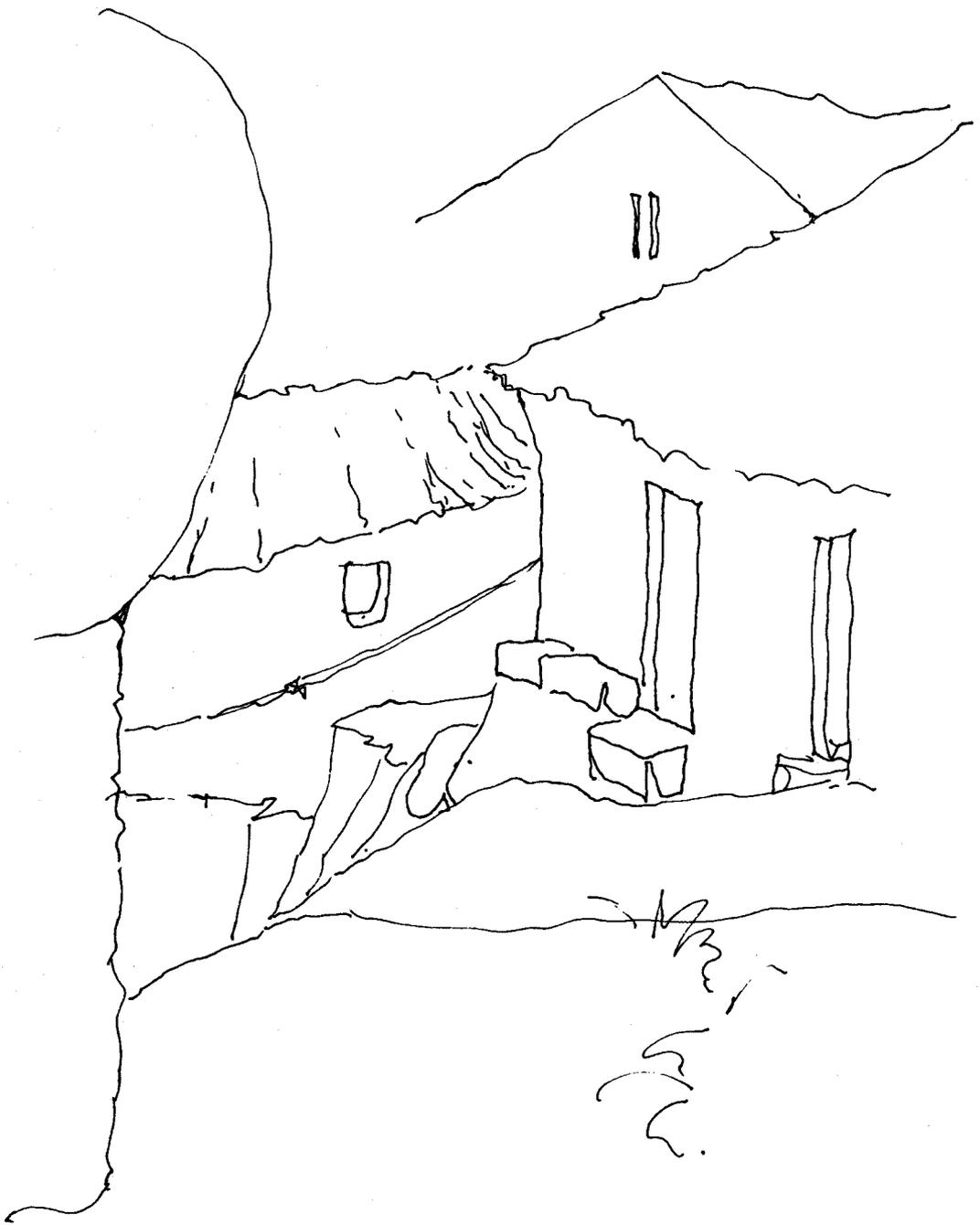


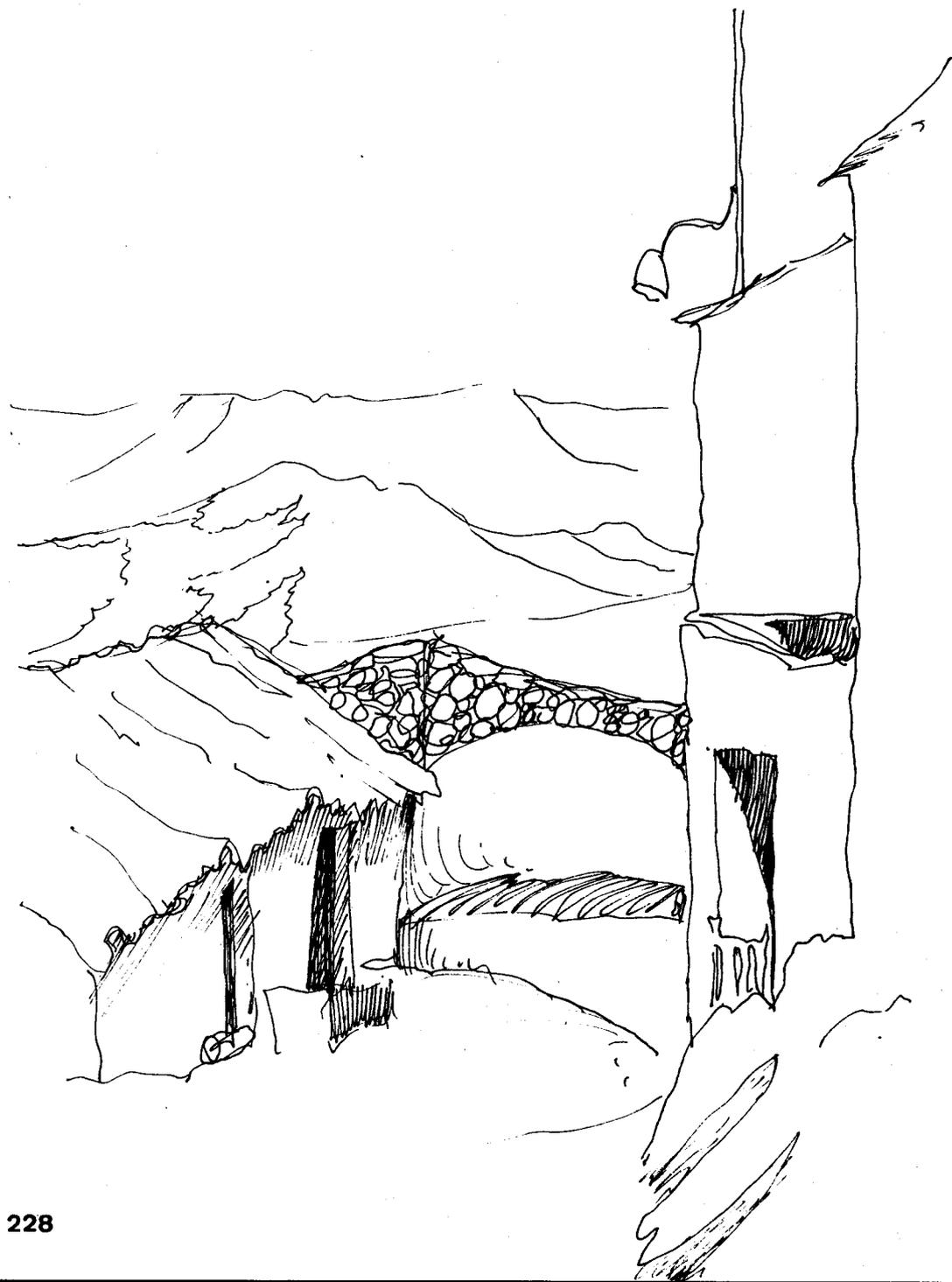
Passei agora por alguns que trabalham virados para 1
baixo, para os telhados de Monsanto e orientei aquilo
que achei necessário. Desenhar ao lado deles é uma
experiência que temos feito e que me parece importante:
ver como se pode fazer. Ver modos diferentes de olhar e
riscar.

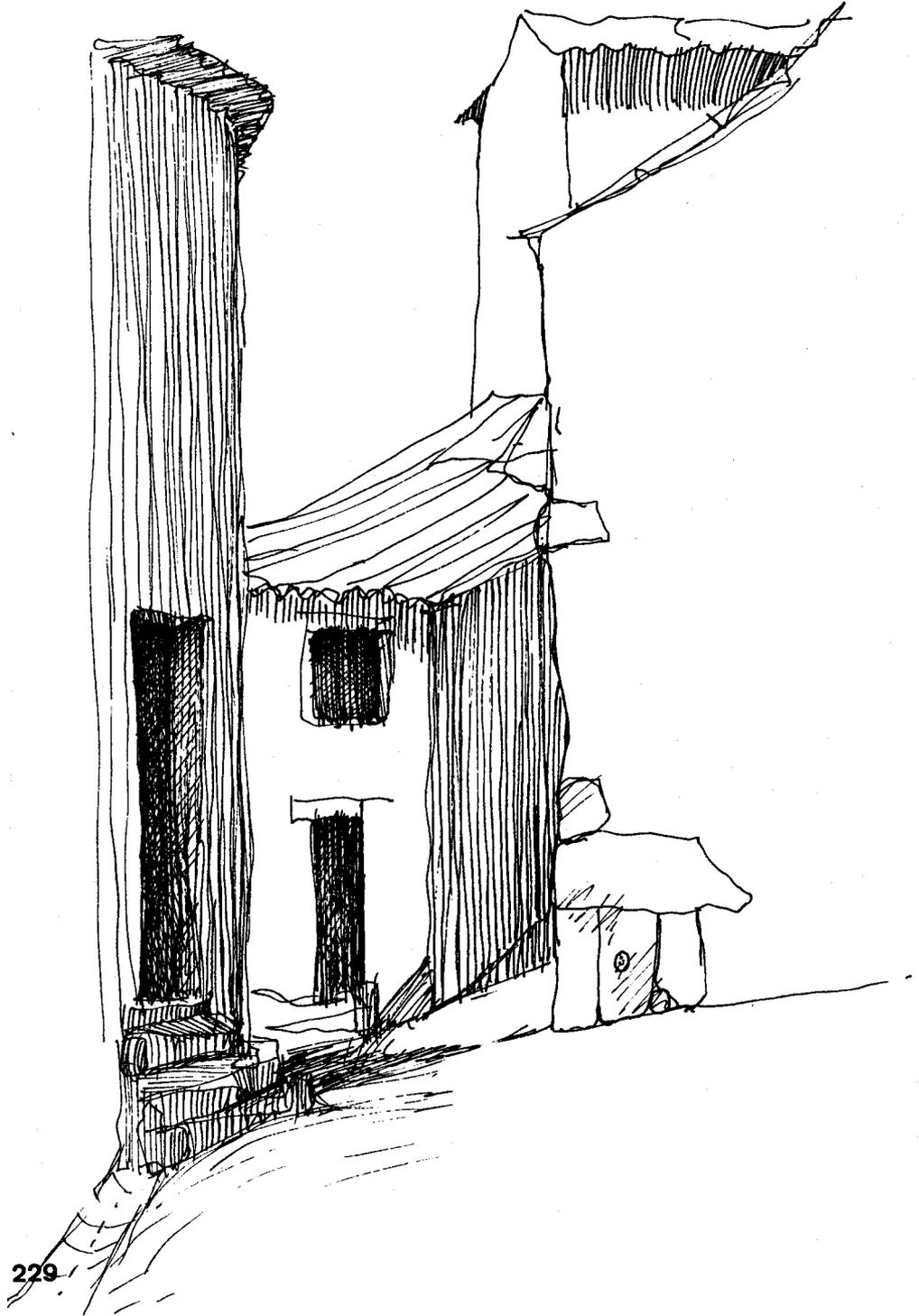
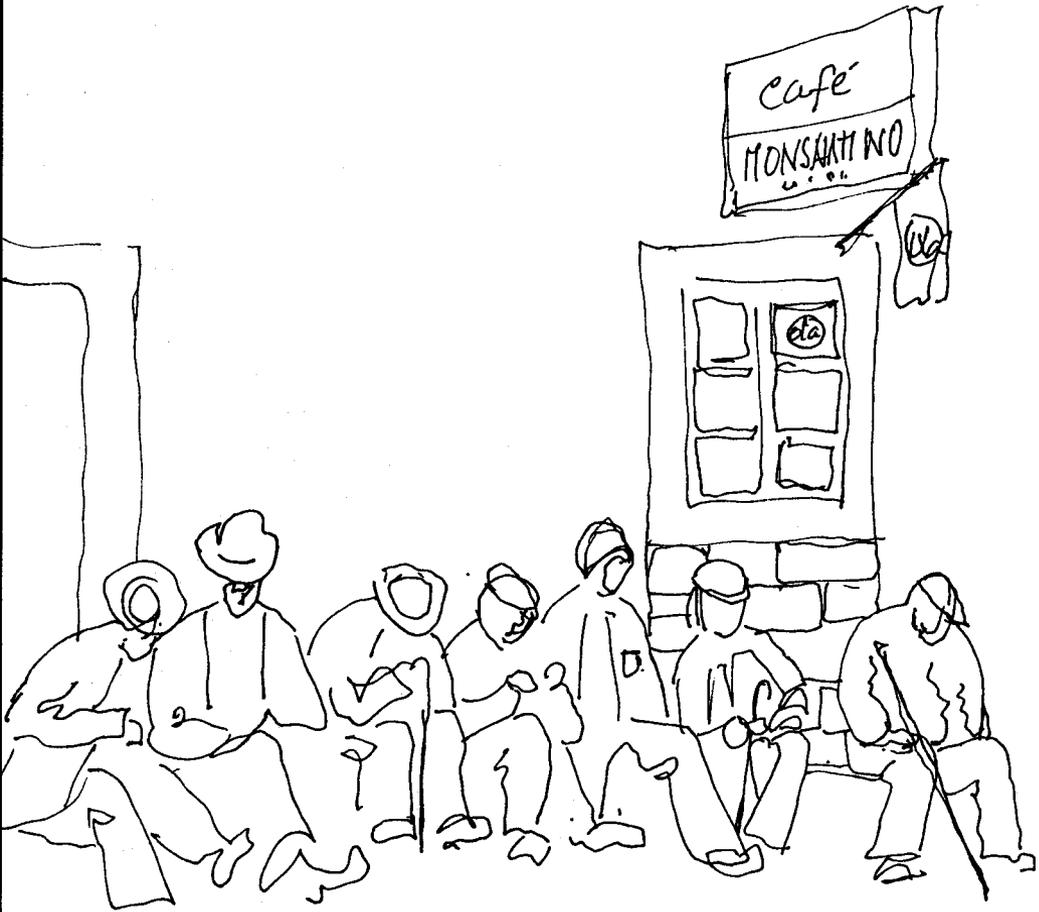


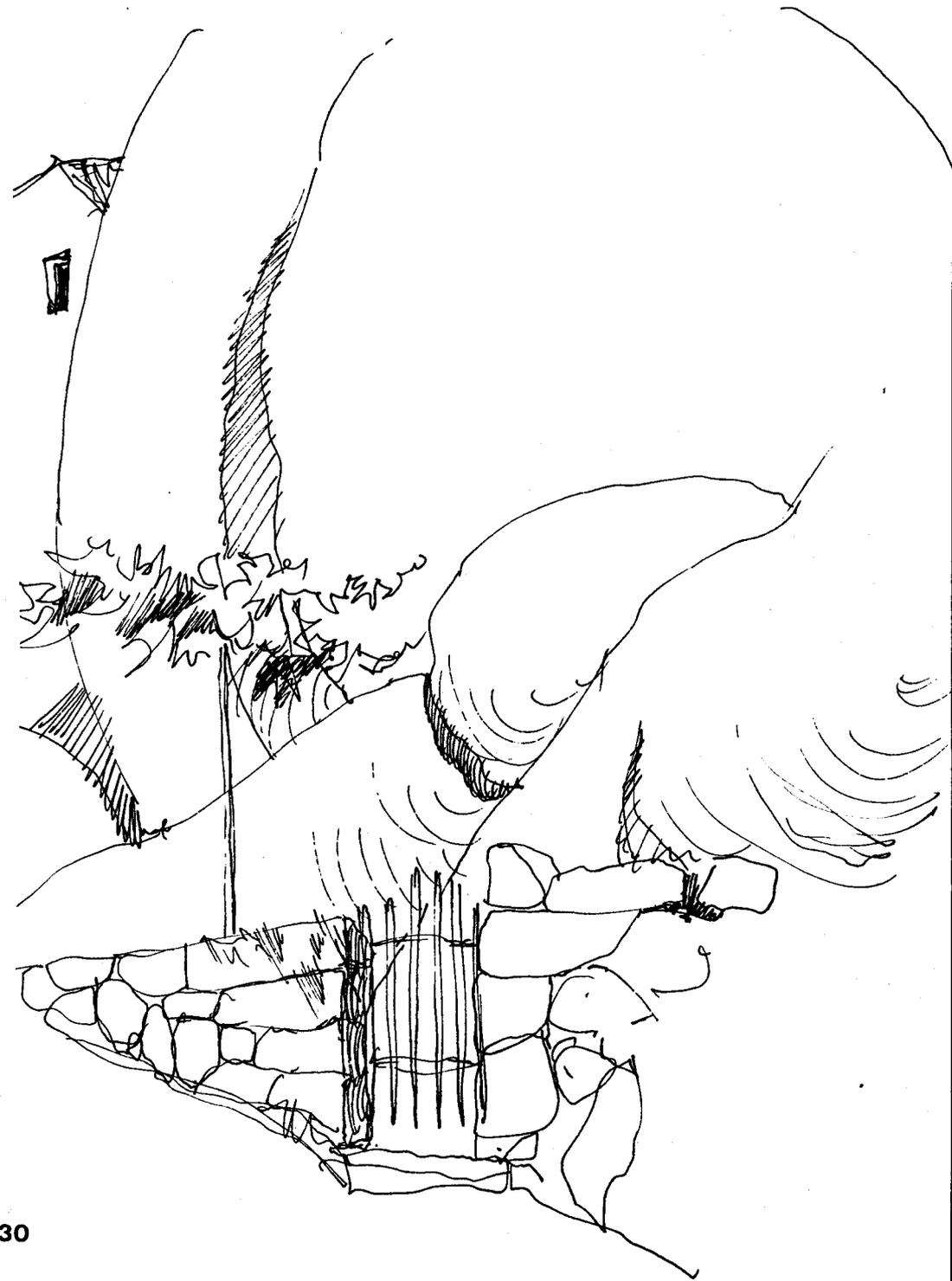
Segundo desenho de Monsanto. Síntese. Segunda 2
imagem depois de uma primeira observação. VER o
essencial, as palavras essenciais, que as coisas nos
dizem. Ver desenhando. é o que agora vou fazer à medida
que percorro os trabalhos dos alunos espalhados por
Monsanto.

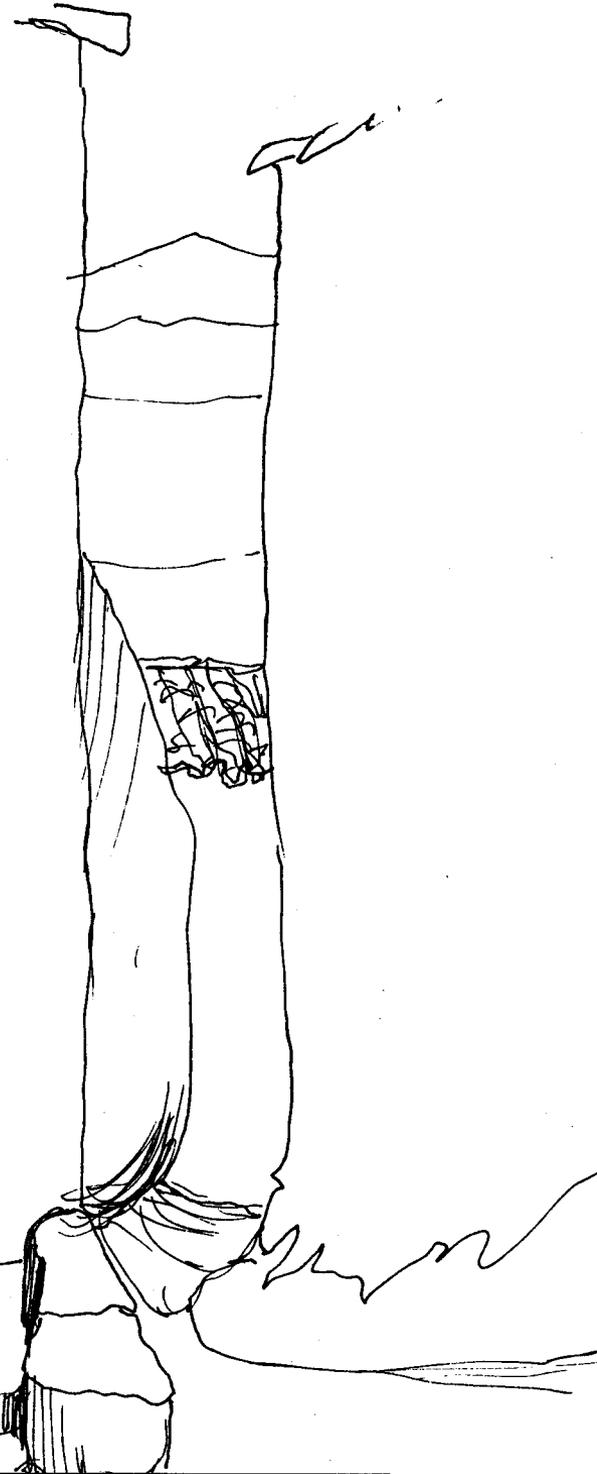
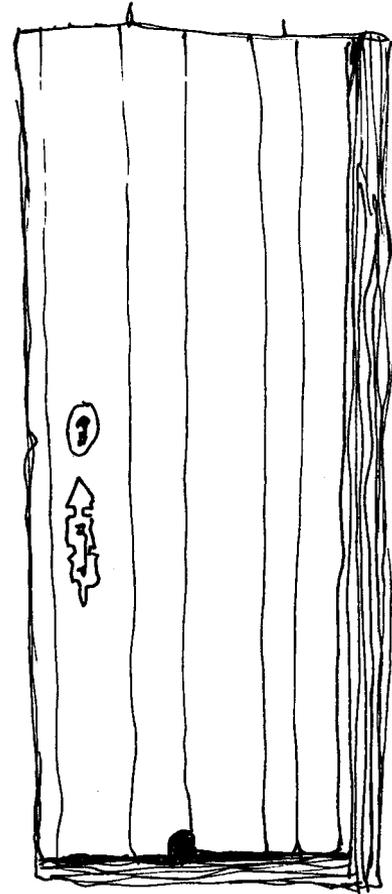


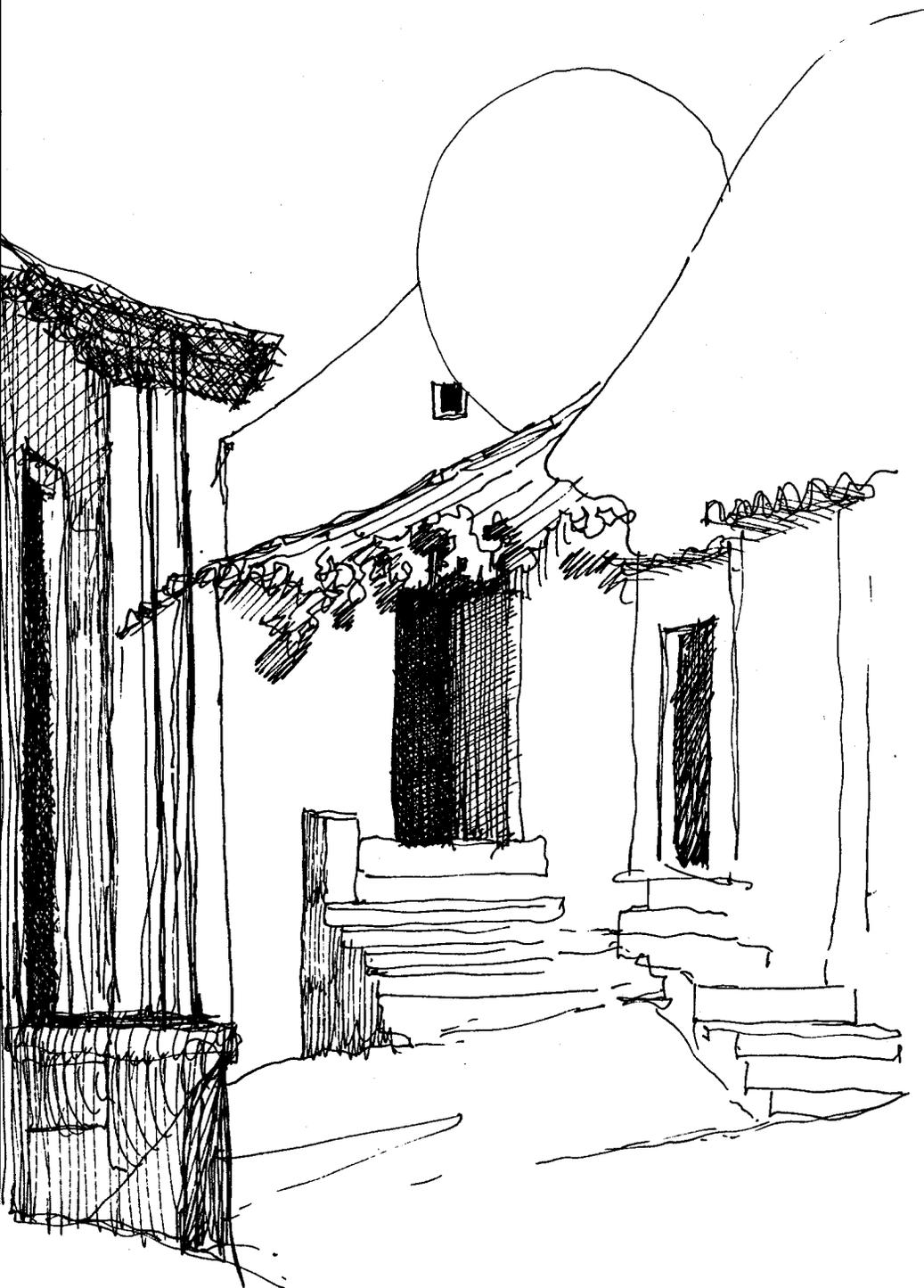












2 de Junho, quinta, Idanha-A-Velha

10 horas

...este trabalho... é indiscutivelmente uma 1
educação. É uma vivência global em que comer, habitar,
vestir e falar participam como vida no desenho e no
conjunto do trabalho como uma atitude.

Este desenho no fundo é isto: um resultado de vida 2
exterior e interior. Tudo se reflecte nele. Se o
espírito não for orientado não há desenho que se faça
completo e belo. Se o corpo não estiver descansado, não
há gesto harmonioso capaz de linha expressiva.

Dentro das pessoas se prefaz o desenho, como 3
aquilo que de mais íntimo possuem. É preciso colocar
esse íntimo, criativamente, no acto "desenho". É
preciso dar um sentido de beleza, de humanidade e de
inteligência, a esse interior que é potencialmente
poético...

... um toque subtil, que pouco a pouco, lentamente 4
e leve e estimule o que neles está latente. É uma
construção do íntimo, apurando e solicitando o coração

e a alma, o sentimento e a afectividade. Por aqui, por 1
estes aspectos se chegará a construir o desenho criador 7
em cada um deles. Só por aqui.

11 horas. Visita à Catedral guiada pelo Sr. Adelino, 2
homem agradabilíssimo. Explicou-nos longamente a
história, a descoberta e a exploração iniciada por D.
Fernando de Almeida, do que hoje existe da Catedral.
Aturou-nos toda a manhã respondendo a todas as
perguntas que quizemos fazer...

20.00 horas. 4º inquérito à paisagem, este sobre a 3
paisagem onde estamos acampados.

é nitidíssimo o cheiro forte dos malmequeres que 4
por inteiro revestem toda a paisagem visível.

Quanto à sonoridade: água no rio rouxinóis e 5
alguns abelharucos, característicos desta hora.

Luz doce, e fraca também. Tonalidade rosada.

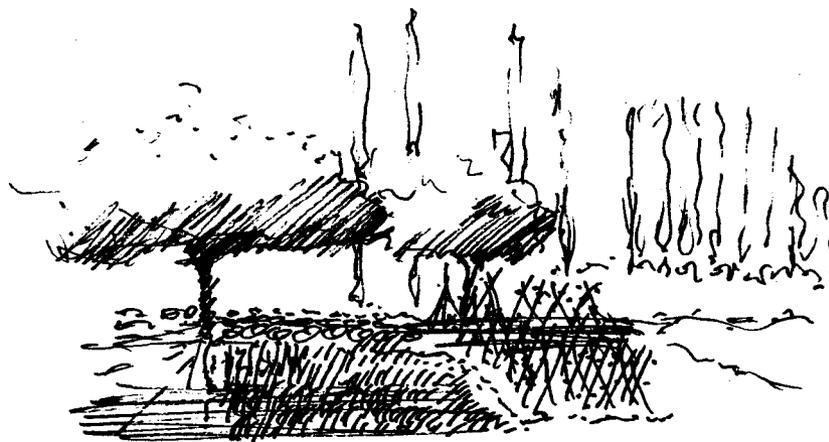
A côr divide-se pelo primeiro plano, branco, 6
(malmequeres brancos) e um segundo plano a iniciar o
cabeço, de malmequeres amarelos. Pontualmente,

sobreiros dispersos e o plano do céu.

O inquérito, nesta paisagem e a esta hora 7
interessa-me especialmente, a fim de detectar o grau
poético da paisagem e o possível estado poético nas
pessoas.

3, Sexta, 10 e 30

Trabalho com o grupo da Engenharia Biofísica nas 8
hortas, à beira rio... local fresco e agradável,
minuciosamente aproveitado, regado e trabalhado. Há um
pouco de tudo, desde flores a frutos e diversíssimas
hortaliças mas, com predomínio da batata.



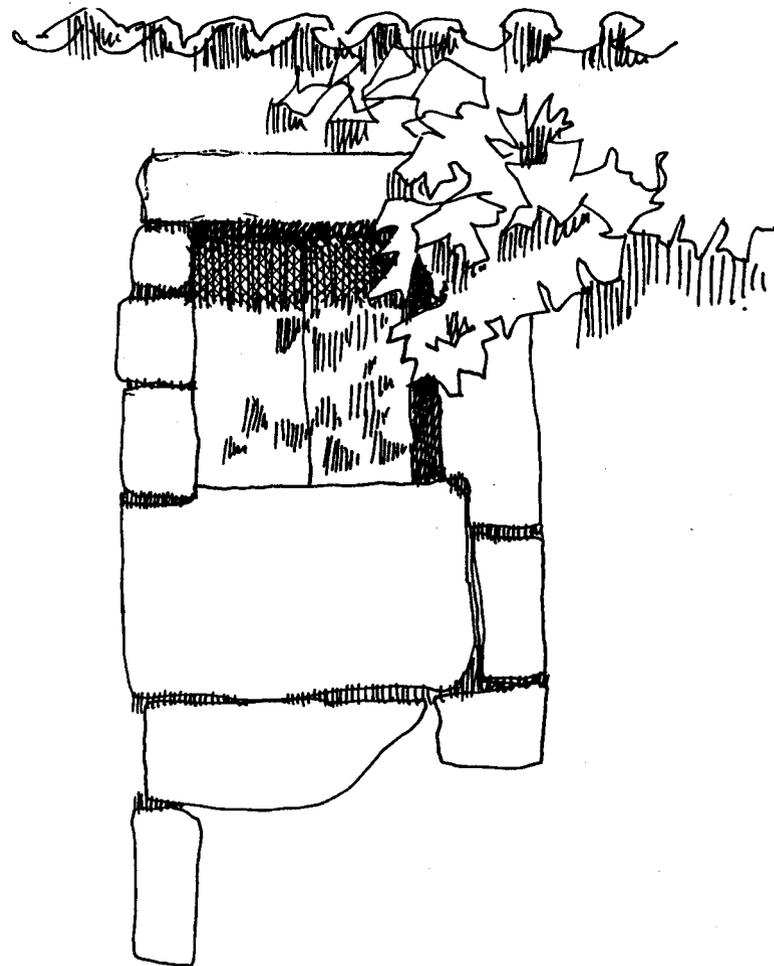
Explico à Tété os princípios da aguarela e a 1
melhor explicação foi pintar a paisagem diante de nós.
Se formos rápidos o que vimos e pintamos é o espírito
da paisagem dispensando pormenores inúteis.



A Paula trabalha um canteiro de couves, minuciosa 2
e pacientemente mas prende-se demasiado a cada folha.
Explico-lhe que é preciso encontrar um ritmo de

desenho. de acordo com o ritmo real das couves no
canteiro.

16.00 horas. Trabalhamos na aldeia, com um calor 3
abafado ameaçando trovoadas, o que perturba os ânimos. A
grande influência que tem o tempo sobre a alma humana



que Hellpach refere. Enervamento cansaço, irritação. Tudo isto verifiquei à hora do almoço em que se fazia já sentir este peso da atmosfera...



4, Sábado, de regresso a Évora

Reentrar no Alentejo, numa tarde de Junho é 1
sempre, para mim, um espanto repetido...

O contraste, é a pura luz deitada sobre os campos 2
ou montados, na tarde táctil e aromática e a paisagem
torna-se completa sensibilidade, quase sensual.

As formas, as vagas de searas... pelo nosso olhar 3
se tornam pertença, como o mar de Bachelard e, a
vontade tão afectiva que se produz. Há uma vontade
física de alcançar superfícies, de palpar suavidades,
de sentir cheiros, gostos, contactos, auscultações
interiores de uma sanguinidade densa e cálida, um tempo
vital movendo-se e habitando na espessura fecunda de
Junho.

Olha-se, e crê-se na fecundação que flutua e 4
permanece no contacto da luz com a terra... nos
sentidos que despertam o corpo e o espírito diante da
paisagem...

RIO PAIVA III - Outubro de 1988

Sábado, 1 de Outubro 15.30

Filmámos a barragem da Agueira e a modificação do 1
espaço da paisagem viajada.

Revimos depois no pequeno "écran" e parece-me que 2
se captou o efeito que pretendo: a revolução do espaço
da paisagem viajada.

... sentimo-nos dentro dela que se transforma à 3
nossa passagem... uma entrada mais profunda do que
aquela que exprimentei na viagem de Florença para
Munique em 1985. No comboio, está impedida a visão para
a frente e vimos apenas o desfile de um "lado" da
paisagem ao passo que no autocarro a sensação é de
interior e envolvimento.

Domingo, 2

Sobretudo falei-lhes da luz, dos contrastes e 4
difusão de Rayleigh como um dos aspectos que mais nos
importa compreender e exprimentar.

. Pintam a grande paisagem para o vale e, é um 5
medo grande da côr que, no fundo, é luz. Cautelosamente
escolhem, ensaiam, experimentam e misturam e, quando
colocam a cor no papel é quase sempre uma surpresa.

Tento que aproveitem e ganhem esses erros, como 6
uma coisa adquirida, transformando os acasos e os
azares em interpretação conseguida, em expressão
própria.

... por vezes o difícil é exprimir-me, atingindo 7
aquilo que quero, fazendo-me perceber. A certeza de
chegar ao ponto essencial com a palavra certa. Cá
dentro, a ideia é clara, mas dizê-la actuante e
produtiva dezenas e dezenas de vezes ao longo de um
dia, para situações tão diversas e pessoais, como o é
cada aguarela, torna-se por vezes uma tarefa excessiva.

... no fundo, o mais decisivo, é a palavra útil, 8
certa e expressiva. é o estímulo e a motivação na
altura crítica. A palavra que anime, ajude e esclareça.
Algumas vezes, as palavras são demais e então baralham
e destroem o que já se fez.

. Outras vezes é com toda a facilidade que o faço, 1
pois é no próprio trabalho que ela está, a palavra que
o fará seguir e que o aluno já fez, já desenhou e
pintou e ainda não soube ver.

. Nestas alturas é apenas levá-lo a expandir a sua 2
poética, consciencializando-o daquilo que fez e de como
fez. Apenas, que as "palavras" dele evoluam, mais
conscientes de um poder criador.

17.00 horas. Pouco vou escrevendo e muito haveria 3
que escrever do que vou vendo e experimentando entre os
trabalhos deles, a paisagem e as ideias que me ocorrem
para "A poética da paisagem".

Trabalhamos agora uma paisagem mais restrita, com 4
dificuldades maiores, algumas desilusões, algumas
alegrias. É assim um primeiro dia. A paisagem é
qualquer coisa de demasiado grande e complexo para que
se pinte sem desgostos e desilusões. Amanhã, será
concerteza melhor.

Tento desenvolver-lhes o gosto pelo trabalho e 5
pela viagem. Disse-lhes mesmo, que só pelo *gosto de*
fazer se poderia *bem fazer* esta viagem. Sei-o por mim.

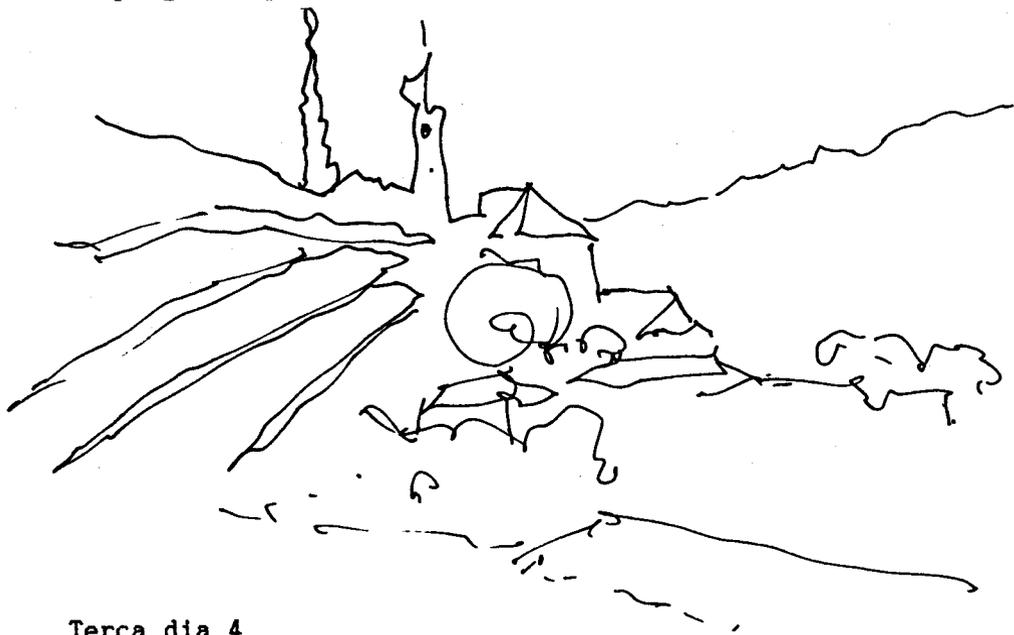
É preciso saber encontrar prazer em olhar a 6
paisagem e, mais que um trabalho escolar pretendia que
isto fosse um grande prazer de viajar, de desenhar, de
pintar. Um prazer de viver a paisagem do Paiva.

Segunda, 3 às 15.30

A tarde está quente. Um grupo instála-se junto ao 7
caminho à sombra de uma casa de xistos de tons quentes,
de castanhos, ocres e óxidos alaranjados. O ar é leve,
azul e os contrastes de cor e luz, tornam-se máximos
neste final de dia.



O sossego é completo, a concentração total e tanta 1
que não intervenho... Instalou-se a dinâmica.
Prosseguirão por si, o trabalho que lhes propuz.
Tentarei, tal como fiz na viagem ao Rio Mondego, que
sejam eles a escolher os locais e o modo de ver, dentro
do programa que estabeleci para a semana de trabalho.



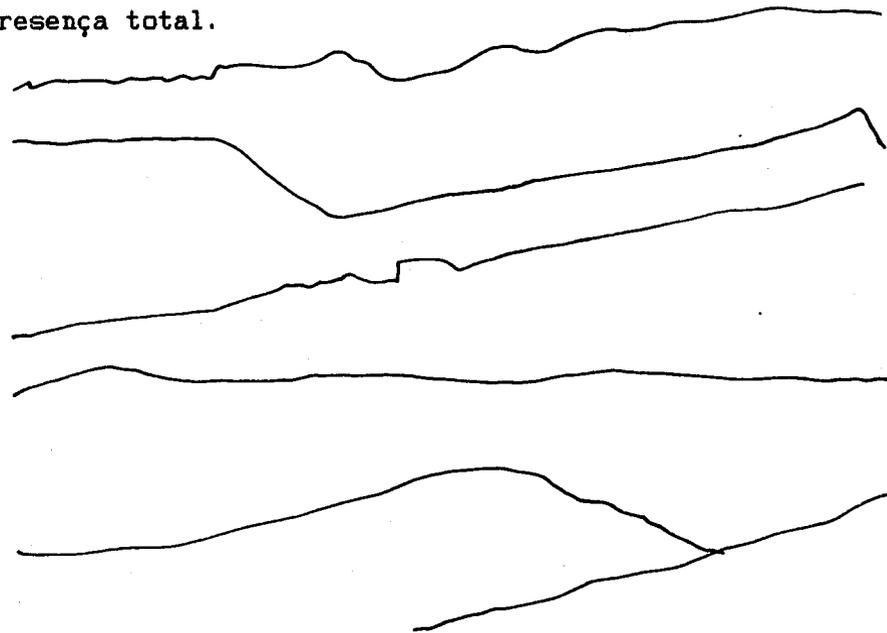
Terça dia 4

Ester, na paisagem, acima de um rio que apenas se 2
advinha. Move-se sobre o vale. Tudo dança nos nossos
passos, cipreste, torre, linha, montes. É uma poesia,
olhar o movimento e sentirmo-nos parte dele. Uma

paisagem assim visitada reformula-se e redimensiona-se.
Todos os conceitos desaparecem e tudo se resume no
tempo/espaço da luz.



. Seguimos entre pinhais e eucaliptais, na 3
diversidade de aromas e temperaturas, na manhã de
outono. Belas luzes e espaços e tão poéticos o são, que
a flutuação seria o desejo. Nem ouvir os próprios passos
para que luz, sonoridade, sombras e aromas, tivessem a
presença total.



. À minha frente desenvolve-se o grupo em linha. 1
Amarelo, vermelho, verde, branco, conforme a
vestimenta. Aprecio sempre nestas viagens ver a longa
fila mover-se na paisagem, enrolar-se desenrolar-se...



. Descemos agora uma paisagem profundamente 2
modificada pela plantação de eucaliptos.

Rasgam-se cabeços, alteram-se caminhos e, a carta 3
1/25.000, passa de uma história antiga, para a pré-
história. De si são já pouco úteis pela
desactualização, mas deste modo são uma inutilidade.

Eucaliptos. Sim ou não. Com certeza, alguém o 4
sabe? Tão bom ou tão mau como qualquer outra. Talvez só
preconceito ou talvez apenas uma questão de quantidade.

Mas a verdade, verdade, é que é uma árvore 5

magnífica, e quanto mais só, mais bela. Mesmo uma das
mais belas que encontro em Portugal.

Recordo alguns deles em sítios que conheço e em 1
todas as estradas de norte a sul... Há sempre uma
elegância enquanto novos e uma majestade quando velhos.

. Meio-do-dia, já. Ribeira, é uma pobre aldeia, um 2
lugar. Sem nada, nem telefone sequer. Preparamos o
almoço no pquenino largo com a população a ver. Está
muito quente. Junto a um portão o grupo da cozinha
esmera-se de volta da ementa do costume: pão, queijo,
chouriço, vinho. O requinte está apenas no aranjo que
as coisas tomam sobre os panos estendidos no chão.

.Quinta feira, Nodar quase seis da tarde e em toda 3
a viagem é o primeiro momento livre de que disponho.

. A profundidade dos vales, a água puríssima. 4
Destas duas palavras se faz o vale de toda a beleza, de
todas as combinações, luminosidades, cores, nebelinas e
difusões. E tão grandes são, que meditar o Vale do
Paiva, como agora, torna-se profunda afectividade, um
amor natural.

. Este rio é a poesia. 5

De manhã, hoje, em que o sol ainda não aparecera
no vale, mas apeas uma luz azulada e difundida pelo céu

*Há sempre nelas uma elegância
e uma majestade quando velhos.*

*Olho o caminho que põe e
ho o último luz humber do tra
co do escultor.*

*Olhando em frente e em trás.
Co traçado e em cima leide
interio que quer a fides
Dardma e a percau trivan
est caminho sacdanul e a
manchis l'pua i' pica*

limpo, acamava-se uma neblina branca, no silêncio aquático da manhã. Ainda nem as aves; só a água nas pedras, rápida, para a curva grande do rio.

Profundidades, imaginações divagações. Sózinho... 1
o vale... uma presença mútua, uma só paisagem, como natureza unificada. Sem homem para cá e paisagem para lá. Uma consubstanciação.

Sexta, dia 7. Nodar.

Ponho em prática nesta viagem algumas ideias 2
recentemente desenvolvidas.

Uma poética surge aqui, com toda a importância que 3
hoje tem para mim, numa ocupação de um espaço que até há poucos anos eu atribuía à estética. Luigi Pareyson assim nos propõe, na "Teoria da formatividade"(*) e quer haja ou não autores em desacordo, sinto como muito exequíveis as ideias que expõe relativamente a este assunto.

(*) Luigi Pareyson, *Estética, Teoria della formatività*

é claro que, pegando nas suas teorias, percorro eu 4
um outro caminho, ou pelo menos, agora numa prática, proponho-a aos meus alunos.

E o que é mais gratificante é verificar que 5
pensada assim, a paisagem, abre um campo infinitamente mais vasto e mais rico. Pela poética ascendemos a posições que antes não era possível. Hoje, as coisas da paisagem têm, para mim, uma explicação activa, longe de um estatismo que me informava em inícios destes anos 80. Movo-me num campo bastante mais vasto, bem mais criativo e de uma riqueza surpreendente, se o comparar com os tradicionais conceitos de paisagem mais contidos numa estética objectiva.

Hoje a paisagem é essencialmente uma mobilidade, 6
uma vida em consubstanciação que pretendo que os alunos entendam e experimentem.

Sei que não posso andar muito depressa no 7
diferente percurso que pretendo que façam, percurso esse que essencialmente deseja um outro modo de estar na paisagem: um estar poético.

Sei que é difícil, porque tradicionalmente, 1
família/escola, não atribuem ao sentimento poético uma
dimensão cultural e formativa, e muito menos tentam por
ele explicar uma parte da vida.

Mas, é um contágio, aquilo que tento fazer, uma 2
compreensão por sensação, por conhecimento íntimo.
Desejo que sintam um peso da poesia universal e que por
aí se vá elaborando em cada um o entendimento poético
do Universo. Se essa semente germinar, cada um
procurará aprofundar a dúvida gerada. Melhor será que
progridam pela dúvida, pela inquietação, que por
teorias excessivamente explicadas que normalmente levam
a "ideias feitas" e à aplicação de normas.

Sobretudo experimento com eles uma poética do 3
desenho e da côr. Que ambas se construam por um fazer
poético, o que implica aceitar a proposta de cada um.

Fazendo. Levando-os a entender a paisagem por esse 4
lado, ultrapassamos a forma, a côr, a ordem e uma noção

imóvel de estética.

Que o desenho não seja a visão das formas, dos 5
espaços e das cores, mas a compreensão poética das
relações. Uma árvore num campo, não é o limite parecido
da sua copa dentro dos limites correctos do campo. Não
é uma questão puramente gráfica, conjugação criativa de
linhas, sombras, texturas. O desenho é a poesia das
relações que há na vida da árvore e do campo e que o
nosso imaginário poetizará sem regras gráficas, em
total liberdade da mente, dos olhos e da mão.

A noção de *estética*, noção que usam e se usa com 6
excessiva frequência para designar tudo aquilo que não
é técnico e que se apresenta com uma vaga imagem
artística, é apenas um vazio de significado.
Experimentei por vezes, perguntar o que, entendiam por
estética, a um ou outro que empregava a palavra, em
conversa sobre o trabalho que desenvolvíamos. Em todos
os casos, a ideia era algo de extremamente impreciso e
quase sempre apenas uma impressão que se ligava ao
artístico. A atomização da palavra e da ideia, por um

Cada olhar e cada representação deverá tanto quanto possível contar esta história total da paisagem. Nem só o desenho, a cor, a fotografia podem fazer-lo mas indispensável e indiscutivelmente a palavra escrita, descritiva e poética, conciliando o rigor da observação e a criatividade da alma que vê.

O arquitecto paisagista deverá "ter" a paisagem em toda a sua plenitude natural e cultural e penso que não poderá nunca olhá-la parcialmente mesmo que em dada situação se tenha de ocupar apenas de um ou outro aspecto.

Quer intervenha no meio urbano, quer o faça no meio rural e seja qual for a escala, não se me afigura possível que prescindia do sentido global e total.

E sempre terá de o fazer numa compreensão simultanea de cada uma das suas partes visíveis e não visíveis, tendo presente a mínima parte e o todo complexo.

E não será completa a paisagem se não for compreendida pela via da afectividade. Não creio em

qualquer actuação de qualquer profissional se não incluir toda a sua visão numa atitude afectiva. É esta afinal a atitude que pode ser comum a todos os que de um modo ou de outro usufruem da paisagem, e por onde todos entre si se podem entender. Nesta afectividade se contém tudo o resto, isto é, só pode existir um verdadeiro e correcto uso quando toda e qualquer relação que com ela estabeleçamos se entenda neste sentimento. Pela ética atingimos a estética e por esta a poética.

Este principio de afectividade, foi talvez uma das primeiras coisas que tentei entender. Inicialmente mesmo, apenas uma daquelas que sabia que existia com clareza, a que compreendia e sabia indispensável. Sem ela, nada seria possível. Nenhuma teoria o seria verdadeiramente, pois para que estivesse correcta teria inevitavelmente que passar por um respeito pela natureza.

Qualquer intervenção que careça de afectividade é

por isso desumana ou, se quisermos, por ausência de afectividade, à partida, se intervem desumanamente. E, esquecendo o homem, que a usa e vive, esquece-se o princípio fundamental do respeito pelo mesmo homem e pela natureza, prosseguindo um desvio à coexistência, uma quebra de equilíbrio que não é só físico, visual, biológico mas, primeiramente de alma. Este desvio afecta mais profundamente o homem, que as questões físicas. Fere-o mais fundo, com a gravidade, de que só a longo prazo se torna sensível, quando comunidades e sociedades se encontram a dado momento irreversivelmente magoadas em parte da sua natureza.

1 Todas as zonas do globo, todas as áreas de um país onde a paisagem se tornou essencialmente económica são paisagens desafectivas. Sobre elas se exerceu um uso parcial, devorador e egoísta. A cobiça, tornou-a uma máquina de produção rápida abolindo tudo aquilo que não fosse rentável a curto prazo. Esta des-paisagem fornece rua e casa, aço, energias e mesmo os alimentos de primeira necessidade. De paisagem apenas têm o solo

onde se edifica a "economia" e o ar que nada tem a ver com o ar que fez sonhar Gaston Bachelard.

2 Contudo não podemos cair no risco extremista (o que é fácil e cómodo) de uma defesa cega da natureza que não permite ver a realidade do homem hoje, e o observar de relações que têm forçosamente que ser diferentes, porque os meios técnicos e as necessidades são outras.

3 A este extremismo mais se chamaria conservadorismo furioso, que nada pretende ver alterado, mudado ou proposto de outro modo.

4 Olho-os, dispersos cada um trabalhando as suas preferências da paisagem e penso no que lhes terá ficado desta semana, num tão belo vale. Sei que o Paiva permite que ocorram grandes descobertas, grandes aberturas, mais não é ainda aqui que se podem ver. Sei também que o mesmo Paiva nem sempre é um milagre. É preciso que as pessoas queiram. Alguns quiseram e espantaram-se perante este rio, mas há outros que não

sei se já o conseguiram fazer.

Tentei fazer o contágio, um a um, em cada 1
aguarela, em cada conversa e em cada um dos temas que
intencionalmente pensei para esta viagem.

Ontem ao anoitecer enquanto se preparava o jantar 2
tive uma enorme conversa com parte deles, preocupados
com os temas.(*). E, com enorme satisfação fui percebendo
que alguma coisa ficou, não pelo que li (quase nada)
mas por aquilo que me perguntavam e pelo que
discutíamos. Encontrei sensibilidades onde não
suspeitava que existissem. Encontrei, sonhos, desejos,
e mesmo já uma especial afectividade por este "meu"
rio, designação que ouvi já alguns usarem. Isto é um
sintoma de uma profunda relação o que já começara a
perceber em Ester, pela satisfação de todos, mesmo um
certo encantamento, em relação ao sítio escolhido para
esta viagem.

A verdade é que das duas vezes anteriores se gerou 3
a mesma afinidade por este vale, com grupos tão

(*) A cada aluno cube um tema que deveria tratar ao longo da viagem, pela
experiência da paisagem.

diferentes e trabalhos diferentes também, que fizemos.

Só li o tema do Pedro, ainda em Ester, o primeiro 4
que me mostrou alguma coisa e, fiquei francamente
satisfeito.

VIAGEM AO MAR - Novembro de 1988

dia 2

é a primeira experiência diante do mar. Há anos 5
que tento fazê-la, mas por motivos vários tem sido
adiada, tanto como o mar quando se fala de paisagem.
Fica ausente, esquecido, adiado...

Por isso, por este estranho esquecimento que o 6
deixa com frequência ausente de uma ideia de paisagem,
quize suprir essa lacuna vindo vê-lo e desenhá-lo para
que se entendesse como paisagem a conhecer, como
qualquer outra das que estudamos. Nem mais... nem
menos.

Comecei por lhes expor, já na praia, o projecto de trabalho para os três dias. Tentei despertá-los para questões relativas à percepção de uma paisagem em que a mobilidade é constante, na forma, na luz nas dimensões e na profundidade.

Alertei-os sobretudo para a necessidade de usarem a memória ao desenhar as ondas.

Cada traço é um movimento passado e é a memória desse instante que se desenha, não a forma que olhamos. Essa é a do instante presente e como instante não lhe existe tempo senão o de ver.

Olhar, meditar na sequência, na cadência e perceber aí o enrolar da forma que ascende, encurvando-se e avançando até cair sobre si, rolando até à praia onde chega numa orla de espuma. Na água baixa, já não são ondas, mas linhas limite de pequenas alturas de água e espuma. Depois é o desenho circular, a transparência entre a espuma, fazendo uma estrutura como renda.

Espalhados no areal, trabalham já o grande

1 promontório e a ponta de mar que se enquadra no espaço do papel. Sugerí-lhes estes primeiro trabalho antes de começarem a desenhar as ondas, como uma abordagem cautelosa. As cores são profundamente diferentes de tudo o que temos trabalhado até aqui. Em Outubro eram verdes e azuis sobretudo.

6 Aqui, além de azuis e violetas temos todos os cinzentos coloridos das nuvens, das neblinas e do próprio mar. Há os reflexos, o brilho intenso, um horizonte sempre linear e horizontal e um espaço sem limites. É fácil perdermo-nos nesta abundância.

7 Nem mais, nem menos paisagem. um outro espaço que não podemos viver por dentro como o Vale do Paiva de onde viemos há um mês. Um espaço que não espera, um movimento que não para, mesmo nos dias de paz luminosa, luz que varia, reflecte e por vezes cega. Instabilidade, dimensão, grandeza, profundidade.

8 Uma paisagem sem árvores, nem montanhas, nem rios. Paisagem sem prados, searas e campinas, que não se lavra nem se semeia. Paisagem sem estações visíveis,

nem Outonos de folha caída ou Primaveras rebentando. 1
Apenas o mar extenso, de dia, de noite, o som e o
movimento. Senhor absoluto, majestade e magnanimidade.

Comecei a verificar um retornar da côr já adiante 2
das experiências do Paiva, que deixam pressupor novas

visões e outras invenções.

O Pedro retoma um desenho extremamente elaborado, 3
cujo antecedente está na viagem a Monsanto em Junho, a
lápiz nessa altura.

Agora, a tinta, de traço fino, desde o negro denso 4



aos tracejados claros, usando os brancos e todas as 1
texturas intermédias explicando a côr e a paisagem. é
um desenho do rigor e do contraste e uma claríssima
explicação estrutural da superfície da terra e do mar.

A Esmeralda avança também pelo desenho. Ao lado do 2
Pedro contaminou-se e afina um grafismo leve, fino e
expressivo.

A Isabel pára um pouco. Estaciona no que obteve no 3
Paiva e não consegue avançar. Hesita entre o desenho e
a côr e os trabalhos perdem um tanto de força e
personalidade.

O mesmo se passa com a Leonor, mas aqui há causas 4
diferentes. A claridade extrema das suas aguarelas
levam-na a quase perder a forma desfigurando os temas.
Perde-se a leitura e o contraste. Tendo que ganhe um
pouco mais de cor e que estruture de início o desenho.
é possível que esteja numa fase de mudança.

Está frio, mas é uma novidade pintar o mar. Uma 5
tentação e um grande desafio depois de bons trabalhos
que se fizeram na viagem anterior. Mesmo o tempo não



ajudando, há vontade de experimentar.

A praia é quase nossa. Alguns pescadores esticaram 1
as linhas à beira-mar e as canas permanecem traços
negros em contra luz, cruzando o horizonte. As
gaivotas, pousam na areia molhada, viradas ao mar,
quietas, mudas como as canas.

Os cinzentos coloridos acentuam-se ao fim da 2
tarde. Reaparece a luz amarelo brilhante produzindo um
intenso e longo reflexo sobre o mar. Alguns dão por
esta luz e tentam agarrá-la.

A Vitória trabalha depressa tentando que aquele 3
momento se fixe no papel. Desilude-se quando compara o
que fez com o que vê. Não há o mesmo brilho. Não há por
isso nela o mesmo pazer.

Aparecem bons estudos de ondas. Lápis, rotring, 4
claros-escuros, linha e manchas. Aos poucos vão
encontrando o movimento de mão que dá o movimento da
onda, a formação da vaga, a rebentação e o caminhar até
à praia, um desfazer de água e espuma.

Falo muito com eles. Da qualidade da cor, das 5

percepções da luz, das mudanças finas, do apurar da
sensibilidade, do conhecer e do saber. Do gosto, da
beleza, do grande mar, das ondas, do que vai e do que
vem, do movimento intenso, constante.

Animo, aproveito, reponho vontade. Sugiro, sugestiono, 6
encaminho capacidades e desejos. Ajudo a entender,
começando por entender. Converso, brinco. E as coisas
vão tomando forma, a cor faz-se, o desenho anima-se e
magicamente eles encontram-se, por vezes, com o espanto
de irem conseguindo algumas boas coisas.

E nunca desenho nos seus próprios desenhos. Sugiro 7
isto e aquilo, um reforço de cor, um tom, uma mistura,
uma águada rápida, um acentuar de contraste, ou um
aquecimento de tonalidades. Não mais. Quem cria são
eles, quem faz são eles, sem dúvida, sem dramas. Cada
um se exprime como gosta, como pode e sabe, e, é isso
que tento conduzir, melhorar e realizar.

Sabor a sal, o vento e o último sol sob as nuvens 8
a ocidente, batem na cara. As gaivotas encolhem-se
friorentas à beira de água e a luz tangente fere os

olhos.

dia 3

Chove. Trabalha-se de dentro do café para o mar cinzento e branco, lá fora. Agreste o dia, e triste, tristonho.

Apesar da chuva subi com um grupo ao alto da falésia pelos trezentos e tantos degraus que alguém se entreteve a contar. Lá de cima, perdemo-nos a olhar a distância, sem saber onde termina o mar e começa o céu.

Chove muito e abrigo-me com a Rosa, sob um alpendre de uma casa de férias.

Desenho os canaviais em frente que protegem pomares e vinha, mas sem grande convicção. O dia não está para criações.

A Rosa trabalha uma panorâmica para a Praia das Maças, mas as cores são tristes e desbotadas, dificultando-lhe também a criatividade.

Azenhas do Mar. Há sol. O ponto de vista é o do

clássico miradouro, mas é o desenho e a cor que nos interessam.

O vento leva tudo, aguarelas, papeis, pranchetas. Mas faz-se bom trabalho, melhor já que o de ontem.

Há sempre, um tempo de adaptação e ensaio. É um tempo e ver e reconhecer o que é novo. Conhecido que está, falar dele é já mais fácil. Hoje falam e contam coisas que nem pensavam ontem contar.

Alguns sentem-se à vontade diante do mar enquanto outros sucumbem à imensidão, ao excesso e às cores. Os cinzentos coloridos assutam-nos e a falta de referências também.

Sento-me na falésia para pintar o mar, numa vontade que me vem perseguindo desde manhã.

Mas não. Olho os reflexos do sol sobre as ondas, baixa luz e brilhante mancha que atravessa o mar até mim.

Desvia-me da cor e do desenho e penso-a planície, mais rasa do globo e fico apenas olhando o brilho e o vai-vem da rebentação abaixo de mim.

A Regina pinta esta mesma faixa brilhante até nós, usando cores densas e o branco do papel. Uma poética sempre inconfundível, quer pinte o vale do Paiva, quer o mar, aqui na costa atlântica. É sempre uma personalidade forte que se apõe ao papel na cor, no desenho e na ideia.

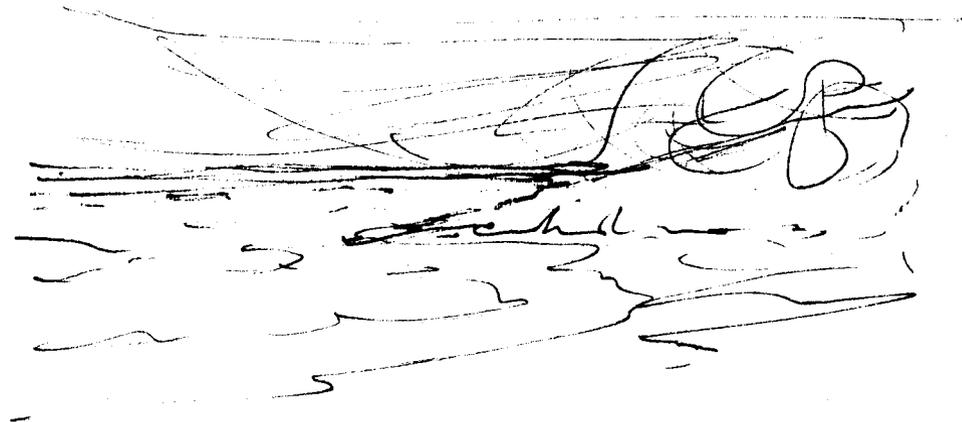
día 4

Trabalhamos na praia do Guincho heroicamente, sob um telheiro, contra a chuva e o vento, que desmancham a paisagem. Cinzentos, névoas tristes, frio.

Insistem contudo, em distinguir o céu das bruma que descem os montes, correndo do alto da Serra de Sintra.

Não há dois grupos iguais, nem semelhantes sequer. Aqui, perante esta desmotivação, esta adversidade dos elementos, qualquer pessoa desistiria de olhar, sequer. Este grupo, instala-se como pode e não só não se

lamenta como entre muitas conversa e bom humor faz um bom trabalho, encontrando interesse na cor, no desenho no mar, e na chuva.



ÍNDICE

INDICE

. INTRODUÇÃO	I
. VIAGEM DE ESTUDO AO CENTRO E NORTE DO PAÍS. Junho de 1979	1
. RIO VOUGA. Maio de 1981	5
. RIO COA I. Outubro de 1981	13
. SOAJO I. Abril de 1982	28
. RIO TUA. Outubro de 1982	39
. RIO PAIVA I. Maio 1983	43
. RIO DÃO I. Outubro 1983	50
. MONSANTO I. Maio 1984	56
. HOLANDA. Outubro de 1984	65
. LE PLAISIR DU PAYSAGE DESSINÉ. Outubro de 1984	71
. ROMA, FIRENZE, MUNIQUE, BERLIM. Jan/Fev. de 1985	108
. RIO COA II. Maio de 1985	145
. PARIS, CARCASSONE, ZARAGOZA, ÉVORA. Setembro de 1985	150

. SOAJO II. Maio de 1986	161
. RIO PAIVA II. Outubro de 1986	172
. RIO COA III. Maio/Junho de 1987	185
. PARIS, BRUXELAS, LOUVAIN-LA-NEUVE. Junho de 1987	198
. RIO DÃO II. Outubro de 1987	203
. MADRID, BADAJOZ. Fevereiro de 1988	207
. MONSANTO II. Maio/Junho de 1988	218
. RIO PAIVA III. Outubro de 1988	236
. VIAGEM AO MAR. Novembro de 1988	246

